

O MÉTODO EM MARX

UM ESTUDO SOBRE O PRESENTE COMO
SÍNTESE DE MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES



Praxis.
Editorial

Jean Paulo Pereira de Menezes

O MÉTODO EM MARX

Um estudo sobre o presente como síntese de
múltiplas determinações

Jean Paulo Pereira de Menezes

Práxis.
Editorial

O Copyright é livre©2022 by Jean Paulo Pereira de Menezes.

1ª Edição impressa

Revisão: Nataly Batista de Jesus.

Capa: André Luiz Alves.

Fotografia na capa: 11 trabalhadores posam para foto em 1932. Edifício RCA, complexo Rockefeller Center, New York – USA. Autoria atribuída a Charles C. Ebbets.

Ilustrações internas: Instituto Internacional de História Social de Amsterdã.

International Standard Book Number: Câmara Brasileira do Livro.

Impresso: em papel pólen 80, fonte Minion Pro 9, 10, 11 e 12.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PNPD/Capes

Programa Nacional de Pós-Doutorado/CAPES

Ficha catalográfica

Menezes, Jean Paulo Pereira de.

O método em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações. / Jean Paulo Pereira de Menezes. – São José do Rio Preto, SP: Práxis Editorial, 2022.

352 f.: c/il.

Bibliografia: p. [321]-343.

ISBN: 978-65-00-41377-9

1. História. 2. Método. 3. Marx. 4. Ciências Sociais.

**Dedico este estudo ao meu camarada Marcos Rodrigues.
MARCÃO, PRESENTE!**

SUMÁRIO

Introdução	9
a) - Da pesquisa ao livro	11
b) - Problemas, fontes e problematizações	15
c) - Sobre a estrutura dos capítulos	29
Capítulo I - O que é um conceito? Algumas palavras sobre a perspectiva ontológica em Marx	33
1. Um pouco sobre o ato de escrever	34
2. As coisas, a subjetividade e o subjetivismo	35
3. O conceito	37
4. Ontologia	46
Capítulo II - A matrix epistemológica: sobre o método, sujeito e objeto da pesquisa	59
2.1. O tempo presente	63
2.2 O que é método?	68
3. O sujeito e o objeto	70
3.1 Do sujeito	70
3.2 Do objeto	71
4. Da pesquisa	74
Capítulo III - Materialismo histórico e materialismo dialético como um método acadêmico epistemológico?	81
3.1 Uma rápida problematização sobre o método: uma nova teoria dos ídolos?.....	81
3.2 Lendas do marxismo-leninismo sobre o método, ou, uma nova teoria.....	82
3.3 É possível utilizar o método de Marx na academia hoje?.....	91

Capítulo IV - Os Manuscritos econômico-filosóficos e o método em Marx	95
4.1. Texto e contexto	95
4.2 Os Manuscritos: crítica da filosofia dialética de Hegel.....	106
4.3 A crítica da filosofia dialética de Hegel	114
Capítulo V - A Ideologia Alemã e o método em Marx	127
5.1 Texto e contexto	127
5.2 Uma teoria materialista da história	135
5.3 Oposição entre materialismo e idealismo histórico	141
Capítulo VI - Miséria da Filosofia e o método em Marx	151
6.1 Texto e contexto	151
6.2 Considerações marxianas especificamente sobre o método	159
Capítulo VII - Manifesto do Partido Comunista e o método em Marx	173
7.1 Texto e contexto	173
7.2 O Manifesto de 1847-48	187
7.2.1 Um espectro ronda a Europa	189
7.2.2 Burgueses e proletários	192
7.2.3 A crítica contundente do presente	202
7.2.4 Literatura socialista e comunista	209
7.2.5 Posição dos comunistas diante dos diversos partidos	
de oposição	216
Capítulo VIII - O 18 de Brumário de Luís Bonaparte e o método em Marx	219
8.1 Texto e contexto	219
8.1.2 A ressaca revolucionária	225

8.2 A análise e caracterização da luta de classes no tempo presente: a toupeira e os parasitas	231
--	-----

Capítulo IX: A Introdução de 1857 e o método em Marx..... 241

9.1 Texto e contexto	241
----------------------------	-----

9.2 A título de propedêutica: conceitos categoriais centrais	250
--	-----

9.2.1 O que é uma categoria?	251
------------------------------------	-----

9.2.2 O que é concreto?	252
-------------------------------	-----

9.2.3 O que é a determinação?	255
-------------------------------------	-----

9.2.4 O que é o abstrato, a abstração e o abstrair?	257
---	-----

9.2.5 O que é o concreto pensado?	260
---	-----

9.2.6 O que é a totalidade?	263
-----------------------------------	-----

9.3 A “Introdução Geral” inconclusa à Crítica da Economia Política	264
--	-----

9.4 O método da Economia Política e Marx como seu crítico... ..	271
---	-----

Capítulo X - Para a Crítica da Economia Política e o método em Marx 283

10.1. Texto e contexto	283
------------------------------	-----

10.2. O conceito de história como fundamento do método	288
--	-----

Palavras finais sobre nosso estudo	317
--	-----

Referências Bibliográficas	321
----------------------------------	-----

Índice Remissivo	339
------------------------	-----

Sobre a editora	346
-----------------------	-----

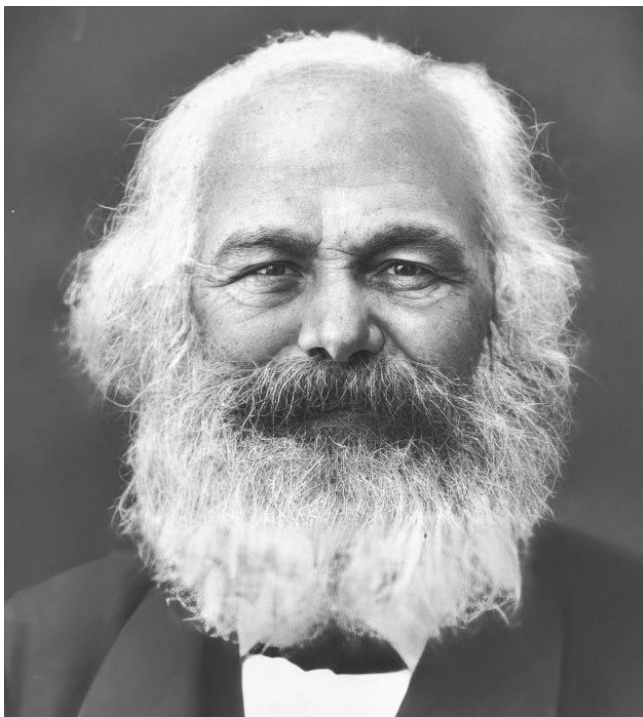


Figura 1 - Última foto de Marx por E. Dutertre (todas as nossas fontes não indicam o primeiro nome completo do fotógrafo) em Argel, final de fevereiro de 1882 - Coleção do Instituto Internacional de História Social. Para acesso à imagem original, ver nossas referências ao final do livro (DUTERTRE, 2022).

INTRODUÇÃO

Nosso **ponto de partida**¹ trata de um esforço, a partir das fontes históricas, para entender o método dialético de Marx. O leitor deve considerar que este livro possui as suas determinações. Entendê-lo, exige considerar aquilo que o autor realmente diz, não apenas aquilo que se acha que o autor está dizendo. Iniciamos assim, com a centralidade do objeto e não a centralidade do sujeito.

O objeto aqui possui suas determinações como pressuposto efetivo. Entender as determinações não é opcional², mas uma obrigatoriedade dos indivíduos³ que pretendem, de alguma forma, inferir sobre ela. Esse é também o eixo central do método que estudamos aqui. Nas palavras de Leon Trotsky, quando se referia a escrita da história: “*Os eventos não podem ser considerados uma série de aventuras nem inseridos num fio de moral pré-concebida. Eles precisam obedecer às suas próprias leis. A descoberta dessas leis é a tarefa do autor*” (TROTSKY, 2017, p. 11).

É preciso, logo de início, anunciar claramente que nosso

¹ Em breve nosso leitor entenderá que um ponto de partida é também um ponto de chegada.

² Concordar ou não, claro, é totalmente opcional.

³ Que nesta situação também são sujeitos, como membro de uma sociedade de classes antagônicas.

objeto de pesquisa foi o método em Marx e nosso problema central foi as contribuições desse objeto para entendermos a realidade do nosso tempo presente. Assim, Marx é o sujeito da pesquisa e o objeto⁴: o método marxiano⁵.

Nossa pesquisa foi um estudo apenas. O leitor de agora deve encarar este livro como uma contribuição preparatória para o estudo do método em Marx, ou seja, que nos leve ao *Capital* de 1867⁶. Nosso estudo se fundamentou nas possibilidades de contribuições no campo da educação revolucionária para pensarmos o devir da formação humana como processos, a partir de múltiplas determinações. Neste sentido, o artigo indefinido é de fundamental importância. Marx legou **uma** perspectiva de método (e veremos que método, metodologia, para ele, possui sentido radicalmente oposto à epistemologia dominante), não a única, porém, historicamente, a mais sofisticada, superior. Entender esta perspectiva nos parece importante, principalmente diante de uma parcela da tradição marxista⁷ que

⁴ Estas classificações, “sujeito da pesquisa”, “objeto”, entre outras, são típicas da epistemologia predominante. Iniciaremos com elas, para depois, com o decorrer da exposição, superá-las. É importante partirmos da linguagem recorrente se pretendemos superá-la. Os sabichões do marxismo que tenham paciência.

⁵ Como veremos, um método peculiar, radicalmente diferente, em relação a tradição gnosiológica da burguesia.

⁶ Este estudo, detidamente em *O Capital*, está contido em nossa proposta de caminhada e esperamos apresentá-lo nos próximos anos. Até aqui, nos limitamos a um percurso preparatório, uma contribuição, nada além disso. Conhecemos os limites da nossa embarcação. Como disse recentemente em uma aula pública, o professor Ivo Tonet: “*a gente está com o nariz apenas fora d’água*”.

⁷ Conjunto importante de organizações e pensadores revolucionários, que buscam ancorar-se nas contribuições de Marx e Engels e das colaborações de um conjunto de revolucionários que constituem, de alguma forma, a história do movimento revolucionário, do século XIX até o nosso tempo presente. Trata-se de algo extremamente amplo, polêmico e divergente em muitos aspectos, pois

voluntariamente ou não, acabou por dogmatizar o pensamento de Marx, contribuindo pouco no que tange as possibilidades de interlocuções com a perspectiva de método para este autor⁸, que visa a construção de uma revolução social, ou seja, para além de uma produção gnosiológica. Pretendemos entender o que tudo isso significa. Não identificamos em Marx uma obra unitária, no sentido de pronta e acabada. O que observamos é justamente o oposto, como o próprio Marx e Friedrich Engels afirmam diante da sua trajetória de estudos e militância. Com o decorrer de suas trajetórias, vão aprendendo com os acontecimentos políticos e sofisticando as suas contribuições teóricas.

a) - Da pesquisa ao livro

É verdade que este livro é o desdobramento de uma pesquisa de pós-doutorado. Mas é também a expressão de inquietações como militante revolucionário, de um ex-operário e de um professor precarizado diante da crise capitalista. Reivindico a minha origem de

inevitavelmente, acaba por dar vida a vários marxismos, ao nosso juízo, predominantemente vulgar em relação ao pensamento de Marx. Uma vulgarização extensiva a Engels, Trotsky, Lênin, Rosa, Kollontai, e todos os clássicos da mesma tradição marxista.

⁸ É absolutamente importante que nosso leitor entenda que Marx foi um autor, mas sua autoria não se limita a produção intelectual como vulgarmente conhecemos hoje. Tratamos aqui de um revolucionário, inserido em um processo de formação humana. Portanto, não nasceu revolucionário, mas constituiu-se diante da realidade histórica que estava inserido. Assim compreendido, Marx se alinha ao pensamento revolucionário para além do seu tempo, dando vida a uma nova e radical perspectiva revolucionária diante da sociedade burguesa no século XIX. Constituiu-se como um dirigente revolucionário, que se dedicou a entender o modo de produção capitalista e a organizar a classe trabalhadora para a revolução, característica esta tão ignorada por grande parte dos autores de hoje (neste caso, apenas autores mesmo).

classe, pois o que se segue não é um estudo diletante, tampouco academicista ou mesmo uma especulação vulgar. Apresento aqui um movimento de esforço, de tentativa de apropriação de algo que é negado historicamente à classe trabalhadora. Não é um exercício egoísta, mas um empenho social que só foi possível com a participação de muitas pessoas, a maioria delas camaradas de luta. Existem princípios norteadores do método em Marx que não podem ser secundarizados: a origem histórico-social, a natureza específica do objeto que se investiga, a quem serve o conhecimento, o permanente trabalho de organização da classe trabalhadora, entre outros princípios que apresentaremos neste livro. É preciso manter a conexão do método em Marx com o seu caráter revolucionário. Não há espaço para brincar de autor, doutor ou pós-doutor. O objetivo aqui, neste livro, tem um caráter de classe declarado.

Desenvolvemos um estudo sobre a formação, elaboração, constituição, o processo de construção sobre o método em Marx a partir do tempo presente, por isso, um estudo e não um tratado ou um catecismo.

Muitas pessoas sérias, honestas intelectualmente, comprometidas com a perspectiva revolucionária já escreveram livros e publicaram sobre o método. Jamais daríamos conta de cobrir a bibliografia sobre o tema, mesmo se nos detivéssemos as publicações em língua portuguesa. Entretanto, é preciso fazer algumas referências a trabalhos importantes que procuraram se debruçar sobre o método em Marx e que colaboraram para nossos estudos, sempre de forma crítica, por exemplo: Ivo Tonet, José Paulo Netto, Osvaldo Hajime Yamamoto, Gilson Dantas e Iuri Tonelo, Jorge Grespan, Osvaldo Luis Angel Coggiola, Maria Amália Pie Abib Andery, Tereza Maria de Azevedo Pires Sérico, Sandra Maria Marinho Siqueira e Francisco

Pereira, Nildo Viana, Virgínia Fontes, Milcíades Peña, Néstor Kohan, Leo Kofler, Enrique Dussel, Michael Heinrich, Maximilien Rubel, Isaak Illich Rubin; mais recentemente, Ranieri Carli, Carlos Fernández Liria e David Manuel Sacristán Luzón; além dos clássicos, Franz Mehring, George Plekhanov, Vladimir Lênin, Rosa Luxemburgo, Leon Trotsky, David Riazanov, Karel Kosik. São muitos.

Ivo Tonet, em seu “Método Científico: uma abordagem ontológica”, traçou um caminho a partir de importantes padrões ontológicos, com destaque ao padrão marxiano. Para isso ele percorre a trajetória de Marx sobre um método extremamente novo e radicalmente diferente dos padrões que o antecederam. José Paulo Netto, sistematizou algumas considerações textuais sobre o método de Marx, embora seja bastante conhecido pelo curso sobre o tema ministrado no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002, seu breve texto “Introdução ao estudo do método de Marx”, apresenta aquilo que ao seu juízo são elementos fundamentais para refletir sobre o método. Outro trabalho, o de Osvaldo Hajime Yamamoto, “Marx e o método”, a partir de um nítido debate com José Paulo Netto, com os pés em uma determinada tradição rebelde da Psicologia, trata sobre o método a partir dos anos de 1843 até 1858. O trabalho organizado por Gilson Dantas e Iuri Tonelo, “O método em Marx: antologia”, trata sobre o método, sistematizando em um todo, alguns textos emblemáticos onde o próprio Marx se dedicou em dissertar algumas palavras sobre o tema, através de prefácios, cartas e a introdução inacabada de 1857. Jorge Luís da Silva Grespan, também trata do método em sua tese de doutorado, embora o centro da sua investigação seja o conceito de crise em Marx, posteriormente publicada sob o título “O negativo do capital”, além da sua contribuição à Revista Crítica Marxista, sob o título “A dialética do avesso”. Osvaldo

Coggiola, trata do método ao mergulhar a partir de O Capital, com a sua “Introdução à teoria econômica marxista”, recentemente republicada. Sob organização de Maria Amália Pie Abib Andery, em “Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica”, traça, em trabalho coletivo, um longo caminho daquilo que conhecemos por conhecimento científico, até alcançar o pensamento de Marx nesta longa duração, especificamente, na finalização do percurso, juntamente com Tereza Maria de Azevedo Pires Sérico, sob o título, “A prática, a História e a construção do conhecimento: Karl Marx”. Sandra Maria Marinho Siqueira, Francisco Pereira, do Laboratório e Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX), com a publicação “O Materialismo Histórico”, abordam o método em Marx para além das preocupações nominalista, nos apresentando elementos centrais do pensamento de Marx, além de uma literatura sobre o assunto, tudo isso ligado as atividades de formação políticas, catalisadas pelo LEMARX. Nildo Viana, em seu “Escritos Metodológicos de Marx”, nos apresenta uma distinção entre uma epistemologia burguesa e uma epistemologia revolucionária, ao tratar da perspectiva metodológica de Marx. Virgínia Fontes, em seu “O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história”, apresenta um debate fundamental a partir de uma historiografia que se preocupa com a teoria e metodologia da história, tão negligenciada pela tradição historiográfica predominante. Recentemente, Virgínia, Francisco Pereira e Ivo Tonet, também contribuíram com o debate sobre o método em Marx, em um curso desenvolvido por nós em dezembro de 2020, disponível para acesso em nossas referências. Todas estas pessoas citadas aqui possuem muitas outras contribuições sobre o método, direta ou indiretamente, como introdução ou não. Queremos apenas apontar ao leitor que não partimos do zero e que estes (e muitos outros) esforços, que vieram

antes de nós (concordando ou não com eles), foram fundamentais para o nosso estudo, representando também um breve quadro de polêmicas profundas sobre o significado de método em Marx.

Evidentemente, aqui nos referimos a uma pequena parcela dos livros publicados nos últimos decênios, aproximadamente, e que também nos levaram a refletir em como se somar na empreitada. Assim mesmo, o que acabamos de citar são apenas alguns entre muitos trabalhos sobre o método em Marx, que, antes de nós, já caminharam pela estrada que andamos hoje. O número de teses, dissertações, monografias, artigos, revistas, jornais (acadêmicos ou não) que já trataram sobre o tema é enorme. Apenas apresentamos alguns deles aqui nesta seção para que o nosso leitor tome conhecimento de um contexto muito maior do que este livro conseguiria abordar. Não tratamos de todos estes autores, não foi nosso objetivo. Assim, reafirmamos, nosso objeto são os textos de Marx e a construção do método dialético marxiano.

b) – Problemas, fontes e problematizações

Provavelmente, os manuais de metodologia científica, classificariam nossa pesquisa (agora como livro) como bibliográfica, caracterizada pelo estudo profundo e exaustivo de um clássico das ciências humanas, com atenção para o conceito⁹ de método para Marx, central para a educação enquanto processo de formação humana. Todavia, afirmamos que o nosso leitor está diante de apenas um estudo que **não é nada mais do que um esforço** para tentar entender o método em Marx. Qualquer outra classificação só pode ser realizada

⁹ Neste livro, o significado de “conceito” é radicalmente diferente de como foi desenvolvido pelo historiador alemão Reinhart Koselleck ou mesmo de intelectuais pós-modernos como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

depois.

Elencamos parte das produções de Marx, emblemáticas que precedem a elaboração de 1859, referentes à crítica da economia política, todas traduzidas para língua portuguesa, sendo possível o confronto na língua espanhola e francesa além do cotejamento no próprio alemão. A análise destas fontes bibliográficas possibilitou o desenvolvimento de interlocuções, distante de decretos e dogmas historicizantes acerca de nossas problematizações.

Inicialmente, nossa proposta de trabalho de pesquisa estava focalizada no entendimento do conceito de história em Marx através¹⁰ de sua obra publicada em 1859 “Para a Crítica da Economia Política”. Em um segundo momento, agora como trabalho de pós-doutorado, com o desenvolver da organização das fontes documentais e bibliográficas passamos a entender que se restringíssemos nossa investigação apenas ao conceito de história teríamos mais dificuldades do que as esperadas, pois ao passo que iniciamos a pesquisa fomos convencidos que o conceito de história está radicalmente vinculado ao de método, “método dialético”, como escreveu o próprio Marx.

Em Marx, a título de problematizações com o nosso tempo histórico, o método encara o presente em perspectiva revolucionária, radicalmente diferente do pós-modernismo presente nos movimentos sociais, partidários, sindicais e intelectuais (na academia ou fora dela).

Buscamos através deste estudo, uma sistematização que possa

¹⁰ Retomamos esta nota explicativa, já apresentada durante a pesquisa de doutorado: A palavra “através”, “que se pode atravessar”, foi utilizada em nosso estudo, quando se refere à Crítica de 1859 de Marx, propositalmente no sentido etimológico latino de “*trāvērsus*”, atravessado, que atravessa por. Seguimos o mesmo princípio quanto ao estudo sobre o método em Marx. Através, aqui, é atravessar constantemente, é movimentar-se através de um ponto e suas determinações.

contribuir para o debate entre os revolucionários. O motivo desta nossa preocupação, deste nosso problema central com o método é alimentado pela necessidade de entender o tempo presente como o tempo necessário para se promover a organização e transformação permanente da sociedade.

Entretanto, o conceito de método em Marx é radicalmente diferente do subjetivismo, onde o presente é considerado por si só, sem perspectiva, onde se entende o tempo presente desprovido de uma processualidade histórica de longa duração. Em Marx, o conceito de método e tempo presente é justamente o contrário. Isso nos motivou a investigação que demonstra que não devemos ser reféns de uma ideia de tempo presente sem perspectiva e que Marx nos oferece em sua plataforma de pensamento do mundo capitalista outra explicação sobre o tempo presente apontando, necessariamente, seu método de compreensão da realidade histórica.

Mais uma vez, a título de “hipótese” de trabalho, é possível e necessário, pensar o método a partir de outro referencial, que não seja o pós-moderno, mas o referencial marxiano, onde o presente não é uma mera abstração de tempo, mas o espaço de diversas variáveis que nos possibilitam pensar outra história em que de fato o homem deixe de ser apenas uma mercadoria e possa continuar a construção de sua libertação sem as amarras da sociedade capitalista¹¹.

A história do tempo presente não deve ficar sob as unhas do irracionalismo, e, para isso, é necessário defender e demonstrar que o presente deve ser observado em perspectiva radical e o método de Marx nos legou essa posição diante da luta de classes.

¹¹ Por isso, o subtítulo do nosso livro: *o presente como síntese de múltiplas determinações*.

A teoria da história¹² e o método de Marx aponta para um desenvolvimento desigual, como sistematizou Leon Trotsky¹³ no século XX. Dialogando com George Novack¹⁴, membro do SWP¹⁵, o devir histórico é constituído por combinações desiguais múltiplas e esta tendência é o eixo central do conceito de história e tempo presente em Marx, fundamental para conhecermos o método:

A lei do desenvolvimento desigual e combinado é uma lei científica da mais ampla aplicação no processo histórico. Tem um caráter dual ou, melhor dizendo, é uma fusão de duas leis intimamente relacionadas. O seu primeiro aspecto se refere às distintas proporções no crescimento da vida social. O segundo, à correlação concreta destes fatores desigualmente desenvolvidos no processo histórico (NOVACK, 1968).

A contradição entre o avanço das forças produtivas e relações sociais de produção combinam-se desigualmente provocando o acirramento da luta de classes e abrindo possibilidades de transformações que para Marx pode possuir um caráter revolucionário.

O tempo presente é a dimensão temporal e espacial do processo histórico onde as contradições podem provocar situações revolucionárias que podem superar as contradições e as combinações do desenvolvimento desigual na sociedade de classes e é desta dimensão temporal que parte o método de Marx.

¹² Sobre uma teoria da história em Marx, ver, ao final, nas referências, uma contribuição que procura demonstrar o significado do conceito de teoria, evidentemente materialista, radicalmente oposta a concepção idealista de teoria da história (MENEZES, 2019c).

¹³ Neste sentido, teoria da história é a teoria da revolução em permanência.

¹⁴ Militante e membro do “*Communist League of America*” (Liga Comunista da América), seção da Oposição de Esquerda Internacional nos Estados Unidos, foi dirigente político do SWP.

¹⁵ Sigla para: “*Socialist Workers Party*” (Partido Socialista dos Trabalhadores). A maior organização trotskysta nos Estados Unidos, fundado em 1938.

A história é fundamento para entendermos o método em Marx. A história para Marx (e também Friedrich Engels), já em 1845 quando da “A Ideologia Alemã”, possui uma base real. A realidade do presente é de onde se procura entender o processo das relações sociais em seus múltiplos aspectos. Não se trata de uma teoria da história idealista, mas de uma história concreta, de carne e osso. A concepção de história em Marx compreende o universo idealista através da crítica (não o ignora), mas também compreende que é na realidade das relações sociais de produção e reprodução da vida que se deve buscar o entendimento do tempo presente, não entre as nuvens. Há um processo de relações sociais, fundamentalmente, materiais que promovem a existência da sociedade capitalista e entendê-la é considerar uma série de aspectos já processados no pretérito e que não tomam a consciência do ser por uma abstração idealizada a partir da metafísica de base teológica.

A tradição stalinista divulgou uma definição de metafísica absolutamente pejorativa e ignorante. Diferente do que se ensina, no mundo grego antigo a metafísica jamais foi uma forma mistificada de entender o mundo, tratou-se exatamente do contrário. A metafísica antiga tratava da origem dos seres, exatamente daí nasce uma ontologia, mas o marxismo vulgar possui absoluta preguiça, ou desonestidade, para com os fatos históricos. Evidentemente, da antiguidade clássica até o nosso tempo, o conceito de metafísica passou por várias formulações, inclusive a teológica. Todavia, associar a metafísica apenas à teologia ou mesmo ao idealismo é ignorar a construção do conceito. Um erro recorrente quando se trabalha apenas com as definições epistemológicas. Aqui em nosso livro a palavra metafísica comparecerá em mais de uma dezena de situações e será preciso entender o conceito no seu contexto histórico, do

contrário, se reproduzirá a interpretação banal de que metafísica = sobrenatural, como se fosse algo etéreo. Para acessar uma definição absolutamente vulgar de metafísica, consultar o verbete no “Dicionário Filosófico Marxista” (ROSENTAL; IUDIN, 1946) publicado inicialmente na URSS em 1939.

A dimensão teórica e filosófica da história em Marx, diferente da tradição stalinista, procura no presente as possibilidades de entendimento e explicação do passado e isso é realizado a partir de uma perspectiva científica, todavia, seu método não é o mesmo proposto pelos intelectuais burgueses. Marx não edifica um conceito de método que já viera preparado de algum lugar estranho ao mundo dos homens, ele constrói o conceito, a partir dos pressupostos sociais, localiza as categorias da realidade. Para isso, o método não é considerado apenas no seu aspecto evanescente, formal e epistemológico, mas como um método que é síntese de aspectos reais da vida social. A história é criação humana, e o método de Marx desde 1845, mesmo que não publicado como é o caso da “A Ideologia Alemã”, afirma a tese de que os homens fazem história e para fazerem devem estar vivos, todos os dias, devem se alimentar para estarem vivos e fazerem história. Isso significa que a história é realizada por homens, nas relações que estes contraem com a natureza, das necessidades materiais prioritárias para a sobrevivência e mesmo um conjunto de outras necessidades que geram mais novas necessidades. Este aspecto do método se preocupa em expor a realidade do processo de produção da vida material mais concreto e o tem como fundamento essencial, no capitalismo, a existência do proletariado. Esse conceito de método, essencialmente, dos anos de 1849, atravessando 1859, 1876 até 1883 se manteve firme durante toda trajetória de construção da luta revolucionária, de uma práxis.

Para entendermos o método de Marx, procedemos com mais de um tipo de fonte, as quais nos possibilitou a ampliação do horizonte acerca do conceito de método na crítica de Marx, principalmente após a primeira etapa do nosso trabalho que constituiu-se da leitura inicial. As fontes documentais e bibliográficas foram as elementares para a construção de nosso estudo e pesquisa, cabendo-lhes o papel de desenvolver a interlocução entre objeto e sujeito da pesquisa, diante da totalidade (não separadamente), como possibilidades de entendimento do método em Marx.

O trabalho de pesquisa não se ocupou de escrever uma história do conceito, mas sim a sistematização de parte da produção marxiana sobre método através das fontes que propomos para este estudo.

Nas pesquisas acadêmicas é comum a apresentação de um recorte cronológico para delimitação do objeto de estudos, entretanto, em nossa proposta, diante de nossas problematizações, este tipo de recorte se fez impossível, ao menos em linhas gerais. O motivo é que a construção do método no pensamento de Marx não respeita um balizamento cronológico rígido que não seja a própria cronologia do sujeito de nosso estudo (1818-1883). O método marxiano fora construído no decorrer da trajetória de Marx, não sendo este conceito o resultado de uma determinada formulação específica publicada em algum livro ou mesmo conferências autografadas.

O método em Marx não é o mesmo que nas ciências naturais e até mesmo o método predominante na Sociologia, História e demais Ciências Sociais. Como apresentaremos no capítulo sobre a “Matrix epistemológica”, o que comumente se chama de método de pesquisa, como conjunto de normas e regras pré-estabelecidas e que devem ser seguidas para a produção do conhecimento científico, não se aplica a Marx. Nesta perspectiva, **Marx não teria método algum.**

Para nosso interlocutor afobado, calma (...). Marx possui um “método”. Nas palavras dele mesmo, de acordo com a tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe para a Editora Nova Cultural:

Por sua fundamentação, **meu método dialético** não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1996, p. 140. Grifo nosso).

Ou ainda, para os que leem e estudam Marx pelas traduções da Boitempo¹⁶ editorial, realizada por Rubens Enderle:

¹⁶ Aqui é importante registrar o valor das traduções sobre Marx e a tradição marxista por esta editora (e isso já foi dito diretamente para a “editora-chefe” em outra oportunidade). Todavia, é fundamental que tenhamos em mente que uma editora não pode ser imantada da crítica apenas por traduzir e publicar obras importantes. Uma editora possui papel político e neste aspecto a Boitempo reproduz a perspectiva reformista de cunho empresarial e divulgadora do stalinismo envergonhado. Recentemente, sobre o famigerado dia dos pais (amavelmente sistematizado como uma das várias datas mercantis), a Boitempo divulgou com a maior naturalidade uma homenagem a Stálin, com sua filha nos braços. Além de romantizar a figura dos pais revolucionários, geralmente ausentes em relação aos filhos, demonstra uma ignorância histórica tremenda (ou nítido cinismo, execrável), se consideramos a história do stalinismo descrita pela própria filha e milhares de outros filhos que tiveram os seus pais (revolucionários ou não) assassinados sob a direção de Stalin. Desde peças publicitárias para vendas, auto promoção e ampliação de mercado consumidores até a criação de títulos distante do conteúdo traduzido (como manda a lógica empresarial). Para ficarmos com dois exemplos: 1- a “Crítica do Programa de Gotha”, de Marx, onde sugere, na arte gráfica, a compressão de que o programa político possui uma importância menor, sendo que na realidade é exatamente ao avesso do que Marx está afirmando no texto. Ou seja, descontextualiza a frase de Marx em relação ao texto integral; 2- em “Democracia e luta de classes”, conjunto de textos de Lênin, o livro é vendido (é a palavra exata) como se o dirigente bolchevique fosse um democrata, fora do sentido que este conceito possui no início do século XX. Um apelo publicitário em sintonia

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013, p. 90. Grifo nosso).

E para não restar absolutamente dúvidas, apresentamos a versão alemã¹⁷ como consta na edição publicada por Engels, a quarta edição alemã em 1890:

Meine dialektische Methode ist der Grundlage nach von der Hegelschen nicht nur verschieden, sondern ihr direktes Gegenteil. Für Hegel ist der Denkproceß, den er sogar unter dem Namen Idee in ein selbständiges Subjekt verwandelt, der Demiurg des Wirklichen, das nur seine äußere Erscheinung bildet. Bei mir ist umgekehrt das Ideelle nichts anderes als das im Menschenkopf umgesetzte und übersetzte Materielle (MARX, 1890, p. 17. Grifo nosso).

Evidentemente, Marx postula um método, mas é radicalmente diferente do conceito de método epistemológico proposto pelo empirismo e o racionalismo que tem em Immanuel Kant a sua grande expressão. Para Marx há um conjunto de instrumentos de pesquisa, mas que não pode ser confundido com regras pré-estabelecidas. Os

com o reformismo, que trata da revolução apenas em dias de festa. Lênin é realmente preocupado com o debate acerca da democracia, mas nunca distante do eixo central: a revolução socialista. De Stálin a títulos e capas anacrônicas, vale de tudo um pouco para agradar um público fiel: os *boitempetes*. Isso sem contar as peças publicitárias de promoção, onde Marx se transforma em chefe de vendas: “O gerente ficou louco”. Não há limites, fica claro, vender é necessário.

¹⁷ Nosso leitor encontrará em vários momentos do livro palavras em alemão. Elas não são meros adereços diletantes, como fazem os academicistas. Fizemos isso sempre que algum tipo de dúvida sobre as traduções ocorria durante a nossa pesquisa ou quando tratamos de assuntos polêmicos. Nada mais importante do que poder ir diretamente a fonte, no idioma em que o próprio Marx escreveu. Desafio que colocamos, mesmo diante de todos os limites possíveis.

aportes/instrumentos de pesquisa inclusive são partilhados por várias perspectivas de explicação da realidade. Marx trabalhou com fontes documentais, bibliográficas, etc. Todavia, August Comte, Leopold Von Ranke, e outros investigadores também. Marx elaborou até mesmo um formulário para trabalho de campo. Formulários são utilizados até hoje por historiadores, pedagogos, cientistas sociais, economistas, psicólogos, vendedores de roupas, produtores de armas, igrejas, etc. Mas é importante reafirmar que os instrumentos de pesquisa não são as mesmas coisas em relação ao que é um método de pesquisar. São instrumentos para tal atividade, mas não o método em si.

Esta afirmação pode chocar a maioria dos pesquisadores iniciantes e mesmo os sêniores, mas não há na produção marxiana, nenhum respaldo para fundamentarmos os procedimentos convencionais que nos são determinados, pelos manuais de metodologia científica, como método de pesquisa¹⁸.

Marx se referiu ao método algumas vezes, e, em “O Capital”, faz nítida referência ao modo de investigação e ao modo de exposição¹⁹. Nenhum deles se refere ao que chamamos de método utilizado

¹⁸ Durante a nossa investigação 269 pessoas responderam um questionário sobre o método. Quando indagadas sobre o método em Marx, 48,7% responderam que se sentem inseguras, não possuindo domínio sobre o assunto; 11,5% responderam ignorar o assunto e 39,8% afirmam possuir domínio do assunto (MENEZES, 2022, p. 01-02). Para acessar o questionário completo, ver referências ao final.

¹⁹ A tradução de Regis Barbosa e Flávio e Kothe, de O Capital para o português, nos apresenta como “método e exposição” e “método de investigação” (MARX, 1996, p. 140). Todavia, Marx utiliza as palavras *die Darstellungsweise* e *der Forschungsweise*, como modo, forma, jeito de apresentar/representar e investigar/pesquisar. Desta forma: *Allerdings muß sich die Darstellungsweise formell von der Forschungsweise unterscheiden* (MARX, 1890, p. 17); em português: “No entanto, o modo de apresentação deve diferir formalmente do modo de pesquisa” (tradução nossa).

hegemonicamente nas universidades do nosso tempo presente, nem mesmo as cartilhas de um suposto materialismo histórico e materialismo dialético.

Ao contrário, o que temos é uma perspectiva de método que se coloca radicalmente antagônica as formas predominantes de produzir conhecimento. O “método”, no sentido de caminho que se faz, de trajeto (*Weg*), de Marx é a crítica ao método (*Die methode*)²⁰ apresentado em seu tempo. Trataremos desta crítica nos capítulos que se seguem.

Assim explicado, nosso dissertar não se ocupará mais de apresentar ao leitor o destaque sobre a distinção da palavra método para Marx e toda tradição de pesquisadores que também se ocupam deste termo. Pressupomos que a diferença seja considerada. Tratemos agora de desdobrar o significado de método para Marx. Há um método em Marx, mas não se trata do método hipotético dedutivo, nem o método do marxismo-leninismo²¹ criado pela tradição

²⁰ Marx se refere ao seu método fazendo distinção ao que chamamos aqui de método epistêmico ou mesmo ontológico idealista. O sentido de método em Marx é empregado como caminho/percurso (*Weg*), mesmo que utilize a palavra método (*methode*), em alguns momentos, para se referir ao seu próprio método dialético. É o que pretendemos demonstrar em nosso estudo.

²¹ O marxismo-leninismo foi uma série de distorções e falsificações teóricas do pensamento de Marx, Lênin e Trotsky, sem precedentes da história. Expressa um universo paralelo sobre a realidade na URSS. O Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS o definia assim em 1954: “O marxismo-leninismo é uma doutrina monolítica, completa, na qual todas as partes — o comunismo científico, a economia política e a filosofia — se acham organicamente ligadas entre si. [...] A filosofia marxista se distingue pelo seu caráter monolítico, completo e harmonioso” (LEONOV, 1955, p.498-499). A rápida definição de Mikhail Andreevich Leonov, nos dá uma ideia do distanciamento do pensamento de Marx e que pode ser constatado em todo capítulo de sua autoria “O Materialismo Dialético e Histórico, Fundamento Teórico do Comunismo”, assim como em todos os demais capítulos

stalinista.

Nosso leitor se deparará com um conjunto de capítulos que procuram apresentar alguns apontamentos do caminho de Marx a partir de sua perspectiva materialista da história. Não se trata de esgotar o tema, mas de apontar fundamentos conceituais, que, de conjunto defendemos serem vitais para compreendermos qual é o real significado de método para Marx, os elementos constitutivos deste método marxiano. Uma tarefa que desenvolvemos através da investigação a partir da sua trajetória na longa duração, ou seja, considerando sua totalidade histórica.

Neste caminho (*Weg*), o da nossa investigação que agora apresentamos como livro, percorremos textos clássicos de Marx, iniciando com breves problematizações acerca do conceito de método na tradição acadêmica kantiana, distinguindo o conceito de método para Marx, inclusive problematizando com parte da tradição acadêmica que reivindica o próprio método de Marx²². Estamos

do livro “Materialismo Histórico” (TCHERTKOV *et al.*, 1955). Esse material foi publicado em 1954 na Rússia pela Academia de Ciências da URSS, Instituto de Filosofia. Consultar referências ao final deste livro.

²² Por exemplo, o manual de grande circulação no Brasil (são muitos), organizado por Roberto Jarry Richardson: “Pesquisa Social: métodos e técnicas”. Nele, ao tratar da epistemologia do trabalho científico, apresenta uma seção chamada “Materialismo dialético”, que tem Josef Stálin como referência, defendendo a clássica vulgarização da dialética como sendo, supostamente, “tese, antítese e síntese”. Mais expressando o stalinismo e o seu marxismo-leninismo do que Marx propriamente. Vejamos: “[...]. Segundo J. Stalin (1982), antigamente, era considerada a arte de chegar à verdade, mostrando as contradições dos argumentos do oponente e superando essas contradições. Em termos gerais, a dialética obedece a princípios diferentes dos silogismos formais. Os argumentos da dialética dividem-se em três partes: a tese, a antítese e a síntese. A tese refere-se a um argumento que se expõe para ser impugnado ou questionado; a antítese é o argumento oposto à proposição apresentada na tese e a síntese é uma fusão das duas proposições

convencidos da importância desta investigação no que tange a sua contribuição para entendermos o desenvolvimento combinado na sociedade de classes hoje, ou seja, em nosso tempo presente.

Escrever sobre método é também se posicionar a partir de um lugar nesta sociedade de classes. Explicitamente, ou de forma velada, todo investigador possui o seu método e seu conjunto teórico do qual partilha para entender seus objetos de investigações, suas problematizações. Não nos deteremos por muito àquela perspectiva que postula a neutralidade axiológica, nosso foco é realizado a partir do lugar que ocupamos diante do sistema produtivo (fazemos a fundamental distinção entre proletariado e classe trabalhadora no sentido geral), e, neste caso, não há muito tempo para fantasias de neutralidade na produção do conhecimento humano. Enquanto escrevemos ou lemos, o proletariado continua transformando a natureza, criando e valorizando capital sob as rédeas da classe burguesa.

Diante do que já foi publicado no século XX e XXI, sobre o método em Marx, podemos identificar (parcialmente) livros, mais ou menos conhecidos, entre aqueles que de algum modo se preocupam com o tema. Por que mais ou menos?

Embora o debate sobre o método seja reconhecido como fundamental, mesmo que de forma geral se considere formalmente a importância sobre o método, acreditamos que é sustentável afirmar que a relação com esse tipo de preocupação é marcadamente utilitarista, quando pensamos na produção do conhecimento que se

anteriores que retêm os aspectos verdadeiros de ambas as proposições, introduzindo um ponto de vista superior” (RICHARDSON, 1992, p. 45). Uma simplificação que passa longe de tratar da dialética. Todavia, muitos de nós aprendemos assim e reproduzimos como se fosse algo tão natural como um pé de goiaba.

preocupara em entender a realidade. Mesmo entre aqueles que anunciam: “*o método da minha investigação é o método de Marx, o método marxiano*”, ou ainda, “*o materialismo histórico dialético*”, em tese, estão radicalmente distantes da perspectiva revolucionária de Marx.

Acreditamos que o mesmo ocorre, quando se refere ao método, entre aqueles militantes que se apresentam como defensores do socialismo científico marxista, mas que na verdade estão com os pés e a cabeça mergulhados em August Comte. Fala-se de método, muito pragmaticamente, seja para apresentar um projeto de pesquisa acadêmica, para ser aprovado na graduação, mestrado ou doutorado e também para legitimar formalmente que a “*minha militância*” se baseia no método de Marx, “*sou um militante marxiano*”. Salvo as exceções, tudo isso é bastante distante de Marx, corriqueiramente, não passa de um vago discurso de autoridade, mas que infelizmente funciona no teatro diletante dos doutores e suas plateias de *Smerdiakov*.

O debate sobre o método, sobre análise e caracterização da realidade é central e pouca gente duvidaria disso. Torcendo o nariz ou não, devemos nos debruçar sobre o tema se desejamos entender o mundo que vivemos. E esta não é uma prerrogativa apenas dos “marxistas”.

Todos estes trabalhos foram tratados como fontes, independente de concordarmos ou não com seus postulados. São escritos que nos antecedem e que também se preocuparam com o debate sobre o método em Marx. Parte deles podem ser consultados nas referências ao final do livro. Evidentemente, nosso leitor os observará durante a leitura.

c) - Sobre a estrutura dos capítulos

Desta forma, **no capítulo primeiro**, debateremos sobre o que é um conceito diante das perspectivas ontológica, gnosiológica e epistemológica, tratando de algumas palavras introdutórias para encaminhar nosso leitor para a abordagem de Marx propriamente dita. **No capítulo segundo** nossas problematizações são detidas acerca do método, sujeito e objeto de pesquisa a partir do tempo presente diante da hegemonia da perspectiva epistemológica na academia brasileira. Já **no capítulo terceiro**, iniciamos o debate, resultado de nossa investigação sobre o método em Marx, detidamente sobre o conjunto de obras elencada do próprio autor, sobre o método em os Manuscritos econômico-filosóficos, sempre iniciando cada capítulo que trata da obra de Marx, com uma seção que chamamos de “texto e contexto”, visando apresentar a fonte diante do momento histórico que fora produzida. **No capítulo quarto**, buscamos localizar o caminho de Marx diante da Crítica da Filosofia do Direito de Hegel onde o seu procedimento metodológico já possibilita identificarmos elementos conceituais em geminação intelectual diante das intervenções filosóficas sobre a realidade capitalista. **No capítulo quinto**, buscamos entender o método em Marx através da A Ideologia Alemã, um trabalho em conjunto com Engels, onde se apresenta uma proposta de método (caminho- *Weg*, substantivo utilizado claramente em 1857) materialista da história e ainda um conceito de teoria diferente do significado idealista. **No capítulo sexto**, apresentamos o método em Marx através da Miséria da Filosofia, detidamente, o primeiro texto de Marx a tratar diretamente sobre a questão do método, ao passo que critica o método de Joseph Proudhon em a Filosofia da Miséria. **No capítulo sétimo**, tratamos do Manifesto do Partido Comunista, certamente um dos livros mais traduzidos e publicados

internacionalmente. **No capítulo oitavo**, nos ocupamos de o 18 de Brumário de Luís Bonaparte, onde Marx utiliza com desenvoltura a sua proposta de método histórico (*Geschichtsmethode*) para analisar e caracterizar o tempo presente.

Nosso leitor observará que em poucos momentos Marx fala diretamente de método em suas publicações de estudos/militância. Nossa tarefa foi a de identificar parte do caminho de Marx sobre como analisou e caracterizou a realidade a qual intervinha até se constituir como um dirigente revolucionário. Não há aquela preocupação tradicional que encontramos na epistemologia de explicitar a todo momento o método pré-concebido utilizado pelo pesquisador. Foi por isso que iniciamos debatendo de forma crítica a perspectiva epistemológica, pois nem todo conhecimento advém desta tradição. No caso de Marx, funda-se uma tradição que é radicalmente outra. **No capítulo nono**, o último, trabalhamos a partir do texto Para a Crítica da Economia Política de 1859, fonte a qual já tratamos durante a pesquisa de doutoramento e que neste capítulo apresentamos os resultados acrescidos fundamentalmente do método criticado e elaborado por Marx na Introdução (*Einleitung*) de 1857.

Assim, nosso livro parte da realidade do nosso tempo presente, apresentando importantes problematizações para aqueles que procuram se ancorar nas contribuições de Marx, seja em suas pesquisas acadêmicas, mas principalmente para aqueles que procuram organizar a classe trabalhadora diante da estratégia socialista.

Como já afirmamos, entregamos aqui um estudo sobre o método em Marx, não uma receita de como utilizar o método de Marx. O motivo é muito simples: não existe esta receita.

É muito importante que nosso leitor não perca de vista o fato de que Marx, em sua trajetória, se constituiu em um revolucionário de

primeira linha, um dirigente revolucionário. Essa compreensão é fundamental se considerarmos que grande parte dos trabalhos, principalmente os realizados na academia, ignoram solenemente este fato, quase transformando Marx em um “parecerista” da CAPES²³.

Não tivemos a pretensão de apresentar todas as palavras acerca do nosso objeto e problema de investigação, mas apenas algumas palavras, entretanto, algumas contribuições para entendermos um tema tão denso e mesmo tenso. Reconhecemos nossos limites, mas assumimos com coragem a responsabilidade de honestidade intelectual diante do que nos propusemos. Esperamos que este livro, fruto de uma pesquisa científica²⁴, possa colaborar para esclarecer dúvidas e gerar outras problematizações sobre o método em Marx. Ainda há muito o que investigar, organizar e combater para transformar a realidade de barbárie estabelecida pela burguesia.

²³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundada por decreto no segundo governo de Getúlio Vargas em 1951. Ligada ao Ministério da Educação, organiza a pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) no país, impondo alto grau de reprodutivismo intelectual, muitas vezes nos fazendo lembrar da mesma lógica das fábricas para a produção de mercadorias.

²⁴ Científico, aqui, está na perspectiva de Marx, Engels, Trotsky, Rosa, Lênin, etc. Não se trata do “científico” dos manuais de metodologia científica ou mesmo aquela imagem de pessoas vestidas com jalecos brancos e estetoscópios de enfeite no pescoço.

CAPÍTULO I
O QUE É UM CONCEITO?
ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A PERSPECTIVA
ONTOLÓGICA EM MARX

Estamos convencidos de que para tratarmos do método em Marx é preciso sabermos localizar o seu pensamento revolucionário diante da história, ao menos em parte desta história. Esta palavra: **ontologia** pode parecer um pouco estranha, coisa de intelectuais vaidosos/diletantes ou algo do tipo. Trata-se de um **conceito** (*Begriff*). Não é uma mera palavra e possui significado importante, até mesmo para aqueles que tentam perpetuar a exploração e opressão da classe trabalhadora: a burguesia. Entendê-la é uma tarefa também dos revolucionários.

Nosso objetivo é contribuir para que não ignoremos elementos conceituais fundamentais da dominação de classes, principalmente no seu momento mais decadente da história do capitalismo. Sabermos do que se trata os conceitos, numa perspectiva classista, é uma necessidade imperiosa e isso nos distancia da vaidade intelectual de pensadores diletantes que possuem como estratégia a sua carreira medíocre e parasita, numa palavra: o piolho academicista.

Nosso leitor mais avançado neste debate deverá compreender que o que fazemos agora é a apresentação introdutória de algumas palavras sobre estas questões, que avançam necessariamente, para além das aparências das coisas. Trata-se de um debate histórico e aqui

não poderemos mais do que sinalizar, mas podemos e devemos dizer algo. É preciso saber o significado das coisas, “como forma social” (RUBIN, 1987, p. 45), as suas determinações que estão para além da “minha opinião” sobre as coisas.

1. Um pouco sobre o ato de escrever

Todas às vezes que escrevemos, o fazemos a partir da nossa relação com a teoria, ou seja, com uma compreensão do mundo real, concreto²⁵. A nossa individualidade consegue construir textos com a pretensão de comunicar determinados conteúdos aos nossos interlocutores, no caso específico: os leitores.

Acontece que nem sempre o objetivo de se fazer entendido é atingido. Neste caso, poderíamos dizer que o problema estaria no leitor, incapaz de entender o que foi escrito (e isso pode ser verdade, mas nem sempre). Ou, ainda, que o texto não é suficientemente claro para efetivar a comunicação, ou mesmo, que a forma de escrever não é a melhor (qual seria a melhor delas?).

Muitas são as situações em que o objetivo de ser entendido pode não ser atingido por aquele que escreve. Diante destas possibilidades, o escritor poderia resmungar, torcer o nariz ou mesmo dar de ombros. Todavia, nenhum destes comportamentos consegue mudar a realidade: a do leitor que não entende o que se escreveu.

²⁵ O sentido deste conceito, “concreto”, nem sempre é o mesmo em Marx. Ao nos debruçarmos nas fontes, identificamos a herança de Hegel, como síntese de múltiplas determinações, mas também identificamos no sentido físico, sensível e imediato. Também é importante que nosso leitor compreenda que realidade concreta e realidade material não são as mesmas coisas. A primeira é uma síntese de muitas coisas, a segunda é a empiria das coisas, ou seja, as coisas da forma que são captadas fenomenicamente.

2. As coisas, a subjetividade e o subjetivismo

Não se pode atribuir absolutamente ao escritor o fato de não ser entendido pelo leitor. Pensar assim seria dar absoluta centralidade a subjetividade do indivíduo diante de um objeto. Por exemplo, um homem chamado João, proprietário de uma loja de roupas numa cidade de médio porte, está diante de uma banana, mas entende que diante de si, existe um pedaço de bolo. Esta figura de linguagem pode parecer banal, mas não é. Por mais que a subjetividade de João “diga” para ele que diante de si, existe um bolo, a realidade é que diante dele, o que existe de verdade é uma banana. Ele pode até utilizar a banana para fazer um doce, uma salada de frutas e até mesmo um bolo, mas o que é real ali diante dele é apenas banana.

Para que João entenda a realidade diante dele é necessário conhecer as duas coisas, pois ao continuar a entender o real/banana com bolo, o nosso personagem arrisca consumir uma coisa sendo que se trata de outra. Poderia dizer... *“Paula, você vai ao supermercado? Poderia trazer-me aquele bolo gostoso? Gosto tanto daqueles bolos cilíndricos, curvados, amarelos e cumpridos...”*. Neste caso, Paula poderia ficar por todo o tempo procurando o tal bolo e jamais encontrar. Apenas João poderia encontrar tal “bolo” e por toda a vida, comer banana como se fosse bolo.

Para além do bolo e da banana, os problemas de não entender o que se lê e também, de não conseguir ser claro ao escrever, são muito mais complexos. Existem conceitos, construídos a partir das categorias da realidade, palavras que são mais do que palavras, que possuem determinados significados históricos. Conhecê-los é necessário para entendermos a realidade e também escrevermos sobre esta realidade. Preocupar-se com isso é da maior relevância para todos nós que reivindicamos um programa de transição revolucionário. Ignorar isso

é falar (escrever) para as paredes!

Vivemos em uma sociedade decadente, onde o capitalismo provoca cada vez mais o aprofundamento da luta de classes (desemprego, fome, miséria, violências, mortes, ignorâncias, exploração, opressões, etc.). As demandas da classe trabalhadora não são atendidas pela classe que domina, pois, no capitalismo o objetivo nunca foi esse, mas sim engordar os lucros dos patrões. A situação da educação escolar é uma desgraça. A política pública da burguesia para os filhos da classe trabalhadora é um sucesso: professores precarizados, alunos sem permanência estudantil, escolas destruídas, sindicatos pelegos, fome, medo, violências diversas.

Diante deste cenário, da parte maior da realidade social, muito alunos passam a adolescência sem saber ler e escrever. Muitos jamais passaram por uma escola, mas todos trabalham, trabalham muito! Esta consideração é necessária, pois muitos trabalhadores não são leitores de textos por conta da própria política da burguesia, não por uma incapacidade inata, mas por conta de um projeto político que determina a marginalização da classe trabalhadora do conhecimento historicamente acumulado, expressa nas políticas públicas educacionais na formação de cidadãos. Uma sociedade de classes que impõe a todo o momento um conjunto de restrições à humanização do trabalhador está na contramão da emancipação humana, que procura consolidar apenas uma emancipação política, ainda assim, meramente formal²⁶.

Considerando esta realidade de desigualdades brutais, pode-se criar uma ideia de que apenas os escolhidos da burguesia podem ter

²⁶ É preciso considerar que há tempos a burguesia abandonou, de conjunto, este tipo de preocupação. A realidade mostra que diante da decadência capitalista este tipo de preocupação vai, cada vez mais para o tártaro.

acesso ao conhecimento histórico. Isso é falso. Estamos convencidos de que os filhos da classe trabalhadora são capazes de compreenderem um texto, seja ele qual for. Por qual motivo acreditamos? Respondemos: porque também estamos convencidos de que é a classe trabalhadora organizada que pode entender e transformar de forma revolucionária esta realidade decadente. **Este é o sentido político/social marxiano e a importância do seu método.**

Assim esclarecido, passamos ao conceito que devemos entender por ser fundamental para a exposição do nosso estudo sobre o método em Marx.

3. O conceito

Antes de tratarmos com algumas palavras mais diretamente sobre os significados do conceito de ontologia, devemos esclarecer ao nosso leitor o que são os conceitos (*Begriffe*). Ou seja, a que estamos nos referindo quando usamos esta palavra. A palavra alemã *Begriff*²⁷, um substantivo masculino, recorrentemente traduzida para língua portuguesa como “conceito” nos é um ponto de reflexão para entendermos o que são os conceitos para Marx. A etimologia da palavra conceito vem do latim (seja no português ou alemão)²⁸, *conceptus* e significa “ação de conter, germinação, concepção”

²⁷ A grafia no século XIX regista a palavra com apenas um “f”, como podemos constatar no monumental dicionário dos irmãos Grimm (*Deutsches Wörterbuch*). Os dicionários atuais registram como apresentamos, com dois “ff”, por exemplo dicionário Duden. Ambos disponíveis digitalmente. Ver referências ao final do livro.

²⁸ Também encontramos o derivado latino *Konzept*, muito utilizado por Leibniz (século XVIII), mas com Goethe (século XIX), *Begriff* ganha expressão. Em Marx, localizamos a segunda forma de conceito, assim como apresentam as traduções em português que citamos.

(MONIZ, 2001, p. 161). Mas não esqueçamos, é uma palavra, mas não apenas. Enquanto palavras, a etimologia, quando possível, nos ajuda, mas apenas como primeiros passos. Não entenderemos o que são os conceitos se **caminharmos** apenas alguns metros.

O filósofo e professor Immanuel Kant tratou do conceito (*Begriff*) em sua “Crítica da Razão Pura”, mais precisamente, ele inicia a sua crítica à razão exatamente apresentando o que é um conceito. Georg Hegel, na “Ciência da Lógica”, também logo de início apresenta ao leitor referências centrais sobre conceito. Marx também trabalha com conceitos (*Begriffe*). Mas não nos esqueçamos, caro leitor, é preciso reafirmar que não se trata apenas de uma palavra. Em cada um destes pensadores, se expressa o movimento da construção de um conceito. A utilização de conceito em Kant, Hegel e Marx não possui a mesma substância.

O “conceito” como idealização, de um método dedutivo, como mero formalismo expresso como palavras na linguagem escrita, como algo que já existe para além da cabeça e que se manifesta nas coisas ou seres, não tem nenhuma relação com o que propunha Marx. É recorrente associar “conceito” com palavras definidoras, com definições. O conceito não está em algum lugar do mundo apenas esperando a sua utilização para expressar uma substância universal cabível em todas as coisas ou fenômenos. Se encararmos desta maneira, retrocederíamos ao idealismo que Marx tanto criticou.

A maneira que Marx entende e trata o conceito, por exemplo, no capítulo 10 de “O Capital”, intitulado, “Conceito de Mais-Valia Relativa” (MARX, 1983, p. 249)²⁹, nos apresenta o conceito de forma

²⁹ Nos referimos a tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe, publicada no Brasil pela Abril Cultural. Todavia, outros trabalhos também traduzem *Begriff* como conceito, caso da tradução de Reginaldo Sant’Ana, publicada pela Civilização

radicalmente diferente de Kant e Hegel³⁰ ou qualquer ideia de conceito utilitarista, transcendental ou absoluta.

Essa concepção utilitarista de “conceito” foi criticada pelo próprio revolucionário em Londres em 1879/1880, quando das suas anotações sobre Adolph Wagner³¹, publicadas posteriormente sob o título: “Glosas marginais ao Manual de economia política de Adolph Wagner”³². Vejamos como o próprio Marx critica o entendimento

Brasileira e ainda a de Rubens Enderle, pela Boitempo Editorial. Estas informações são fundamentais para não ignorarmos o trabalho dos tradutores, absolutamente fundamental e assim mesmo tão esquecidos. E principalmente para demonstrarmos que “conceito” não é uma prerrogativa apenas dos idealistas ou mesmo intelectuais pós-modernos. Pensar neste sentido é um erro grave. Nos cabe caracterizar o significado de conceito, a sua substancia a partir da realidade histórica.

³⁰ Para as obras citadas aqui de Kant e Hegel, também observamos que *Begriff* é traduzida igualmente para “conceito” em português.

³¹ Wagner foi político e economista vulgar alemão, professor universitário em Berlim, socialista de cátedra. Escreveu uma crítica ao “O Capital”. Acreditava em um capitalismo pacífico, tendo o Estado o papel de mediar os conflitos entre as classes. A expressão “socialismo de cátedra” é irônica e Marx aponta em suas notas esse caráter. A partir da universidade pensava-se o Estado e uma sociedade com bem estar diante do livre mercado. Algo como socialismo de Estado. Em Berlim, Wagner publicou em 1895: “*Die akademische nationalökonomie und der socialismus*” (A economia nacional acadêmica e os socialismos). Uma perspectiva importante para o reformismo da segunda metade do século XIX. Em seu livro “*Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre*” (Doutrina geral ou teórica da economia nacional), Marx é citado em quarenta e sete passagens.

³² A tradição revolucionária que conhecemos hoje, pouco ou nada sabe sobre estas anotações de Marx. São considerações fundamentais onde são reafirmadas categorias centrais de sua crítica, como trabalho, valor, mercadoria, não como conceitos vazios, como meras palavras, simples definições. Trabalhamos com duas traduções destas anotações de Marx, a primeira, publicada pela “Revista Verinotio”, com tradução de Luiz Philipe de Caux, em 2017; a segunda, publicada pela Boitempo Editorial, com tradução de Hyury Pinheiro, em 2020 em forma de livro,

equivocado de conceito, limitando-se a associá-los apenas a palavras comuns:

Tudo isso são "disparates". De *prime abord* (Desde o princípio), não parto de "conceitos", portanto, tampouco do "conceito de valor", e por isso de modo algum tenho de "dividi-lo". Parto da forma social mais simples em que o produto do trabalho se apresenta na sociedade atual, e essa é a "mercadoria". Analiso a mercadoria, e de pronto na forma como ela aparece (MARX, 2017, p. 265).

Marx não nega de forma alguma a existência e a importância de conceitos³³, todavia, no debate com Wagner ele critica a ideia equivocada de conceito empregada, onde o acadêmico (e ele não poupa Wagner do sarcasmo) apresenta como conceito o que são definições, trocas de palavras com sentido geral. Marx usa a palavra conceito com aspas exatamente para delimitar a crítica ao "conceito" da forma que é entendido por Adolph Wagner, como resultado de deduções, [...] "Tantas palavras, tantas baboseiras [...]" (MARX, 2017, p. 257). Vejamos:

"Dedução do conceito de valor (pp. 46 et seq.). Do conceito de valor é que devem ser deduzidos, *d'abord*, o valor de uso e o valor de troca do sr. Wagner, e não, como no meu caso, da mercadoria enquanto algo concreto, e é interessante perseguir esse escolasticismo em seus mais novos 'fundamentos'" (MARX, 2017, p. 258).

E continua:

"Se colocarmos então na primeira frase, no lugar da palavra 'bem', o seu

sob o título: "*Últimos escritos econômicos: anotações de 1879-1882*". As citações são apresentadas a partir da primeira tradução. Ver referências ao final.

³³ Observem que Marx escreve "conceito" com aspas. Ele procede assim durante todo o texto, usando com aspas quando está criticando o "conceito" em Wagner, e sem aspas, quando se refere ao conceito, diferente do que entende o seu interlocutor. Uma sutileza, mas da maior importância em toda estética textual de Marx. Não se atentar a isso, permite uma generalização equivocada, como se para Marx os conceitos fossem puras manifestações de um método idealista de apreender as coisas, abstrações vazias.

conteúdo conceitual wagneriano, então a primeira frase da mencionada passagem reza que: 'É uma aspiração natural 'do' homem vir a ter clara consciência e entendimento da relação que têm' os meios 'internos e externos' para a satisfação de suas carências 'com suas carências'. Podemos simplificar um pouco essa frase deixando de lado 'os meios internos' etc., como o sr. Wagner o faz logo na frase imediatamente seguinte com o 'ou seja'" (MARX, 2017, p. 259).

O conceito não é um mero trocar de palavras com radicais em comum, como expressão de palavras, interpretação rasa do que é concreto. Não se trata de uma questão linguística formal onde algo externo, de forma utilitarista é empregado para definir uma realidade (nestas glosas³⁴, Marx polemiza enfaticamente em relação ao conceito de valor, banalizado por Wagner). O conceito não é algo externo, genialmente apreendido pelo intelecto e usado como se fosse uma toalha de mesa, com uma base dedutiva a partir de leis gerais, abstratas. O livro de Wagner possui mais de setecentas páginas, e, ainda assim, não foi capaz de entender o que é um conceito, embora, de acordo com Marx, Adolph Wagner afirme que sim.

Conceito é uma construção histórica sobre o significado de categorias³⁵, como: modo de produção³⁶, trabalho, classes sociais,

³⁴ Palavra pouco usual em nossos dias, significa comentários/notas explicativas.

³⁵ As categorias são expressões dos seres (inanimados, animados, sociais) elas expressam o que eles são, as características da realidade. Categorias não são definições ou qualquer tipo de criação sobre os seres. Não são enunciados que partem da subjetividade do pesquisador, mas sim do objeto e que são constitutivas dos seres, são apreendidas a partir do abstrato caótico ao concreto pensado, são capitadas (ou não) no percurso da investigação de determinados objetos em suas mediações que não se apresentam de imediato no tempo presente daquele que se propõe a uma investigação. No capítulo IX, explicamos mais atentamente o que é uma categoria.

³⁶ Em pesquisa recente (MENEZES, 2015) já nos deparamos com esta questão (o que é um modo de produção?) e na oportunidade questionamos a leitura mecanicista

que parte da tradição marxista faz de Marx. Não se trata aqui de flexibilizações, mas de ortodoxia. A palavra ortodoxia deve ser entendida como firmeza nas convicções até que se estabeleça o contrário. Assim não se deve confundir ortodoxia com dogmatismo, ou seja, acreditar, defender, cegamente uma convicção sem se permitir o questionamento. Assim, estabelecemos uma radical diferença entre uma coisa e outra. Se partimos da definição que trata o modo de produção como a forma de produção da vida, composta por forças produtivas e relações sociais de produção, ainda não passaremos da mecânica. Mas a questão pode ser ainda mais complexa, quando, por exemplo, afirma-se que um aspecto se sobrepõe ao outro, ou ainda, que um é mais importante que o outro. Se a afirmação de que em dado momento do modo de produção, sejam as forças produtivas ou as relações sociais, um dos aspectos é o mais importante, acreditamos que o problema continua se aprofundando. É verdade que Marx foi sumário, radicalmente sintético no prefácio de 1859, mas também é verdade que síntese para Marx é uma totalidade de múltiplas determinações, e, isso, também se lê no texto de 1859, “Para a Crítica da Economia Política”. Também é possível observar nesta publicação a afirmação do autor que há uma determinação das forças produtivas em relação as relações sociais de produção, que conforme avançam as forças as relações se transformam de acordo com a determinação da primeira. Aqui fazemos uma problematização: é possível uma determinação absoluta diante do pensamento dialético de Marx? Se há uma determinação (estamos convencido que sim) é necessário indagarmos que tipo de determinação se trata. Mas o pensador dogmático não se preocupará com nossa problematização. Mas o pensador ortodoxo sim. A determinação das forças produtivas, estabelecendo novas formas de relações sociais só foram possíveis uma vez que as relações sociais antigas passaram a se colocarem como grillhões do devir histórico. E, para entendermos isto não poderemos oferecer ao leitor uma tarefa simples ou mesmo um resumo pragmático de um longo período de transição que foi a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, ou ainda, do modo de produção feudal para o capitalista. Nos referimos a este momento da história por ser um período já consolidado, dizemos, uma transição já consolidada na história. Não recorreremos aqui a Revolução Russa pelo mesmo motivo que não recorreremos a apenas um fenômeno histórico como a Revolução Francesa, ainda que esta representa um projeto mundialmente concretizado, diferente da transição socialista ainda em construção, e, que, embora a importância da Revolução Russa, não se logrou como a burguesia, a efetivação de uma nova sociedade, no caso a comunista. A determinação é relativa ao momento histórico investigado, mesmo que esta

revolução, valor, etc³⁷. O conceito, diferente da definição³⁸ (aquelas dos dicionários), está em constante movimento e se transformando³⁹. Por exemplo, o conceito de história que conhecemos em 1859 a partir de Marx⁴⁰, não é o mesmo que tinha, no seu próprio tempo, os historiadores alemães, ou economistas da Universidade de Berlim, ou o de Heródoto na Grécia Antiga do século V a. C. O conceito é uma síntese de muitos significados construídos temporalmente e que em determinados momentos da história pode possuir sentidos bastante

determinação seja mantida para outros modos de produção. Mesmo por que o foco central das preocupações de Marx era a sociedade capitalista, não fazendo a exegese de outros modos de produção. Assim mesmo, admitamos, que, para os demais modos identificados por Marx até 1859, as forças produtivas são determinantes e não nos recordamos de nenhum texto do autor que pudemos ter acesso em que isso é desvalidado. Sem medo, há sim uma determinação das forças produtivas para Marx, mas antes, há que se considerar o que é “determinação” para Marx, e ainda, não confundir ou ignorar que forças produtivas não podem ser entendidas como apenas tecnologias ou economia. As relações sociais feudais, diante da crise do século, sobretudo, XIV, exigem algo a mais, do que poderia oferecer as forças produtivas feudais. Na longa duração, sustentamos que houve significativo avanço das forças produtivas na passagem dos séculos XIV ao XVIII, sendo que este avanço exige novas formas de se relacionar que já não são mais aquelas das velhas, mesmo que o velho aqui pode ser subsumido em função dos interesses do novo, dizemos, das novas formas. Foi assim que aconteceu na Europa feudo-capitalista.

³⁷ É exatamente neste sentido que Marx, em 1867, nos apresenta o conceito de mais-valia relativa no capítulo 10 de O Capital.

³⁸ É muito importante, logo de início, esclarecer que Marx não trabalha com a ideia de definição fixa e dicionária. Quando Marx apresenta uma definição, são definições que não são definitivas.

³⁹ Também há movimento nas definições de dicionários, mas não entraremos nesse debate aqui.

⁴⁰ E que ele mesmo faz referência quando da publicação da segunda edição de O Capital em 1873: “Após uma citação do meu prefácio ao “Kritik der Pol. Oek.”, Berlim 1859, p. IV-VII, **onde discuti a base materialista do meu método**, o autor continua: [...] (MARX, 1968,p.25) **(grifo nosso)**.”

diferente e antagônicos. Por exemplo, o conceito de ontologia, nem sempre foi entendido da mesma forma, principalmente depois de Marx e mesmo depois de Lukács⁴¹. Ou ainda, o conceito de dogmatismo entre os gregos antigos não possui o mesmo significado que podemos atribuir nos dias de hoje. O conceito de felicidade na Grécia do século V a. C. não é o mesmo que na Idade Média ou o mesmo entre as etnias Terena e Guarani na América do Sul.

O conceito é uma construção de idas e vindas, recuos, estagnações e superações. O conceito não cabe em um dicionário (como acontece com as definições) ou numa fotografia e mesmo um retrato ou escultura⁴². Motivo: ele não é fixo no tempo. O conceito é movimento das relações sociais, do pensar a partir da realidade socialmente constituída e desdobramento do entendimento que se

⁴¹ Que nenhuma dúvida fique aos nossos leitores, Lukács foi um stalinista, jamais rompeu com Stálin e com a degeneração soviética. Em sua “CARTA SÔBRE O STALINISMO” (LUKÁCS, 1964), posterior ao XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética de 1961, o filósofo húngaro publica em 1962 (carta a Alberto Carocci na Revista *Nuovi Argoment*, outubro de 1962), uma crítica envergonhada à Stálin e ao stalinismo, mas sobretudo, deixa sua posição marcada contra Trotsky, apresentando especulações históricas sobre as posições de Trotsky caso fosse ele o dirigente da URSS, pós Lênin. Neste documento, o filósofo mais reafirma suas posições junto a tradição stalinista, tentando justificar a degeneração de todo um processo revolucionário, mesmo após as denúncias por parte da própria burocracia soviética. Ignorar o posicionamento de Lukács diante das posições de Trotsky e da Quarta Internacional é querer conciliar o impossível. Concordamos com Leandro Konder sobre a importância de pensador húngaro, mas discordamos do tradutor sobre a sua contribuição de “*tôda uma vida de dedicação à revolução e de independência espiritual*”, pois tratou-se de defender qual revolução? E ainda, que independência espiritual? A das “almas” assassinadas? Como dissertamos em outros momentos, a ontologia é muito importante para ficar restrita aos círculos stalinistas. Sobre esta carta de Lukács, ver referências ao final do livro.

⁴² Ele é capaz de atravessar tudo isso.

tem do mundo⁴³. Isso inclui erros e acertos, numa palavra: os seus limites e possibilidades de avanço, relação direta com a particularidade histórica, universalizá-lo, ou seja, secundarizar o particular em função de uma universalização do conceito é uma chave idealista de procurar entender o mundo.

Esse movimento histórico na construção dos conceitos não pode ser confundido com o pluralismo metodológico ou o reino do ecletismo diante da realidade. Há determinações. E a partir delas a atividade humana pode operar acerca da compreensão da natureza e das relações sociais. Não é possível um “vale tudo” em relação à realidade. Há limites. Todavia, as particularidades históricas possibilitam, por exemplo, o desenvolvimento de conceitos categoriais que podem ser refutados enfaticamente ou contemplados como a mais concreta expressão da realidade. Um exemplo disso é o conceito de felicidade. Grande parte da população mundial, está convencida de que é possível ser feliz no capitalismo, de que é possível realizar-se vendendo a força de trabalho e consumindo mercadorias. Para isso existe uma perspectiva conceitual (da classe burguesa) que, supostamente, validará um conjunto de categorias que deveriam expressar e sustentar a vida feliz. Todavia, diante de outra perspectiva conceitual (a revolucionária), a felicidade de toda a classe é impossível e para demonstrar isso, os conceitos categoriais são fundamentais para demonstrar que determinados enunciados representam os interesses de uma determinada classe e não de outra. O conceito de felicidade que a burguesia apresenta como uma possibilidade universal, não

⁴³ Ou seja, em Marx, o conceito é construído a partir das categorias, por isso são conceitos-categoriais. Portanto, distante de qualquer idealismo.

passa de uma ideologia⁴⁴, para os revolucionários.

4. Ontologia

O que é o conceito de ontologia⁴⁵? Em nossa pesquisa, o que se desejou dizer com esta palavra?

Sobre este conceito (não apenas uma palavra) as polêmicas são profundas. Na tradição marxista, está longe de existir um consenso sobre se há ou não em Marx uma perspectiva ontológica, um estatuto ontológico, uma ontologia do ser social, uma preocupação ontológica, ou seja, uma ontologia de outro tipo, materialista, histórica e dialética⁴⁶.

⁴⁴ Para não pensarmos que Ideologia são simples mentiras, enganações, etc., ver os recentes estudos de Renan Araújo Kell, “Notas introdutórias sobre o conceito de ideologia na obra Para uma ontologia do ser social”, apresentado à UNESP de Marília. Citação completa em nossas referências bibliográficas, ao final.

⁴⁵ No Brasil, Alcides Hector Rodriguez Benoit é uma referência antitética a nossa, pois defende a hipótese de que uma ontologia em Marx não seria possível. Trabalhamos no sentido contrário desta perspectiva. Entretanto, é honesto intelectualmente, se referir a Benoit, pois trata-se de um trabalho de altíssimo nível e que obriga parte da tradição marxista a se questionar e problematizar os seus fundamentos de forma crítica. Isso deve ser admirado e jamais silenciado. Para acessar essa obra (BENOIT, 1996; 1997; 2003) ver nossas referências bibliográficas ao final.

⁴⁶ Estamos convencidos que parte daqueles que procuram negar uma perspectiva ontológica em Marx, em um primeiro momento, como nossa hipótese de reflexão, marginalizam as contribuições de Marx dos anos de 1844. No caso dos “Manuscritos”, supostamente por serem carregados de humanismo e idealismo (O fato é que Marx é o que é. E é com isso que se germinou a crítica à economia política, ainda neste mesmo período de 1844. E estamos convencidos que no caso de Hegel, esta influência se aprofundou ainda mais durante a trajetória de Marx). Esse pensamento acaba por colaborar com a ideia equivocada de um recorte epistemológico na construção do pensamento revolucionário de Marx, como apresenta Althusser em “A favor de Marx”, “Ler o Capital” (ambas de 1965) e ainda

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels⁴⁷ escrevem:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na

em “A Querela do Humanismo” de 1967 (ALTHUSSER, 1979; 1980; 1999). Trata-se de um todo em movimento, desprezar determinados aspectos, não localizando-o no tempo e espaço para compreender a construção da totalidade do pensamento de Marx é um erro grave. Assim como seria grave entender que o pensamento de Marx nasce pronto e acabado, que a evolução da compreensão categorial de 1844 é a mesma, intocada, em 1883. Isso também não existe. Há uma unidade constitutiva do pensamento de Marx, mas não se trata de uma unidade com identidade plena, mas uma unidade com contradições, superações ao longo do processo constitutivo e que não se supera com a criação artificial de um recorte entre o Marx humanista e o científico, um Marx dos Manuscritos, da Crítica de 1857... o Marx do Capital (...). Nos importa aqui um Marx total, sem essas divisões típicas da “motosserra” epistêmica da burguesia que educou parte da tradição marxista até nossos dias.

⁴⁷ Quando citamos Marx e Engels é preciso ter como pressuposto a individualidade de cada um destes. Estamos na contramão daquela leitura que promove uma espécie de hibridismo bizarro entre os dois. Durante a maior parte da vida trabalharam em colaboração e isso não deve ser reduzido a uma hierarquia entre os dois revolucionários, muito menos, uma leitura “taxidermológica” que estabelece um “hibridismo” entre Marx e Engels. O assim chamado “marxismo-leninismo” deu vida a uma série de quimeras (um monstro mitológico, vários seres em apenas um) com esse hibridismo, desconfigurando as contribuições de Marx e de Engels, dando vida a um conjunto de monstruosidades políticas, históricas, econômicas e sociais. O stalinismo, aqui também, promoveu um desastre internacional, quando buscava na pena de Engels aquilo que lhe interessava para justificar a ordem política do dia. Vulgarizando profundamente Marx e o próprio Engels. Uma crítica muito importante à esta questão foi apresentada (em 1970) e posteriormente publicada por Maximilien Rubel em 1972. Também concordamos com Michael Heinrich quando afirma: “Por muito tempo, Marx e Engels foram considerados como uma unidade indissolúvel, tanto no sentido político quanto no científico. Seja lá o que um deles declarasse, isso deveria possuir, de modo equânime, validade para ambos. Essa concepção dominou não apenas o “marxismo-leninismo” do partido oficial da União Soviética; era algo amplamente disseminado, mesmo entre os muitos autores marxistas que não compartilhavam com esse marxismo” (HEINRICH, 2021, p. 11). Ver referências ao final do livro.

imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica. O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. Naturalmente não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens nem as condições naturais, geológicas, orohidrográficas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação dos homens no decorrer da história. Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 2007, p. 86-87).

Neste manuscrito de 1845-46, Marx e Engels sistematizam sua perspectiva da história, apresentam sua visão (*Anschaung*), ponto de vista, a forma como viam a história em contraposição da visão idealista da história. O que observamos aqui, neste momento, é uma perspectiva histórica fundamental para a construção do conceito (*Begriff*) materialista do seu método, publicado em 1859 no prefácio de sua “Para a Crítica da Economia Política”, como se referiu no

posfácio da segunda edição do capital em 1873. Uma preocupação que constatamos durante a trajetória intelectual/militante de Marx em deixar marcado a sua concepção materialista de método, a importância de compreender a vida, o ser social, a partir das suas relações com o meio material. Uma preocupação ontológica onde o trabalho é central na constituição do ser.

Todavia, as divergências são inevitáveis uma vez que na constituição da tradição marxista, existiram várias formas de se acessar Karl Marx e suas colaborações teóricas-revolucionárias. Seria mais preocupante se assim não fosse, se a tradição marxista possuísse consenso sobre esta e muitas outras questões que perpassam o pensamento marxiano. Acreditamos que isso é impossível pela própria natureza do ser social (MARX, 2008, p. 107, 109)⁴⁸. Evidentemente isso não autoriza a ideia de que vale tudo, e que todo ponto de vista sobre Marx seja verdadeiro. Para este momento de nossa pesquisa, estamos convencidos da perspectiva ontológica colocada por Marx, que não nasce pronta, ou como raio em dia de céu azul, mas que se processa durante a sua trajetória de militante revolucionário. Marx nunca escreveu sobre a ontologia do ser social, outros fizeram isso no século XX, mas Marx nos legou os fundamentos de uma perspectiva sobre o que é o ser social como fundamento para o desenvolvimento da sua principal preocupação: a

⁴⁸ Marx usa a expressão *gesellschaftliche Wesen (ser social)*, nos Manuscritos econômico-filosóficos (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*) de 1844 (MARX, 2014). No Capital, ele mantém a preocupação sobre o ser, quando escreve sobre “o processo de trabalho” (*Arbeitsproceß*) (MARX,1890). São aspectos importantes e que não podemos ignorar. Ver referências ao final do livro.

crítica à economia política e organização internacional da classe trabalhadora⁴⁹.

É importante considerar quem é o escritor e de onde ele escreve. A resposta para estas perguntas, quando vinda de Georg Lukács, não é a mesma de Plotino, Agostinho de Hipona ou Tomás de Aquino. Tratando-se de ontologia em Marx é evidente que o autor de maior sistematização na tradição marxista é o filósofo húngaro. Mas atenção: identificar esta perspectiva ontológica materialista em Marx não é uma propriedade exclusiva de Lukács ou de lukacsianos. Estamos convencidos que é um fato constatável nos textos de Marx, para além da subjetividade de quem escreve e de quem lê⁵⁰.

Assim, as preocupações de Marx, de seu método, estão assentadas sobre o que é o ser social na sociedade burguesa. O nome desta preocupação é: ontológica. Gostemos ou não desta característica. Também seria um erro pensar que Marx está preocupado em desenvolver uma ontologia do ser social, pois a sua preocupação com

⁴⁹ Neste sentido, nossa perspectiva dialoga diretamente com as contribuições fundamentais de Ivo Tonet, expressas, principalmente em seu importante livro, “Método Científico: uma abordagem ontológica” (TONET, 2013), onde se preocupou em travar a crítica sobre o método em Marx e a tradição gnosiológica predominante. Enganam-se aqueles que por ventura pensam que se trata de apenas um pequeno livro de divulgação, embora possua este caráter, trata-se da socialização de um debate em que grande parte da tradição marxista expressa sua ignorância filosófica, isso para não nos ocuparmos de intelectuais de toda ordem, escravos da epistemologia moderna (fato extensivo também aos marxistas, ditos acadêmicos).

⁵⁰ Foge ao nosso propósito aprofundar este debate agora. Todavia, apenas apontamos para a existência polêmica sobre existir ou não uma ontologia em Marx. Para nós, essa existência é evidente, e, negá-la, mais colabora para a imposição da tradição epistemológica moderna do que entender Marx. Um pouco mais: sua negação apenas reafirma a existência da hegemonia gnosiológica moderna e quanto, nós, os revolucionários, ainda somos educados pela episteme burguesa.

o ser social deve ser entendida também diante da sua trajetória, uma vez problematizado o que é o ser social, o que temos são os desdobramentos da crítica da economia política.

Uma preocupação central para Marx e a demonstração deste aspecto de seu pensamento é que, mesmo em *O Capital*, é possível localizar a existência desta preocupação ontológica, que procura apresentar o movimento do capital, mas de maneira alguma ignora o ser social ao expor o debate sobre o trabalho no capítulo V.

Evidentemente, *O Capital* não pode ser reduzido apenas ao capítulo V, todavia, também seria um erro, ignorar o que se aborda, diante do todo da obra, aquilo que é limpidamente escrito neste capítulo da obra de Marx e que demonstra a preocupação ontológica de Marx. Vejamos o seu texto:

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. Por isso, não tivemos necessidade de apresentar o trabalhador em sua relação com outros trabalhadores. O homem e seu trabalho, de um lado, a Natureza e suas matérias, do outro, bastavam. Tão pouco quanto o sabor do trigo revela quem o plantou, podem-se reconhecer nesse processo as condições em que ele decorre, se sob o brutal açoite do feitor de escravos ou sob o olhar ansioso do capitalista, se Cincinnatus o realiza ao cultivar suas poucas jugera ou o selvagem ao abater uma fera com uma pedra (MARX, 1996 p. 303).

Considerado nos termos que apresentamos, manter a negação de uma preocupação ontológica nos textos de Marx, nos parece mais o resultado de décadas de falsificações e reducionismos do pensamento revolucionário, promovido pelo stalinismo em escala mundial e ainda pelo positivismo até hoje impregnado com sua

episteme na tradição marxista predominante (ironicamente, nem mesmo parte da tradição trotskista escapa a este problema). Precisamos nos perguntar, honestamente, até que ponto este debate deve ser estendido.

Observa-se que os interlocutores críticos, recorrentemente, são incapazes até mesmo que refletirem sobre o que se chama aqui de preocupação ontológica de Marx, imediatamente associando “ontologia” a uma determinada corrente questionável do pensamento marxista húngaro e seus seguidores.

Reafirmamos aos nossos leitores, as preocupações ontológicas, como Marx nos apontou, são muito importantes para serem monopolizadas pelo stalinismo e mesmo pelos seus críticos burgueses. Ignorar esta questão é correr o risco de reproduzir a perspectiva gnosiológica moderna da burguesia, apenas mudando a semântica: de epistemologia burguesa, para uma suposta epistemologia revolucionária. Como dissemos, o debate é longo.

De qualquer maneira, a etimologia da palavra ontologia é grega e significa estudo do ser, compreensão lógica do ser, teoria do ser, estudo racionalmente orientado sobre o ser. Se preocupa em responder o que é o ser.

Durante a maior parte da história, ontologia foi considerada como parte integrante da Filosofia, mais especificamente da metafísica⁵¹. A depender do tipo de sociedade, este estudo do ser se fez

⁵¹ Aqui, metafísica é outro conceito. Deve ser localizado na história, assim como qualquer outro. Andrínoco de Rodes, no século I a.C, ao organizar as obras de Aristóteles, catalogou os manuscritos que tratavam da filosofia primeira, na “estante”, posterior aos manuscritos que tratavam da *fisís*, da natureza. Desta maneira, os textos que abordavam o conteúdo sobre a filosofia primeira dos seres ficaram conhecidos como metafísica. Se esta divisão existia antes ou não de Rodes, o fato é que a partir dela, consagrou-se essa classificação do conteúdo das obras do

com suas particularidades históricas. Em uma sociedade politeísta, as preocupações sobre a origem do ser, ou dos seres, se deram em uma chave metafísica (ou a monoteísta medieval) onde o sobrenatural era responsável pela origem e a existência dos seres. Ainda neste sentido, as preocupações ontológicas se circunscreviam à metafísica, como parte constitutiva da Filosofia⁵².

Não podemos cair na falsa ideia de que em um determinado tempo histórico o conceito de ontologia fora sempre o mesmo para todos. Não. O conceito de ontologia para Platão não era o mesmo para Aristóteles, assim como a ontologia agostiniana não foi a mesma de Marx. Todavia, buscava-se entender a origem do ser. Uma pergunta central que Marx tratou de responder radicalmente diferente, baseando-se na historicidade e seu caráter de classe. Uma perspectiva, um propósito e um caminho absolutamente divergente de uma tradição metafísica como conhecemos de forma predominante da história da filosofia. Observem que é deste movimento histórico que nos referíamos nas linhas acima.

É durante o processo histórico que o conceito é constituído,

estagirita. Para nosso propósito, é importante considerar que a metafísica, originalmente, não está como sinônimo de sobrenatural, por exemplo, como foi divulgado pelo stalinismo na URSS. A realidade é mais complexa do que esta simplificação de manual de filosofia.

⁵² Extremamente diferente do que diz a cartilha do marxismo vulgar (marxismo predominante), metafísica não é simplesmente sinônimo de sobrenatural, mistificação ou coisa do gênero. Aristóteles a chamava de filosofia primeira, os pré-socráticos eram metafísicos e o sentido aqui é também de investigação do princípio da *físis*, se distanciavam do sobrenatural, pois era exatamente isso que os distinguiam da mitologia. Associar metafísica ao sobrenatural é demonstrar uma leitura “monista” de herança medieval sobre os seres. É fundamental estudarmos a filosofia pré-Sócrates, para além dos livrinhos da Marilena Chauí ou mesmo do Gilberto Cotrim!

não se trata de uma exclusividade de um único tempo, ou uma promoção de fim de ano. A processualidade histórica da construção do conceito não possui uma autoconsciência do seu fazer-se (um espírito absoluto que tudo sabe), nem tampouco sabe o seu fim absoluto. O fato é que se movimenta, transforma-se, não é estática.

Hoje, quando falamos ontologia, em nosso caso, compreendemos este conceito fora da chave metafísica medieval que acabamos de nos referir. Marx dá⁵³ um novo significado em relação ao o que é o ser social, não se limitando em entender o ser a partir de uma idealizada esfera metafísica, mas sim a partir de um espaço da filosofia de base materialista diante da luta de classes. Reafirmamos, isso é completamente novo na história. Localizamos uma perspectiva ontológica, preocupada com a constituição do ser, mas este ser, agora, é entendido como social, histórico, contraditório e responsável pela construção da história, a partir de determinações socialmente construídas, consolidadas e negadas por este mesmo ser. Sob condições que não dependem em absoluto do ser, sem espaço para qualquer teleologia além da individual, menos ainda de uma força suprema absoluta que tudo regeria. Temos aqui uma radical mudança sobre o conceito constitutivo do que são os seres e chamamos isso de: preocupação ontológica.

Nesta perspectiva, o conceito, assim como nas demais perspectivas, continuam possuindo suas categorias. Todavia, trata-se de conceitos categoriais distintos e antagônicos. A perspectiva ontológica de Marx exige que se atente para o ser em sua totalidade, não apenas para parte do seu ser. Por exemplo, um texto produzido

⁵³ Não como fruto da sua imaginação criativa, mas a partir da realidade material, a partir das características existentes na realidade, a partir das determinações das categorias da realidade do seu tempo.

por Georg Wilhelm Friedrich Hegel, não é apenas um texto de um indivíduo, mas de um prussiano, reitor da universidade de Berlim, de um filósofo diante da política do seu tempo. É preciso considerar o chão em que Hegel pisava, a sociedade na qual cresceu, como cresceu, em que classe, sob quais condições, ou ainda, as múltiplas determinações que constituíram o ser social daquele tempo e espaço (atravessando a individualidade do ser). É imprescindível considerar o espírito do tempo e sua constituição (*Zeitgeist*)⁵⁴, a partir da particularidade histórica e não absolutamente universal. Diante deste conceito de ontologia, não nos é permitido o uso de uma “serra ontológica” da qual os arautos da epistemologia⁵⁵ adoram usar a todo o momento.

Para o conceito de ontologia de base marxiana, há que se considerar a totalidade histórica, a práxis, não apenas um elemento determinante transcendental do ser (deus ou deuses) ou mesmo uma coisa ou outra, mas a totalidade. Na perspectiva marxiana, considerar a totalidade histórica não é opcional é determinante.

Marx afirmará que existem categorias antediluvianas, que existem há muito tempo, como é o caso da categoria trabalho. O trabalho, como categoria simples, é uma atividade presente em todas as sociabilidades, mas isso não quer dizer, que o trabalho é uma categoria desprovida de particularidades, pois no longo percurso da história, por mais que esta categoria se apresente até hoje como fundamental, como categoria concreta, desdobrada, nesta longa

⁵⁴ Esta palavra pode ser traduzida como “espírito do tempo”. Aqui, diferente do sentido hegeliano, para nós, o “*Zeitgeist*” é radicalmente materialista, desdobramentos das ações das classes sociais antagônicas diante das relações de produção da vida material.

⁵⁵ Trataremos do conceito de epistemologia no capítulo II.

marcha do seu desenvolvimento, ela existiu a partir das particularidades de um tempo e espaço social. A forma mais desenvolvida da categoria possibilita entender a anatomia da forma menos desenvolvida.

Como apontamos no início deste capítulo, o que Marx nos oferece é uma perspectiva ontológica⁵⁶, contribuições para entender o conceito de ontologia a partir das suas inferências sobre o ser social. Esta preocupação de Marx não se restringe aos anos de 1840, mas se desenvolve até os anos de 1880. Se nos limitarmos ao formalismo, esperando encontrar um livro de Marx sobre a ontologia do ser social, não chegaremos a lugar algum, mas se considerarmos a existência de uma preocupação ontológica na obra marxiana, a partir da construção do seu itinerário, ou seja, considerando a sua formação humana, nos convencemos de que Marx opera em uma chave que dá vida a uma nova perspectiva ontológica e que foi fundamental para a concretização de sua *Crítica da Economia Política*⁵⁷. De forma semelhante, Marx nunca escreveu profundamente sobre o método, mas nos deixou princípios fundamentais que nos permitem investigar e escrever sobre o método em Marx. Mas se assim mesmo o camarada

⁵⁶ Profundamente mais ampla e oposta (no sentido de ser crítica) à gnosi/gnosiologia moderna.

⁵⁷ É importante salientar que a *Crítica da Economia Política* de Marx não trata, isoladamente, de seus estudos sobre este objeto, mas de estudo e militância, cotidianos, diante do seu tempo presente. Sua obra intelectual é a manifestação viva da constante tentativa de organizar internacionalmente e classe trabalhadora para a tomada do poder, isso agrade ou não os nossos interlocutores. Esta mesma lógica cabe aos intelectuais clássicos da burguesia, por exemplo, John Locke, nos séculos XVII/XVIII.

cordial⁵⁸ torcer o nariz e continuar a afirmação absurda de que ontologia = idealismo, não podemos fazer muita coisa. Temos pouco tempo para debates academicistas, a classe trabalhadora, a cada dia que passa, é mais e mais explorada e oprimida. Precisamos nos movimentar para além das vaidades e diletantismos de intelectuais sem nenhum comprometimento em organizar a classe para a revolução socialista.

No próximo capítulo, trataremos sobre a perspectiva gnosiológica, na chave moderna e empobrecida dos séculos XX e XXI, onde a epistemologia reina hegemonicamente quando o assunto é método. Seja nas universidades, organizações políticas, movimentos sociais e sindicais. Na perspectiva de Marx esse caminho para entender a realidade é repleto de limites e simplificações que atendem aos interesses da classe burguesa, hoje, decadente e em crise (o que não significa decretar sua fase final, embora tudo indique). Em dada medida, para a burguesia, é necessário se distanciar da sociedade de carne e osso e dar explicações cada vez mais fragmentadas sobre a história, para continuar exercendo a regência da vida de carne e osso. Precisamos superar estes limites: não existe uma única forma epistêmica de explicar a vida. É preciso caminharmos com Marx, seguir o seu método (*Weg*).

⁵⁸ Para conhecer sobre o camarada cordial, sugerimos a leitura do artigo “O camarada cordial: uma crítica necessária à direção burocratizada e sua ridícula formação teórica” (MENEZES, 2020).

CAPÍTULO II

A MATRIX EPISTEMOLÓGICA: SOBRE O MÉTODO, SUJEITO E OBJETO DA PESQUISA⁵⁹

“A ciência não alcança sua meta no estudo acadêmico fechado, mas na sociedade de carne e osso” (TROTSKY, 1988, p. 11).

Os críticos da epistemologia (parte da tradição marxista) não ignoram a mesma, seria um impropério. Todavia, os epistemólogos ignoram a perspectiva ontológica, seja por necessidade de manter sua hegemonia na academia ou mesmo por inépcia intelectual. Em outras palavras, a perspectiva ontológica de Marx, considera, necessariamente, as gnosiologias e as epistemologias, esse procedimento não é opcional. Radicalmente diferente, o epistemólogo dita, impõe, alicia e sequestra em nome da sua perspectiva, sente-se como um deus da pesquisa científica, quando na verdade não passa de um *homo academicus*.

Quando falamos sobre método um possível terror comparece aos alunos e até mesmo entre muitos colegas de trabalho. Durante nossos estudos iniciais os estudantes de ciências humanas passam a ter contato com disciplinas que se ocuparão desta temática. A questão é que este conjunto de disciplinas são estabelecidas a partir de uma tradição gnosiológica, o que significa que o método é ensinado e apresentado limitando-se a epistemologia. O que isso significa?

⁵⁹ Esta abordagem fora publicada como parte desta investigação a título de divulgação da pesquisa de pós-doutorado no segundo semestre de 2019. Ver, ao final, nossas referências bibliográficas, (MENEZES, 2019a).

A saber, diante da tradição epistemológica, o método está circunscrito a um circuito fechado de regras a serem seguidas com o fito de possibilitar a experimentação e a falseabilidade. A questão é que este procedimento atende bem as expectativas das ciências naturais onde o método baconiano⁶⁰ tem os seus desdobramentos de acordo com esta tradição de investigação. Todavia, se tratando das ciências históricas a questão ganha outros contornos.

A história tradicional nos legou um conjunto de contribuições metodológicas e que a partir delas podemos estabelecer um outro conjunto de procedimentos importantes para o trabalho do cientista social, entre eles o historiador e também as organizações revolucionárias, a quem provavelmente este tipo de conhecimento seria necessário⁶¹.

Uma das preocupações da história tradicional no final do século XIX e início do XX era o de desenvolver a crítica externa e interna do documento. Lembrando que documento, para esta tradição, é o documento oficial, chancelado pelo Estado e portador da “verdade histórica” a qual seria acessada pelo historiador erudito. Por análise

⁶⁰ O método de Francis Bacon (1561-1626), fundamental pensador da filosofia moderna, publicou na Inglaterra o seu “*Novum Organum*” (Novo Órgão - originalmente escrito em Latim no ano de 1620), onde polemiza com a dialética clássica e apresenta um padrão para o conhecimento científico “empírico” – “indutivo” (BACON, 1973) com princípios metodológicos novos. Não confundir o que Bacon escreveu com aquilo que os manuais de metodologia científica escrevem sobre ele.

⁶¹ Consideramos que as organizações revolucionárias, além de distantes da classe trabalhadora mais pauperizada, também se encontra distante da teoria, do conhecimento e formação teórica-revolucionária. Pensamos que este é um elemento central para refletirmos sobre a crise de direção revolucionária, desde 1938, como constatou o Programa de Transição, apresentado por Leon Trotsky à fundação da Quarta Internacional em Paris.

externa se entendia o procedimento do pesquisador diante do documento no que diz respeito a veracidade do mesmo, a procedência e sua validade. Cabia a crítica interna (análise interna) o entendimento do conteúdo do documento e o seu significado teórico diante das hipóteses do investigador (nos referimos aqui a um método totalmente diferente ao de Marx). Veremos que o problema não reside na crítica interna ou externa, mas no modelo de procedimento, rígido, a ser seguido pelo pesquisador.

Por mais que tentemos elencar um conjunto de procedimentos do fazer histórico por parte do historiador, do militante revolucionário, cientista social, etc., elencando as disciplinas auxiliares, a heurística, a hermenêutica, entre outras, o que conseguiríamos seria um longo percurso sobre procedimentos de trabalho, ou seja, formas de sistematização, organização das fontes e tratos com a escrita e publicação (análise e caracterização da realidade). Por mais que os historiadores tradicionais reivindicassem um caráter científico para a História, assim como se propunha no positivismo, o que identificamos ali no século XIX, entre os historiadores, no máximo, é o nascimento de uma perspectiva científica e que apenas no século XX irá realmente estabelecer o estatuto de caráter científico para as pesquisas nas ciências históricas. Em hipótese alguma isso deve significar que a história tradicional é menos importante do que os "paradigmas" do século XX e XXI, embora grande parte da esquerda revolucionária ignore isso. Apenas possui os seus limites no que diz respeito ao método, assim como as demais áreas do conhecimento possuíam neste mesmo período.

Já desenvolvemos em outro momento uma análise sobre o método histórico no século XIX para além das universidades e a partir desta investigação que procuramos desenvolver neste livro.

Comumente se espera, após falar da História Tradicional, que se fale do movimento dos *Annales*⁶². Não será aqui nossa perspectiva. Falaremos do método histórico a partir da produção intelectual militante revolucionária, neste caso, a produção dedicada a organização do partido mundial realizada por Karl Marx⁶³.

Como foi apontado anteriormente, a maioria dos estudantes e profissionais, principalmente os que reivindicam a militância revolucionária em partidos políticos, possuem acesso ao debate sobre a questão do método a partir de uma tradição ligada diretamente a epistemologia (o que torna o caso dos revolucionários ainda mais grave), aqui, trata-se de não ignorar a epistemologia, mas fundamentar-se sobretudo para além dela, ou seja, entendemos o método em uma perspectiva ontológica.

É verdade que Marx não era historiador, menos ainda cientista social. Entretanto produziu de forma a influenciar muitas áreas do conhecimento, principalmente nas ciências históricas e isso é algo de relevância que justifica nossa opção em continuarmos pensando sobre a questão de método a partir das considerações deste revolucionário,

⁶² Iniciado em Estrasburgo na França, foi um movimento historiográfico que até hoje possui influência na escrita da história. Tem como seus mais emblemáticos representantes os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre. Juntos, em 1929, fundaram a revista “*Annales d'histoire économique et sociale*” (Anais de história econômica e social), congregando diversos pensadores das ciências históricas. Propunham novas problematizações para o trabalho do historiador, para além da história tradicional e a ampliação do conceito de fontes históricas. Este movimento passou por vários momentos durante o século XX, principalmente durante os anos de 1970, ao nosso juízo, abrigando com peso uma historiografia pós-moderna, bastante distante do período de sua fundação.

⁶³ Observem que apenas esta característica (demonstraremos muitas outras neste livro) já coloca Marx fora do circuito hegemônico sobre o método, do século XIX ao XXI.

por mais que muitos acadêmicos *made in CAPES* de hoje se arrepiem diante da nossa escolha. Assim como Marx, nos preocupamos com o tempo presente.

2.1. O tempo presente

Escrevemos estes breves apontamentos motivado pela realidade concreta diante de nosso estudo sobre o método em Marx. Inicialmente, expressaremos apenas parte das preocupações de um professor (são muitas), diante de algumas preocupações discentes que jamais poderiam, por nós, serem ignoradas ao realizarmos uma pesquisa sobre o próprio método de investigação. É preciso considerar que existe uma *matrix* curricular, uma *matrix* epistemológica, onde a maioria absoluta de jovens, durante todo o percurso do ensino básico, não tem absolutamente nenhum acesso ao debate acerca da pesquisa, seja ela na perspectiva epistemológica, quanto menos na perspectiva ontológica, pois há nisso tudo um caráter de classe. Todavia, há uma minoria que possui este acesso, propositalmente uma minoria que no final do ensino médio, pode ser iniciada cientificamente, ainda que em uma chave gnoseológica.

Consideramos que a iniciação científica, nestes termos, é a realidade de uma minoria de jovens, ainda assim, trata-se de uma iniciação absolutamente epistemológica. A outra parcela de jovens apenas acessa a *matrix* epistemológica ao ingressarem na universidade, momento o qual são obrigados a trabalharem em uma perspectiva que nunca lhes fora ensinada. Os traumas diante desta realidade não são poucos, da graduação à pós-graduação, expressam-se os antagonismos entre as classes sociais.

Neste texto, não desdobraremos o debate sobre a *matrix* curricular ou ainda sobre o adoecimento, mas alguns breves

apontamentos pertinentes diante da realidade decadente do nosso tempo presente sobre a *matrix* epistemológica, fundamentais para chegarmos ao nosso ponto central: **o método em Marx e a realidade desigual e combinada**⁶⁴.

Sempre somos convidados para lermos projetos de pesquisa. É possível perder as contas de quantos pareceres, comentários e orientações damos sobre este tipo de trabalho acadêmico. É recorrente o calafrio (em alunos e também professores) que se pode ter quando se fala de método de pesquisa, a relação entre sujeito e objeto, etc. É preciso considerar uma tese: vivemos na *matrix* da epistemologia empobrecida.

O que é a *matrix* da epistemologia?

A palavra *matrix* vem do latim, em tradução livre para o português, poderíamos usar: matriz, útero, espaço de reprodução, etc. Já a palavra epistemologia, vem do grego *episteme*, e, livremente, poderíamos dizer que significa conhecimento. As palavras não são inocentes e nem estáticas, conceitualmente elas estão em histórico movimento, como já dissertamos anteriormente. Assim, por exemplo, o conceito de epistemologia não é mais como foi exatamente no

⁶⁴ Desigual e combinado é uma sistematização do pensamento de Leon Trotsky realizado por Georg Novack. Trotsky chamava de “desenvolvimento combinado”, que se dá de forma combinada. Mas localizamos em Novack o trabalho de sistematização da assim chamada teoria do desenvolvimento desigual e combinado, inicialmente apontada por Marx. Estamos convencidos que esta concepção pode ser verificada na produção revolucionária de Trotsky. Para isso, temos como referência “Balanço e Perspectivas”, de 1906 (TROTSKY, 2010, p. 10); “A Revolução de 1905”, de 1909 (TROTSKY, 1987 p. 13-14); “A Revolução de Outubro” de 1918 (TROTSKY, 2017 p. 21) e “História da Revolução Russa” de 1930 (TROTSKY, 2017, p. 22).

mundo grego⁶⁵. Aqui, ao reivindicarmos o uso destas duas palavras greco-romana, estamos apenas preocupados em apontarmos para alguns dos desdobramentos possíveis de uma forma de produzir e reproduzir conhecimento, por isso: *matrix* epistemológica.

Todavia, acrescentamos a adjetivação: empobrecida. O que desejamos dizer?

A epistemologia da modernidade do século XVI é extremamente rica e importante, pois representa um salto na tentativa de entender o mundo e as coisas, em sintonia com os interesses da classe burguesa em ascensão. Seja na tradição racionalista cartesiana, na empiria de John Locke e David Hume, no método hipotético dedutivo de Immanuel Kant, entre outras contribuições. O que problematizamos aqui são os desdobramentos desta tradição epistêmica em nosso tempo presente, onde é possível identificar a redução formal do método desta tradição a um corolário a ser seguido pelos pesquisadores de hoje, extremamente empobrecido. De Francis Bacon à Kant, se ignora o caldo cultural em que todos estes pensadores estavam imersos, ou seja, ignora-se o acesso ao conhecimento historicamente acumulado que tiveram estes intelectuais, como se estes nos tivesse legado apenas algumas folhinhas e esquemas gráficos de “*power point*” sobre o método de investigação. Estes autores, dedicaram-se durante toda a vida para desenvolverem seus estudos e chegarem em determinados resultados. Uma trajetória da história do pensamento ocidental que em nosso tempo presente, é capaz de reduzir as contribuições desses autores a um formalismo sem precedentes na história, ou seja, a um conjunto de regras e

⁶⁵ *Episteme* no grego antigo se opunha a *doxa*, opinião. *Episteme* na República de Platão significa conhecimento verdadeiro.

procedimentos que caberiam em uma folha A4. Ridículo.

Todavia, o mais preocupante, é a naturalização desta vulgarização das contribuições epistemológicas. “*Não leio nada, não conheço nada de Kant*”, mas escrevo sem nenhum pudor que “*meu método é o hipotético-dedutivo*”. “*Ignoro absolutamente o que é epistemologia*”, mas digo sem nenhum problema, que “*estou desenvolvendo uma pesquisa científica acadêmica*”. Poderíamos incluir aqui um conjunto de afirmações, meras opiniões (*doxa*), que buscam estabelecer-se como verdades absolutas, de um conhecimento verdadeiro, sem nenhum fundamento na realidade. A matrix epistemológica vulgarizada não tem limites.

Nos últimos tempos, temos sido expostos com maior frequência a autoridades que pregam a negação do aquecimento global, a relativização e negação da origem da escravidão no Brasil, a exaltação da ditadura militar e do período conhecido como anos de chumbo, que, segundo essas correntes foi um “movimento” ou uma “revolução”, dentre outros absurdos que se tornam cada vez mais presentes nas discussões e nos pronunciamentos (MELO & SILVA, 2019).

Vivemos em uma sociedade decadente e neste compasso, observa-se a mais absoluta vulgarização do conhecimento. Nem mesmo a tradição epistemológica é capaz de ser apreendida (imagine então a tradição ontológica). Muitos estudantes universitários poderiam ser identificados como intelectuais “*made in CAPES*”⁶⁶ (MENEZES, 2019a). Esse tipo de formação “*made in CAPES*” é aquela onde o estudante se liga a mais absoluta formalidade da lógica reprodutivista na qual os docentes estão escravizados. O que importa é publicar, publicar, publicar um monte. Se o que publico é lido ou não,

⁶⁶ CAPES é uma fundação, ligada ao Ministério da Educação. A sigla significa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

se a minha produção tem alcance social ou não, se as pessoas de carne e osso são tratadas ou não (...), pouco importa, o que realmente importa é ter um Lattes (currículo) reforçado, com páginas e mais páginas, até se perder na tela. Vale tudo para o sujeito “*made in CAPES*”. Uma pergunta típica deste tipo de sujeito é: tem certificado? Uma decadência para o próprio campo da epistemologia. Esta é parte da *matrix* epistemológica do nosso tempo presente. Negá-la é um absurdo.

No ano de 2013, em edital do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), o projeto “Crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais”, foi rejeitado pela CAPES, através de parecer que não reconhecia do “Mérito Técnico-científico”, entre outros critérios da proposta, pois esta não se enquadrava, de acordo com o parecer da *matrix* epistemológica. Vejamos nos próprios termos da CAPES, que consta no recurso ao parecer do CAPES/PROCAD, publicizado em 2014:

Parecer: “Projeto afirma basear-se no método marxista histórico-dialética. Julgo q a utilização deste método não garante os requisitos necessários para que se alcance os objetivos do método científico” (os erros de digitação e concordância são do texto do parecer).

Parecer: “Considerando a metodologia a ser empregada – cujos requisitos científicos não tem unanimidade – a proposta pode ser considerada pouco relevante”.

Parecer: “Sim, entretanto, a formação proposta estaria no âmbito do método marxista histórico-dialético, cuja contribuição `a ciência brasileira parece duvidosa” (erro de digitação está no texto do parecer).

Parecer: “O consenso sobre a importância científica do projeto não é consensual” (CORREIO DA CIDADANIA, 2014).

A epistemologia empobrecida é aquela que considera de forma unilateral a produção do conhecimento, ignorando outras formas de organização e sistematização do processo de produção e reprodução

do conhecimento historicamente acumulado. Essa epistemologia empobrecida é típica das sociedades capitalistas decadentes, pois impõe aos seres (estudantes, pesquisadores, professores, operários, faxineiros, jornalistas, etc.) uma *matrix* que violentamente deve ser seguida por todos sob pena de marginalização, reprovação e exclusão.

Qualquer outra perspectiva de produção do conhecimento deve ser imediatamente identificada, neutralizada e eliminada. No reino da epistemologia barata, trava-se uma guerra. Temos o nosso lado na batalha das ideias e a *matrix* da epistemologia empobrecida não nos convence. Mas como a realidade pouco depende do que achamos ou desejamos, passemos a questão central destes breves apontamentos: O método da pesquisa, o sujeito e o objeto.

2.2 O que é método⁶⁷?

Propedeuticamente⁶⁸, podemos dizer que essa palavra, que também vem do grego, significa caminho que se faz⁶⁹. Mas que caminho? Trata-se do caminho que devo seguir para conseguir entender um objeto e produzir um conhecimento sobre ele? Ou do caminho que fiz ao proceder na análise de algum objeto? Aqui vamos colocar apenas duas vias, mas devemos considerar que este debate já está de pé há mais de 2500 anos.

Considerando a primeira assertiva, método seria então um caminho a ser percorrido pelo sujeito que investiga algo. Para isso,

⁶⁷ Método, na definição etimológica de Antônio Houaiss: gr. *méthodos*, ou pesquisa, busca, p.ext. estudo metódico de um tema', de *metá* 'atrás, em seguida, através' e *hodós* 'caminho'. Para uma definição aprofundada, ver as sugestões de leituras ao final, nas referências.

⁶⁸ No sentido de ensino/ensinar. Ensinaamentos preliminares para se entender algo.

⁶⁹ Mais uma vez, os doutores sabichões tenham paciência, estamos preocupados com os leitores que estão iniciando este debate.

segue-se um conjunto de regras e procedimentos que devem ser aplicados na busca do conhecimento. Uma espécie de *script*⁷⁰ de como proceder na pesquisa (não estou falando de normas da ABNT⁷¹, isso é outra coisa).

Neste caso, o conjunto de regras e procedimentos são passados para o investigador, seja por manuais, livros, aulas, etc. Diante do recebimento do que fazer e como fazer, se iniciaria a pesquisa, se sistematizaria os dados e no findar da aplicação dos procedimentos e regras, teríamos uma produção do conhecimento científico. Embora muito simplificadamente, em linhas gerais, é o que se espera.

Na segunda assertiva, o caminho é entendido de outra maneira. Falar de método, do caminho percorrido, só seria possível após a realização dele, ou ainda, ao desenvolver o caminho da investigação. Assim mesmo, só estaríamos autorizados a falar apenas do caminho realizado até certo momento da pesquisa. Nesta perspectiva, o caminho não está previamente dado através de regras e procedimentos, pois estes apenas poderiam ser apresentados ao passo que a investigação os cria, na medida em que a pesquisa sobre um objeto ou fenômeno for acontecendo, de acordo com a centralidade do objeto, ainda que o sujeito que investiga tenha papel fundamental durante o processo de pesquisa, ele precisa captar o movimento do objeto. Quem determina o caminho é o objeto, não a idealização do investigador.

⁷⁰ Do inglês *manuscript*, abreviado: *script*. Em português: manuscrito, escrito à mão ou ainda, roteiro.

⁷¹ABNT significa: Associação Brasileira de Normas e Técnicas. Quando estávamos terminando este texto, a Biblioteca Central da PUCRS divulgava a última “sensação do momento” nas redes sociais sobre normas de citação: “Como fazer referência de mensagem de *Whatsapp*”. Jamais confundir isso com método de pesquisa.

Colocado desta maneira, precisamos abordar agora um ponto extremamente importante: a relação entre sujeito e objeto.

3. O sujeito e o objeto

De René Descartes, David Hume, Immanuel Kant à sociologia de Émile Durkheim, há uma tradição que define sujeito como algo externo ao objeto e por sua vez, objeto como algo externo ao sujeito. Sob esta perspectiva, é o sujeito que diz o que é o objeto. Poderíamos dizer que a centralidade está no sujeito que conhece, pois é ele que diz o que é o objeto ou fenômeno estudado. O sujeito investigador é que determina o que é ou não é.

Sob outra perspectiva, a centralidade está no objeto e não no sujeito. Isso quer dizer que o conhecimento é determinado a partir do objeto, mesmo que o sujeito tenha papel fundamental. Todavia, são as determinações do objeto que são capazes de demonstrar o que ele é ou não. Neste caso cabe ao sujeito a ação de descobrir as múltiplas determinações da realidade, partido dela mesma, não do que ele acha ou pensa o que ela é.

Para ilustrar estas duas vias (perspectivas) de entender o método, pensemos em uma determinada situação em que o investigador se depara com a seguinte questão: o que é uma mercadoria (cadeira, sofá, pacote de arroz, copo, telefone, o corpo, etc.)?

3.1 Do sujeito

Na primeira perspectiva de método, o sujeito (investigador) é que determinará a resposta e para isso tem em suas mãos um conjunto de regras e procedimentos já estabelecidos que lhe fora transmitido para chegar a uma resposta. Neste caso, poderia partir de uma

definição⁷² já apresentada por outros pesquisadores que se tornariam seus referenciais de pesquisa. A mercadoria poderia ser entendida como um bem útil ao seu portador. A mercadoria seria uma coisa com utilidade para quem a possuísse, podendo até mesmo existir uma verdadeira coleção de mercadorias.

Ainda nesta perspectiva de caminho de entendimento do objeto, o pesquisador partiria de sistematizações já desenvolvidas sobre o objeto (mercadoria) para construir a sua sistematização do conhecimento. Para isso, consideraria as produções intelectuais já existentes sobre o seu objeto, aplicaria formulários já desenvolvidos para sistematizar a resposta sobre o que é e o que não é o objeto. Partiria de definições e conceitos pré-estabelecidos para dizer o que é ou não é a mercadoria. Assim, ao final, o sujeito teria dado a sua leitura, mesmo que a partir de outros referenciais, sobre o que ele entende o que é o objeto. Em outras palavras, o sujeito daria a sua resposta sobre o que ele entende ser o objeto, considerando o caminho que fez previamente para atingir uma resposta sobre a realidade investigada. Neste caso, é o sujeito que determina o que é a coisa, o objeto. É nele que se encontra a resposta (o que é a mercadoria?) sobre o objeto. Poderíamos afirmar: a centralidade está no sujeito e não no objeto.

3.2 Do objeto

Agora vejamos como se dá o conhecimento sob a outra perspectiva de método, onde a centralidade está no objeto e não no sujeito. Para isso, repetimos a pergunta: O que é uma mercadoria?

As propriedades da mercadoria cadeira estão nela mesma. O

⁷² Como dissertamos anteriormente, definição aqui no sentido de Marx: que não são definitivas.

pesquisador tem papel crucial na sistematização, mas o faz a partir das determinações do objeto. É o sujeito que descobre os elementos constitutivos da coisa, do objeto (as categorias do objeto). As categorias do objeto existem para além da subjetividade do pesquisador, elas são imanentes ao objeto, em outras palavras, as categorias já existem, independentemente da existência do sujeito que investiga.

O investigador busca descobrir um universo categorial sobre o objeto considerando a totalidade de múltiplas determinações que não se expressam na imediatez do objeto. Ao olharmos para a mercadoria cadeira, este objeto não nos diz se quem o fez foi um trabalhador indiano, paraguayo ou brasileiro. É através da investigação das determinações do objeto que se pode dizer o que ele é, como se constituiu. Estamos falando de explorar a constituição da coisa a partir das determinações dela e não a partir das minhas sensações do que ela é. A centralidade está no objeto.

Nesta perspectiva, não há receitas ou prontuários a serem seguidos, pois é a partir da investigação do objeto, das descobertas das categorias que constituem o objeto, que o investigador passa a ter um trajeto, um caminho, um método. Seria coerente falar de método, nesta perspectiva?

Sim, mas apenas na medida do desenvolvimento da investigação. Só seria possível falar do método da pesquisa a partir do momento que o investigador desse os primeiros passos rumo a totalidade que se constituiu o objeto estudado, ou ainda, após a “finalização” do percurso. A isso, Karl Marx chamou a atenção. Vejamos como o próprio Marx colocava a questão aos seus leitores no posfácio à segunda edição de O Capital:

É, sem dúvida, necessário distinguir o modo de exposição formalmente

do modo de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção a priori. Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1996, p. 140).

Citamos Marx aqui porque estamos convencidos de que esta perspectiva de entender e explicar o objeto é fundada por ele e influencia até os dias de hoje todas as áreas do conhecimento: concordemos ou não com estes pressupostos. Para o organizador do Exército Vermelho⁷³, “O método de Marx é materialista, pois vai da existência à consciência e não na ordem inversa. O método de Marx é dialético, pois observa como evoluem a natureza e a sociedade e considera esta como a luta constante de forças em conflito” (TROTSKY, 1988, p. 10)⁷⁴.

Estas duas perspectivas, aqui apenas esboçadas para um início de debate, são fundamentalmente antagônicas. Mas afinal, qual é a perspectiva certa, quem está correto?

A realidade existe? Ou aquilo que observamos, escutamos, tocamos, são apenas sensações, manifestações dos meus sentidos? Existiria uma universidade, um trovão, um grito, se não fosse a

⁷³ Exército de trabalhadores russos, quando do desenvolvimento da Rússia após 1917, organizado por Leon Trotsky.

⁷⁴ Últimos escritos de Trotsky, de 1939. Existe uma versão inglesa destes textos, uma republicação de 2006 e que tem por referência a publicação dos anos trinta em New York, “*The essential Marx*” (TROTSKY, 2006). Ver referências ao final.

centralidade dos meus sentidos? Esta perspectiva afirma que a única realidade é aquela que o sujeito capta, os objetos seriam representações sobre a realidade, sendo a realidade mesma apenas uma representação. Aqui, ao menos em nossa época, esta perspectiva nos conduz ao irracionalismo, típico da *matrix* epistemológica empobrecida.

Diante de tudo isso, como proceder diante da minha pesquisa de graduação, mestrado ou doutorado? Como proceder diante da minha organização (partido, por exemplo) as análises e caracterizações para estabelecer uma política correta, um caminho correto? Respondemos: sem receitas, pois é necessário entender, primeiro, o tecido social que pisamos; e segundo, ter conhecimento das perspectivas que postulo ou não postulo na sociedade de classes. Sem etapismos em relação a estes dois movimentos, pois são intrínsecos.

4. Da pesquisa

É preciso considerar a forma que chegamos a um espaço acadêmico de pesquisa⁷⁵, ou de organização política. Muitos chegam a pós-graduação, mas chegam a partir de uma noção muito superficial do que é uma pesquisa na chave epistemológica, como é cobrada hegemonicamente pelos 4.175 programas de pós-graduação espalhados pelo país. De acordo com a CAPES, em 2018 foram 114.867 alunos de pós-graduação, sendo 19.740 na grande área de ciências humanas⁷⁶. Considerando a *matrix* curricular durante o ensino básico, é razoável afirmar que a maioria destes alunos jamais estudaram sobre o método e a produção do conhecimento. Há exceções, mas aqui nos referimos a regra geral, ao todo e não apenas a

⁷⁵ Nos referimos aos programas de pós-graduação, lato sensu e stricto sensu.

⁷⁶ Consultar os dados (CAPES, 2019), referências ao final.

parte da realidade.

Milhares destes estudantes que ingressam em um programa de pós-graduação serão obrigados a desenvolverem uma pesquisa com normas pré-estabelecidas, em um princípio metodológico que também lhes é estranho. Muitos conseguirão, outros muitos adoecerão inevitavelmente. E, no final das contas, muitos destes adoecidos serão culpabilizados e classificados como incompetentes. Sem nenhum pudor, serão chamados de fracassados.

Também seria prudente considerar, em relação aos considerados “não fracassados”, que jamais entenderemos com profundidade um determinado objeto com dia e hora marcados, seja no programa de pós-graduação “a”, “b” ou “c”. Seria patético e infantil, acreditarmos que em um programa, fundado em regras e normas, prazos e punições, poderíamos desenvolver uma investigação profunda. Na melhor das hipóteses, poderemos iniciar um trabalho de longa duração. Todavia, se o pesquisador trilhar o caminho da centralidade do sujeito, levando até as últimas consequências esta perspectiva, se sentirá um deus, assim, tudo ele pode e poderá, sabe e saberá. E, neste caso, nem mesmo este livro existe, pois o sujeito, como uma espécie de “deus” o ignora. Eu não existo, você leitor não existe, nós nunca estivemos aqui. Afinal, quando o sujeito tem a centralidade sobre as coisas, as coisas podem se tornar aquilo que o sujeito entender sobre ela. O sujeito se torna um deus do reino da subjetividade epistemológica. Ele determina e manda que as coisas e objetos curvem-se diante da sua vontade e ao fazer isso está convencido de que a sua vontade será a realidade.

Diferente da centralidade do sujeito, a realidade não se curva para nossas subjetividades, vejamos como se refere a isso Leon Trotsky ao escrever sobre o método de Marx:

É completamente impossível buscar as causas dos fenômenos da sociedade capitalista na consciência subjetiva – nas intenções ou nos planos – de seus membros. Os fenômenos objetivos do capitalismo foram formulados antes que a ciência começasse seriamente a pensar sobre eles. Até hoje em dia, a maioria preponderante dos homens nada sabe acerca das leis que regem a economia capitalista. Toda a força do método de Marx reside em sua aproximação aos fenômenos econômicos, não do ponto de vista subjetivo de certas pessoas, mas do ponto de vista objetivo do desenvolvimento da sociedade em seu conjunto, do mesmo modo que um homem da ciência que estuda a natureza se acerca a uma colmeia ou um formigueiro (TROTSKY, 1988, p. 10).

A perspectiva marxiana⁷⁷ parte da realidade objetiva e não da subjetivação do sujeito sobre o mundo. Considera-se a subjetividade humana, mas não é ela que determina as coisas, inclusive a própria subjetividade humana. Há centralidade no objeto, não como apenas uma coisa isolada, como uma cadeira ou qualquer outra mercadoria, mas no desenvolvimento da sociedade, exterior aos desejos individualizados.

Mas já sabemos que a realidade é constituída por uma série de determinações, independentes da nossa vontade, do nosso querer, externa a nós. No reino da subjetividade, onde isso é ignorado, o sujeito⁷⁸ fica com cara de tacho diante dos fenômenos que não se curvaram para ele (a subjetividade dele), na realidade: ignoram a existência dele! Certamente este é o caminho menos difícil: a negação

⁷⁷ Aqui tratamos de breves apontamentos pertinentes. Para uma leitura aprofundada sobre esta perspectiva, sugerimos a leitura da tese de doutorado “*O conceito de história e tempo presente em Marx, através da crítica da economia política de 1859*” (MENEZES, 2015). Consultar referências ao final.

⁷⁸ Não confundir aqui com a culpabilização do indivíduo. Nossas problematizações sobre o sujeito que investiga não estão descoladas da posição de classes ao qual pertence. É preciso considerar o sujeito como ser social, não individualmente isolado.

da realidade.

Investigar uma realidade social é algo complexo e que exige muita dedicação e disciplina do investigador. Não se faz pesquisa (nem mesmo epistemológica) substantiva com uma receita previamente estabelecida por um conjunto de doutores, assim como um saco vazio, normalmente, não fica de pé.

Existe uma bibliografia extensa sobre os apontamentos que realizamos neste texto e que permanentemente busca atravessar o bloqueio da *matrix* epistemológica empobrecida. Aqui tratamos apenas de fazer apontamentos breves com o objetivo de suscitar reflexões que defendemos como pertinentes/necessárias. Não há apenas uma forma de pensar a produção do conhecimento. Considerar este fato é uma necessidade para aqueles que desejam realmente produzir alguma coisa. É preciso abandonar o estado de ignorância intelectual, mesmo para os que trabalharão em uma perspectiva epistemológica. Em relação aos “marxistas” que se encontram neste campo (da epistemologia empobrecida) o debate é mais catastrófico e vale a escrita de outro livro.

Aqui, esperamos ter cumprido o objetivo de apresentar algumas reflexões críticas sobre a epistemologia empobrecida, fundamentais para a compreensão de nosso livro sobre o método em Marx. No que tange a nossa escrita, também procuramos nos desviar da estética epistêmica esperada na academia, mas como dissertamos, não se deve ignorar a episteme, tampouco ser escravo desta perspectiva.

Escrever quebrando grilhões é também uma forma coerente de

se libertar⁷⁹ desta *matrix* epistêmica que impõe uma estética textual igualmente pobre, formalista e que atende a lógica da fábrica⁸⁰. Um tipo de escrita que é vetado ao estudante iniciante de graduação e mesmo de mestrado e doutorado. Existe na universidade uma fala “popular” (com variações) típica dos senhores de escravos, que orienta: “*só depois de receber a carta de alforria (se referindo ao título de doutor) é que você pode escrever qualquer coisa que desejar e do jeito que desejar, até lá, tem que seguir as regras, obedecer*”.

É proibido escrever com uma estética semelhante a que apresentamos aqui, pois ela seria “muito subjetiva, muito literária, muito solta”, partindo do pressuposto que o texto científico deveria ser objetivo e neutro. Mas a centralidade não estava no sujeito??? A nossa estética textual não é apenas a expressão, a forma que o sujeito deseja, mas o mais radical desdobramento da realidade social no qual o sujeito vive: a realidade material.

Observamos a existência de um grande cativo na universidade burguesa. Ele precisa ser atacado sem diplomacias, abertamente. Isso não significa atacar a universidade pública, mas os parasitas que dela se nutrem, o Estado como seu regente. Tampouco acreditar que a universidade pública de uma sociedade capitalista por ser diferente, sem uma revolução social. Significa pensar e agir na universidade de carne e osso, ou seja, uma universidade para além da

⁷⁹ Não nos enganemos, nenhuma revolução será feita quebrando grilhões textuais, com livros, projetos, palestras, aulas, ou coisa do tipo. Todavia, são instrumentos importantes na construção de uma perspectiva revolucionária, ao lado da ação direta da classe trabalhadora organizada, rumo a possibilidade de sua verdadeira liberdade.

⁸⁰ Sobre a “lógica da fábrica”, sugerimos a leitura do artigo originalmente publicado para Revista Caros Amigos, “A fábrica para além da fábrica” (2016), indicado nas referências deste livro (MENEZES, 2019b).

sociedade de classes decadente na qual sobrevivemos. Neste caso, a perspectiva marxiana se mostra mais viva do que nunca. É preciso viver.

Diante do exposto, precisamos observar como o método de Marx vem sendo divulgado entre seus vulgarizadores. Seja entre os militantes revolucionários, reformistas e mesmos entre os acadêmicos em suas pesquisas (alunos e professores). Neste último caso, nas mais diversas áreas do conhecimento, anunciam que “trabalham” com o método de Marx, mas ao olharmos mais de perto, o que observamos é um mero conjunto de palavras vazias onde se expressa: “meu método é o materialismo histórico dialético de Karl Marx”, ou ainda, “a partir do método marxista-leninista de Marx” (...), mas ao lermos estes textos, se constata a inexistência de referências do próprio Marx nas propostas de trabalho, recorrentemente, tratando-se de um ecletismo, típico do pluralismo metodológico. Pretendemos abordar estes aspectos no capítulo que segue. Acreditamos que desta maneira inseriremos nossos leitores para cada vez mais próximo de Marx e sua perspectiva de método. Passemos ao capítulo III onde apresentaremos um debate sobre o suposto método de Marx vulgarizado.

Observaremos que o problema central está para além de Marx ter dado nome ou não ao seu método. Se considerarmos a substância daquilo que ele chamava de método, veremos que o nome não é o principal, mas sim o seu conteúdo.

Em nome dos deuses, até hoje, se cometem diversas atrocidades. Em nome das ideias mais singelas de cortesia, milhares de mulheres são estupradas. Em nome da justiça se cometem milhares de genocídios. Também em nome de Marx, que não é deus, nem arauto da moral ou general de qualquer exército imperialista, promovem uma prática anti-Marx, distanciando-se daquilo que é de autoria do

revolucionário. Passemos então para o debate diante da catequese desenvolvida sobre Marx e o seu método científico.

CAPÍTULO III

MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO COMO UM MÉTODO ACADÊMICO EPISTEMOLÓGICO?

"O marxismo substituiu a vulgar classificação descritiva, que ainda floresce nas universidades, por uma classificação dialética marxista. Apenas mediante a utilização do método de Marx é possível se determinar corretamente, tanto o conceito do que seja um Estado operário, quanto o momento de sua queda" (TROTSKY, 2011, p. 85).

3.1 Uma rápida problematização sobre o método: uma nova teoria dos ídolos?

Talvez a tradição marxista, na sua maior parcela, não tenha feito a substituição a que se refere Leon Trotsky em nossa epígrafe acima. Parte desta tradição, entendeu e ainda hoje entende o método de Marx como um conjunto de normas e regras que, se seguidas, supostamente, seriam capazes de responder a qualquer fenômeno. Trata-se de uma tese ousada, pois estes termos não comparecem na produção marxiana como se costuma atribuir nos séculos XX e XXI⁸¹. Todavia, identificamos uma outra questão problemática: a própria compreensão do que é método para Marx e para àquele que pesquisa no tempo presente, a saber, o pesquisador que postula a instrumentalização do método marxiano, seja na graduação, mestrado e doutorado⁸², principalmente em relação a organização da classe

⁸¹ Trataremos (especificamente) sobre esta questão no capítulo V de nosso estudo, onde nos debruçamos sobre A Ideologia Alemã.

⁸² Aqui, diferente do epistemólogo que postula um conjunto de regras e normas pré-estabelecidos, nos referimos ao suposto marxismo que pensa a produção do

trabalhadora, através de movimentos sociais, sindicatos e partidos.

3.2 Lendas do marxismo-leninismo sobre o método, ou, uma nova teoria⁸³

A compreensão de método, do método marxiano, que postula a existência de um materialismo histórico e outro, um materialismo dialético, não consegue encontrar respaldo na pena⁸⁴ de Marx. Que pese o posfácio de 24 de janeiro de 1873, quando o autor apresenta um rápido debate com seus interlocutores, especificamente, com o periódico russo, “O Correio Europeu”, de São Petersburgo, um ano antes quando da publicação de artigo que tratava do método de Marx em *O Capital*. Neste posfácio, Marx se detém, em linhas gerais, em reafirmar o seu método dialético. Todavia, ele também reafirma o caráter, o fundamento materialista de seu método, ao referir-se ao livro de 1859 (Para a Crítica da Economia Política), “**onde eu expus a fundamentação materialista do meu método**”⁸⁵ (MARX, 1996, p.

conhecimento na mesma chave epistêmica a qual o próprio Marx se levantou contrário no século XIX.

⁸³ Teoria, aqui, no sentido popular, idealista ou até mesmo fantasia que se manifesta no mundo real.

⁸⁴ O leitor encontrará neste livro a palavra pena para fazer referência a escrita de alguns personagens, como Marx, Proudhon e Engels. É relativo ao material utilizado para escrever. O que conhecemos hoje por caneta (surgiu apenas em meados do século XX), não existia até a época de Marx. Durante muito tempo, os textos eram escritos com o bico de pena (isso mesmo, penas de animais), com a revolução industrial, se “popularizou” o uso do metal mergulhado na tinta com o objetivo de cumprir a mesma função, porém com maior durabilidade. A máquina de escrever só veio muito depois, em 1873, quando uma indústria de armas no Estados Unidos, a *Remington Arms Company*, decide investir na sua produção.

⁸⁵ Em alemão: “*wo ich die materialistische Grundlage meiner Methode erörtert habe, fährt der Herr Verfasser fort*”. Fundamentação materialista, aqui

138)”.

As considerações de Marx não autorizam a separação entre materialismo, o caráter histórico e dialético, como observamos na tradição marxista. Há radical distância entre o método dialético de Marx (*dialektische Methode*) e sua fundamentação histórica (ou seja, seu método histórico – *Geschichtsmethode* - apresentado em *A Ideologia Alemã*) e aquilo que posteriormente foi mecanicamente rotulado de “método materialista histórico e materialista dialético”. Esse tipo de divisão do seu método é de responsabilidade daqueles que vieram depois de Marx. Defendemos a tese de que tal fragmentação é absolutamente anti-Marx e não nos ajuda a entender a importante contribuição legada aos revolucionários para analisar e caracterizar a luta de classes.

Entendemos que o respaldo histórico para esta separação pode ser encontrado na tradição stalinista, bastante divulgada entre os partidos comunistas (PC's) a partir dos anos de 1930. Haveria um método marxista para a filosofia: o materialismo dialético; e, o método marxista para entender a história: o materialismo histórico.

Vejamos como isso é publicado em 1938, no texto de Josef Stálin, “Materialismo Histórico, Materialismo Dialético”:

O materialismo dialético é a concepção filosófica do Partido marxista-leninista. Chama-se materialismo dialético, porque o seu modo de abordar os fenômenos da natureza, seu método de estudar esses fenômenos e de concebê-los, é dialético, e sua interpretação dos fenômenos da natureza, seu modo de focalizá-los, sua teoria, é materialista.

O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo

“*Grundlage*”, como aquela camada que dá sustentação, alicerce. Desta forma, a fundamentação do método (*Methode*) jamais são separados. **(tradução nossa)**

dialético ao estudo da vida social, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história (STÁLIN, 1938).

Este tipo de vulgarização do pensamento de Marx é clássica. Em linhas gerais, se uma pesquisa possuir uma abordagem de cunho filosófico ou histórico, bastaria trabalhar a partir da perspectiva correta para produzir o conhecimento. Em outra pesquisa de doutorado já pudemos abordar esta questão e não é nosso objetivo repeti-la agora⁸⁶. A perspectiva marxiana nos legou um método radicalmente diferente do que esboçamos acima. É verdade que Engels escreveu sobre o materialismo histórico e dialético⁸⁷ (ENGELS, 1880)⁸⁸, mas não procedeu separando em partes, como fez a tradição stalinista.

A expressão **materialismo histórico e dialético**, que pese em alguns casos se tratar apenas de uma expressão, representa a vulgarização do conceito de método em Marx e que procurou em Engels uma forma de se justificar, obliterando tanto o pensamento de Marx e do próprio Engels.

A vulgarização do método em Marx é responsável, por gerações, para uma leitura anti-marxiana em vários aspectos. Vejamos o que se publicava na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

⁸⁶ Ver referência: MENEZES, 2015.

⁸⁷ Marx foi bastante comedido com o uso deste termo, assim como o próprio Hegel. Com o avanço da tradição marxista e seus divulgadores, o conceito de dialética passou a ser utilizado como uma mera palavra, muitas vezes vazia, utilizada para explicar algo que não se conhece bem, ou mesmo, não se sabe nada, mas que é usada para se referir a tudo que é complexo! Isso é uma desgraça e representa muito bem, em parte, o nosso tempo histórico.

⁸⁸ Nos referimos ao livro de 1880, “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, como parte de uma publicação maior, o “Anti-Dühring”. Ver referências ao final.

(URSS), especificamente no Dicionário Filosófico Marxista⁸⁹, uma espécie de “bíblia” do marxismo-leninismo, organizado por Mark Moisevich Rosental e Pavel Iudin em edição castelhana de 1946. O verbete “MÉTODO DIALÉCTICO MARXISTA” trata:

El método dialéctico marxista se caracteriza por los siguientes rasgos fundamentales[...]; Los cambios relacionados con la actividad práctica de los hombres. De las tesis "de la dialéctica marxista brota la serie de los más importantes principios rectores de la política y de la táctica, a los que siempre ha seguido y sigue el Partido de Lenin y Stalin. La dialéctica marxista-leninista, enseña que para llevar una política justa, hay que orientarse hacia los sectores de la Sociedad que se están desarrollando y que tienen un porvenir; hay que mirar hacia adelante y no hacia atrás, hay que ser revolucionario y no reformista, llevar una intransigente política proletaria de clase. Lenin y Stalin llaman a la dialéctica y al método dialéctico, el alma del marxismo. Toda la actividad teórica de Lenin y Stalin constituye la ulterior elaboración y concreción del método dialéctico de Marx y Engels (ROSENTAL e IUDIM, 1946, p. 218-219)⁹⁰.

É preciso considerar que este tipo de material era impresso e traduzido em vários idiomas, distribuídos por todo aparato editorial da URSS. No caso citado, o Dicionário faz consolidar a vulgarização já

⁸⁹ São variadas as edições deste Dicionário soviético, sendo a primeira de 1939. Até 1965 os verbetes sofrem constantes modificações de acordo com os interesses da política stalinista, mesmo após a morte de Stálin em 1953.

⁹⁰ Tradução livre em português: O método dialético marxista se caracteriza pelos seguintes traços fundamentais [...]; As mudanças relacionadas com a atividade prática dos homens. Das teses “da dialética marxista nasce a série dos mais importantes princípios redatores da política e da tática, aos que sempre vem seguindo e seguem o Partido de Lenin e Stálin. A dialética marxista-leninista, ensina que para levar uma política correta, há que se orientar aos setores da Sociedade estão em desenvolvimento e que possuem um futuro, devemos olhar para frente e não para trás, devemos ser revolucionários e não reformistas, levar uma intransigente política de classe proletária. Lenin e Stálin chamam a dialética e o método dialético de alma do marxismo. Toda a atividade teórica de Lenin e Stalin constitui a posterior elaboração e concretização do método dialético de Marx e Engels.

existente desde os anos iniciais da URSS uma ideia de método ligada às “leis da dialética”, sendo elas necessariamente quatro. A definição do dicionário⁹¹ coloca estas leis em formatos pré-estabelecidos, prontos para serem aplicados de forma evolucionista e metafísica. Marx era radicalmente o contrário desta perspectiva. E o verbete termina de modo clássico apresentando Stálin ao lado de Lênin, como o grande formulador do método dialético, o que mais demonstra o culto à personalidade do que dissertando sobre o método. No mesmo ano de 1946 é publicada outra obra de referência stalinista, de autoria de Rosental, sob o título “Método Dialético Marxista” (ROSENTAL, 1946), em castelhano. Este trabalho, juntamente ao dicionário, talvez represente uma das principais vulgarizações do pensamento de Marx, expressando bem o que foi o pensamento anti-marxiano e suas recepções para além de Moscou.

No Brasil, Caio Prado Junior reconhece a obstrução realizada por esse tipo de marxismo, embora este também tenha os seus limites ao se referir à normas pré-estabelecidas para um conhecimento científico, todavia, vejamos nas palavras do próprio historiador e militante do Partido Comunista Brasileiro:

[...] Afinal, ainda é de se perguntar, do que se trata quando falamos em “método dialético”?

A consulta aos verbetes DIALÉTICA e MÉTODO, combinando-se entre si, de uma obra em princípio tão autorizada (pelo menos a título de balanço e súmula da situação) como o Dicionário de Filosofia editado por M. Rosenthal e P. Iudin sob os auspícios do Instituto de Filosofia de Moscou, e traduzido na própria União Soviética em vários idiomas, pode bem dar a medida da falta de rigor e precisão, e mesmo da ambiguidade que reina no assunto. Isto é naturalmente lastimável. [...] A dialética

⁹¹ Aqui em um sentido diferente daquele dado por Marx: a definição de dicionários que pretende ser definitiva (embora saibamos que nem mesmo as definições de dicionários são para sempre, definitivas, eternas e imutáveis).

materialista deve ter uma finalidade prática, tornando-se efetivamente (e não apenas por intuição e vago pressentimento) um método explicitado capaz de orientar a elaboração do Conhecimento e a pesquisa científica. Isto em qualquer terreno. E o Dicionário que citamos, bem como a generalidade das obras que tratam da matéria, na União Soviética ou fora dela, não nos trazem infelizmente grande auxílio para alcançarmos esse objetivo (PRADO JUNIOR, 1973, p. 41-42).

A honestidade intelectual de Caio Prado Junior⁹² é admirável, pois se trata de um militante comunista na contramão da cartilha stalinista no Brasil. Estamos convencidos que este é um aspecto importante para entendermos as críticas realizadas no interior das organizações comunistas na América Latina em relação às ordens enviadas de Moscou pela *intelligentsia* burocrata. Caio Prado faz a crítica pública à vulgarização do pensamento de Marx, a partir do interior do PCB, contrariando o Comitê Central do Partido”.

Diante desta miríade de deformações do pensamento de Marx, ainda sobre esta separação epistemológica, para além do ensaio de Stálin, dos materiais organizados por Rosental e Iudin, identificamos também leituras supostamente mais sofisticadas sobre a separação entre “materialismo histórico” e “materialismo dialético”. Referimo-nos a Louis Althusser em seu ensaio quase homônimo ao de Stálin: “Materialismo histórico e materialismo dialético”, de 1969, quando se refere a “dupla revolução teórica de Marx”, onde o “materialismo histórico é a ciência da história”⁹³:

⁹² Existe um estudo realizado por Caio Prado Junior que ao nosso entendimento ainda carece de maior atenção. Trata-se de seus trabalhos sobre a dialética, o método de Marx, mas que para este momento não pudemos nos debruçar com profundidade. Nos referimos ao tomo I de “Dialética do Conhecimento: preliminares pré-história da Dialética” (PRADO JUNIOR, 1960).

⁹³ Utilizamos a tradução de Elisabete A. Pereira dos Santos, publicada pela Global Editora, em 1979 no Brasil e que tem por base a tradução em língua espanhola,

Detalhando um pouco mais podemos dizer que o materialismo histórico tem por objeto os modos de produção que surgiram e que surgirão na história. Estuda sua estrutura, sua constituição e as *formas de transição* que permitem a passagem de um modo de produção para outro (ALTHUSSER, 1979, p.34).

E, continua afirmando que “o materialismo dialético é a filosofia marxista”:

A situação privilegiada de Marx na história do saber humano é devida a que ao fundar esta nova ciência (a ciência da história), criou *ao mesmo tempo* outra disciplina teórica: o materialismo dialético ou filosofia marxista.

Não existe, de fato, nenhuma comparação entre a amplitude e sobretudo o rigor dos textos que tratam da ciência da história e dos textos que tratam do materialismo dialético. Nem Marx nem seus sucessores nos deixaram nada que possa ser comparado nem de longe a O Capital. [...] Desta forma, posto que nos propomos a definir a filosofia marxista, ficamos numa situação particularmente difícil. Se por um lado, a tradição marxista, afirmada indubitavelmente por Marx, Engels e Lenin, não nos deixa dúvida alguma quanto a existência de uma filosofia marxista distinta do materialismo histórico, por outro, só recebemos esta filosofia *indiretamente* e portanto é só indiretamente que podemos chegar até ela (ALTHUSSER, 1979, p.38).

Althusser é claro ao afirmar a distinção entre MH e MD. O primeiro trata da ciência da história de Marx, o segundo da filosofia da história. Em seu ensaio, afirma a existência implícita do materialismo dialético como a filosofia marxista que se expressa nas obras de Marx, Engels e Lênin. Todavia, não demonstra isso em seu ensaio⁹⁴, apenas espera que o leitor lhe dê crédito diante de sua tese.

publicado pela coleção de 98 volumes (vol. 8) *Cuadernos de Pasado y Presente*. Ver referência ao final.

⁹⁴ Não apenas neste ensaio popular (que inicialmente circulou em língua espanhola, Coleção *Cuadernos de Pasado y Presente*, primeira edição em 1969– de onde vem a tradução para o português), de divulgação, mas em seus textos de maior

É verdade que o texto de Althusser não pode ser analisado tão brevemente, o mesmo se dá com o ensaio de Stálin (radicalmente pobre e repleto de erros). Mas para nossos objetivos, citá-los é de fundamental valor, pois são textos que até hoje influenciam intelectuais da tradição marxista vulgar⁹⁵ e que de alguma forma também buscaram entender a realidade social capitalista, mesmo provocando graves distorções para o entendimento da realidade e da movimentação política da classe trabalhadora, mundialmente, no caso do stalinismo⁹⁶. Nosso objeto é o método em Marx e a breve citação acima é fundamental para empiricizarmos o reducionismo desdobrado de nosso objeto de investigação.

Ainda, o conceito de método de Marx não dialoga com a ideia de método vigente na academia. Ao contrário disso, se opõe

envergadura Althusser defende e apresenta suas teses, como é o caso em “A Favor de Marx”, onde sustentara “uma revolução teórica em andamento” (ALTHUSSER, 1979, p. 150).

⁹⁵ Vulgar no sentido que ignoram, no caso althusseriano, a crítica que o próprio filósofo fizera a sua produção do período, durante os anos 70, mesmo não abrindo mão do “corte”. Althusser escreve: “Lamento, mas não cederei sobre este ponto. Já disse que há necessidade de interpretar o ‘corte’ sem reduzi-lo, mas vejamos como as coisas se passam: eu o reduzia a uma simples oposição racionalista-especulativa; porém, a maioria de meus críticos *o reduzem a nada!* engomado, apagado, rasurado, negado” (ALTHUSSER, 1978, p. 81). Trata-se de uma autocritica que mais reafirma do que nega.

⁹⁶ O stalinismo foi um fenômeno político que a partir dos anos de 1930 se emblemizou, embora possa ser identificado ainda na segunda metade da década de 1920. Refere-se ao processo de burocratização do “Estado operário/Estado soviético” e vulgarização do pensamento de Marx, Engels e Lênin que conduziu a União Soviética à restauração do capitalismo. Este fenômeno foi dirigido por Josef Stalin, daí o nome stalinismo. Todavia é preciso dizer que o stalinismo não é um fenômeno individual da personalidade de Stálin, mas um conjunto de encaminhamentos equivocados, sob a direção da burocracia liderada por Stálin.

radicalmente a ele. É verdade que Marx se refere a um método, mas o faz sob marcos muito claros. Se refere ao “método da economia política” e ao passo que o faz, apresenta o seu método de investigação e de exposição, o que seria para ele o método correto. O método em Marx não é o método da Economia Política Clássica, nem o método dos economistas vulgares, nem mesmo o método de Hegel (embora opere em uma chave ontológica). Marx subsumi⁹⁷ todas estas perspectivas acerca do método para dar vida a sua perspectiva de método.

O método de Marx não é o método da matrix epistemológica da burguesia. Como já abordamos no capítulo II, Marx não escreve (das poucas vezes que o fez) sobre o método como fizera pensadores de sua época, ou mesmo acadêmicos posteriormente no século XX e XXI. Aqui reside a diferença entre epistemologia e ontologia que tratamos no capítulo I desta investigação⁹⁸. Não é possível esquartejar o suposto método de Marx para que o mesmo se enquadre na perspectiva epistêmica que se consolidou a universidade na sociedade capitalista. Ao menos, não se faz isso sem profundas lesões e fraturas irreparáveis do pensamento revolucionário de Marx.

⁹⁷ Relativo a subsumir. Marx subsumi, por exemplo, o método da economia política. Isso significa que ao passo que estabelece a crítica, também incorpora, superando o objeto da crítica. Em língua portuguesa o advérbio através e o verbo atravessar nos dá uma noção da subsunção que nega, incorporando e superando, passando por. Em alemão, nos Manuscritos de Paris, Marx utiliza o verbo *aufheben* e o substantivo *Aufhebung*, respectivamente, supra-sumir e supra-sunção, de acordo com tradução de Jesus Ranieri para língua portuguesa.

⁹⁸ Para a tradição que nega uma ontologia marxiana, existiria uma metodologia marxista, ou ainda, chamada de epistemologia marxista, ou mais genericamente, perspectiva metodológica de Marx. Todas estas definições se inserem em um emaranhado de leituras de Marx e que compõe o que chamamos em nossa pesquisa de tradição marxista.

Em nome do método de Marx, muito já se escreveu e pesquisou, e se esta produção realmente tem sintonia, ou seja, coerência, com o proceder marxiano é a história que responderá. No caso da tradição stalinista a resposta já fora dada, na medida da degeneração do Estado operário na URSS e a restauração capitalista, ambos os fenômenos analisados e caracterizados por Leon Trotsky ainda nos anos 30.

Hoje, em nosso tempo presente, o método de Marx é reivindicado por muitos pesquisadores, jovens ou veteranos. Na maioria das vezes de forma vulgarizada, como se Marx fosse um pesquisador da CAPES, preocupado com a produtividade que deve ser publicada no currículo Lattes.

3.3 É possível utilizar o método de Marx na academia hoje?

Frequentemente esta pergunta é realizada por alunos de graduação e pós-graduação. É preciso ser prudente ao tentar responder esta questão. Porém, é preciso ser enfático em responder: o suposto método de Marx não cabe nos padrões pré-estabelecidos da academia. O proceder de Marx para a investigação está diretamente associado a perspectiva de vida do autor e Marx não se dedicou a pesquisa como a maioria das pessoas se dedicam nos dois últimos séculos. Ignorar esta factualidade é colaborar com o pensamento que há séculos vem tentando destruir a plataforma política desenvolvida por Marx. O proceder marxiano serve a um propósito muito claro: a revolução social.

Considerando este aspecto central do pensamento de Marx, podemos retornar a questão: É possível utilizar o método de Marx na academia, ou mesmo fora dela, para entendermos o desenvolvimento combinado em nosso tempo presente?

Se se está evidente que o método de Marx não é um método fechado e que este suposto método é incompatível com o seu proceder, digamos, metodológico, o máximo que conseguiríamos é apresentar uma pesquisa, um trabalho de investigação com grandes limites⁹⁹. Conscientes de que este possível trabalho, repleto de lutas internas no âmbito de um programa¹⁰⁰, deveria se conectar com a realidade social, no sentido da construção da revolução social, uma pesquisa poderia ser desenvolvida na perspectiva marxiana. Todavia, se a pesquisa, mesmo que inspirada no método de Marx sirva apenas para a carreira individual, certamente estaremos diante de uma quimera.

É preciso esclarecer ao nosso leitor que o que apresentamos aqui não é o nosso ponto de partida, mas o ponto de chegada¹⁰¹. Apresentamos os resultados de um caminho de investigação sobre o método em Marx que nos permite atravessar a trajetória de Marx, avançando e recuando no tempo. Por mais que apresentemos uma linha de raciocínio que pode parecer cronológica em relação as obras estudadas, nossas considerações sobre o método em Marx não se estabelecem escravas de uma linha do tempo. Todavia, é necessário reafirmar que Marx não nasce marxista e que o seu método não surge pronto e acabado. Há um longo caminho (*Weg*) na construção do método, na identificação de categorias da realidade e na construção de sua perspectiva histórica. Sua perspectiva de método não foi construída em uma ou outra obra, mas percorre toda sua trajetória que se fez revolucionária. Procuramos contribuir, neste sentido, para uma compreensão do revolucionário alemão e que não se limite à cartilha

⁹⁹ E ter consciência destes limites também é considerar a sua importância diante da realidade.

¹⁰⁰ Programa, aqui, no sentido de programa de pós-graduação.

¹⁰¹ Debateremos isso no capítulo IX deste livro.

religiosa. Trata-se de um esforço necessário, não de um estudo diletante que busca holofotes para sustentar-se como o bastião do marxismo revolucionário em nosso tempo. É uma ferramenta revolucionária, não uma receita para ganhar títulos e morrer de fome. Muitos trabalhadores continuam sendo assassinados diante da crise capitalista e da pandemia. É necessário que a burguesia morra de uma vez por todas. O proletariado é a única classe capaz de fazer isso.

Se os nossos alunos, camaradas partidários e todos os militantes de movimentos sociais, interessados em Marx, considerarem importante entender o método marxiano, considerarão também que isso só é possível indo ao próprio Marx. Pode parecer óbvio, mas o número de pessoas que falam do método de Marx sem nunca terem lido nada de método em Marx é assustador.

A partir do que foi exposto até aqui, é preciso agora trazer o próprio Marx para nos esclarecer o que é este suposto método atribuído a ele. O que é o método em Marx? Para isso, apresentamos parte do percurso de Marx sobre a sua crítica revolucionária, em construção, ao menos desde 1844. Nossa análise perpassará o conjunto de obras já anunciadas ao nosso leitor. Reafirmamos não se tratar de exegese das obras, mas de elencarmos momentos que julgamos significativos para entendermos o conceito de método em Marx e nos distanciarmos de um conjunto de mitos que até hoje são tratados como a mais linda flor da realidade. Assim, seguimos com os Manuscritos de Paris.

CAPÍTULO IV

OS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS E O MÉTODO EM MARX

Após este breve percurso apresentado aos leitores através de nossas problematizações nos três primeiros capítulos deste livro, fundamentais para apresentarmos parte da realidade que nos motiva entender as contribuições de Marx sobre o método, passemos ao centro dos nossos estudos.

Nem de longe nos ocorreu a pretensão de esgotar os textos de Marx. Seria impossível. Elencamos a apresentação de aspectos do nosso objeto que são fundamentais e determinantes para o estudo sobre o método em Marx. Trata-se da exposição da pesquisa ao leitor. Seguimos assim com os manuscritos de Marx.

4.1 Texto e contexto

É preciso fazer a localização desta nossa fonte de investigação. Os Manuscritos econômico-filosóficos, também conhecidos como Manuscritos de Paris¹⁰² fora escrito em 1844 quando da estadia de Marx¹⁰³ na França. Há referências aos estudos desse período no Prefácio de 1859: “[...]. *Comecei o estudo desta matéria em Paris, mas tive que continuá-lo em Bruxelas, para onde me transferi em*

¹⁰² Não confundir com os Cadernos de Paris, também escritos em 1844, mas que antecedem neste mesmo ano os Manuscritos econômico-filosóficos/Manuscritos de Paris. Neste caso (dos Cadernos de Paris) se trata de notas de leituras, ao nosso ver, fundamentais para entender os Manuscritos econômico-filosóficos. No Brasil, apenas em 2015 os Cadernos de Paris foram publicados integralmente, juntamente com os Manuscritos, pela Editora Expressão Popular.

¹⁰³ Nesta data, Marx tinha 26 anos de idade.

*consequência de uma ordem de expulsão do sr. Guizot [...] (MARX, 2005, p. 51 - 52)*¹⁰⁴.

Os Manuscritos econômico-filosóficos, são anotações, rascunhos textuais referentes aos estudos sobre a Economia Política e à filosofia idealista alemã. Marx nunca os publicou em vida. Este empreendimento marxiano representa o aprofundamento de sua crítica ao seu tempo presente, onde irá, já em 1844, registrar o momento de sua crítica à sociedade capitalista através de clássicos como Adam Smith, David Ricardo, Jean Baptiste Say e Georg Hegel, atravessando os seus limites de análise e caracterização¹⁰⁵ da realidade. Um trabalho de importância para Marx, que, mesmo em 1859, faz questão de apresentar ao leitor suas preocupações de 1844. Ainda nas palavras de Marx:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais (MARX, 2005, p. 52).

Nos Manuscritos, é possível verificar sua preocupação com o método e a análise de categorias fundamentais da sociabilidade

¹⁰⁴ Marx está se referindo à Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel, escrita entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844, publicada nos Anais Franco-alemães em fevereiro de 1844. Os Manuscritos econômico- filosóficos, são de agosto de 1844.

¹⁰⁵ Análise e caracterização são conceitos que utilizamos durante a investigação do nosso objeto. Nos referendamos diretamente as elaborações de Leon Trotsky em sua obra, especificamente, História da Revolução Russa de 1930 e A Revolução Traída de 1937, onde o autor não apenas define o que é uma análise e caracterização, mas apresenta ao leitor os elementos constitutivos destes dois conceitos ao passo que trata da Rússia e o processo revolucionário.

capitalista, onde aponta os limites dos seus interlocutores, mesmo que fortemente ainda ligado a eles (Hegel e Feuerbach). Marx faz isso através da crítica em um sentido bem definido: a superação (*aufheben*). Não tratando-se de superação no sentido unilateral, mas aquela que necessariamente nega, conserva e eleva. Esta perspectiva de crítica em Marx, já a encontramos neste início dos anos quarenta. Vejamos como ele se refere um ano antes, 1843¹⁰⁶, na Crítica da Filosofia do Direito de Hegel:

[...] A verdadeira crítica, em vez disso, mostra a gênese interna da santíssima trindade no cérebro humano. Descreve seu ato de nascimento. Com isso, a crítica verdadeiramente filosófica da atual constituição do Estado não indica somente contradições existentes; ela esclarece essas contradições, compreende sua gênese, sua necessidade. Ela as apreende em seu significado específico. Mas esse compreender não consiste, como pensa Hegel, em reconhecer por toda parte as determinações do Conceito lógico, mas em apreender a lógica específica do objeto específico [...] (MARX, 2010, p. 108).

Os Manuscritos possuem peso forte na construção do ideário de Marx, fundamental para compreendermos a construção de sua perspectiva histórica, tão fundamental para o que chamamos aqui de seu método. Trata-se de um momento marcante para a constituição do que chamamos hoje de pensamento marxiano. Que pese a forte influência humanista de Ludwig Feuerbach, isso não quer dizer que os manuscritos devam ser ignorados, muito menos inferiorizados em relação aos textos de um velho Marx, mas entendidos no seu tempo histórico. Neste sentido, negar o humanismo de Marx, do suposto

¹⁰⁶ No texto escrito em dezembro de 1843 em Paris, “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Introdução”, Marx registra pela primeira vez a existência do proletariado e das classes sociais. Representa um avanço importante rumo ao Marx revolucionário, que certamente a editora brasileira Boitempo faz questão de anacronizar.

jovem Marx a favor das contribuições do Marx maduro, científico, nos parece a reprodução epistêmica que postula o pronto e acabado em detrimento do processo de constituição das coisas. É preciso considerar que é o Marx de 1859 fazendo referência aos Manuscritos de 1844, não podemos ignorar isso.

Um conjunto de lendas desenvolvidas pelo stalinismo no século XX apresentará um “Marx marxista”, o “Marx marxista-leninista” desde 1843/44, pronto e acabado. O desdobramento será a perseguição e assassinado de militantes que procuravam entender Marx em seu processo, inacabado, em movimento e incompletude. Foi o caso de David Riazanov (fuzilado em 1938), e o acentuar de um longo processo de falsificações do pensamento de Marx que até hoje possui desdobramentos.

A verdade é que Marx neste momento é um liberal radical, um humanista, um estudioso da economia política, além de desempregado. E é também verdadeiro que é neste momento histórico que se processará mudanças substanciais na constituição do pensamento de Marx. Colocar uma linha divisória entre o liberal radical e o revolucionário nos parece bastante artificial e mecanicista. Por isso é preciso considerar o processo, a constituição, pois o ser não se estabelece de forma tão simples e notória, por mais que possamos identificar aspectos emblemáticos, marcantes da constituição do pensamento.

É em Paris que Marx travará contato com parte da vanguarda do movimento socialista e estabelecerá uma relação com o proletariado de carne e osso. Antes disso, o próprio Marx se refere aos anos de 1842/43, quando era redator da Gazeta Renana como era vago o seu entendimento sobre o comunismo:

Além do mais, naquele tempo em que a boa vontade de "ir a frente"

ocupava muitas vezes o lugar do conhecimento do assunto, fez-se ouvir na *Gazeta Renana* um eco de fraco matiz filosófico do socialismo e comunismo francês. Eu me declarei contra essa remendagem, mas ao mesmo tempo em uma controvérsia com o *Jornal Geral* de Augsburg (*Allgemeine Augsburger Zeitung*) confessei francamente que os meus estudos feitos até então não me permitiam ousar qualquer julgamento sobre o conteúdo das correntes francesas (MARX, 2005, p. 50-51).

Em outubro de 1843, em França, Moses Hess e George Herwegh promoverá o contato de Marx com organizações de exilados alemães. Marx conhecerá dirigentes revolucionários como Heinrich Heine, Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin¹⁰⁷ com quem passará a manter contatos. É também em Paris que Marx reencontrará Engels, em condições diferentes do primeiro encontro em novembro de 1842 na redação da *Gazeta Renana* em Colônia. O primeiro contato com o filho de um industrial renomado¹⁰⁸ fora marcado pela crítica à Engels associando-o aos idealistas Bruno Bauer e Edgar Bauer. Já no segundo, Marx se encontrava admirado com as contribuições de Engels, principalmente sobre seu “Esboço para a crítica da economia política”¹⁰⁹ de 1844. Situação que superada a aparência, ainda em Paris,

¹⁰⁷ Passado mais de 100 páginas do nosso livro, esperamos que o nosso leitor já tenha notado que os nomes que nossas referências apresentam, são predominantemente de homens. Não existiam mulheres? Não havia mulheres revolucionárias, humanistas, idealistas, utópicas, reformistas, ou de qualquer matriz? Isso não pode passar batido entre nós, leitores do século XXI. Aonde é que estavam as mulheres? Por que elas aparecem muito raramente? Sugerimos a leitura da pesquisa de Nataly Batista de Jesus, intitulada: “A luta das mulheres no processo da revolução russa de 1917: apontamentos para a formação de consciência de classe a partir da Psicologia Histórico-Cultural”, (JESUS, 2022).

¹⁰⁸ O pai de Engels (também chamado Friedrich Engels) era proprietário industrial do setor têxtil em Barmen/Manchester, uma fábrica de fiação (também moinho de algodão), juntamente com Peter Erman, eram comerciantes e industriais. Esta sociedade se chamava Ermen & Engels.

¹⁰⁹ Engels tinha apenas 23 anos de idade.

se consolidou essencialmente, a partir de Bruxelas¹¹⁰, em uma relação de camaradagem e colaboração militante que se aprofundou até o final de suas vidas. Antes disso, na estadia francesa, Marx se dedica ao material que debruçamos agora.

Os Manuscritos econômico-filosóficos ficaram ocultos até o início dos anos 30 do século XX, no que diz respeito a publicação integral deste material. A publicação completa do Manuscrito fora possível sob a supervisão de David Riazanov¹¹¹ em 1932 na **Marx-Engels Gesamtausgabe**¹¹² (MEGA¹¹³), em Berlim¹¹⁴. A maioria dos grandes revolucionários jamais tiveram acesso a este material, que julgamos ser fundamental para entender o pensamento de Marx. Como pensaria Lênin se o tivesse estudado? Jamais saberemos, inútil se deter a isso. O mais importante é como esta fonte pode auxiliar em

¹¹⁰ Marx se encontrava em território belga por conta da expulsão da França pelo governo do primeiro ministro François Pierre Guizot.

¹¹¹ David Riazanov, ou seja, David Borisovich Goldendach, também utilizava os codinomes: Ryazanoff ou Budoved. Assassinado em 1938.

¹¹² Tradução livre para o português: edição completa, total, global das obras.

¹¹³ Sigla das iniciais em alemão: **Marx-Engels Gesamtausgabe**.

¹¹⁴ Referimo-nos a primeira MEGA, ou MEGA¹, iniciada nos anos 20 (século XX) até os anos 30 sob direção de Riazanov. Fora desgraçadamente interrompida pelo stalinismo, resultando na perseguição, prisão, exílio e assassinato dos membros do Instituto Marx – Engels (momento da história conhecido como “O grande expurgo” (iniciado em 1934), inclusive de Riazanov, em 1938. Sobre esse fenômeno, o stalinismo, e a política absolutamente reacionária dirigida por Joseph Stálin contra toda e qualquer crítica à direção burocratizada, sugerimos a atenção de nossos interlocutores para os campos de concentração desenvolvidos neste período, como o campo de trabalhos forçados em *Vorkuta* na Sibéria, onde milhares foram assassinados (VORKUTA, 2020). No total, aproximadamente, se estima entre 15 a 18 milhões de prisioneiros onde 1,5 milhão perderam suas vidas (segundo o Instituto público para o Estudo de Regimes Totalitários da República Tcheca em Praga).

um estudo sobre o método em Marx e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento combinado em nosso tempo presente.

Antes de responder esta problematização, a principal em nossa pesquisa de pós-doutoramento, vejamos o que uma das pessoas que trabalharam diretamente com estes manuscritos nos anos de 1931 tem a nos dizer. Trata-se de uma entrevista realizada¹¹⁵ pelo historiador inglês Perry Anderson (PA), seu interlocutor era György Lukács (GL):

PA: Depois da vitória do fascismo na Alemanha, você trabalhou no instituto Marx-Lenin na Rússia com Ryazanov. O que você fez lá?

GL: Quando eu estava em Moscou em 1930 Ryazanov me mostrou os manuscritos que Marx escreveu em 1844 em Paris. Você pode imaginar minha empolgação: ler aqueles manuscritos mudou totalmente minha relação com o marxismo e transformou minhas perspectivas filosóficas. Um acadêmico alemão da União Soviética estava trabalhando nos manuscritos, arranjando para sua publicação. Os ratos haviam atacado os manuscritos e haviam várias partes nas quais letras e até palavras estavam faltando. Graças ao meu conhecimento filosófico, trabalhando com ele, estabelecendo quais eram as letras e as palavras que estavam faltando: frequentemente haviam palavras que começavam, digamos, com “g” e terminavam com “s” e ninguém sabia o que havia no meio. Acho que a elaboração que eventualmente saiu era bastante boa – posso dizer isso porque eu colaborei com a edição. Ryazanov era responsável por esse trabalho e era um ótimo filólogo, não um teórico, mas um grande filólogo. Após a sua remoção, o trabalho no instituto também desapareceu. Eu lembro de ele ter me dito que haviam dez volumes dos manuscritos de Marx para O Capital que nunca haviam sido publicados. Engels, com certeza na sua introdução ao segundo e terceiro volumes disse que eram apenas uma seleção de manuscritos sobre os quais Marx estava trabalhando. Ryazanov organizou a publicação deste material. Mas até agora ainda não apareceu nada.

No início dos anos trinta, é evidente que haviam debates filosóficos na

¹¹⁵ Entrevista realizada em 1968 na cidade de Budapeste e publicada na *New Left Review* em 1971 na cidade de Londres.

URSS, mas eu comparei neles. Houve um debate no qual o trabalho de Deborin foi criticado, então eu pensei, corretamente, que o propósito daquele criticismo eram apenas para impor a preeminência de Stalin como um filósofo (LUKÁCS, 1971).

David Riazanov teve papel fundamental na organização das obras de Marx e Engels. Inicialmente como colaborador no Partido Social Democrata da Alemanha (SPD)¹¹⁶, onde fora desenvolvido o primeiro projeto de organização das obras, e, posteriormente, como responsável a partir dos trabalhos em Rússia no Instituto Marx e Engels em Moscou.

Ainda no século XIX, os partidos na Alemanha não demonstravam total preocupação com este trabalho de organização. Ligamos a isso o fato de grande parte dos dirigentes do SPD capitularem ao reformismo, já promovendo deformações no pensamento de Marx, e ainda, o trágico posicionamento do SPD diante do desdobramento da Primeira Guerra Mundial, alinhando-se ao governo alemão em sua guerra imperialista.

Na Rússia, diante de toda situação revolucionária e as revoluções de 1917¹¹⁷, em meio a Guerra Civil, poderíamos imaginar uma letargia nestes trabalhos, mas a realidade histórica foi outra. A partir da Revolução de Outubro, os trabalhos de organização das obras completas de Marx e Engels tiveram um salto fundamental com a criação da “Comissão Marx” e com a fundação do Instituto Marx e Engels (IM&E) em 1921, contando agora com todo aparato estatal revolucionário para a realização dessa tarefa que se deslocava de

¹¹⁶ Sigla em alemão de: *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*. Tradução livre para o português: Partido Social Democrata da Alemanha.

¹¹⁷ Referimo-nos a Revolução de Fevereiro, dirigida pelos Socialistas Revolucionários (SRs) e Mencheviques e a Revolução de Outubro, sob direção dos Bolcheviques.

Berlim para Moscou.

A preparação dos Manuscritos foi possível diante destes desdobramentos históricos e sua edição integral somente nos anos 30, período este em que a burocratização do Estado operário já era uma realidade consolidada.

A burocracia, cada vez mais cristalizada na URSS, inviabilizava o desenvolvimento do avanço em todos os aspectos atingidos até então, seja com o afastamento do partido das massas de trabalhadores, o recuo aos direitos das mulheres, o culto à personalidade e é claro: a proibição da publicação de textos que fossem contra a política adotada pela burocracia que governava. Nem mesmo Engels escapou da censura. Abria-se um período contrarrevolucionário e todos aqueles que se colocavam como críticos da burocracia eram tratados como inimigos da revolução¹¹⁸. O resultado foi a destruição de muitas conquistas, entre elas, os trabalhos do IM&E. Até hoje, as obras completas de Marx e Engels não foram publicadas.

Os Manuscritos econômico-filosóficos de Marx está entre os trabalhos que puderam ser entregues ao movimento internacional nos anos 30. A edição para língua portuguesa no Brasil que trabalhamos em nossa investigação é de responsabilidade da Boitempo Editorial, com tradução realizada por Jesus Ranieri, sendo sua primeira edição

¹¹⁸ Sobre a crítica revolucionária dentro da própria URSS, contra o stalinismo, é fundamental ao nosso leitor, para entender o método em Marx, sua prática revolucionária, conhecer sobre a Oposição de Esquerda, que atuou firmemente, mesmo estando em campos de concentração e sob assassinatos dos revolucionários. Em 2018, foram descobertos materiais que comprovam a militância revolucionária, na defesa do proletariado na prisão de *Verkhneuralsk*. Em 2022, estes cadernos foram publicados em russo, sob o título “Тетради Верхне-Уральского политического изолятора 1932-1933” (Cadernos da prisão política do Alto Ural 1932-1933). Ver referências (БИБЛИОТЕКА, 2022) ao final.

publicada em 2004, contando com várias reimpressões¹¹⁹.

Distante das deformações stalinistas, porém, com muitos outros desafios, nos deteremos a nossa problematização central: o método em Marx e sua contribuição para um entendimento do desenvolvimento combinado no tempo presente.

Procuramos entender como Marx desenvolvera a sua crítica à sociedade burguesa, onde o lucro é o grande objetivo do capitalista e a vida do trabalhador é secundarizada, nos é fundamental, exatamente porque esta sociedade burguesa continua em pleno século XXI elencando o lucro, o capital em detrimento da vida. Neste exato momento que escrevemos, o mundo passa por uma pandemia com a disseminação da nova mutação do Coronavírus: a Covid-19.

Os governos, com destaque para o brasileiro, declaradamente procuram defender a economia e não a vida dos milhares de trabalhadores que já são acometidos com a doença. Buscam garantir a defesa dos interesses privados, dos empresários, demonstrando o verdadeiro caráter do Estado. Um Estado que foi criado e existe para defender os interesses dos donos de propriedade, dos donos dos meios de produção.

Até pouco tempo, escutávamos que o Estado representa os interesses de todos, independente de classe, mas é exatamente ao contrário, pois os Estados representam os interesses das classes dominantes. Em 20 de março de 2020, em entrevista a uma emissora de televisão (realizada no planalto), solidária ao governo (Sistema

¹¹⁹ É preciso considerar ainda a existência de outras traduções para o português, como a de Mônica Hallak Martins da Costa, que nos apresenta uma interpretação distinta de Ranieri sobre as categorias *Lebensäusserung*, *Entäusserung*, *Entfremdung* e *Veräusserung* (COSTA, 1999). Ver referências bibliográficas ao final.

Brasileiro de Televisão - SBT), o atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, concedeu declarações, para não deixar nenhuma dúvida do caráter de classe:

“[...] É uma desgraça¹²⁰ ser patrão no Brasil ...”

“Ser patrão não é fácil no Brasil...”

“É fácil defender empregado, tem mais voto!”

“Teremos um momento triste...”

“Vão morrer alguns do vírus? Sim, vão morrer ... alguns por estar com deficiência... Não podemos criar esse clima todo que está aí, prejudica a economia!”

A crítica marxiana nos apresenta os fundamentos da sociabilidade capitalista. Não encontraremos no método de Marx nenhum prontuário para o proceder da construção do entendimento da realidade. É preciso considerar que o desenvolver da crítica de Marx envolve a construção do seu método. A manutenção desta sociedade de classes, do capitalismo enquanto modelo societal, como forma de regular a vida, significa também a manutenção da exploração da classe trabalhadora, ou seja, no tempo presente de exploração salarial, péssimas condições de trabalho, a opressão das mulheres trabalhadoras ainda não fora suficiente para demonstrar a realidade mais empírica das nossas relações sociais, é certo que diante da pandemia estas contradições fiquem cada vez mais evidentes. E é aqui que o método de Marx contribui para entendermos o desenvolvimento combinado em nosso tempo e a necessidade de superação deste tipo de ordem social, onde milhares morrerão para que cada vez mais uma minoria possa viver sem saber o que é pegar na enxada.

Muitos intelectuais na academia poderão nos acusar de

¹²⁰ O erro de pronúncia foi mantido.

humanismo¹²¹, romantismo ou qualquer coisa do gênero, mas reafirmamos com todas as forças: o conhecimento que Marx nos legou se relaciona a entender e transformar a realidade, não buscamos aqui uma certificação apenas, mas uma contribuição, mesmo que modesta, para entendermos uma perspectiva de método na busca do conhecimento da realidade histórica em uma sociedade onde a vida perde centralidade para a regência do capital. É preciso entender para superar este estado de coisas. Passemos então a Marx.

4.2 Os Manuscritos: crítica da filosofia dialética de Hegel

Trataremos aqui do “Caderno III”¹²² do manuscrito, em sua antepenúltima seção, de acordo com a edição e tradução adotada em nossa investigação, a saber: “[Crítica da dialética e da filosofia hegelianas em geral]” (MARX, 2004, p. 115). Não se trata da primeira crítica à dialética (da filosofia especulativa) de Hegel, mas é aqui, neste Manuscrito de 1844 que Marx, juntamente com a crítica da economia política, fundamentará a necessidade de superação da forma (método) de se explicar a realidade societal capitalista: a sociedade burguesa.

Como já aludimos, estes manuscritos não foram publicados em

¹²¹ Humanismo, historicismo, liberalismo, são tradições que influenciaram Marx fortemente, todas elas superadas em sua trajetória intelectual e revolucionária. Quando observamos mais proximamente a crítica ao humanismo em Marx fica também evidente como esta crítica agrada o pensamento reformista e liberal, cai como uma luva à negação do pensamento revolucionário. Não é por acaso que a questão da crítica ao humanismo possui forte trânsito entre intelectuais ditos realistas e defensores do possível, do menos pior e por aí vai.

¹²² Os Manuscritos econômico-filosófico é um conjunto de cadernos em que Marx registrava os seus estudos. Foram encontrados três cadernos, incompletos. Aqui nos deteremos ao “Caderno III”, onde se encontra a seção: “Crítica da dialética e da filosofia hegelianas em geral”, citada acima.

vida. Porém, diferente dos Cadernos de Paris (conjunto de notas de leituras), os Manuscritos de Paris foi pensado para publicação, embora não concluído e enviado para alguma editora. Marx os inicia com um prefácio, apresentando ao leitor os seus estudos, mesmo parcialmente e ainda naquele momento em forma de rascunhos, textos em que ainda estava trabalhando.

No prefácio (*Vorrede*) dos Manuscritos econômico-filosóficos¹²³, há referência direta a primeira crítica realizada à filosofia do direito hegeliana e como no terceiro manuscrito, uma crítica ao método idealista e à filosofia da história de Hegel, ou ainda, à teoria da história. Neste mesmo prefácio, Marx apresenta algumas considerações fundamentais para entendermos a sua perspectiva sobre o método, que será aprofundada durante toda sua vida. Vejamos:

Anunciei, nos “Anais franco-alemães”, a crítica do Direito e da Ciência do Estado sob a forma de uma crítica da filosofia hegeliana do direito. Na preparação para a impressão, evidenciou-se que a crítica dirigida apenas contra a especulação, combinada com a crítica das diferentes matérias particulares, seria completamente inoportuna, restando o desenvolvimento e dificultando a compreensão. Além disso, a condensação da riqueza e a diversidade dos objetos tratados só seria possível, numa única obra, de modo totalmente aforístico, e, por sua vez, tal apresentação (*Darstellung*) aforística produziria a aparência (*Schein*) de um sistematizar arbitrário. Farei, por conseguinte e sucessivamente, em diversas brochuras independentes, a crítica do direito, da moral, da política etc., e por último, num trabalho específico, a conexão do todo, a

¹²³ Marx possuía apenas 26 anos neste momento. Não tratamos aqui a clássica divisão epistemológica de um suposto jovem Marx e outro velho Marx. Esta divisão é absolutamente frágil, pois a constituição do ser social não é passível de tal classificação binária e mecanicista. Fora defendida por Louis Althusser durante boa parte de sua vida, e, até hoje, por muitos althusserianos. Nossa referência a idade de Marx é apenas no sentido geracional, uma referência a um momento onde se constituía sua primeira crítica à sociedade capitalista, nada mais.

relação entre as distintas partes, demarcando a crítica da elaboração especulativa deste mesmo material. Assim, será encontrado o fundamento, no presente escrito, da conexão entre a economia nacional e o Estado, o direito, a moral, a vida civil (*bürgerliches Leben*) etc., na medida em que a economia nacional mesma, *ex professo*, trata destes objetos (MARX, 2004, p. 19).

Embora não exista nenhuma referência formal, fenomênica, direta ao método¹²⁴, postulamos que é exatamente o debate sobre o método que está em cena, mais especificamente suas preocupações acerca da construção do conhecimento, um método em construção e muito bem avançado em relação ao que sistematizará em algumas passagens no decorrer da sua trajetória de dirigente revolucionário e formulador de uma teoria acerca da sociedade burguesa.

Marx se preocupa em como apresentar sua crítica. Uma apresentação que não ignore as partes de um todo e que ao mesmo passo não seja simplificadora de algo complexo e que não recorra a aforismas. Deixa evidente a preocupação de como apresentar sua investigação, como expor aos seus interlocutores a crítica à Hegel. Propõe tratar de forma geral e apresentar com minúcias as determinações dos objetos de crítica. Preocupa-se com a forma de exposição, o que mais tarde, no posfácio da segunda edição do *Capital*, chamará de modo de exposição.

A crítica da economia política, da sua totalidade constitutiva, deve obedecer ao que a mesma apresenta. Marx não inventará uma nova economia política, mas partirá da realidade dela mesma, das suas determinações, da determinação do objeto. A própria exposição aforística, não é negada, mas se vê nela limites que o tipo de crítica que

¹²⁴ Considerar o fato de que para Marx o método não possui o mesmo significado que tem para a tradição majoritária dos pesquisadores do seu tempo e ainda do nosso tempo presente.

Marx propõe fazer-lhe permitia sem a existência de problemas sobre a forma de proceder na construção da sua crítica. Já reconhecia a necessidade de entendimento das partes, dos elementos constitutivos do objeto para reproduzi-lo na mente e apresentar a reprodução ideal do movimento em um todo, rico de determinações, via abstrações onde o concreto, *hic et nunc*, já não é mais um concreto de abstrações vazias, mas sim ricas, considerando a reprodução da síntese como concreto pensado.

Aqui, se observa que Marx tem o conceito de método muito bem resolvido já no ano de 1844. A relação com Hegel, acerca do método é central. Quando Lênin faz referência à necessidade de estudar a lógica de Hegel, não se trata de uma exigência para se tornar hegeliano, mas é pelo fato de que o método de Marx é o método desenvolvido por Hegel e isso jamais o tornou um idealista, ao contrário, o lançou para fora do idealismo da juventude de esquerda hegeliana. Esta perspectiva, da relação entre Hegel e Marx, nos ajuda a entender por que Marx nunca se preocupou centralmente em escrever um livro especificamente sobre o método, sobre o seu método.

Para Marx, a questão do método está muito bem encaminhada (não acabada). A dialética de Hegel, seu método, é a referência de Marx, o que não significa afirmar que o método de Hegel é o método de Marx, pois ter como referência não é sinônimo de identidade. Parte-se da lógica dialética e não há nenhum problema em reconhecer que o método para Marx é o permanente diálogo crítico com a sua maior referência: Hegel.

Um problema que seria mais facilmente encarado se a leitura de Hegel fosse adotada sem dogmatismos e reducionismos do tipo vulgar que associam o pensamento hegeliano a metafísica e ao idealismo simplista. Parte da própria tradição marxista se limita a

reproduzir a infantil afirmação de que “Marx colocou de pé a dialética hegeliana” e para por aí a grande contribuição sobre a relação de Marx e Hegel. Uma reprodução “mediocre” (Ranieri, 2011, p. 126). Neste sentido, separar-se-ia Marx de Hegel, depurando idealismo e materialismo. Um procedimento típico de cartilhas que mais demonstram a ignorância sobre Marx e Hegel e exala o seu materialismo vulgar¹²⁵.

Lênin, embora aforisticamente, no percurso de seus estudos em 1914, sobre a Lógica de Hegel e Marx, afirma:

É impossível compreender completamente *O capital*, de Marx, sobretudo o capítulo 1, sem ter estudado a fundo e sem ter compreendido *toda a Lógica* de Hegel. Como consequência, meio século depois, nenhum marxista compreendeu Marx! (LÊNIN, 2018, p. 191).

O pensamento conservador vem se utilizando deste aforisma de Lênin há mais de um século para desabilitar todo e qualquer estudo sobre Marx. Não foi o que Lênin disse na totalidade dos seus estudos¹²⁶. O que temos acima é apenas um aforisma, que só pode ser entendido levando em consideração o conjunto de todos os estudos, neste caso sobre a dialética em Lênin. O que é sintetizado no aforisma é a necessidade de não ignorar Hegel, pois o método de Marx parte do método dialético hegeliano. Evidentemente, de 1914 até 1917, os revolucionários ditos marxistas não tiveram tempo de estudar a lógica de Hegel, entretanto, fizeram a maior revolução socialista da história. Certamente, a maioria dos revolucionários não estudavam Marx, nem

¹²⁵ Para um debate mais profundo sobre o materialismo vulgar e o ecletismo filosófico, ver: LENIN, Vladimir. *Materialismo y empiriocriticismo, En torno a la dialéctica*. Obras escogidas, tomo IV, 1908 - 1915. Editorial Progreso, Moscou - URSS, 1976.

¹²⁶ Sugerimos a leitura do texto de Nadezhda Krupskaya, dirigente do Comissariado do Povo para a Educação: “Como Lenin estudava Marx” (KRUPSKAYA, 2022).

Hegel e nem por isso a Revolução Russa foi inviabilizada. Esta mesma constatação é extensiva aos dirigentes da revolução e este aspecto é importante para entendermos a crise de direção revolucionária. Quanto mais perto da burocracia, mais distante de Marx e seu método de entender e inferir na realidade.

Para Marx a dialética é o método e é em Hegel que esse método atinge o seu desdobramento mais sofisticado. Como apontamos, Marx não escreverá sobre o “método em Marx”. Um empreendimento desses era desnecessário, porém, também é verdade que o método de Marx existe e a sua construção se deu ao passo que se apropriava do método de Hegel e o superava. Marx está construindo uma crítica para além da universidade, não há, para Marx, como hoje, para muitos de nós, a cobrança de apresentação do seu método de investigação para aprovação em qualquer banca¹²⁷. A “banca” de Marx é a própria realidade desigual e combinada da sociedade capitalista que vivia, a realidade própria dos desafios de se organizar e fazer algo diante do irracional. Este aspecto o transformará no Marx que conhecemos hoje. Todavia, ainda estamos em meados dos anos 40 do século XIX e é exatamente aqui neste momento da história que Marx deixará fincado os alicerces da sua crítica à sociedade burguesa.

Sabemos que para Marx, o trabalho é a categoria fundante do ser social (*gesellschaftliches Wesen*) e é nos Manuscritos que primeiro encontramos elaborações mais profundas a esse respeito. O ser social só o é por conta da relação sociometabólica, da atividade vital entre homem e natureza, quer ao transformá-la, transforma a si também,

¹²⁷ É fundamental reforçarmos o que deveria ser óbvio: os estudos de Marx não se efetivavam por qualquer tipo de demanda acadêmica universitária. Observaremos que em sua trajetória, Marx reservará profundas críticas aos seus interlocutores acadêmicos/professores universitários do seu tempo.

não apenas como indivíduo, mas enquanto ser genérico.

Considerando desta maneira, que o trabalho é a atividade vital entre homem e natureza e que este tipo de atividade se faz socialmente, também entendemos que a constituição do ser se faz a partir da realidade fora dele, com as determinações da natureza sobre homem e do homem se humanizando a partir desta relação. Todavia, embora o sujeito portador de capacidade teleológica tenha papel ativo nesta relação, não é o sujeito que determina o que é a natureza. Ela existe para além da sua necessidade, do seu desejo. Por isso Marx se refere a relação sociometabólica. Até que o homem fosse capaz de ter a regência sob a natureza, era esta que regia sob a vida humana. Uma árvore de frutas não se transforma em uma porção de carne de peixes por conta da vontade e nem um lago terá água doce por conta da necessidade de se manter hidratado, com reservas de água potável. Há a centralidade do objeto, na qual o sujeito inferirá, com sucesso ou não. Até que a regência da vida fosse estabelecida pelo ser social, foram necessário milhares de anos.

Sobre a relação entre sujeito e objeto, sobre o conhecimento da realidade, sua constituição, a investigação dela própria, Marx dialogará nos Manuscritos diretamente com as suas referências, que também haviam se debruçado sobre a sociedade civil, aqui, no sentido de sociedade burguesa¹²⁸.

O procedimento de Marx ao realizar a crítica da Economia Política é declaradamente empírico e metuculoso. Por empírico não se deve deduzir que seja um procedimento empirista tal qual considera a mente uma tábula rasa, mas sim, no sentido de realidade concreta, historicamente constituída. A maior demonstração desse tipo de

¹²⁸ Em alemão: *Bürgerliche Gesellschaft* (tradução nossa).

empíria é a constante necessidade de elevar suas análises ao encontro da realidade mais imediata das relações sociais de exploração em sua época. Marx trabalha com fontes bibliográficas, recorrendo a tradição socialista francesa, inglesa e alemã (neste caso, de forma extremamente sarcástica), juntamente com a tradição estabelecida da Economia política e filosofia alemã em geral, com destaque para Ludwig Feuerbach e Hegel.

Marx reconhece a importância de Feuerbach em relação a sua crítica materialista sobre a religião e aponta os limites do materialismo do seu antigo “professor”¹²⁹, pois Feuerbach entende a história a partir do homem burguês e somente a ele corresponde toda a história. A Hegel, Marx apresenta neste prefácio dos manuscritos como sendo dono da verdadeira revolução teórica, contida nas obras Fenomenologia do Espírito e a Ciência da Lógica. O que reforça a nossa tese de que a relação de Marx e Hegel, sobre método é extremamente fundamental para a superação do próprio método hegeliano.

Marx se propõe fazer a crítica da filosofia de Hegel ao final dos Manuscritos, considerando que a filosofia na Alemanha estava reduzida à teologia, ou seja, se preocupava com a especulação crítica da religião. Marx entende que no início, com Feuerbach, esse tipo de crítica fora progressista, mas que naquele momento era necessário continuar avançando rumo a crítica do Estado, do Direito e não apenas a religião, às coisas do céu. Esta questão nos ajuda a entender melhor o sentido de empírico que Marx emprega no prefácio de 1844, exatamente o que não se fazia entre os filósofos alemães do seu tempo. Tampouco

¹²⁹ As “Teses *ad* Feuerbach” foram publicadas em 2007, pela Boitempo Editorial, como apêndice em “A Ideologia Alemã”.

realizavam a crítica ao sistema Hegeliano como julgava merecer. Nitidamente, como se os filósofos alemães não estivessem à altura de tal tarefa, ironicamente chamados de teólogos críticos, sendo essencialmente teólogos, filósofos decadentes, caricaturas.

4.3 A crítica da filosofia dialética de Hegel

Com ênfase, foi na Fenomenologia do Espírito (*Phänomenologie des Geistes*, 1807) e na Ciência da Lógica (*Wissenschaft der Logik*, 1812-16), que Hegel apresentou ao seu tempo uma filosofia da história, teleológica, onde o princípio é o *Geist*¹³⁰ que caminha para um fim aperfeiçoado, superior de realização. O espírito é absoluto, pois é o princípio de tudo que existe. O *Geist* coloca o devir em movimento como parte de si mesmo, e, é no devir que a ideia se realiza, se desenvolve, de um estágio inferior ao superior. Ter-se-ia assim o ser em si, sem compreensão da totalidade das coisas e demais seres. Apenas com o devir é que a ideia passaria a ter consciência do complexo de complexo da qual é parte. Esse movimento das ideias é também movimento das contradições da ideia. Esta contradição é que impulsiona a história, o desenvolvimento, ou ainda, que dá vida ao devir.

Durante o desenvolvimento do processo histórico, com a constituição do devir, o ser se reconheceria diante do todo, com consciência de que ele é parte do *Geist*, do todo. O ser superaria a contradição pela identidade: o ser e o *Geist* são idênticos, o ser é parte do *Geist*, se reconhece nele, entende que o que ele é, é o que é também o espírito absoluto, a unidade no diverso. Trata-se do ser para si, onde

¹³⁰ *Geist* é o Espírito Absoluto, que compreende o espírito objetivo e subjetivo, é o portador do saber absoluto, é a origem de tudo e de todos, o ponto de partida teleológico que comanda o devir.

se entende o processo e se reconhece no espírito absoluto. Seria o fim da história do em si até o para si. Mas o fim da história para Hegel não é algo tão simplório como vulgarmente podemos encontrar em círculos intelectuais. Para Hegel, o fim deve ser entendido apenas no sentido de que a humanidade atingiu o seu final no que tange a atingir a identidade, se reconhecendo no Espírito. Após este momento, continuar-se-ia o desenvolvimento a partir desta identidade e não mais a partir da contradição que até então marcou a história humana.

Para Hegel o *Geist*, o espírito absoluto, a ideia, como fizemos referência, é em seu tempo presente, o Estado. O Estado é para Hegel a realização racional da liberdade. O Estado é o *Geist* e só se pode afirmar isso por que o ser se identifica nele, o reconhece, se vê como parte fundante dele. Nesta perspectiva o Estado representaria todos os interesses de todos os cidadãos, pois não poderia ser diferente, considerando que cada indivíduo é o próprio Estado. Deste momento em diante, tratava-se de continuar o movimento, buscando o aperfeiçoamento do Estado, neste novo patamar da realidade, onde, com a razão, passaria cada vez mais à perfeição. Assim, diante da realização dos indivíduos, o grande objetivo eudaimônico¹³¹ seria estabelecido, com e na sociedade burguesa. Este aspecto da filosofia de Hegel o estabelece como o último grande filósofo do Iluminismo.

Hegel é fruto daquele momento histórico de ascensão da classe burguesa, do iluminismo que culmina com o desenvolvimento da revolução industrial e a Revolução francesa. A sua filosofia está em

¹³¹ No sentido de “Eudaimonía” (grego): felicidade, bem estar, estado de plenitude. O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, define o verbete “eudaimonía” como: “a felicidade como bem supremo” (PRIBERAM, 2022). Para além de uma simples definição, sugerimos a leitura de Aristóteles em sua “Ética à Nicômaco” (ARISTÓTELES, 1996).

sintonia com o Estado governado pela burguesia, as relações capitalistas no que concerne à política, encontra em Hegel a sua maior expressão. Quando este pensador comenta ter visto “a razão entrar a cavalo na Prússia”, referindo-se a invasão de Napoleão Bonaparte ao Reino da Prússia, que representara o desenvolvimento do espírito, que rompia com as relações feudais e estabelecia a maturidade do devir com o projeto da modernidade. Era uma questão de tempo até o amadurecimento das ideias superiores entre os alemães, revelando assim a identidade entre a sociedade civil e o Estado como manifestações do todo, como já ocorria em França após 1789.

A elevação do espírito, para Hegel, era demonstrada através do fim das relações servis e o advento das relações entre os cidadãos, do fim das obrigações feudais e o advento do direito dos cidadãos, da vontade divina pelo exercício da razão através do Estado. Assim, o homem se reconhecia como demiurgo da sua existência, dono da sua história, mesmo que em linhas gerais. Era a razão, o Estado e o homem como um todo consciente que aperfeiçoaria (como dissemos acima) todas as relações sociais e manteria a evolução¹³² a partir desta identidade, não mais das contradições.

Marx também está diante de todos estes elementos e jogará peso decisivo acerca da realidade em seu presente histórico. Se para

¹³² Evolução é um conceito, tanto na filosofia de Hegel como na teoria social de Marx, que se distancia do positivismo de August Comte. A compreensão deste conceito, aqui, deve obedecer ao sentido de superação (*aufheben*) onde o simples não é descartado pelo mais complexo, ou ainda, o velho, o que vem antes, não é deletado pelo novo, que vem depois, mas que subsumi, que supera incorporando. No caso de Hegel, a evolução do espírito (*Geist*), onde o simples se mantém no espírito evoluído. *Aufhebung*, na Fenomenologia do Espírito, tem três sentidos, negação, preservação e elevação. Seria grosseiro associar este conceito de evolução com as definições simplificadoras do conceito.

Hegel há o elogio do presente, como realização, para Marx há crítica do tempo presente, mesmo sob a influência do idealismo do início dos anos 40, esta crítica do presente foi se constituindo ao passo que superava a visão de mundo predominante. Não há elogio absoluto, mas a busca por superar a filosofia de Hegel, demonstrando os limites da estrutura filosófica e apontando em 1844, outra perspectiva sobre a filosofia dialética de Hegel, mesmo que ainda, naquele início de década, o fizesse sob a influência materialista de Feuerbach (e que logo tratará de criticar nas teses *Ad Feuerbach* na primavera de 1845)¹³³. É aqui que Marx incorpora superando, não deixando dúvidas de que a dialética materialista está para além da dialética idealista como método de desvelar a realidade histórica a partir das relações materiais. Nas palavras de Marx, é assim que ele inicia a seção dos Manuscritos referente a crítica à Hegel:

6) Este ponto talvez seja o lugar adequado para dar algumas indicações tanto no que diz respeito ao entendimento e à correção da dialética hegeliana em geral, quanto especialmente no que tange à sua exposição na "Fenomenologia" e [na] "Lógica", [e] finalmente no que refere à relação do novo movimento crítico [relativo a Hegel] (MARX, 2004, p. 115)

Em Hegel a teleologia é universal, pois parte do *Geist*, desde o início, que aliena parte de si exteriorizando-se nos seres e que diante do devir passa por um processo de conscientização rumo a um fim já cognoscível para o *Geist*. O sujeito, ao passar do devir, evoluindo-se, se reconhecerá no Espírito Absoluto, eliminando a alienação e a contradição da ideia, atingindo a efetivação a partir do *Geist*. Agora, não mais alienado e estranho, mas com consciência de que é parte do

¹³³ É absolutamente central observarmos as críticas de Marx após estabelecer relações em Paris. Morar nesta cidade foi central para a constituição do Marx militante revolucionário e a constituição da sua Crítica à economia Política. Não se trata de um mero dado biográfico.

todo, do Espírito Absoluto. Efetiva-se a teleologia hegeliana, universalmente posta para o filósofo.

Em Marx, teleologia também é uma categoria existente, mas o proceder do pensador revolucionário é diferente de Hegel. Essa categoria, do pensar, do pré-idear¹³⁴ antes mesmo de que a coisa ou fenômeno se efetive, ou seja, aconteça, é realmente algo existente, mas não se localiza de forma universal em um espírito absoluto que tudo sabe, que tudo é. Marx pensa a teleologia como uma característica humana, a capacidade de criar cognitivamente na ideia, no pensamento, na cabeça, algo que ainda não existe de forma objetiva, materialmente (não apenas a matéria, mas a relações sociais). Uma capacidade que se manifesta apenas no campo da singularidade, através da atividade de trabalho¹³⁵. A teleologia está posta apenas no indivíduo singular e não no universal.

É através do trabalho, atividade específica do gênero humano, que a teleologia comparece como atividade particular realizada pela espécie, efetivada singularmente pelo ser na atividade vital de relação entre homem e natureza e que só aí se universaliza quando objetivada e exteriorizada na sociedade. Universal, particular e singular, são para

¹³⁴ Pré-idear, pré-ideação, prévia ideação, neste livro, está no sentido de criar na cabeça, na mente, criar na ideia, criar idealmente na cabeça, atividade humana de caráter ideal, sempre a partir da realidade material, diante das determinações da natureza e da história, visando a objetivação no mundo real.

¹³⁵ Neste terceiro manuscritos, na seção que trata da “Propriedade privada e comunismo”, Marx afirma: “*Das Individuum ist das gesellschaftliche Wesen*” (O indivíduo é o ser social), (MARX, 1968, p. 538). Indivíduo e sociedade não são apartados, por mais que fenomenicamente isso pareça ser verdadeiro. Mesmo que Marx estude de forma crítica a filosofia de Hegel, ainda é bastante tributário do seu interlocutor. Em outros termos, estamos convencidos que esta interlocução jamais foi negada até 1883, mas superada.

Marx categorias filosóficas que compõe a totalidade. Neste caso acerca da teleologia, ela é um aspecto singular na atividade de produção e reprodução da vida social. Não é algo pertencente a uma entidade exterior ao homem que se projeta nele, mas uma característica essencialmente humana que, esta sim, é capaz de objetivar e exteriorizar o seu ser singular em uma determinada universalização da vida. É o homem o sujeito, não o predicado.

O trabalho é a categoria fundamental para a constituição do ser social (*gesellschaftliches Wesen*). Não é o *Geist* de Hegel, o criador do ser social, da história, da filosofia, do mundo dos homens. É preciso explicar isso de modo propedêutico, pois a dialética marxiana se constituirá a partir desta crítica apresentada no Manuscrito de 1844. A explicação de Marx, sua dialética, não é transcendental, não é teológica, mas sim essencialmente humana, profana. O Estado não era como para Hegel a realização racional da liberdade.

Trabalho é a categoria central do pensamento marxiano. O método de Marx considera aqui as contribuições da filosofia de Hegel, mas avança no entendimento radicalmente diferente ao considerar que o demiurgo da história não é transcendental ao homem, mas o próprio homem em relação com a natureza. O método de Marx realiza a crítica ao idealismo hegeliano, que considera a ideia como a força impulsionadora da história. Ao fazer a crítica a Hegel, Marx não ignorará a dialética, mas assentará os seus fundamentos na realidade social do homem diante da natureza.

Neste sentido a categoria fundante da humanidade é o trabalho e não o *Geist* que supostamente se realizaria com o devir do processo histórico. A realização, do processo de humanização do homem se efetiva pela atividade de trabalho, intrínseco a sua realidade mais empírica, síntese de suas relações diante da natureza. Não é o *Geist* que

determina a existência e o movimento das coisas e dos seres, mas o próprio homem. Temos aqui uma substancial diferença entre Marx e Hegel.

A estrutura filosófica de Hegel não ignora a questão do trabalho, pois tem na economia política o referencial de Adam Smith onde o trabalho é a fonte de riqueza. Considera as dimensões positivas e negativas do trabalho na sociedade de seu tempo, mas entende que a atividade de trabalho é aquela que objetiva e exterioriza a consciência do espírito absoluto através do espírito subjetivo em espírito objetivo. O trabalho para Hegel é a manifestação do *Geist* na consciência humana, pois expressa o saber absoluto, mesmo que alienado de si mesmo.

Marx também valoriza as várias dimensões do trabalho, mas esta atividade vital é uma ação humana e não é determinada por nenhum espírito absoluto. Trabalho é a categoria central do pensamento marxiano, mesmo aqui nos anos de 1844, estendendo e aprofundando a análise e caracterização quando da Ideologia Alemã e a publicação de O Capital em 1867¹³⁶. Trabalho é a atividade sociometabólica entre homem e natureza, onde ambos se transformam mutuamente, com regência estabelecida pelo homem, a partir das determinações da natureza. É uma atividade social onde o indivíduo atua sobre a natureza a partir de particularidades da genericidade humana. Significa dizer que trabalho é uma relação possível apenas entre a espécie humana e a natureza, nenhum outro ser é capaz de desenvolver essa atividade vital. Nem golfinhos, nem

¹³⁶ Essa capacidade teleológica do indivíduo é uma categoria do ser social apontado por Marx em 1844, nos Manuscritos (MARX, 1983, p. 85,149-150), será retomada na Ideologia Alemã em 1845/46 (MARX, 2007, p. 34-35), também em O Capital em 1867 (MARX, 1983, p. 149-150). Consultar a partir das referências ao final do livro.

baleias, ratos ou porcos. Apenas os homens em constante processo de humanização via o trabalho.

Trabalho neste sentido que falamos, necessariamente, não é o trabalho concreto, ou seja, o trabalho de carpinteiro, professor, metalúrgico ou qualquer outro, mas trabalho no sentido geral, com ênfase, no sentido ontológico. Isso quer dizer, trabalho no sentido ontológico, como categoria ontológica constitutiva, constitutiva do ser social. Não cabe (ao menos neste momento) pensar o trabalhador de carteira assinada (trabalho abstrato)... não é desse tipo de trabalho que estamos nos referindo (e que entendemos que também continua existindo na sociedade capitalista). A atividade de trabalho é entendida como processo de trabalho. Nas palavras do próprio Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p. 255).

O Processo de trabalho, analisado por Marx nos anos de 1857-58 e apresentados ao público apenas em O Capital em 1867 é importante aqui para entendermos os Manuscritos e sua crítica à teoria de Hegel, na medida em que identificamos ser uma problemática central na construção da teoria marxiana da sociedade capitalista e de fundamental importância para o ponto de partida da sua perspectiva de método, já que o trabalho é a categoria central para o autor.

Em História, podemos chamar isso de permanência. O ponto de partida das análises de Marx, desde os anos de 1840 é a vida do

trabalhador, por sua vez, o trabalho, a força de trabalho e se formos mais generosos com a linguagem do nosso tempo presente: o mundo do trabalho, que é o mundo de sociabilidades regidas pelos interesses de classe do capital.

O processo de trabalho, referindo-se ao caráter ontológico que esta categoria possui na constituição da formação humana, é apresentado a partir da exposição lógica, sempre partindo da realidade empírica. A teoria de Marx não admite como ponto de partida o pensamento em abstrato. Diferente de Hegel, são os homens que produzem e reproduzem a partir das relações possíveis diante da natureza. Não cabe ao espírito absoluto a efetivação de tal processo. Para Marx, o homem é o sujeito e não o predicado do objeto. O processo de trabalho não é a objetivação da ideia absoluta que se manifesta no homem como instrumento da realização do trabalho. Pensar assim seria reproduzir a religião em um patamar mais elevado de sofisticação, seria uma filosofia da religião e desta forma, diz Marx, o filósofo da religião ainda continuaria sendo um teólogo. A realidade da vida não advém do céu, não é transcendental, mas terrena. Desta forma, a crítica da filosofia teológica deveria ser realizada para apresentar o desvelamento da realidade social. É entre os homens que se pode entender e intervir na realidade histórica. Neste sentido, o trabalho é a forma primeira no processo de humanização do homem e de sua formação humana (educação).

Inicialmente, o processo de trabalho, independente da sua forma determinada, isso quer dizer, independente do momento da história, deve ser entendida como uma categoria ontológica, exclusiva do homem genérico. Se o trabalho é uma relação entre homem e natureza ela deve existir desde tempos imemoriais e neste sentido uma categoria constitutiva do ser social.

O homem age na natureza com a finalidade de existir cotidianamente e o faz a partir de necessidades intrínsecas a si e sua natureza genérica. A natureza externa ao homem é necessária para a sua reprodução e é exatamente através do processo de trabalho que o indivíduo pré-ideará e objetivará o trabalho, uma vez exteriorizado, tornando-se extensivo ao gênero humano, para além do indivíduo, fazendo-se social. O único espírito presente nesta leitura de Marx é a consciência humana que através do trabalho se generaliza na sociedade. Como pudemos observar o método de análise de Marx se difere de Hegel ao passo que coloca o empírico como ponto de partida e não o suprassensível do saber absoluto como característica categorial do *Geist*.

A crítica de Marx, seu método de criticar, absorve a estrutura do pensamento de Hegel para poder demonstrar os seus limites, expondo as contradições e apresentando a sua análise de como fazer, de como proceder. Comumente, chamamos esse procedimento de método. Todavia, como nosso leitor já pode ter observado, entender o método em Marx não é uma tarefa meramente de descrição em algumas páginas sobre regras e normas a serem seguidas para a elaboração do conhecimento científico. O Método em Marx nos obriga a entender a realidade, objeto da crítica, em suas múltiplas determinações históricas, jamais se encontrou um “passo a passo” de como fazer uma investigação que se reivindica científica sobre a realidade, ou na linguagem de hoje, um “tutorial”: não há um tutorial que nos ensine como fazer uma pesquisa sobre a realidade do nosso tempo. Há um proceder de Marx sobre como entender a realidade histórica, e esse caminho (método) não foi sistematizado e publicado pelo autor. Isso nos obriga a buscar o percurso do autor para realizarmos algumas importantes considerações sobre o método de

Marx e suas contribuições para entender no nosso tempo presente. Reafirmamos assim que entender o método em Marx não é opcional, muito menos nos determos apenas em alguns dos seus parágrafos, legado pelo próprio Marx em sua obra. É necessário, como ele mesmo nos escreveu: “[...] *o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral*” (MARX, 2005, p. 50).

Hegel parte do universal, como absoluto; Marx busca demonstrar o caminho inverso e ao fazer desta maneira, demonstra o seu método diferente de Hegel. Explicitar esse método de Marx só é possível após o percurso realizado pelo autor. Uma tarefa que podemos nos colocar. Sem apreender o percurso da construção do método marxiano, ou ainda, ignorando o seu objeto de crítica, torna-se impossível entender o que significa método para Marx. Sem ler os trabalhos de Marx, sem ler os trabalhos dos autores (seres políticos e militantes, todos eles, nunca foram apenas acadêmicos) que Marx dialoga é irracional falar ou escrever qualquer coisa sobre Marx e o seu proceder, ou seja, o seu método. Qualquer coisa que dialogue com estas inconseqüências, está mais próximo do diletantismo vazio (e que ganha sentido em um mundo vazio), que estabelece um saber sem saber quase nada. Palavras duras de nossa parte, mas sensatas e ortodoxas. Deveria ser uma obviedade, mas é preciso dizer, o método de Marx exige a leitura do sujeito. É necessário conhecer o objeto/fenômeno da crítica, qualquer coisa fora disso, estaremos em um campo radicalmente distante de Marx.

Como dissertamos, para entendermos o método de Marx é necessário o esforço analítico de percorremos parte de sua trajetória publicada e que elencamos aqui como objeto de análise, estendendo-se desde a crítica de Hegel e sua dialética idealista objetiva, o materialismo mecânico de Feuerbach e a economia política de Adam

Smith e David Ricardo, onde se estabelece um processo de construção de uma teoria social que nos legou aportes importantes para continuarmos a entender as relações sociais desiguais e combinadas.

Assim como faz com Hegel, neste seu manuscrito do “Caderno III”, Marx continuará a se efetivar enquanto crítico revolucionário do seu tempo, se apropriando ao passo que desenvolve a crítica de seus interlocutores. Ou seja, realizando a superação no sentido que explicamos ao nosso leitor: a subsunção. Esta é uma das características fundamentais do método em questão.

Parte da tradição marxista erra ao hipervalorizar estes manuscritos de Marx, como se fossem suficientes para demonstrar os estudos de Marx. Uma outra parcela desta mesma tradição também erra ao ignorar a importância destes textos de estudos de Marx.

Sobre o primeiro erro, colabora para divulgação de uma suposta suficiência de um pensamento em construção, e que ainda era bastante influenciado pelos seus interlocutores de crítica. Trata-se de uma compreensão que possibilita o anacronismo, ou seja, imputa a Marx algo que ainda estava em gestação, mesmo que em germe, como se o pensamento de 1844 fosse o mesmo do Marx em 1883. Colabora para uma compreensão que ignora os trabalhos posteriores de Marx, muito mais desdobrados, amadurecidos, mais rico em determinações, seja no seu aspecto teórico e político-militante. Aliás, este tipo de erro corrobora para uma representação de um Marx, autor, acadêmico, intelectual, negando totalmente o caráter militante e dirigente revolucionário.

Se por um lado comete-se o erro de hipervalorizar, dispensando até mesmo “O capital” para entender o pensamento de Marx, por outro, o erro comparece ao estabelecer pouca ou nenhuma importância aos textos (publicados ou não) ditos de “juventude”, pois

estariam contaminados pelo humanismo, idealismo, materialismo francês e o radicalismo democrático liberal.

O que compreendemos disso tudo é que para entendermos as contribuições de Marx é necessário pensar a sua constituição como um todo, um processo. O que vem antes é fundamental para elaboração daquilo que vem depois, seja reafirmando, negando e incorporando. Por mais que seja uma tarefa difícil, não nos interessa um Marx em pedaços, ainda que o próprio processo de pesquisa na sociedade que vivemos nos empurre para o lado da “motosserra” epistemológica.

Passemos agora a outra obra, publicada apenas postumamente: A Ideologia Alemã.

CAPÍTULO V

A IDEOLOGIA ALEMÃ E O MÉTODO EM MARX

[...] decidimos elaborar em comum nossa oposição contra o que há de ideológico na filosofia alemã; [...] O propósito tomou corpo na forma de uma crítica da filosofia pós-hegeliana. O manuscrito, dois grossos volumes [...]. Abandonamos o manuscrito à crítica roedora dos ratos, tanto mais a gosto quanto já havíamos atingido o fim principal: a compreensão de si mesmo (MARX, 2005, p. 53).

[...] voltei a tirar o velho manuscrito de 1845/1846, e vi-o. A secção sobre Feuerbach não está completada. A parte pronta consiste numa exposição da concepção materialista da história que apenas demonstra quão incompletos eram ainda, naquela altura, os nossos conhecimentos da história económica (ENGELS, 1982, p. 97 - 98).

5.1 Texto e contexto

A edição de A Ideologia Alemã que trabalhamos afirma se tratar de um trabalho inédito até 1921, escrito em parceria com Engels¹³⁷. A Ideologia Alemã¹³⁸ (*Die Deutsche Ideologie*) está inserida em um contexto semelhante aos Manuscritos econômico-filosóficos¹³⁹. Entretanto, fragmentos deste material já circulavam

¹³⁷ Nesta data, Marx tinha 27 anos de idade e Engels, 25 anos.

¹³⁸ O título completo em alemão e também na tradução que adotamos: *Die deutsche Ideologie: Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten* (1845-1846) - A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Esse nome foi atribuído pelos editores no século XX. Originalmente, os manuscritos não possuíam um nome definido pelos autores. Marx os chamavam de “manuscritos” (eram dois volumes).

¹³⁹ Pelo fato de serem encontrados muitos anos depois de escritos.

muito antes sua sistematização em 1921 e da publicação integral em 1932.

Nesse intervalo de tempo, em 1924, fora publicado em russo uma primeira parte, e, em 1926, em alemão, o capítulo “I. Feuerbach” um mérito do trabalho de David Riazanov. Trata-se da primeira publicação, apenas parcial, pela revista “*Marx-Engels-Archiv*” em Frankfurt, Alemanha.

Diferente do que afirma a edição da Boitempo, estes manuscritos não eram tão inéditos assim. Engels, publica as teses *Ad Feuerbach* em 1888; Eduard Bernstein havia publicado na revista *Dokumente des Sozialismus* (documentos do Socialismo) em 1902 e de acordo com o marxista italiano, Francesco Ricci (RICCI, 2016), Plekhanov traduzira fragmentos destes manuscritos para Russo.

Após a Revolução Russa de 1917, os comunistas na Rússia e Alemanha, fundaram o Arquivo Marx - Engels com o objetivo de reunir os trabalhos destes dois revolucionários, o que viria a alicerçar a criação do Instituto Marx - Engels em Moscou em 1919. O Instituto possuía um grande arquivo e biblioteca, além de duas revistas, a “*Marx-Engels-Archiv*” e os “Anais do Marxismo”.

Para além de frações publicadas, foi apenas em 1932 que a MEGA¹ anuncia uma edição completa de *A Ideologia Alemã*¹⁴⁰.

A tradução que adotamos para nosso trabalho é a publicada pela Boitempo Editorial em 2007 no Brasil, com tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano, que teve como

¹⁴⁰ Para os editores da MEGA², esta edição da MEGA¹ de 1932 seria incompleta, pois considera apenas os manuscritos de 1845 e 1846, quando deveria considerar também os de 1847. A MEGA² apresenta uma crítica em relação a forma como até então se organizava estes materiais para publicação, por isso propõe uma crítica filológica a tudo que existia até então.

fonte a edição de 2003 do Anuário Marx-Engels (*Marx-Engels-Jahrbuch*) do projeto MEGA² e também a edição da *MEW-Marx-Engels-Werke*¹⁴¹ de 1969.

Inicialmente, este trabalho apenas era conhecido por conta da apresentação que o próprio Marx¹⁴² faz quando da publicação de “Para a Crítica da Economia Política” em 1859. Vejamos o que apresentava o próprio Marx:

Friedrich Engels, com quem mantive por escrito um intercâmbio permanente de idéias desde a publicação de seu genial esboço de uma crítica das categorias econômicas (nos *Anais Franco-Alemães*), chegou por outro caminho (compare o seu trabalho *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*) ao mesmo resultado que eu; e quando ele, na primavera de 1845, veio também instalar-se em Bruxelas, decidimos elaborar em comum nossa oposição contra o que há de ideológico na filosofia alemã; tratava-se, de fato, de acertar as contas com a nossa antiga consciência filosófica. O propósito tomou corpo na forma de uma crítica da filosofia pós-hegeliana. O manuscrito, 1¹⁴³ dois grossos volumes *in octavo*, já havia chegado há muito tempo à editora em Westfália quando fomos informados de que a impressão fora impedida por circunstâncias adversas. Abandonamos o manuscrito à crítica roedora dos ratos, tanto mais a gosto quanto já havíamos atingido o fim principal: a compreensão de si mesmo (MARX, 2005, p. 53).

Trata-se de um acerto de contas com seus referenciais iniciais, que os ligava ao idealismo hegeliano de esquerda e ao materialismo de

¹⁴¹ “*Werke*” significa: obras, trabalhos. São as obras escolhidas, conhecidas como as dos livros/volumes azuis (atualmente são 44 volumes).

¹⁴² Posteriormente, como veremos, Engels também fará referência a estes manuscritos.

¹⁴³ Verificamos que no texto original de Marx não há nota alguma nesta passagem. Este número “1” é uma nota do editor alemão, que informa o leitor que manuscrito que Marx se refere é A Ideologia Alemã. A tradução de Malagodi, não explica muito bem esse numeral “perdido” no texto.

Feuerbach¹⁴⁴. Nunca se tratou de uma obra acabada, de um livro publicado, embora tivesse esse objetivo inicialmente. O trabalho, como escreveu Marx, foi abandonado. O objetivo já tinha se objetivado: a crítica de suas antigas posições e de seus interlocutores que vulgarizavam a filosofia alemã. Ou seja, o objetivo de educação enquanto formação humana em suas trajetórias.

A Ideologia Alemã possui caráter inacabado, de rascunhos e materiais de estudos, muito pouco do material estava pronto para a publicação. Todavia, não se completara. Em nenhuma medida esta característica oblitera a importância do texto, ou, ainda, desabilita as contribuições sobre o método de Marx e sua importância para entender o tempo presente. Essa vulgarização é internacionalmente divulgada pelo stalinismo que tratará de defender aquilo que lhe fosse conveniente, falsificando a história em nome dos interesses da burocracia soviética.

É justamente neste texto de 1845-46¹⁴⁵ que a tradição marxista, ao menos parte significativa dela, busca afirmar a existência **acabada**

¹⁴⁴ Muito importante para entendermos esta crítica de Marx, são as teses que escreveu em 1845 contra (*ad*) Feuerbach, publicadas por Engels em 1888, como apêndice em seu *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* (ENGELS, 2012). Ver referências ao final.

¹⁴⁵ O projeto MEGA² trata “A Ideologia Alemã” como Manuscritos de 1845-1847. A proposta dos organizadores é apresentarem de maneira crítica uma outra leitura, anunciadamente mais científica e mais próximas dos materiais deixados por Marx e Engels. Trata-se de um projeto muito importante, mas não acreditamos em neutralidade. Todo material deve ser tratado como fonte, criticamente, até mesmo a MEGA². Uma vez em uma conferência, perguntei a um dos seus colaboradores: Quem é que está pagando todo este trabalho internacional? Pois é fundamental saber quem paga a conta. A resposta foi um pouco confusa, mas honesta... Respondeu-me o conferencista: “O maior parceiro é o Banco de Amsterdam”. Se fez silêncio por alguns segundos... próxima pergunta?

do materialismo histórico e dialético. Esta leitura não ajuda em nada o entendimento do método de Marx, ao contrário, ela é anti-marxista, pois nega a realidade mais empírica em nome de uma outra ideologia que deve ter a função de convencer de que em A Ideologia Alemã, encontra-se a mais fina flor do materialismo histórico e dialético.

David Riazanov será preso, falsamente julgado por traição e assassinado por fuzilamento, como demonstrado nos trabalhos historiográficos de Pierre Broué e Edward Hallett Carr. A acusação de traição foi típica do grande expurgo, onde todos os críticos à burocracia do governo dirigido por Stálin eram levados às prisões e a julgamentos encenados, torturados e assassinados.

Riazanov, ao publicar A Ideologia Alemã, considerando o caráter inacabado do texto, as imprecisões dos rascunhos, o desaparecimento de partes ou destruição parcial de folhas, foi associado aos reformistas sociais-democratas da Alemanha, que naquele momento jogavam contra a revolução socialista na URSS. A análise e caracterização da Ideologia Alemã realizada por Riazanov, segundo a burocracia stalinista, estaria defraudando a teoria revolucionária e colocando em descrédito o pensamento revolucionário de Marx e Engels diante da Revolução Russa. A história tratou de varrer estas acusações para a lata de lixo. Isso custou a vida de Riazanov, que fora assassinado em 1938.

A partir do desenvolvimento da burocracia soviética¹⁴⁶, A Ideologia Alemã, passou a ser divulgada como se fosse um livro pronto

¹⁴⁶ Agora, Vladimir Adoratsky, assumia a direção do Instituto, alinhado com os interesses da burocracia stalinista. É muito importante lembrar que Riazanov era membro da Oposição de Esquerda, dirigida por Trotsky, ou seja, um ferrenho oponente do stalinismo. Não foi assassinado apenas pelo fundamental trabalho historiográfico e filológico à frente do Instituto.

de Engels e Marx, onde supostamente estariam, de forma acabada, o materialismo histórico e o materialismo dialético. Um livro que buscava, supostamente, explicar o que era ideologia. É verdadeiro que a categoria Ideologia é tratada nestes textos (no plural, pois nunca foi um texto único), que a concepção materialista também é esboçada, mas na constituição do método de Marx, os textos que hoje conhecemos como A Ideologia Alemã, estão radicalmente distantes de serem portadores de um receituário sobre o método. Certamente, estes manuscritos fazem parte fundamental da construção do método de Marx, mas não são os primeiros passos nem os últimos na trajetória dos dois revolucionários no que diz respeito a teoria social que desenvolveram durante toda a vida de estudos e militância. Ignorar isso é reproduzir o marxismo vulgar (predominante), pois ignora a realidade mais empírica sobre estes textos.

A análise de David Riazanov sobre a importância de considerar que A Ideologia Alemã possuía um caráter necessariamente inacabado, encontra sustentação no próprio Engels, em 1888, quando este escrevia o seu prefácio ao livro “*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*”. Vejamos a coerência dos procedimentos metodológicos de Riazanov com o próprio Engels:

Antes de enviar estas linhas para o prelo, voltei a tirar o velho manuscrito de 1845/1846, e vi-o. A secção sobre Feuerbach não está completada. A parte pronta consiste numa exposição da concepção materialista da história que apenas demonstra quão incompletos eram ainda, naquela altura, os nossos conhecimentos da história económica. A crítica da própria doutrina de Feuerbach falta; para o presente objectivo era, portanto, inutilizável. Em contrapartida, encontrei num velho caderno de Marx as onze teses sobre Feuerbach impressas [aqui] em apêndice. São notas para posterior elaboração, escritas à pressa, de modo nenhum [*absolut*] destinadas à impressão, mas inestimáveis como o primeiro documento onde está consignado o germe genial da nova visão do mundo (ENGELS, 1982, p. 97 - 98).

O stalinismo, como fenômeno da burocracia ditadora, se colocou como mais engelsiano do que o próprio Engels. Ignorância da objetividade do fenômeno e centralidade da subjetividade da burocracia que precisava a todo custo justificar suas ações. Para isso as falsificações não possuíam limites e os assassinatos não mediam escrúpulos para fazer valer o que a direção (birô¹⁴⁷) do partido necessitava. David Riazanov passou a ser um grande problema, assim como todos os antigos bolcheviques que sobreviveram a Guerra Civil e a luta imperialista. Todos foram assassinados. Stalin passou a ser alguém¹⁴⁸, nas palavras de Leon Trotsky: “*o grande organizador de derrotas*”, (TROTSKY, 2010, p. 22).

¹⁴⁷ No texto de orelha do livro “Ideologia e Burocracia” de Maurício Tragtenberg, publicado pela Ática em 1992, nos é apresentado uma nota sobre a palavra birô. Pode ser importante reproduzi-la aqui para o nosso. Originalmente do francês “[...] bureau, do qual deriva burocracia, tem uma história curiosa e muito oportuna, [...]. Originalmente, era o nome de um tipo de toalha com que se forravam as mesas destinadas a trabalhos intelectuais, inclusive o da administração de negócios; por uma sucessão de processos metonímicos e de especialização, passou a designar as próprias mesas, o local onde elas se situavam, o serviço administrativo e, finalmente, o conjunto dos funcionários de uma repartição pública ou empresa” (TRAGTENBERG, 1992).

¹⁴⁸ Entre as organizações revolucionárias é corrente a história de que um dia, Stálin fora visitar Riazanov no Instituto Marx e Engels, chegando no local, notou que havia na parede um quadro de Marx e Lênin e Engels. Incomodado, teria perguntado: por que não tem um quadro meu na parede? Teria respondido Riazanov... Marx e Engels são os meus mestres e Lênin o meu maior dirigente, e você? Quem é você? Stalin teria saído irritado do Instituto. Evidentemente se trata de uma narrativa, que mais expressa a memória da tradição revolucionária, mas que nos é importante aqui porque ilustra bem o conflito e os embates diante da burocracia entre os próprios revolucionários. O trotskysta italiano, Francesco Ricci nos conta melhor este episódio (RICCI, 2016), ver referências ao final.

Marx e Engels¹⁴⁹ nos legou uma concepção da história (*Geschichtsauffassung*) que difere da história como manifestação do *Geist* e também diferente da história mecanicista, do materialismo vulgar. É a partir do presente que se analisa e caracteriza as relações sociais a partir da constituição da história viva, em movimento, em constante transformação e com possibilidades de intervenção a partir da realidade. Uma concepção de história onde o ser social pode ser o regente do devir, sem uma teleologia universal, mas a partir do trabalho enquanto posto teleológico primário, singular e que é entendido como consciência de si no mundo concreto. O método de Marx, parte da realidade material¹⁵⁰, se relaciona com o conceito de teoria, diferenciando-se da teoria transcendente¹⁵¹.

¹⁴⁹ Para além de 1848, considerando a trajetória destes dois pensadores revolucionários, é preciso considerar que o conceito de história de Marx não é exatamente o mesmo de Engels. Não é inteligente tratar os dois como se fosse um. Erro absurdo que podemos evidenciar até os dias de hoje. Uma leitura sugeria é o livro de Osvaldo Coggiola, “Engels: o segundo violino” (COGGIOLA, 1995).

¹⁵⁰ Repetimos aqui, em forma de nota, o que apresentamos no projeto da investigação: *a história para Marx (e também Engels), já em 1845 quando da “A Ideologia Alemã”, possui uma base real. A realidade do presente é de onde se procura entender o processo das relações sociais em seus múltiplos aspectos. Não se trata de uma teoria da história idealista, mas de uma história concreta, de carne e osso. O conceito de “materialismo histórico” de Marx compreende o universo idealista, mas também compreende que é na realidade das relações sociais de produção e reprodução da vida que se deve buscar o entendimento do tempo presente, não entre as nuvens. Há um processo de relações sociais, fundamentalmente, materiais que promovem a existência da sociedade capitalista e entendê-la é considerar uma série de aspectos já processados no pretérito e que não tomam a consciência do ser por uma abstração idealizada a partir da metafísica.*

¹⁵¹ Em carta a Pavel Annenkov, de 28 de dezembro de 1846, Marx responde ao intelectual russo os limites do livro de Proudhon e ao fazer, nos deixou uma síntese importante da sua perspectiva histórica materialista, onde enfatiza a particularidade, a transitoriedade das categorias, diferente das ficções universalistas.

5.2 Uma teoria materialista da história

O que é uma teoria materialista da história? Em outro momento deste livro, já afirmamos que não há uma teoria da história em Marx, no sentido idealista, teleológico, uma história linear, com um fim certo. Então, o que desejamos com esta seção? Fazemos uma breve digressão sobre o conceito de teoria para não reproduzirmos uma compreensão estreita sobre teoria da história, que em última instância, acaba negando a perspectiva histórica de Marx e seu método.

Para responder a esta pergunta é preciso iniciar limpando o terreno para ser exatamente entendido. Muito já se escreveu sobre o que é teoria. Partiremos de algumas definições simples, mas fundamentais. Às vezes, aquilo que é simples é o mais importante. Os intelectuais especializados deverão ter paciência, pois é preciso dialogar com os interlocutores não doutos.

Em nosso tempo presente (o momento que vivemos), encontramos várias menções sobre a palavra teoria, das mais absurdas até as mais sofisticadas. Vejamos algumas com o primeiro sentido: 1- *“você é muito teórico, precisa ser mais prático”*; 2- *“Nossa, isso é teoria da conspiração”*; 3- *“Tenho uma teoria de que nada dá certo para mim”*; *“Esse pessoal viaja na batatinha, muito teórico”*; 5- *“Conheço uma teoria sobre a vida após a morte”*; 6- *“Na teoria é tudo lindo, na prática é diferente”*; ou ainda, 7- *“teoria demais para o meu gosto”*. Poderíamos citar centenas de exemplos.

Em sentido pretensamente mais sofisticado, o Dicionário

Nesta carta, nosso leitor também encontra uma importante explicação do que são as categorias históricas, ao passo que Marx debate sobre a escravidão moderna e a sua conexão com o desenvolvimento do capitalismo, citando até mesmo o Brasil. Vale antecipar que mesmo em 1857, Marx mantém estas preocupações sobre o caráter das categorias. Ver referências ao final (MARX, 2021).

Básico de Filosofia nos apresenta uma outra definição básica: “1- Na acepção clássica da filosofia grega, conhecimento especulativo, abstrato, puro, que se afasta do mundo da experiência concreta, sensível. Saber puro, sem preocupação prática; 2- Modelo explicativo de um fenômeno ou conjunto de fenômenos que pretende estabelecer a verdade sobre esses fenômenos, determinar sua natureza. Conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas que pretende, através de sua verificação, confirmação, ou correção, explicar uma realidade determinada. Ex.: a teoria da relatividade de Einstein. 3- Explicação; método” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001, p. 183) ¹⁵².

Desde o senso comum até a definição de dicionário, nos deparamos com vários sentidos para a palavra teoria. Etimologicamente a palavra é grega (*theoria*) e chegou até a língua portuguesa através do latim. De qualquer maneira, os significados das palavras não estão engessados no tempo histórico e gostaríamos de apresentar ao nosso leitor um outro conceito sobre teoria.

Assim como os revolucionários alemães, continuemos nosso texto com um pouco de história sobre a sociedade burguesa: “**Até agora, a sua localização clássica é a Inglaterra. Por isso ela serve de ilustração principal à minha explanação teórica**” (MARX, 1996, p. 130). Seguimos com uma ilustração de nossa parte.

Marx foi obrigado a viver grande parte de sua vida como exilado em Londres. Londres é a capital da Inglaterra, para muitos uma cidade maravilhosa, mas para outros um grande pesadelo. A

¹⁵² Utilizamos este dicionário por ser de uso corrente em espaços supostamente mais sofisticados. Podemos escutar ainda: “*Sou professor de teoria da história na universidade*”. Neste caso, recorrentemente, se refere aos professores acadêmicos que lecionam uma disciplina com esse nome e que geralmente trata das várias tendências historiográficas sobre o que é a história, sua teoria e metodologia.

Inglaterra foi palco da revolução industrial. Era o centro do mundo moderno, com suas invenções, suas feiras industriais e a maior produtora de mercadorias do mundo fabril. Mas antes de tudo isso, algo mais importante do que qualquer ferramenta, passou a existir com predominância na Inglaterra: o trabalhador assalariado.

O trabalho assalariado não era inédito na história da humanidade, porém, depois de um longo processo de expropriação da classe trabalhadora, a única coisa que restara era a possibilidade de venda da força de trabalho por um salário.

Parte significativa dos trabalhadores assalariados se converteram no proletariado, era o operário industrial. Uma classe social nova e que vivia da venda da sua força de trabalho nas fábricas (daí vem a expressão “chão da fábrica”). Poderíamos também chamá-los de trabalhadores fabris, aqueles que estão todos os dias nas fábricas produzindo a troco de uma quantidade de equivalente geral de valor (dinheiro), popularmente chamado de salário. A força de trabalho é uma mercadoria, comprada pelo capitalista, que é consumida ao máximo de tempo possível. Uma relação supostamente legal (ideologia jurídica) onde o burguês se vê no direito de fazer o trabalhador produzir o máximo no menor tempo possível durante um período, já que este, supostamente, aceitou a venda da sua força de trabalho no mercado. Uma verdadeira liberdade dos pássaros!¹⁵³

Embora o momento fosse de produção de muita riqueza, a realidade da classe trabalhadora era extremamente diferente dos donos de propriedade (propriedade privada dos meios de produção), ou seja, dos patrões. Esses últimos, viviam em seus palacetes ou casas

¹⁵³ Quer saber o que é a liberdade dos pássaros? Faça o exercício de ir diretamente ao texto de Marx, pois ele explica no capítulo 24, na página 280 da edição da Abril Cultural de 1984.

de campo, com todas as mordomias possíveis ou imagináveis, graças ao trabalho dos operários e operárias.

A realidade da classe trabalhadora era de uma esmagadora miserabilidade. Produzia-se muita riqueza, mas ela pertencia aos donos dos meios de produção. Cabia aos operários apenas o mísero salário. Um salário mínimo, bem mínimo, apenas o suficiente para que o trabalhador pudesse recompor parte das energias dispensadas no dia de trabalho e para que no outro dia pela manhã ele estivesse vivo para continuar trabalhando para o patrão. A expressão salário mínimo se refere ao mínimo para que o trabalhador sobreviva e continue trabalhando. Nas palavras de Friedrich Engels, se referindo ao texto de Marx de 1849:

Vivemos hoje sob o domínio da produção capitalista em que uma grande e sempre crescente classe da população só pode viver se trabalhar, a troco de um salário, para os proprietários dos meios de produção — das ferramentas, máquinas, matérias-primas, e meios de subsistência. Na base deste modo de produção, os custos de produção do operário consistem naquela soma de meios de subsistência ou do seu preço em dinheiro — que são, em média, necessários para o tornarem capaz de trabalhar, para o manterem capaz de trabalhar e para o substituírem por outro operário quando do seu afastamento por doença, velhice ou morte, para reproduzir, portanto, a classe operária na força necessária (ENGELS, 2010, p. 23-24).

A realidade dos bairros operários era bem diferente de onde viviam os senhores industriais. Não existia uma rede de esgoto, a água não era de fácil acesso e os alimentos além de caros eram escassos. Em muitos casos a base da alimentação era as batatas. Um antigo professor de Ciências Sociais da Universidade de Columbia, Leo Huberman¹⁵⁴, nos ajuda a pensar:

¹⁵⁴ Que pese a crítica sobre a sua concepção sobre a suposta “acumulação primitiva”, neste mesmo livro.

Se um marciano tivesse caído naquela ocupada ilha da Inglaterra teria considerado loucos todos os habitantes da Terra. Pois teria visto de um lado a grande massa do povo trabalhando duramente, voltando à noite para os miseráveis e doentios buracos onde moravam, que não serviam nem para porcos; de outro lado, algumas pessoas que nunca sujaram as mãos com o trabalho, mas não obstante faziam as leis que governavam as massas, e viviam como reis, cada qual num palácio individual (HUBERMAN, 1982, p. 188).

Os donos de fábricas, diziam que todos os trabalhadores eram livres para aceitarem determinados salários e que ninguém era escravo. Quem não desejasse, poderia ir embora, pois eram seres sociais livres. Marx chamará esse tipo de liberdade de liberdade dos pássaros, pois o trabalhador poderia aceitar ou não essas relações de trabalho... supostamente, ninguém era obrigado a trabalhar. Uma “liberdade” para escolher ser explorado ou viver livre da exploração e morrer de fome!

Colocado desta forma, nossos interlocutores devem estar se perguntando: e o que a teoria materialista tem com isso tudo?

Para Marx, teoria não é um conjunto de ideias que se cria a partir de abstrações vazias, desconexas da realidade que se vive, ou seja apartada da vida das pessoas de carne e osso. Teoria não é um monte de afirmações que se tira do nada, como o mágico que supostamente tira coelhos de uma cartola. Teorizar, para Marx, não tem relação com o inventar de ideias que partem meramente da subjetividade do sujeito e que se lançam na sociedade para explicar as coisas a partir de opiniões infundadas na realidade empírica.

Teoria para Marx se relaciona com ideias, sim, mais precisamente com um processo ideal (jamais confundir com idealismo), que acontece na cabeça do ser humano, um processo cognitivo que tem, obrigatoriamente, como ponto de partida a realidade mais empírica, posteriormente, como síntese de múltiplas

determinações. Teoria é um processo de pensar criticamente a realidade a partir das determinações do que ela é e não daquilo que eu desejo que ela seja ou do que alguém tenha me falado que é.

Nesta história que esboçamos, pensar teoricamente é considerar o factual. O que é a Inglaterra? Onde ela se localiza socialmente no século XIX? De onde vieram os assalariados até se transformarem em proletários? Como as fábricas surgiram neste contexto? Como toda riqueza é produzida? Em que condições? Todas estas problematizações devem considerar a história e isso demanda muito estudo. Teoria em Marx não dá nenhum espaço para interpretações como as vulgares (“*Na teoria é tudo lindo, na prática é diferente*”...) que apresentamos no início do capítulo. Teoria para Marx exige uma forma de proceder (muitos chamarão de método) diante da realidade que jamais vai se auto explicar pela imediatez.

A teoria para Marx, deve, necessariamente, considerar a realidade como ela se apresenta, e, através de abstrações, procurar entender as categorias que determinada realidade possui. A teoria caracteriza e analisa o mundo dos seres sociais, no exemplo dado, a sociedade industrial. Em outro momento (no capítulo IX) escreveremos sobre esse “método” da abstração, por agora, vejamos o que Marx nos escreve sobre ele:

Porque o corpo desenvolvido é mais fácil de estudar do que a célula do corpo. Além disso, na análise das formas econômicas não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir ambos. Para a sociedade burguesa, a forma celular da economia é a forma de mercadoria do produto do trabalho ou a forma do valor da mercadoria. Para o leigo, a análise parece perder-se em pedantismo. Trata-se, efetivamente, de pedantismo, mas daquele de que se ocupa a anatomia microscópica (MARX, 1996, p. 130).

É preciso entender o percurso do objeto que se busca analisar e caracterizar, não pode haver atalhos para isso. Não vale inventar um

proletariado, mas considerar o trabalhador de carne e osso e a vida como ela é de fato. Não vale romantizar as classes sociais, mas buscar entender a sociedade e as classes antagônicas que predominantemente a compõe: proletários e burgueses. Ambas as classes são compostas por seres vivos, onde uns mais do que os outros se realizam no tipo de vida existente. Neste sentido, teorizar, teoria materialista, pensamento teórico, se relaciona diretamente a considerar a centralidade do objeto (jamais ignorando a subjetividade do sujeito), e isso exige um “método”, não basta achar o que é ou mesmo emitir uma opinião sobre a coisa ou determinado fenômeno (centralidade do sujeito) e pronto. Não, pensar que teoria é o pensamento dos deuses, ou que teoria é falar de coisas a partir daquilo que o sujeito acha que é ou valha... não tem nenhuma relação com o conceito de teoria para Marx. Pelo contrário, teoria é o pensamento de seres humanos vivo e o fazem a partir a realidade concreta, sensível e não suprassensível. Trata-se de um aspecto central no método de Marx, como demonstraremos na seção que segue.

5.3 Oposição entre materialismo e idealismo histórico

A crítica de Marx e Engels mantém o que já identificamos em Marx em 1844: uma crítica que supera incorporando, no caso em a Ideologia Alemã, ao fazerem a crítica ao idealismo o fazem em tom sarcástico, por entenderem que não há muito o que se comemorar a não ser contribuições insignificantes¹⁵⁵. Acusam os filósofos alemães de seu tempo por ignorarem a realidade alemã, por apresentarem uma

¹⁵⁵ Referindo -se a Bruno Bauer e Max Stirner. Marx e Engels reconhecem que a única contribuição realmente significativa fora a de Feuerbach, assim mesmo, com uma concepção de história que será criticada como mecânica e estática na concepção de mundo burguês alemão.

filosofia que não se relaciona com a sua própria realidade material.

Ao proporem o debate crítico com seus interlocutores, focam em Feuerbach¹⁵⁶, especificamente sobre o seu conceito de história. Ao fazerem isso, apresentam a concepção de história que haviam conquistado para além da tradição jovem hegeliana da qual se vinculavam inicialmente. Marx manterá este procedimento, típico do seu método até os últimos dias: a subsunção.

A explicação da história é realizada considerando as bases materiais da vida, a forma de produção, o trabalho humano. O que produzem, em que condições produzem e porque o fazem, são determinações históricas e o trabalho é central neste conceito de história.

Marx e Engels esboçam uma análise e caracterização da história onde o homem é o principal responsável pela produção e reprodução da vida e fazem assim a partir das relações que se trava com a natureza, transformando-se e a transformando. É importante observa aqui que temos a permanência com a forma de proceder a compreensão da realidade histórica. Marx já apresentara o registro de seus estudos sobre o trabalho em 1844 e podemos dizer hoje que esta preocupação se desdobrará cada vez mais na trajetória intelectual deste.

Considerando a perspectiva de educação fragmentada de nosso tempo presente, viciada em ler de forma a encontrar utilitariamente o que se pretende, a leitura marxiana apresentará dificuldades ao se deparar, pois há um caráter educativo, como já

¹⁵⁶ Estamos tratando aqui do manuscrito que aborta Feuerbach, mas é preciso considerar que os manuscritos, publicados como A ideologia Alemã, tem como principal alvo de crítica os idealistas alemães, especialmente Bruno Bauer e Max Stirner

dissemos em muitos momentos deste nosso trabalho, enquanto formação humana, radicalmente oposta a fragmentação de nosso tempo. A princípio, este texto de parceria entre Marx e Engels tem o propósito de passar a limpo uma forma crítica de consciência a qual eles pertenceram. Insistimos que no caráter de formação humana que esta prática teve para os autores de *A Ideologia Alemã*. Uma formação humana que se manifesta na individualidade de Marx e Engels, mas que é mediada pela particularidade da realidade histórica que viviam, para eles, de contradição com a totalidade histórica que estavam inseridos.

A história é analisada a partir da vida material, não mais do espírito. Neste sentido, a teoria da história¹⁵⁷ é pensada a partir das determinações materiais, das forças produtivas desenvolvidas em dado momento da história. É a partir delas que os homens se humanizarão e continuarão a desenvolver a vida em sociedade.

A história não é uma história do espírito que se manifesta na vida, mas da vida que se cria a partir da realidade, fora da consciência do homem, embora esta se mantenha como crucial para todo processo de abstração da realidade concreta.

Há um método de pensar que não é apenas pensamento, mas pensamento que se faz a partir do que se tem, ou não tem. Não queremos dizer com isso que se trata de um mero consumismo, mas que toda realização do pensamento humano está em maior ou menor

¹⁵⁷ É fundamental considerar o significado de teoria em Marx para se compreender o significado de teoria da história em nosso estudo. Teoria, aqui, sempre no sentido de atividade cognitiva promovida pelo sujeito, a partir das determinações da realidade. Sem espalho para teleologia histórica, universal. Nada disso. O capítulo IX, trataremos de debater mais detidamente sobre este significado de teoria para Marx.

grau, vinculada a realidade existente para fora da cabeça do homem. É ela que pensa a realidade, e não o faz por que a consciência mandou, mas ela age a partir de determinações concretas, matérias, da vida social que a cabeça pensante vive.

Apraz ao homem pensar que uma cerejeira é naturalmente um produto da natureza orgânica que as forças divinas lhes presentearam no fundo de uma vivenda, de um quintal. Esta concepção é uma forma de consciência, a religiosa. Marx desenvolve um método, e aqui na Ideologia Alemã, juntamente com Engels, nos apresentam uma interpretação da história que não é a natural, nem a divina. Há determinações para além da consciência que possuo em dado momento da vida sobre a vida mesma, dizem os autores: “*O ‘espírito’ sofre, desde o início, a maldição de estar ‘contaminado’ pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem [...]*” (MARX&ENGELS, 2007, p. 34). A consciência se faz a partir das relações com o ambiente e a matéria deve ser entendida como o mundo concreto, não transcendental.

A concepção materialista¹⁵⁸ consiste em considerar a realidade

¹⁵⁸ Leon Trotsky, quando dos noventa anos do Manifesto do Partido Comunista, escreveu sobre a atualidade desta concepção: “Esta tese, que constitui a mais importante conclusão da concepção materialista da História, em pouco transformou-se em elemento da luta de classes. A teoria que trocava o “bem-estar comum”, “a unidade nacional” e “as verdades eternas da moral” pela luta entre interesses materiais, considerados como a força motriz da sociedade, sofreu ataques particularmente ferozes da parte de reacionários hipócritas, doutrinários liberais e democratas idealistas. A eles acrescentaram-se mais tarde, desta vez a partir do próprio movimento operário, os ataques dos revisionistas, isto é, dos partidários da revisão do marxismo em favor da colaboração e conciliação de classes. Finalmente, em nossa época, os desprezíveis epígonos da Internacional Comunista (os stalinistas) tomaram o mesmo caminho: a política daquilo a que se dá o nome de

imediate como resultado de um processo, constituído historicamente, a partir das forças produtivas disponíveis ao homem, assim, a história não seria a expressão do conjunto de subjetividades apenas, mas a manifestação das subjetividades determinadas pelas forças produtivas disponíveis em cada período histórico.

O método, no sentido de caminho feito pelo intelecto, considera as determinações (não determinismos) materiais nas quais os sujeitos estão inseridos, cada período histórico possui as suas particularidades, fazendo da história um constante processo. Nesta concepção, considera-se a diversidade humana na história, não dando espaço para a reprodução mecanicista da concepção de homem anacrônica, ou seja, pensar que a história humana é a história de um período específico, a saber: o homem, a sociedade burguesa, a história do capitalismo.

A formação humana, a educação¹⁵⁹, pode nos conduzir a uma compreensão da realidade que desconsidera esta perspectiva materialista, ensinando, formando, indivíduos a pensarem a realidade de acordo com as suas considerações sobre aquilo que seria o real. Por exemplo, poder-se-ia conceber o café como um produto genuinamente brasileiro e de grande aceitação no mercado mundial. Mas se considerarmos a história na perspectiva do método de Marx, chegaríamos as múltiplas determinações do objeto e as relações que a

"frentes populares" decorre, inteiramente, da negação das leis da luta de classes. Entretanto, vivemos na época do imperialismo que, levando todas as contradições sociais ao seu extremo, demonstra o triunfo teórico do Manifesto do Partido Comunista" (TROTSKY, 2005, p. 160).

¹⁵⁹ Educação, mas não a educação proposta pelo Estado burguês. Não há nenhuma possibilidade de emancipação humana nesta perspectiva de educação. Quando nos referimos a educação, estamos falando de formação política revolucionária.

ele é implicado ou implica.

Se partimos da consideração subjetiva sobre determinado objeto ou fenômeno, fragmentando a totalidade histórica que estes estão inseridos, poder-se-ia convencer de que a questão do café é exatamente da forma que se propusera inicialmente, mas ao observarmos a história das relações sociais, determinadas materialmente, seria impossível sustentar que se trata de um produto originalmente brasileiro, embora seja verdadeiro o fato de ser bem aceito no mercado internacional.

A explicação que Marx e Engels apresentam nos fragmentos da Ideologia Alemã é fundamental para identificarmos a concepção histórica, muito posteriormente chamada de materialismo histórico¹⁶⁰. Nela se demonstra uma análise e caracterização a partir do tempo presente, localizando parte do desenvolvimento histórico que redundou no sistema fabril. Para isso abordam as formas primordiais de sociabilidade que conseguem localizar no tempo e espaço, desde as formas tribais, comunais, servis, manufatureiras, com vistas a melhor compreender o tempo presente que estavam inseridos, o século XIX, ápice da revolução industrial clássica.

A interpretação da história que encontramos em A Ideologia Alemã não é um tratado sobre a história, menos ainda sobre a história antiga, medieval ou moderna. Não se trata de um livro de história

¹⁶⁰ A criação do “materialismo histórico” e o “materialismo dialético”, supostamente, como métodos prontos e acabados, tem este momento da organização e publicação de A Ideologia Alemã como uma importante referência histórica. Após o assassinato de Riazanov, a MEGA, sob direção da burocracia, publicará esta obra como um todo perfeito. Até os dias de hoje, o marxismo predominante ainda folheia A Ideologia Alemã em busca dos “sete passos” do materialismo histórico dialético, na esperança de encontrar em qual página deste monumental texto, Marx e Engels escreveram sobre o método. Jamais encontrarão.

como comumente conhecemos, mas de um texto que questiona a forma de pensar a história de base idealista ou de referência materialista vulgar. Marx e Engels estão analisando a história e estabelecendo uma investigação que fundamentará para o resto de suas vidas uma teoria da história que foi capaz de tirar do adormecimento o central demiurgo das coisas: a classe trabalhadora.

A partir disso, hoje, usar o método de Marx para entender a crise capitalista é central, ao nosso ver. Este método concebe a possibilidade de compreensão da realidade histórica a partir do presente, do aqui e agora. Postula o entendimento da realidade mais concreta a partir de uma concepção de classe, vinculando-se a perspectiva da classe trabalhadora.

Não entraremos aqui na questão da tentativa de deslegitimação desta perspectiva, pois já abordamos este tema nos capítulos iniciais desta nossa pesquisa de pós-doutoramento, mas cabe ainda apenas apontar que o fato de Marx entender que a realidade existe, para além das realidades expressas em narrativas que postulam cada uma delas possuir uma verdade; que o tempo presente é a história viva, de pessoas de carne e osso e que respiram, não sendo a história um recanto de processos que devam envelhecerem para apenas aí serem analisados e caracterizados; que o conhecimento e a educação, como formação humana, devem atender aos interesses da classe trabalhadora, explorada e oprimida no tempo presente; são elementos fundamentais para entendermos a verdadeira batalha das ideias que estamos inseridos. Nela, o conceito de método de Marx é uma perspectiva que vem sendo atacada sem tréguas. A concepção histórica que analisamos em *A Ideologia Alemã* constitui-se em elemento central para a compreensão da realidade desigual e combinada que ainda vivemos.

O método de Marx, neste sentido, é uma ferramenta (não no sentido utilitarista) crucial para entendermos o tempo presente. O próprio Marx expressou esta perspectiva quando do desenvolvimento de sua análise da realidade francesa nos anos de 1850. Este método fica evidente em O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, onde empreende uma análise e caracterização daquele tempo presente a partir da realidade mais empírica, buscando as determinações da vida material, ou seja, historicamente, que sintetizavam o cenário francês no início dos anos de 1852. Trataremos desta obra marxiana nos capítulos posteriores.

Nesta trajetória de Marx, sempre em parceria com Engels, sobretudo após a Ideologia Alemã, a questão do método virá à tona diretamente e mais detidamente, pela primeira vez, quando Marx se preocupará em escrever sobre o método em livro publicado em 1847, onde polemiza com um dos maiores representantes do socialismo francês: Pierre Joseph Proudhon. Nos referimos ao livro Miséria da Filosofia, uma resposta direta a Filosofia da Miséria de Proudhon em 1846¹⁶¹.

Nele, Marx mantém as suas considerações sobre a história já apresentadas na Ideologia Alemã e coloca em ação sua perspectiva de método aplicada a realidade imediata. Observamos desta maneira parte do desenvolvimento do conceito de Marx sobre o método. Inicialmente é preciso considerar que a lógica do método para Marx já é bem resolvida diante da Ciência da Lógica de Hegel, embora estabeleça críticas fundamentais ao filósofo alemão.

Nos manuscritos de 1844 a preocupação com o método,

¹⁶¹ “*Systemè des contradictions économiques, Philosophie de la misère*” Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria. Título completo da publicação de Proudhon – (tradução livre nossa).

criticando o idealismo de Hegel e um breve ensaio em forma de manuscritos de estudos, já buscava colocar o método de Hegel com os pés no chão, para além da expressão vulgar que se denota até hoje na tradição marxista. Sem linearidades, nem mesmo etapismos, pudemos observar o aprofundamento deste debate com os manuscritos deixados para a crítica roedora dos ratos. Trata-se de entender parte da trajetória intelectual de nosso sujeito central da pesquisa: Marx.

Nossa exposição continuará se preocupando em apresentar nossa investigação sobre o método em Marx, mas é preciso reafirmar: a construção marxiana não é entendida aqui como uma trajetória linear de evolução da coisa. Há muitas crises na trajetória de Marx e todas elas foram fundamentais para a constituição do ser social que buscamos entender.

Passemos assim ao nosso próximo capítulo, que busca manter a preocupação sobre o método em Marx e a realidade do tempo presente a partir de Miséria da Filosofia de 1847.

CAPÍTULO VI

MISÉRIA DA FILOSOFIA E O MÉTODO EM MARX

6.1 Texto e contexto

O texto que trabalhamos neste capítulo fora traduzido para língua portuguesa por José Paulo Netto e publicado pela Editora Expressão Popular em 2009¹⁶². A Boitempo Editorial, em 2017¹⁶³ republicou esta tradução com atualizações. Optamos em trabalhar com as duas, considerando que nossa pesquisa se iniciou antes de 2017. Para as citações do texto de Marx, o fazemos com a edição de 2009. Ao lado desta tradução, também utilizamos a edição francesa de 1968, publicada pela *Éditions Sociales* - Paris, cedida pela Bradoteca do Centro Cultural Brado de São José do Rio Preto – SP, através do seu dirigente, **Marcos Rodrigues**¹⁶⁴. Esta obra de Marx¹⁶⁵ fora escrita e publicada originalmente em francês, dada a necessidade de responder rapidamente ao debate sobre a sociedade burguesa e a sua forma de funcionamento no tempo presente. Uma publicação financiada pelo próprio autor, o que colabora para nossa consideração sobre a necessidade imperiosa da crítica de Marx, nos apresentando um

¹⁶² Publicação esta que teve por base a tradução de José Paulo Netto apresentada em 1982 pela Livraria Editora Ciências Sociais de São Paulo, relançada em 1985 pela Global Editora, na mesma cidade, com algumas correções.

¹⁶³ Nossa investigação sobre esta obra, sistematizadamente, iniciou-se em 2011, compondo num estudo sobre o conceito de história e tempo presente em Marx. Aperfeiçoamos o debate nos últimos três anos, e agora, temos um texto mais rico em determinações e maiores problematizações.

¹⁶⁴ O camarada Marcos foi o grande incentivador deste estudo. Desgraçadamente, foi assassinado pelo governo genocida de Bolsonaro e seus apoiadores em 2021.

¹⁶⁵ Nesta data, Marx tinha 29 anos de idade.

aspecto central do seu método em construção.

“Miséria da Filosofia”, que traz como subtítulo de capa, “Resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon” é um texto de 1847, publicado como livro em Bruxelas/Paris, difere-se dos manuscritos até agora analisado por nós. Trata-se de uma rápida resposta de Marx ao livro publicado em 1846, de autoria de Pierre Joseph Proudhon, sob o título “Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria”. É neste trabalho que Marx apresentará ao público, pela primeira vez, a concepção histórica (em partes, equivocadamente chamada no século XX de materialismo histórico) desenvolvida em A Ideologia Alemã; o seu método, ao criticar o método do pensador francês, e ainda, seus estudos sobre economia política.

Neste trabalho, identificamos o desenvolvimento da crítica de Marx a um pensador representante do socialismo europeu a partir da França e um dirigente político revolucionário da vanguarda proletária.

Marx estabeleceu relações com Proudhon quando da sua estadia em Paris e é com esta interlocução que terá acesso a parte da vanguarda do proletariado existente. Queremos dizer com isso que a crítica de Marx não é um simples ataque moralista a um simples intelectual. Trata-se de uma crítica e postulamos em nossa pesquisa que este é um aspecto fundante do método de Marx e de contribuições para o nosso tempo presente. Já dissertamos sobre o aspecto da crítica marxiana se estabelecer no sentido de superação, de superar, uma negação que é capaz de incorporar, no sentido alemão de *Aufhebung/aufheben* (substantivo e verbo).

Todavia, é preciso considerar que Marx já se colocara em defesa de Proudhon nos manuscritos de 1844, quando da crítica, de acordo com ele, infundada de que os filósofos livres da Alemanha lhe imputaram. E, ainda, que a preocupação de Marx ao criticar o

socialista francês não é um tratado moralista sobre a ação revolucionada, mas antes de tudo, um posicionamento de polêmica radical diante de uma das direções do movimento operário europeu. Tratava-se de uma polêmica política em relação a interpretação da realidade que poderia conduzir a luta por caminhos, considerados por Marx, equivocados. Mesmo com toda admiração, Marx não poupou seu interlocutor.

Em cartas trocadas, Marx e Proudhon já apresentavam divergências sobre a organização da vanguarda revolucionária na Europa. E insistimos na interpretação de que a relação entre os dois quadros revolucionários não é a manifestação de uma rusga pessoal e vaidosa.

Neste sentido, a crítica para Marx, como aspecto de seu método, apresenta-se como característica de suas análises e caracterizações sobre o tempo presente. Nossa pesquisa apresentou algumas contribuições sobre esta questão de princípios norteadores, de formação humana entre os revolucionários. Identificamos em Marx um conceito de crítica que está para além de uma simples definição do ato de criticar. Uma prática que colabora até os dias de hoje para a educação da tradição marxista.

Como o princípio educativo hegemônico não é o marxiano, parte da tradição marxista é educada pela perspectiva de educação predominante: a burguesa.

A práxis marxiana diante da necessidade de realizar a crítica se faz de modo oposta a tradição cordial, insistimos, princípio este que não está fora da realidade da tradição de lutadores depois de Marx.

Marx inicia apresentando questionamentos. Para nós este elemento é da maior importância, pois não se trata de apenas realizar perguntas, mas sim de desenvolver problematizações. O método de

Marx parte de problematizações no tempo presente, mantendo coerência com suas preocupações deste o período da Gazeta Renana em 1832, onde ainda era apenas um liberal radical. Nossa investigação também identificou outro aspecto central na construção do método de Marx: a crítica. Todos os aspectos que pudemos identificar em nossa pesquisa estão interconectados ao método marxiano, queremos dizer com isso que as categorias do método em Marx operam de conjunto, jamais separadas, com fórmulas ou abstrações vazias.

E o que é a crítica do tempo presente neste momento de 1847 para Marx?

Para os oponentes políticos de Marx se tratava de um tipo de crítica que chamaremos aqui de: a crítica desagradável (como observamos nas anotações de Proudhon em seu exemplar particular).

Antes é necessário abordar uma definição do que é a crítica. É verdade que existem várias definições e nenhuma delas é capaz de ser a única. Entretanto, apresentemos o conceito marxiano que entendemos ser mais sólido do que as temporárias definições.

Crítica é a síntese teórica, que considera a totalidade, idealmente produzida, a partir do mundo concreto, neste sentido se assemelhando ao conceito de teoria. É aquele pensamento construído a partir do mundo real que se eleva a caracterizações comprometidas com a verdade que se compreende sempre a partir do social e historicamente construído.

Para Marx criticar é um ato histórico, pois não está relacionado a ações extra-humanas ou mesmo natural. Compreender historicamente as relações sociais em determinado momento é necessariamente procurar entender as formas e características das coisas criadas pelo homem diante da natureza. É também a tentativa de entendimento do movimento da natureza e seus fenômenos que

não são realizações humanas. Em carta para Arnold Ruge¹⁶⁶ em 1843, Marx apresenta a seguinte consideração sobre a crítica:

Embora a construção do futuro e sua consolidação definitiva não seja assunto nosso, é ainda mais claro, no presente, o que devemos realizar. Refiro-me à crítica desapiedada do existente, desapiedada tanto no sentido de não temer os próprios resultados quanto no sentido de que não se pode temer os conflitos com aqueles que detêm o poder (MARX, 2021, s/p.).

Criticar é estabelecer análises e caracterizações a partir da realidade mais concreta, dá mais empírica até a mais abstrata. Isso quer dizer que a crítica é um movimento ideal que apenas os seres sociais são capazes de realizarem. Neste sentido, quando desenvolvemos a crítica, em relação à natureza e ao próprio homem, muitos (menos os cães e gatos!) acabam por se sentirem ofendidos, até mesmo atacados e se magoam. Poderiam dizer até mesmo que estariam diante de uma crítica destrutiva. Assim, abre-se espaço para a existência de outra crítica: a construtiva, em contraposição a destrutiva. Não partilhamos desta classificação. Crítica construtiva está mais para eufemismo do que para o movimento teórico que parte do real na tentativa de compreendê-lo e superá-lo.

Já em 1843¹⁶⁷, na Crítica da filosofia do direito de Hegel, Marx

¹⁶⁶ Marx planejava fundar os Anais-Franco Alemães, com Arnold Ruge e Julius Fröbel. No ano seguinte, o próprio Ruge recebera a crítica desapiedada de Marx em “Glosas críticas ao artigo ‘O rei da Prússia e a reforma social. De um Prussiano’” (MARX. 2010), onde Marx está respondendo ao artigo de Ruge sobre a revolta na Silésia.

¹⁶⁷ Neste período, Marx é fortemente influenciado pelo humanismo de Feuerbach, seu pensamento ainda é alinhado com a tradição que observava as massas com desconfiança, em sua crítica não há proletário, nem luta de classes, Marx trabalha com a perspectiva de voto universal, cidadania, sociedade civil, como já abordamos, trata-se da construção da trajetória de um Marx democrática radial, e que neste

trata da existência de uma crítica vulgar e apresenta sua consideração opondo-se a ela:

[...] (... A crítica vulgar cai em um erro dogmático oposto. assim ela critica, por exemplo, a constituição. ela chama a atenção para a oposição entre os poderes etc. ela encontra contradições por toda parte. isso é, ainda, crítica dogmática, que luta contra seu objeto, do mesmo modo como, antigamente, o dogma da santíssima trindade era eliminado por meio da contradição entre um e três. A verdadeira crítica, em vez disso, mostra a gênese interna da santíssima trindade no cérebro humano. descreve seu ato de nascimento. Com isso, a crítica verdadeiramente filosófica da atual constituição do Estado não indica somente contradições existentes; ela esclarece essas contradições, compreende sua gênese, sua necessidade. Ela as apreende em seu significado específico. Mas esse compreender não consiste, como pensa Hegel, em reconhecer por toda parte as determinações do Conceito lógico, mas em apreender a lógica específica

momento (1843) postula um socialismo humanista. Toda esta trajetória foi fundamental para a constituição do pensamento de Marx. Parte da tradição marxista acredita em uma ruptura entre o jovem Marx já em 1843. Estamos convencidos que há rupturas e permanência na trajetória de constituição do pensamento revolucionário de Marx. Mas se desejamos entender este processo é preciso muito mais do que um recorte epistêmico, baseando-se em um texto (por mais importante que este seja). É o caso da perspectiva de crítica que localizamos no texto de 1843 e mesmo em 1844. Apenas a permanência desta perspectiva de crítica já não permite sustentar uma suposta guinada de um Marx influenciado por Rousseau e Feuerbach em 1843 e um Marx mais lidado ao debate com o liberalismo em 1844. A questão é mais complexa. Devemos entender as coisas a partir de um processo em construção. Além da pretensão cronológica, apontar um antes e um depois de, de forma a fracionar o processo evolutivo, é coisa da epistemologia moderna diante de um objeto. Esperamos já ter elucidado este fenômeno ao nosso leitor, nesta altura das páginas. Uma outra tentativa de recorte epistemológico, mais “famosa” será dada por Louis Althusser (tratamos dele no capítulo III deste livro). Em “A Favor de Marx”, Althusser sustentará a separação entre ciência e ideologia em Marx, através de uma ruptura epistemológica: “Essa ‘censura epistemológica’ divide assim o pensamento de Marx em dois grandes períodos essenciais: o período ainda ideológico, anterior à censura de 1845, e o período ‘científico’, posterior à censura de 1845” [...] (ALTHUSSER, 1979, p. 25).

do objeto específico.) (MARX, 2010, p. 107-108).

Crítica nos sentidos construtivo e destrutivo é mais uma das formas fetichizadas de obstrução na elevação do pensamento que se esforça para compreender o mundo dos homens e da natureza em franca relação. A crítica marxiana é a que colocamos nas linhas anteriores: criticar é estabelecer análises e caracterizações a partir da realidade mais concreta, da mais empírica até a mais abstrata. Sobre a crítica ser desagradável (...). Desagradável é tudo aquilo ou coisa que não é capaz de produzir e reproduzir agrado ou prazer. Desagradar é uma ação indesejada para a maioria das pessoas e é entendível que assim o seja. Porém, o pensamento que acredita em um mundo plenamente agradável e prazeroso é também representação de uma parte da realidade social onde o real se coloca de forma fetichizada. O mundo não é plenamente agradável.

Não se afirma com isso que seja o homem egoísta por natureza. Mas não se pode desconsiderar que desde a convencional pré-história da humanidade o homem vem passando por drásticas privações e que é diante de sua capacidade de idear e objetivar (coisas que os caninos e felinos jamais foram capazes de fazerem na história de sua evolução) diante de suas relações com a natureza que esse mesmo ser social vem cada vez mais submetendo a natureza aos seus interesses, benéficos ou não.

Ainda, neste sentido apresentado, a crítica em Marx é aquela que ao buscar a análise e caracterização do mundo dos homens e se apresenta da forma mais certa sobre determinada coisa ou ser é também a que ao fazer assim provoca nos seres objeto da crítica a sensação de desconforto, de desprazer: o desagrado. Nesta perspectiva, a crítica se torna sinônimo de ofensa, pois o ser criticado é desmascarado diante de suas relações mistificadas, coisificadas e

estranhas a ele mesmo e a classe que pertence. O crítico (que também deve ser objeto da crítica que postula) é atacado como se tratasse de um ser desagradável e sua presença também se torna a manifestação do desagradável!

Para exemplificarmos esta situação o próprio Marx de 1847, passando pela Crítica de 1859 e mesmo O Capital de 1867, ao publicar parte de seus estudos críticos sobre a sociedade capitalista, provocara o descontentamento de seus interlocutores. Todo movimento ideal de análise e caracterização da sociedade que realizou não agradou em nada os círculos intelectuais de seu tempo, sobretudo daqueles que defendiam com unhas e dentes a sociedade burguesa no século XIX. A resposta inicial à crítica de Marx foi o silêncio: era desagradável demais, até mesmo para ser objeto de outra crítica. Foi assim que procedeu Proudhon diante da Miséria da Filosofia em 1847.

De lá até o nosso tempo presente a crítica marxiana vem desagradando muita gente, uma classe inteira para ser mais abrangente! O que é a sociedade? Como funciona a sociedade? O que é a história? O que é o método? Foram abordagens críticas de Marx que se apresentaram como muito desagradáveis: crítica que desagrada.

Estabelece-se aqui a reivindicação do eufemismo na crítica. Entretanto, para Marx, crítica é crítica e não há que ser melindroso ao apresentar os resultados do processo ideal que se faz a partir da realidade. Na perspectiva marxiana, o crítico deve se comportar assim e não tem o direito de se reservar algo diferente para si mesmo se procura trabalhar a crítica da perspectiva de Marx.

A crítica construtiva, “aquela que não é desagradável” seria o velamento da realidade. Uma crítica que não é crítica, mas a mais real manifestação da “politicagem” pessoal ou de classe, e, em uma perspectiva revolucionária, o posicionamento crítico deve ser

reivindicado e não marginalizado. A crítica que identificamos em Marx não é uma exclusividade do autor, mas uma construção social que apenas os homens são capazes de realizar e que caracteriza o método que investigamos.

6.2 Considerações marxianas especificamente sobre o método

Marx organiza seu livro em duas partes, compostas por capítulos e dedicará a abertura da Segunda Parte sobre a questão do método. Trabalharemos com este capítulo que aborda exatamente o tema central da nossa investigação, apresentada agora como livro.

Nesta crítica Marx apresenta algumas teses centrais à Proudhon, onde publica elementos fundamentais da sua concepção de história anterior a publicação de “Para a Crítica da Economia Política” doze anos antes. Trata-se de sete observações sobre o método, centrais e polemizadoras, onde podemos identificar considerações importantes sobre o método e tempo presente a partir do capítulo, intitulado: “A metafísica da economia política” (MARX, 2009, p. 119). Aqui, podemos e devemos ter em consideração os aportes de A Ideologia Alemã, sobre a história e a crítica ao idealismo.

É neste capítulo que Marx apresenta suas observações sobre o método equivocado do pensador francês e aponta substanciais considerações sobre a história ao mesmo passo que desenvolve a crítica do presente ao reformismo de Proudhon.

Estamos entre os anos de 1846-47, e já é possível observar consistência no conceito de história e tempo presente de Marx acompanhado do método, e, não entraremos aqui na polêmica de que a obra “Miséria da Filosofia” não representa a totalidade do pensamento de Proudhon, isso é uma obviedade. Todavia ressaltamos este ponto diante de certa tradição anarquista que reivindica o

pensador francês e nega o alemão exilado, apenas por não estarem de acordo com as ácidas, é verdade, críticas de Marx ao entendido teórico do anarquismo¹⁶⁸, e o fazem, sem ler Proudhon e muito pouco o próprio texto de Marx, o que não contribui para entender nenhum e nem o outro.

Retroagimos brevemente, e continuaremos fazendo assim sempre que necessário, ao tempo de *Cronos* para observarmos como o conceito de História e tempo presente ligado ao método, se constituíram para além do período de maturidade geracional, tão reivindicado por parte da tradição marxista. Conceitos que guardam a sua substância, histórica-social.

Nestas considerações, na primeira, Marx demonstra sua preocupação diante da necessidade de análise do movimento histórico para o entendimento do presente e sua transformação, coisa que não realizava os economistas, nem Proudhon. Enfatiza a necessidade da análise histórica para compreender as relações sociais capitalistas em sua historicidade e não na sua naturalidade como fazia David Ricardo e Adam Smith e abstratamente o pensador francês em seu idealismo sobre o devir como de uma razão pura ou mesmo na tentativa de um gênio robusto onde tudo já existia, ou seja, outra situação onde sujeito se transforma em predicado e predicado em sujeito puro e realizador. É também neste momento Marx busca a reafirmação das forças produtivas como predominantes em relação as

¹⁶⁸ Se nosso leitor consegue notar um tom de desconfiança quando nos referimos a ser o “pai do anarquismo” é porque Proudhon se aproxima muito mais do liberalismo, do individualismo burguês do que qualquer outra coisa do gênero. A perspectiva do anarquismo diverge da ação política que encontramos na proposta de reforma social de Proudhon em 1846.

relações sociais e a análise histórica, fundamental para a compreensão das relações por elas advindas historicamente naquele presente.

Neste momento, o conceito de abstração na pena de Proudhon é apresentado por Marx como metafísica em oposição a análise histórica, pois as categorias já estariam prontas, e, elas, as determinantes da história. Mais uma vez, o predicado se levanta como sujeito, assim como um defunto se levantaria da cova após o sétimo dia de uma missa não realizada, ou pior, o ressuscitar de uma alma morta e não encomendada, e ainda pior, que ressuscita no céu, ao lado de “deus”, mesmo sem a extrema unção.

Diferente disso é o “*movimento da história que produz as relações sociais*” (MARX, 2009, p. 122) não uma série de abstrações puras, desta forma questionando o método absoluto de Proudhon onde a história se anularia ao procurar identificar de modo dicotômico e moral, o bem e o mal. Eliminar-se-ia o mal e focalizar-se-ia o bem e o que teríamos, de acordo com Marx é a nulidade da história.

Na segunda observação Marx já aponta o que apresenta ao público em 1859, ou seja, as relações entre forças produtivas e relações de produção. A primazia da primeira sobre a segunda, a determinação, no sentido que já apresentamos anteriormente, é afirmada também em 1846-47, e, neste texto, mas é menos fulminante do que no Prefácio de sua “Crítica...”, mais sistematizada à economia política. Vejamos como José Paulo Netto nos apresenta sua tradução da obra marxiana:

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, ao transforma-lo, alterando a maneira de ganhar a sua vida, eles transformam todas as suas relações sociais. O moinho

movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial (MARX, 2009, p. 125).

Além de demonstrar que o pensamento marxiano opera na longa duração histórica, não eliminando as outras possíveis temporalidades, a ênfase do conceito de modo de produção dada em 1859 pode ser identificada em 1847. O ser social estabelece relações de acordo com realização material que produzem na história. Isso quer dizer que aquilo que Marx chama em 1859 de superestrutura está intimamente ligada a produtividade material, e material aqui, insistimos, não está no sentido da mera tangibilidade dos objetos, dos bens, das mercadorias. Assim, as categorias não são absolutas, mas relativas, “[...] *são produtos históricos e transitórios*” (MARX, 2009, p. 126). A história é para Marx um movimento contínuo de crescimento nas forças produtivas e que em dado momento a crise e a própria negação das relações sociais se estabelece e este fenômeno histórico não anula a história, ao seu contrário, alimenta a fornalha da produção humana, com elementos bons e ruins (admitindo a linguagem de Proudhon¹⁶⁹) e seus complexos de múltiplas determinações na totalidade histórica.

¹⁶⁹ A tradução do livro de Proudhon, realizada pela Editora Ícone no Brasil, sob tradução de José Carlos Orsi Morel nos possibilita a localização destes termos e evidentemente eles não aparecem formalmente em todas, nem mesmo no seu conjunto maior das 438 páginas do Tomo I. Marx identifica esse dualismo limitante da história para além da forma grafada no texto de Proudhon, por isso a ênfase de Marx em seu capítulo de “miséria da Filosofia”, sobretudo a partir da quarta consideração (MARX, 2009, p. 127). Como publicado em língua portuguesa no Brasil: “*A proporção do bem e do mal, [...]*” (PROUDHON, 2003, p. 203); “[...] *aos meus olhos, do justo e do injusto e do bem e do mal na sociedade*” (PROUDHON, 2003, p. 319-320); quando trata do valor, “*de maneira uniforme o bem e o mal, [...]*” (PROUDHON, 2003, p.244). Ainda poderíamos apontar algumas problematizações

E na terceira observação Marx continua a demonstrar que a história não é uma seriação de relações de produção e mais uma vez enfatiza a totalidade como o que constitui as relações sociais. A história não é observada como um conjunto de séries, ou a suposta dialética de tese, antítese e síntese¹⁷⁰, nas palavras de Marx “*as relações*

da introdução da obra de Prodhon, que é escrita pelo próprio tradutor José Carlos (MOREL, 2003, p. 7-36), mas enveredaríamos para outros sertões. Principalmente se considerássemos a tradução que José Carlos (2004) faz de Marx em *Miséria da Filosofia* em 2004 pela mesma editora e seus comentários introdutórios à obra. Neste Caso, para contrapor-se ao já citado trabalho de tradução de José Paulo Netto publicado pela Editora Expressão Popular, neste mesmo tradutor, há outra publicação dos anos oitenta, pela Global Editora (MARX, 1985), ambas com introduções do José Paulo e que recorreremos para nossas considerações de estudo. Para o debate sobre a teoria do valor em Marx e Proudhon, existe um artigo muito importante de José Flávio Bertero publicado da Revista de Estudos de Sociologia que aborda de forma clara as diferenças e os limites dos dois autores, e, reconhece a importância de Marx nos anos de 1840 como sendo um considerável esboço da constituição do ser social regido pelo capital, mesmo não aparecendo claramente ainda conceitos como mais valia e força de trabalho, “*Marx concebe o trabalho como uma mercadoria particular, capaz de criar valor. Trabalho, note-se bem, e não força de trabalho, pois ele ainda não havia elaborado esse conceito. Isso o incapacita, naquele momento (1846/47), para explicar de maneira clara e precisa a origem do excedente. Só dez anos mais tarde, com a sua Contribuição à Crítica da Economia Política (1857) e os Borradores de O Capital (1857/58) é que elaborará esse conceito, bem como o de mais-valia. Tinha, entretanto, na ocasião da redação da Miséria de Filosofia, uma dada concepção do real e de ciência. E essa dupla concepção que faz com que, a nosso ver, essa obra seja uma espécie de embrião da expressão científica da sociedade burguesa, concluída em seus estudos posteriores, particularmente em O Capital, estudo no qual apreende as leis que regem o movimento do ser social sob o domínio dele, capital, as quais estão somente esboçadas na Miséria da Filosofia*” (BERTERO, 2014, p. 9-34).

¹⁷⁰ Marx é crítico desta simplificação. Esta concepção sobre tese, antítese e síntese é uma apropriação vulgar de Johann Gottlieb Fichte. Não pertence a Karl Marx. Pode ser localizada na obra “*Grundriss des Eigentümlichen der Wissenschaftslehre, in Rücksicht auf das theoretische Vermögen*” de 1795 (FICHTE, 1984). Estamos

econômicas como umas tantas fases sociais que se engendram umas às outras, que resultam uma das outras assim como a antítese resulta da tese, e que realizam, na sua sucessão lógica, a razão impessoal da humanidade” (MARX, 2009, p. 126); teria assim uma sucessão lógica que nos levaria a igualdade, mas não há igualdade para o tempo presente de Marx e considerar a história diferente disso seria se dessintonizar do conceito de história e tempo presente em nosso principal sujeito de estudo. Na quarta observação, como apontamos anteriormente, a crítica ao binarismo da lógica histórica recebe inferência uma vez que se trata de eliminar o lado mal da história eliminar-se-ia toda ela. Para Marx a história não é bipolar, não se trata de polaridade boas ou ruins, o devir se constitui com contradições, o movimento do processo histórico não é constituído de dois termos ahistóricos e passível de separação concreta no mundo dos homens.

Queremos dizer com isso que as contradições geram crises e que estas crises movem a história sob condições determinadas, que a história é constituída por contradições, desconsiderar isso é a mais cabal demonstração de uma visão adâmica. Com efeito, é diante destas contradições, das negações das negações, queremos dizer das sínteses de múltiplas determinações, que o devir se estabelece, desde a mais remota existência do ser social diante da natureza é possível identificar a constante relação de contradições que marcam a

convencidos de que se trata de uma simplificação recorrente na tradição socialista. Fichte é um importante filósofo alemão, mas está em uma tradição radicalmente antagônica ao pensamento de Marx sobre o entendimento da realidade social. Ainda é preciso escrever que esta simplificação, de inspiração em Fichte, está "absolutamente" longe de expressar até mesmo o pensamento do reitor da Universidade de Berlim em 1810.

existência dos seres, em especial dos animais, entre eles aqueles que se humanizaram.

Quando da quarta observação, considera os desafios pré-históricos do homem para se alimentar, sobreviver diante de outros animais, esse lado “ruim”, “mal”, da realidade é também o elemento que possibilita a superação daquele determinado estado de coisas. A necessidade de sobreviver diante do todo, onde as leis da natureza imperam de forma impiedosa é também aquilo que coloca o homem preocupado, como diz Karel Kosik, a relação do homem diante da natureza é feroz e dessa ferocidade se afirma, nega, supera e se recria, ou mesmo se extingue. Marx cita exemplos históricos como a América do Norte, o que seria os Estados Unidos sem a escravidão (temos que pensar isso para além da moral)? O que seria o capitalismo sem a exploração do trabalhador, do assalariamento? Observemos que os exemplos são fincados a partir de problematização (diferente do método do pensador francês) que Marx faz diante do seu tempo presente. O conceito de história, sempre vinculado as preocupações no tempo presente para Marx, é discordante de tal separação pretensamente epistemológica de separar as partes, ou parte, a boa das ruins, ou recorrendo ao judaico-cristianismo, separar o joio do trigo, pois o trigo pode ser bem trabalho, justamente por ter o homem de retirar o trigo da lavoura, queremos dizer, joio faz parte da totalidade social e neste caso natural da produção da vida (não queremos dizer que o joio é o elemento determinante na produção de trigo, mas que tal separação poderia negar o desenvolvimento de técnicas onde o homem diante de dificuldades, crise e contradições, buscaria a superação de determinados fenômenos).

Ainda seguindo rapidamente as observações de Marx, na quinta, sua crítica continua sendo em relação a construção de um tipo

de interpretação da história que acaba por negar ela própria. Que história se considera? Que fazer histórico (não necessariamente o fazer do historiador apenas) se realiza? O conceito de história para Marx não trabalha com princípios abstratos apriorísticos, já existentes, e exemplifica muito bem nossa afirmação quando questiona a existência de princípios no século XI e século XVIII, onde, para entender estes princípios predominantes é necessário primeiro, antes de explodir os pulmões de ar para anunciá-los, quem são os homens e mulheres no século XI e XVIII? Como organizam a vida? Quais são as formas constitutivas da sua existência? E aqui Marx apresenta, mais uma vez, que o seu conceito de história exige que saíamos da manifestação dos fenômenos e busquemos a essência das coisas, que se manifesta, é verdade, mas, apenas em parte dos fenômenos. É preciso mais do que princípios, é necessário investigar o movimento histórico, para mais uma vez não se tomar o predicado como sujeito no tempo presente.

Nas duas demais observações que constituem o capítulo segundo de Miséria da Filosofia Marx continua suas problematizações sobre a história e tempo presente. A sexta, mantém o debate sobre a necessidade de estudar a história para que a análise no tempo presente seja a mais concreta possível. Acusa o método de seu interlocutor de promover a negação da história, categoria central para o método marxiano. Critica a apresentação de fórmulas no método de Proudhon, pois para Marx o método histórico não permite fórmulas pré-estabelecidas. No método criticado, Marx aponta em todas as observações o problema do imobilismo histórico e aqui nesta observação demonstra o anacronismo da Filosofia da Miséria ao ignorar a totalidade da história dos camponeses escoceses, quando da postulação proudhoniana da suposta categoria de “providencia” que

guiaria sempre para os aspectos positivos, bom, da humanidade. Marx ironiza questionando qual seria essa providência que guiará o camponês na Escócia da vida na terra para a expulsão desta no processo de acumulação primitiva de capitais. Que providência, supostamente, conduz para o bem, sendo que ao considerar a história dos trabalhadores do século XVI ao XIX, o que se constata é a permanente pauperização e proletarização de suas vidas?

Marx tonifica pontos anteriores na sétima observação, em relação ao entender a história em movimento, e, a não compreensão do papel das contradições na história, não é apenas não compreender Hegel, mas o próprio movimento histórico. Aparece aqui neste texto publicado em 1847 o esboço do que conhecemos hoje como o capítulo XXIV de O Capital de 1867, Marx se atenta a esboçar uma chave para o entendimento do presente, retroativamente, apresentando seus estudos sobre a história de como as relações de produção vão colocando novas relações sociais, que na medida das suas necessidades criará novas necessidades, buscando legitimar-se socialmente até mesmo por dispositivos artificiais, históricos, como o universo jurídico, lançando seu manto sagrado diante da história repleta de contradições e em constante movimento, velando a realidade no tempo presente.

O eixo central na sexta observação é justamente esse: demonstrar como, historicamente (sem a pretensão de ser historiador) as contradições vêm operando na história e como estas contradições, por mais doloridas que são, foram e são fundamentais para a constituição da história concreta dos homens. No texto de 1859, também apresenta com tonalidade a preocupação de historicizar o presente onde realiza a sua abordagem sobre a sociedade capitalista, propondo apontamentos históricos sobre a história da

mercadoria, uma preocupação depois não publicada em 1867, mas permanecendo a preocupação de historicizar suas problematizações a todo momento, e, é exatamente o que encontramos no *Capital* em várias seções, sobretudo nos capítulos XXIII e XXIV.

Termina suas observações reafirmando a necessidade de compreensão da história para além da moral, da bondade e de um princípio igualitarista, equilibrador das contradições do devir. Dá peso ao debate que encontraremos presente no texto de 1859 sobre forças produtivas e relações sociais, não seria exagero afirmarmos que em 1847, Marx já tem os fundamentos do conceito¹⁷¹ de método, cada vez mais rico de determinações, ao passo que mantém suas investigações e militância política.

Marx não deixou nenhum livro, mesmo em rascunhos, até onde sabemos, que trate exclusivamente sobre o conceito de história, tempo presente e método, como fizera Emile Durkheim, Marx Weber, Marc Bloch, Lucian Febvre e outros autores que são dados em classe, ensinados em aulas (por isso, chamados de clássicos).

Investigar o método em Marx, necessariamente, é enveredar-se para além da periodização seriada da história e das convenções mais aceitas sobre a escrita da história, por isso também a necessidade de reconhecer os limites da nossa investigação que apresenta ao nosso interlocutor mais um esforço de compreensão intelectual do que qualquer coisa como a última palavra sobre o assunto.

Estas considerações nos conduzem novamente a questão em que Marx finaliza o texto de 1847 sobre a transformação temporal,

¹⁷¹ Mais uma vez, é importante lembrar nossos leitores que conceito para Marx é desdobrado da realidade material, não pré-estabelecidos, mas parte da realidade concreta, dada, já imposta, posteriormente conceituada, e ainda assim, em permanente transformação. Sem espaço para idealismos.

social, material no mundo dos homens concretos, onde as contradições históricas, não rígidas, não apriorísticas, são fundantes na construção do histórico.

A crítica desenvolvida em 1847, aponta para considerações futuras de Marx, que neste momento ainda não estão plenamente desenvolvidas. Como retomará textualmente quando da publicação da sua “Para a Crítica da Economia Política” de 1859, onde, as condições de uma revolução social são colocadas historicamente, diante destas contradições, daí o problema daquele conceito de história de Proudhon, que busca, ou idealiza, equilibrar os antagonismos e até mesmo aniquilá-lo, eliminado o movimento, ou seja, a síntese, a possibilidade de negação, numa palavra: a superação das contradições.

Neste sentido, quando advém uma época de revolução social, constatando-se a transformação da base econômica a superestrutura também se transforma com maior ou menor velocidade. Mas isso Marx apenas aprofundará no futuro, em 1859. Trataremos isso no capítulo final deste livro.

Em carta de 17 de maio de 1846, Proudhon, escreveu para Marx: “*Minha próxima obra, neste momento a meio de impressão, dir-lhe-á melhor tudo isso, [...] espero receber a fécula de sua crítica, à qual me submeto de boa vontade, reservando-me a resposta*”. Após a crítica desapiadada de Marx, Proudhon jamais respondeu. Ambos nunca mais se falaram. Jamais retomaram algum contato.

Todavia, a presença de Proudhon na trajetória de Marx se manteve, até mesmo no capital. Longe de uma rusga de vaidade, mas por se trata do enfrentamento direto entre a perspectiva política revolucionária e a perspectiva política reformista. Uma batalha que até os nossos dias não teve fim.

Em 1865, quando da morte de Proudhon, o chefe de redação do jornal *Social-Demokrat*, Von Schweitzer solicitou a Marx que escrevesse algumas palavras sobre o pensador francês. Marx manteve sua coerência crítica e manteve as críticas, acrescentando ainda mais elementos contra o pensamento de Proudhon. Se esperavam algumas palavras agradáveis diante da morte, o que se leu foi a crítica desapiedada atualizada¹⁷².

Marx já tinha clareza das consequências do reformismo para a luta da classe trabalhadora, pois não é possível conciliar os interesses dos trabalhadores e burgueses, pois são classes sociais antagônicas. Hoje, séculos depois, os reformistas continuam a ignorar, a não responder às críticas de Marx. E pior, possuem a cara de pau de falarem em nome de Marx, supostamente, para justificarem suas alianças com a burguesia. Um espetáculo da canalhice. Isso, nem mesmo Proudhon foi capaz de fazer.

Em nosso tempo presente, aquilo que conhecemos como reformismo, possui diferenças substanciais ao reformismo do século XIX, seja no tempo de Marx e principalmente com o surgimento da Social Democracia Alemã. O reformismo do século XIX e início do século XX, possuía em seu programa (em muitos casos apenas retoricamente), a proposta de atingirem o socialismo através de reformas. Hoje, o socialismo fora expurgado de seus programas políticos. Não existe dificuldade em observar que as palavras socialismo, luta de classes e revolução, nem mesmo fazem mais parte de seu vocabulário. O que é apresentado hoje como reformismo é mais rebaixado do que propunham os reformistas clássicos.

¹⁷² Para lerem o texto de Marx, ver referências ao final, (MARX, 2017, p, 197- 203).

Hoje, reformismo é sinônimo de administração do Estado, colaboração de classe e melhoria do assistencialismo à classe trabalhadora. Luta de classes, revolução, socialismo, são categorias purgadas. A miséria da filosofia se ampliou e o caminho proposto pelos reformistas nem de longe se refere a superação da sociedade burguesa. Ao contrário, reproduz em abstrato, elevado a enésima potência, o universalismo idealista à espera de bons banqueiros, ótimos gestores e polícias mais eficientes para que os cidadãos possam viver dignamente em um Estado seguro e cheio de oportunidades para aqueles que se esforçam. Evidentemente, esta perspectiva é absolutamente anti-Marx.

Marx termina a Miséria da Filosofia apontando sobre a revolução social¹⁷³, não à reforma social. Esta abordagem acerca da transformação social radical, a revolução social, terá maior destaque no ano de 1848, quando da publicação, pela Liga dos Comunistas, de seu Manifesto que tratamos de analisar no capítulo que segue.

¹⁷³ Marx também apresentará este debate no Prefácio de 1859, que trataremos no capítulo X deste livro.

CAPÍTULO VII

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA E O MÉTODO EM MARX

7.1 Texto e contexto

O Manifesto do Partido Comunista, texto escrito em parceria com Engels, em 1847¹⁷⁴, fora publicado em 1848. Todavia, esta publicação, assim como as demais, está inserida em uma história. Não pretendemos extrair deste documento nenhuma visão teleológica da história, por um único fato: não há esta característica neste documento, assim como em todos que analisamos neste trabalho. Todavia, há princípios de conceitos esboçados e que a tradição marxista tratará de atribuir a Marx, como se fossem aqui desenvolvidos, desdobrados e já prontos e apresentados aos leitores do Manifesto. Reafirmamos, não há, principalmente pelo próprio caráter dos conceitos estarem sempre em construção, jamais como definições, prontas e acabadas e passíveis de aplicação. Marx e Engels, neste documento não apresentam um tratado sobre a história, mas uma análise e caracterização do tempo presente, do presente como história, nada mais do que isso. E postulamos: isso já é complexo, não devemos atribuir mais do que o documento bibliográfico nos oferece.

Engels havia estabelecido contato com uma organização de trabalhadores alemães exilados em Londres, ao menos o que restava dela, conhecida como Liga dos Justos. Em um contexto de Revolução

¹⁷⁴ Nesta data, Marx tinha 29 anos de idade e Engels, 27anos.

Industrial, e com a corrente movimentação de força de trabalho pelos países em busca de emprego, ligado a este fenômeno a censura e perseguição política na Prússia, muitos buscavam no exílio a sobrevivência¹⁷⁵.

Como trabalhadores exilados, as condições de labor, queremos dizer, os postos de trabalhos possíveis eram os mais precários que existiam. Em linhas gerais todos os trabalhadores viviam em situações subumanas, entretanto, aos exilados a realidade era mais cruel diante da xenofobia e o pagamento de salários ainda mais baixos. Esse era o tempo presente que antecede 1848.

Cabia à uma vanguarda de trabalhadores a organização de sua defesa diante da exploração capitalista. A Liga dos Justos era uma destas organizações, que mesmo diante das suas debilidades consolidadas em 1845-46¹⁷⁶, procuravam se reorganizar diante das

¹⁷⁵ Todavia, precisamos advertir o nosso leitor, no sentido de não reproduzir uma leitura romantizada do exílio, pois a maioria dos trabalhadores nem sequer tinham condições de exilar-se.

¹⁷⁶ Antecede a Liga dos Comunistas (1847 - 1852), o Comitê de Correspondência Comunista (criado no início de 1846 em Bruxelas por Marx e Engels), a Liga dos Justos (criada em 1836 em Paris) e a Liga Secreta Democrática-Republicana dos Proscritos (criada em 1834, é da Liga dos Proscritos que nasce a Liga dos Justos), estas duas últimas se situando dentro da tradição de associações secretas de cunho liberal republicano e nacionalista, marcharam com a *Société des Saisons* (Sociedade das Estações) em 1839, dirigidos por Louis Auguste Blanqui e Armand Barbes, duramente derrotados pelo governo. A trajetória destas organizações de trabalhadores exilados, tem na Liga dos Comunistas a representação de uma política fora do campo da perspectiva secreta e lança em 1848 o seu programa político juntamente com uma síntese da história a cargo de Engels e Marx. Ver Engels, “Para a História da liga dos Comunistas” (ENGELS, 1982, p. 192-212). David Riazanov não concorda com a história apresentada por Engels e vai tratar de criticá-lo, como também a Marx, em suas Conferências sobre Marx e Engels (RIAZANOV, 1984). Estas conferências tem por base o curso ministrado para militantes operários em

condições de vida impostas pela burguesia, mas ainda permeada pelo socialismo cristão e socialismos utópicos.

Neste mesmo período, Marx residia em Bruxelas. Muito diferente das lendas que propagam a narrativa de que a Bélgica era um país liberal onde as liberdades democráticas reinavam e todos eram bem-vindos, a realidade é que se tratava de um reino relativamente novo¹⁷⁷ e apenas necessitava de um pequeno tempo para deixar nítido qual era a sua verdadeira perspectiva política diante da realidade¹⁷⁸. Em pouco tempo Marx foi expulso da Bélgica, mas antes que isso acontecesse, muita coisa importante aconteceu durante a sua estadia no reino de Leopoldo I.

De acordo com Riazanov, e concordamos com ele, Marx e outros revolucionários, se dedicavam a construção de uma organização partidária mesmo antes de apresentarem-se como membros da Liga dos Comunistas. A própria Liga seria resultado de um enlace entre os comunistas de diversas matizes políticas, sob um programa que reconhecesse a classe operária como central para a revolução social.

1922, na Academia Comunista de Moscou, publicadas em russo em 1923 e francês no mesmo ano e traduzida para o inglês em 1927. No Brasil, localizamos a publicação pela Global Editora, que embora faça referência para publicação no ano de 1983, apresenta formalmente como publicada em 1984 – Coleção luta de classes I. Ver referências ao final.

¹⁷⁷ A Bélgica pertencia aos Países Baixos e sua independência é de 1830-31, sob o reinado de Leopoldo I.

¹⁷⁸ O Reinado de Leopoldo I preparou o terreno político da Bélgica no cenário imperialista, tornando-se com Leopoldo II, o país que cometera as maiores atrocidades no continente africano. É o caso da Conferência de Berlim de 1885 e a exploração e opressão no Congo Belga, formalmente até 1960. A Bélgica, mesmo “nova”, se consolidava junto aos Estados capitalistas mais velhos, na exploração e opressão internacional dos trabalhadores.

Marx e Engels criaram o Comitê de Correspondência Comunista, com núcleos em Londres (sob direção de Schapper, tipógrafo, que também era membro da Liga dos Justos, exilado em Londres) e Paris (sob direção de Engels), centralizados pela direção do núcleo de Bruxelas (Marx e Wilhelm Wolf¹⁷⁹). Tinham como perspectiva o internacionalismo como uma característica de organização política, conectando inicialmente parte dos trabalhadores da Prússia, França, Inglaterra, Bélgica e Suíça.

Não se tratava apenas de “uma rede social” para troca de correspondências, mas da organização internacional de núcleos comunistas que visavam a construção partidária (tão negada em nossos dias) e organização da classe trabalhadora. Observem, dissemos, construção! O **Comitê de Correspondência Comunista**, se pretendia uma organização. Riazanov faz referência até mesmo da preparação de um congresso por parte de Marx, embora não se saiba se ocorrera ou não. O que mais nos importa aqui é que antes de Marx ser da Liga dos Comunistas ele já era de uma outra organização política (O Comitê de Correspondência Comunista), que posteriormente se funde com a Liga dos Justos, aí sim, dando vida a uma nova organização, a Liga dos Comunistas.

¹⁷⁹ Friedrich Wilhelm Wolff, de origem camponesa, foi um revolucionário, editor da Nova Gazeta Renana ao lado de Marx, durante todo processo revolucionário na Prússia. Escreveu sobre os trabalhadores na Silésia e foi ativo combatente. Foi obrigado a exilar-se, assim como os demais camaradas. A partir de 1851, vai para a Inglaterra e viverá em constante contato com Marx e Engels, militaram juntos na organização da classe trabalhadora. Marx dedica a ele o volume I de “O Capital”. Engels escreveu uma biografia sobre Wolff em 1876, publicada no *Die Neue Welt* (O Novo Mundo) e que pode ser acessada em nossas referências ao final do livro (ENGELS, 2022). Até hoje, muitos de nós desconhecemos, profundamente, este importantíssimo revolucionário (assim como milhares de outros).

Neste sentido, a história fica bem diferente do que habitualmente lemos, mesmo através da pena de Engels. Da forma que problematiza David Riazanov, Marx não entrou na Liga dos Comunistas, mas ajudou a fundá-la. Pois ela seria o resultado do enlace entre várias tendências do comunismo naquele momento, fruto de vários contados dos comunistas do Comitê de Correspondência com os simpatizantes e membros da Liga dos Justos, dispersos após a repressão de 1837¹⁸⁰. Mais uma vez, vejamos como Riazanov nos ajuda a entender este contexto histórico do trabalho de organização de Marx, antes do Manifesto do Partido Comunista:

Marx já se havia dedicado ao trabalho de organização, para o qual, Bruxelas oferecia grandes facilidades devido à situação de estação intermediária da Bélgica, entre a França e a Alemanha. [...]. Marx não tardou em conceber a idéia de convocar um congresso de todos os comunistas, para criar a primeira organização colunista geral. Este congresso devia realizar-se em Verviers, cidade situada perto da fronteira alemã, de modo que fosse de fácil acesso aos alemães. Não se pode determinar exatamente se, na realidade, levou-se a cabo o congresso. Mas todos os preparativos haviam sido feitos por Marx muito tempo antes que os delegados da Federação dos Justos chegassem a Londres para convidá-lo a ingressar nela. Na verdade, Marx e Engels atribuíam também grande importância à conquista dos círculos influenciados por Weitling e não pouparam esforços para estabelecer com eles uma plataforma comum (RIAZANOV, 1984, p. 61-62).

Marx não era apenas um intelectual preocupado em entender a Economia Política e este é o ponto de maior importância das problematizações de David Riazanov. A história analisada desta forma, com outras fontes, fortalece nossa crítica à parte da tradição marxista

¹⁸⁰ A Liga dos Justos lutou ao lado dos blanquistas na sublevação de 12 de Maio de 1839 em Paris, dirigida pela *Société des Saisons* (fundada em 1837, Auguste Blanqui era um de seus maiores dirigentes). Foram duramente derrotados pela Guarda Nacional.

que insiste em pensar Marx e os revolucionários, apenas como um autor, na sua individualidade de pensador que se ocupa da revolução apenas no campo das ideias. Como já apresentamos neste livro, Marx é um dirigente revolucionário e esta característica central foi e ainda é fortemente ignorada pelo reformismo. A construção da Liga dos Comunistas fortalece nossa tese.

Neste sentido, a lenda difundida até hoje de que “Engels se filia a Liga dos Justos e busca convencer Marx de fazer o mesmo... de que Karl Marx foi mais relutante do que Engels para ingressar na Liga, mas o fez¹⁸¹ (...), fica extremamente frágil para entendermos o contexto que antecede 1848 de fato.

De acordo com o relato de Engels¹⁸², em linhas gerais é

¹⁸¹ De acordo com os apontamentos de Engels, em 1844 a Liga o procura para uma interlocução, mas o próprio não se afina com os posicionamentos da mesma. Em 1845 Marx é contactado pela Liga, e o posicionamento não foi diferente ao de Engels. Uma organização clandestina não correspondia as aspirações de organização de Marx e Engels. Apenas depois, na antessala de 1847 é que as aproximações do Comitê de Correspondência Comunista obtêm sucesso junto aos remanescentes da Liga dos Justos e demais correntes, necessárias para esta a fundação da Liga dos Comunistas, embora não perdure por muito tempo, dissolvendo-se tempos depois em 1852.

¹⁸² Nosso leitor deve estar se perguntando: mas nesse caso, o próprio Engels é que difundiu esta lenda? De certa forma, sim. Mas Riazanov não está conspirando contra Engels, muito distante disso, a problematização é realizada no sentido que apontar que a história sobre a Liga fora escrita de memória, muitas décadas depois, e passível de muitas armadilhas, típicas da memória. O que realizou Riazanov foi um trabalho de historiador, confrontando várias fontes histórias (as quais ele apresenta em seu texto) que apontam para outra factualidade. O importante texto de Engels de 5 de outubro de 1885 (Para a história da Liga dos Comunistas) continua sendo uma fonte histórica central. Os questionamentos de Riazanov são fundamentais para combater as interpretações reformistas de um Marx apenas intelectual de gabinete e mesmo das falsificações do stalinismo, que em muitos momentos, desonestamente, buscava se fundamentar em Engels, atribuindo a este

realmente isso o que acontece, mas devemos considerar as observações de David Riazanov sobre essa história, bastante confundida com uma perspectiva mitológica sobre a entrada de Marx e Engels na Liga.

O ingresso de Marx na Liga não se deu por conta de um simples capricho, ou seja, por uma vaidade diante dos “usos e costumes” de seus integrantes e dirigentes. Superior a estas preocupações, existia uma radical discordância programática. Marx já identificava o proletariado como o sujeito revolucionário, diferente do que pensava parte da direção da Liga, como é o caso de Wilhelm Weitling¹⁸³, que se vinculava diretamente à política conspiratória, insurrecional, de grupos compostos pelo lumpemproletariado como sujeito da transformação. Entretanto, outro aspecto deve ser levado em consideração: a questão organizacional.

Diferente do que diz a lenda, que até hoje insiste em entender o revolucionário como um “autor”, intelectual crítico, filósofo, sociólogo, etc. Marx era um dirigente político, um organizador da classe trabalhadora, antes mesmo de ingressar na Liga, e, é exatamente este motivo que o leva a se aproximar da Liga dos Justos, como diz Riazanov, que neste momento se encontrava praticamente existente em apenas alguns núcleos de resistência após a repressão de 1837, tendo à frente Karl Schapper¹⁸⁴.

revolucionário uma suposta virada política que justificasse os reducionismo e capitulações da burocracia, que no caso de Engels, evidentemente nunca existiu (tentaram o mesmo com os textos de Marx e outros revolucionários).

¹⁸³ Marx, no primeiro momento, expressou grande admiração em relação aos textos de Weitling, mas posteriormente, os conflitos foram inevitáveis quando do debate programático.

¹⁸⁴ Foi um dirigente muito importante para a construção da Liga dos Comunistas. Schapper era membro da Liga dos Justos, que exilado em Londres, mantinha um núcleo de resistência desta organização. Passou a compor ao mesmo tempo o

Como assim? A primeira organização de Marx não foi a Liga dos Comunistas? Exatamente, não foi. E mais, não foi a Liga dos Justos que o convidou para ingressar, mas a organização de Marx é que propõe o enlace entre os revolucionários comunistas, dando vida a Liga dos Comunistas. Por isso é fundamental entendermos o contexto de um texto. Vejamos como Riazanov apresenta a questão:

Houve uma vez dois filósofos e políticos alemães — Marx e o próprio Engels — que tiveram que abandonar a Alemanha à força. Viveram na França, estiveram na Bélgica e escreveram sábias obra que, depois de atrair a atenção dos intelectuais, se difundiram entre os operários. Um belo dia, estes se apresentaram ante os filósofos, que tranqüilamente sentados em seus gabinetes, conservando-se afastados da ação vulgar, e como formalmente convém a depositários da ciência, esperavam orgulhosos que os operários fossem buscá-los. A desejada hora chegou quando os operários se dirigiram a Marx e Engels convidando-os a unirem-se a eles. Ambos declararam que não o fariam senão quando seu programa fosse aceito. Os operários consentiram, organizaram a Liga dos Comunistas e, imediatamente, encarregaram Marx e Engels do Manifesto comunista (RIAZANOV, 1984, p. 55-56).

O enlace se consolida como o primeiro e segundo congresso, com uma plataforma comum, o que acabou por dar vida a Liga dos Comunistas e deliberará como tarefa a Marx e Engels a redação de seu programa político.

Comitê de Correspondência Comunista e fundar a Liga dos Comunistas. Por estes aspectos é que utilizamos o termo “enlace” para nos referirmos a criação da Liga dos Comunistas. Posteriormente, Marx polemizará fortemente com Schapper e August Willich (Willich-Schapper) por discordar da perspectiva política fracional na organização. Esta polêmica pode ser acessada em um pequeno texto de Marx de novembro de 1853, publicado um ano depois nos Estados Unidos (que quase ninguém conhece e aproveito para agradecer publicamente aos amigos Sergio Fernando Alves da Costa e Karilei de Moraes da Costa que nos disponibilizaram o texto), chamado “*Der Ritter vom edelmütigen Bewußtsein*” (O cavaleiro da nobre consciência). Consultar nossas referências ao final do livro (MARX, 1960).

Marx e Engels possuíam uma relação com o tempo bastante diferente em relação a escrita. Diante do atraso de Marx, Engels redigirá a proposta que ficará conhecida como “Princípios Básicos do Comunismo” em 1847 (mas que jamais foi publicada naquele momento). Tratava-se de um conjunto de perguntas e respostas com o objetivo de se fazerem apresentados no cenário político europeu de seu tempo.

Este material escrito por Engels não fora finalizado como o programa político da jovem organização, pois Marx acabara por desenvolver sua tarefa de redação, e, com Engels, finalizaram o texto que trabalharemos agora: O Manifesto do Partido Comunista. Uma das preocupações era estabelecer uma nítida distinção entre os comunistas e socialistas.

É importante que saibamos que este texto não fora produzido como se fosse um livro, mas um programa político de uma organização, recém fundada, que pretendia estender a sua ação de forma pública aos demais trabalhadores europeus. É um programa político partidário e este aspecto é da mais alta relevância, pois o Manifesto ficará conhecido no século XX e XXI, como um livro escrito por Marx e Engels¹⁸⁵. Uma análise equivocada, pois um programa político não expressa apenas a subjetividade de um ou dois autores e sim, a de um grupo, de uma classe.

O Manifesto é um panfleto político e considerar isso não é reproduzir nenhum desprezo ao material. Os críticos de Marx, desde a Comuna de Paris, até os dias de hoje, tratam de esforçarem-se para

¹⁸⁵ Marx e Engels, sequer assinam o texto, uma vez que se tratava de um manifesto de uma organização de trabalhadores, nunca se tratou de um texto de autoria individual. Apenas posteriormente o texto aparecerá assinado com o nome dos dois militantes da Liga, encarregados da tarefa de escrita.

falarem do Manifesto com desprezo, como se fosse um livro menor, pois afinal, trata-se de apenas um texto panfletário e supostamente utópico, de poucas páginas.

O texto de 1848 nos foi importante em nossa investigação sobre o método em Marx, porque trabalha com um elemento do pensamento marxiano, de seu método, que é fundamental: a realidade histórica.

Não há espaço para utopias na análise de Marx. Nossa afirmação pode parecer um pouco absoluta, mas se entendermos que o Manifesto trata de uma utopia, no sentido de um *topos* que não existe, um lugar não real, devemos considerar então que o método em Marx não permite analisar o que não existe. Se assim fosse, toda a estrutura de pensamento de Marx para entender a sociedade capitalista seria um grande delírio.

O Manifesto do Partido Comunista trata de analisar e caracterizar a partir da realidade material, do tempo presente. É um programa político que se coloca publicamente em um espaço histórico no qual se entende como representante de uma classe social de carne e osso e não de uma representação ideal sobre o mundo.

Este aspecto é central no método de Marx, na forma de compreender a realidade, da realidade mais concreta, empírica e factual. Dificilmente o revisionismo histórico possui sucesso ao tentar negar a existência da classe trabalhadora industrial na Inglaterra vitoriana. Pode, em um primeiro momento, parecer arrogante, mas se analisado posteriormente, torna-se realmente sustentável, que, ao apresentarem um programa político à classe trabalhadora, estivessem (os militantes da Liga dos Comunistas) tratando da realidade antagônica de seu tempo. Uma sociedade desigual e combinada, viva e de vidas massacradas.

Esta estética textual, nunca foi bem aceita pela matriz epistêmica, pois um texto panfletário é carregado de subjetividades, de emoções militantes e de perspectivas supostamente utópicas. Todavia, não se nega o fato de que milhares de intelectuais façam as suas carreiras a partir de considerações, críticas ou não, sobre os panfletos. Nos parece mais um subterfúgio para negar a crítica marxiana da realidade do que a constatação de um tipo de texto menor, vide o caso dos pareceristas da CAPES¹⁸⁶, já apresentados aqui em nosso livro.

De qualquer forma, os autores do Manifesto escrevem para uma organização política partidária e juntos, após a realização de dois congressos, se propuseram a dizer para os seus interlocutores quem eram os comunistas em 1847-1848. É fundamental dizermos que após as revoluções de 1848, as teses apresentadas no Manifesto passaram por profundas reavaliações, onde Marx supera um conjunto de elaborações sobre a tomada do poder e mesmo a forma de organização da classe. O que colabora para a nossa tese de movimento na construção de categorias conceituais que ganham vida com o processo e não de forma estancadas na história do pensamento e militância do revolucionário. O Marx de 1848 não é o mesmo de 1850¹⁸⁷ e isso é válido até 1883. Um dos maiores erros é atribuímos um caráter ahistórico para o pensamento de Marx, e, talvez este seja o erro mais grave reproduzido até mesmo pelos revolucionários nos séculos XIX, XX e XXI.

Como todas as obras de Marx que nos debruçamos, não se trata de um trabalho epistemológico, assim, nenhuma delas nos

¹⁸⁶ Apresentamos este debate no capítulo II deste livro, quando tratamos da matrix epistemológica hegemônica na sociedade capitalista.

¹⁸⁷ É o que demonstra a “Mensagem da direção central à Liga dos Comunistas” de 1850.

apresentou o conceito de método esquematicamente. É nossa tarefa entender o que é o método em Marx e como ele se manifesta. Escrevemos em um universo hegemonicamente epistemológico e nosso interlocutor deverá, sempre, se permitir entender o que significa trabalhar para além da episteme. Seremos enfáticos, pois se assim não acontecer, o mais óbvio é que não sejamos compreendidos e até mesmo classificados como panfletários. Sugerimos a releitura do capítulo que trata da Matrix epistemológica (cap. II), antes de seguir para próxima seção.

Foi Engels e não Marx que redigiu o primeiro projeto de texto do programa da Liga dos Comunistas, em 1847, após o Segundo Congresso da Liga dos Comunistas realizado em Londres entre 29 de novembro e 8 de dezembro (o primeiro ocorrera em junho do mesmo ano, também em Londres). Este texto só se tornou público, separadamente, em 1914. Embora a tarefa tenha sido atribuída à Marx e Engels, o primeiro não cumprira em tempo estipulado a sua parte do trabalho e por isso Marx fora duramente criticado internamente pela demora do texto e graças a cobrança de Engels é que o texto que conhecemos hoje fora publicado.

Mas coube a primeira versão escrita por Engels, deixar claro que os comunistas não eram os socialistas. No texto publicado em 1848 é evidente a distinção entre comunistas e socialista, mas estamos convencidos que é no texto de 1847 que a distinção é melhor estabelecida para entendermos o contexto do texto de 1848.

O texto “Princípios Básicos do Comunismo” é um conjunto de perguntas e respostas, precisamente, 25 questões que propositalmente deveriam responder quem são os comunistas, os proletários, o que é a propriedade, etc. Apresentemos aqui a questão de número 24, onde sumariamente é feita uma caracterização do tempo presente e que

visava demarcar o território político diante da realidade:

24.ª P[ergunta]: Como se diferenciam os comunistas dos socialistas?

R[esposta]: Os chamados socialistas dividem-se em três classes. A primeira classe consiste nos partidários da sociedade feudal e patriarcal que foi aniquilada, e que continua ainda a ser diariamente aniquilada, pela grande indústria, pelo comércio mundial e pela sociedade burguesa por ambos criada. Esta classe tira dos males da sociedade actual a conclusão de que a sociedade feudal e patriarcal teria de ser restabelecida, porque estava livre destes males. [...] A segunda classe consiste nos partidários da sociedade actual aos quais os males dela necessariamente decorrentes provocaram apreensões quanto à subsistência desta sociedade. Eles procuram, por conseguinte, conservar a sociedade actual, mas eliminar os males que a ela estão ligados. [...] A terceira classe consiste, finalmente, nos socialistas democráticos que, pela mesma via que os comunistas, querem uma parte das medidas indicadas na pergunta...viii; porém, não como meio de transição para o comunismo, mas como medidas que são suficientes para abolir a miséria e fazer desaparecer os males da sociedade actual (ENGELS, 1982, p. 12).

Engels analisa e caracteriza três classes políticas de socialistas, todas elas preocupadas com as contradições daquele tempo presente em relação as desigualdades sociais marcadas pela exploração dos trabalhadores. O primeiro grupo de socialistas, defendiam a volta, o retorno, das relações feudais/monárquicas como forma de eliminar os males da sociedade capitalista, esse grupo Engels chamará de socialistas feudais, que defendiam algo impossível de se concretizar, assim mesmo não isentando dos males existentes uma vez que a sociedade feudal também era marcada por diversos males aos trabalhadores. Um segundo grupo de socialistas, caracterizados por desejarem conservar a sociedade atual, mas com a aplicação de reformas que visassem a eliminação dos males causados pela sociedade industriais e mantendo os benefícios existentes, conservando o seu lado moralmente bom. Esse tipo de socialismo está em sintonia com as reformas que Proudhon anuncia em sua Filosofia

da Miséria. O terceiro grupo, os socialistas democráticos, visam abolir a miséria, mantendo as conquistas em relação ao mundo medieval, mas não como meio de passagem ao comunismo. São adeptos da filantropia, da caridade.

O que o texto nos apresenta aqui é uma realização prática que já haviam desenvolvido em *A Ideologia Alemã*, onde a concepção histórica é colocada em prática para analisar e caracterizar o tempo presente, a realidade desigual e combinada. Demonstra-se aqui, assim como em todo o texto do Manifesto de 1848, a aplicabilidade do método de Marx para entender as desigualdades sociais, a existência do antagonismo de classes.

Não se trata de um programa político utópico, mas um programa político que trata do tempo presente e a realidade desigual e combinada da sociedade industrial de seu tempo. Para efetivar um programa que conseguisse dialogar com a classe de explorados, era necessário entender quais eram as forças políticas existentes e que buscaram de alguma forma se legitimar diante da maior classe social existente: o proletariado.

Efetivar este tipo de análise não significa, não significou, a adesão da classe proletária ao programa político da Liga dos Comunistas. Considerando que a Liga era uma organização importante, principalmente pelo seu caráter internacionalista, não teve um papel de peso sobre a classe trabalhadora na Inglaterra quando da publicação do Manifesto em 1848. Uma tiragem pequena, em alemão, em um país de maioria analfabeta, tudo indicava que o Manifesto do Partido Comunista não seria um “sucesso de vendas”. Entretanto, estes fatos não retiram do documento a sua força de análise e caracterização da história naquele tempo presente, a maior verificação desta nossa inferência é o fato de hoje, como livro, o

Manifesto estar entre os primeiros a serem mais traduzidos e vendidos em todo mundo.

7.2 O Manifesto de 1847-48

A primavera de 1848 é conhecida como primavera dos povos¹⁸⁸. O motivo é dado devido a série de manifestações de trabalhadores pela Europa¹⁸⁹ que lutavam por melhores condições de vida. Foi um período de ascenso da luta da classe trabalhadora. É preciso deixar claro que a publicação do Manifesto do Partido Comunista não foi responsável por esta onda de revoltas e revoluções. Menos ainda, que a primavera dos povos fora acionada pelo Manifesto apresentado em fevereiro de 1848.

O que há de fato é a realidade história, concreta, de carne e osso, que os comunistas conseguiram entender e analisar em sua organização política, a Liga. O texto do Manifesto se ocupa da realidade histórica daquele momento e acerta em sua análise e

¹⁸⁸ Importante lembrarmos que “povo” é um termo bastante abstrato, chamamos a atenção para a classe trabalhadora como componente central nestas manifestações de 1848, especial ao proletariado. Marx fez a crítica a ideia de “população” em sua Introdução de 1857 e que consideramos se aplicar exatamente à ideia geral e abstrata de “povo”, também criticada em *As lutas de classe em França* e no *Dezoito de Brumário* de Luís Bonaparte. A ideia de “povo”, como uma abstração vazia, é, até hoje, reproduzida até hoje por grande parte da esquerda revolucionária. Nem o movimento trotskysta escapa a esta vulgarização do pensamento de Marx.

¹⁸⁹ Entre as várias localidades, as lutas dessa primavera se deram na França em Paris (fevereiro); Na Península Itálica em Florença (fevereiro e março), Turim, Roma, Módena, Milão e Veneza (em março); no Reio na Prússia em Munique (março e abril), Frankfurt, Bavária e Berlim (em março); no Império Austríaco em Viena (março), Hungria, Budapeste e Zagreb (abril). O historiador Eric Hobsbawm, se refere até mesmo à Revolução Pernambucana de 1848, no Brasil (HOBSBAWM, 2018, p. 33).

caracterização do tempo presente. Isso só fora possível graças a concepção da história de Marx, já em andamento desde 1844¹⁹⁰. Não há espaço para adivinhações ou previsões ilusórias do futuro. Esta perspectiva de explicar a história (a ilusória) existe, mas não possui nenhuma relação com a perspectiva marxiana e engelsiana. Se acertaram sobre os acontecimentos, também erram em outros aspectos. É preciso observar mais de perto para compreendermos os aspectos que entendemos serem fundamentais na constituição do conceito de método de Marx.

É grande o número de traduções do Manifesto do Partido Comunista para a língua portuguesa. De edições quase que artesanais àquelas supostamente mais sofisticadas. Por exemplo, a publicação entregue para Editora Expressão Popular em 2008 e a da Editora Sundermann, em 2017 (uma reedição a publicação de 2007), com tradução de Diego Siqueira¹⁹¹. Trabalharemos aqui com a tradução de Álvaro Pina publicada no Brasil em 1998, pela Editorial Boitempo, em sua quarta reimpressão de 2005. Neste caso, uma tradução do alemão, supostamente, mais sofisticada, a partir do idioma que o texto fora produzido e republicado por Engels em 1890. Grandes grupos empresariais, como a Companhia da Letras, também publicou o

¹⁹⁰ Mesmo que ainda fortemente influenciado pelo humanismo de Feuerbach em 1844. É importante reafirmarmos que o humanismo, idealismo e demais matrizes, são subsumidas durante a trajetória de Marx, nunca se tratou de simplesmente abolir estes elementos, mas de superá-los. No caso do humanismo, estamos convencidos que ele se manifestará até mesmo em O Capital, embora não seja a característica predominante, como era em 1844.

¹⁹¹ Traduções que não mencionam o idioma de origem, se do alemão, espanhol, inglês, avañe'ẽ, russo, latim ou qhichwa. Uma informação negada aos leitores e que devemos problematizar: Por que negligenciar esta informação? Esquecimento? Oportunismo comercial? Irrelevância?

Manifesto em 2012, com tradução do alemão por Sergio Tellaroli, através do selo Penguin Companhia, evidentemente, com propósitos distintos e até mesmo opostos as edições que acabamos de referendar. Nos detemos entre aquelas que se colocam no genérico campo da esquerda. Todavia, é preciso considerar que todas elas são fontes importantes e todas devem ser objeto de uma leitura crítica. Passemos ao texto traduzido por Álvaro Pina.

7.2.1 Um espectro ronda a Europa

O método de análise materialista da história já havia sido colocado em prática quando da crítica à Filosofia da Miséria de Pierre Proudhon¹⁹². Todavia é preciso considerar que o método de Marx ainda está em construção nesse período. Tratamos aqui em nosso estudo de buscar apreender parte deste longo processo de construção. Não podemos perder de vista, em nosso dissertar, esta perspectiva, pois poderia levar o nosso interlocutor a interpretação equivocada de que o método em Marx já está pronto, ou ainda que foi algo já pré-estabelecido, como se o método já nascesse pronto.

Agora, mais uma vez, a concepção histórica (Engels acrescenta o termo materialista) de Marx e Engels¹⁹³ era executada na

¹⁹² É provável que tenha sido o primeiro momento, público, em que Marx o utiliza para analisar a realidade de seu tempo presente, ao passo que polemiza com Proudhon. Em parceria, já o fizera com Engels em *A Sagrada Família*, publicada em fevereiro de 1845 (escrita no final de 1844).

¹⁹³ O próprio Engels reconhece que a concepção materialista da história é um mérito de Marx. No prefácio à edição alemã de 1883, Engels é enfático ao afirmar que a ideia fundamental sobre o método histórico “pertence única e exclusivamente de Marx”. Concordamos com Engels, mas é preciso dizer que na elaboração marxiana sobre o método histórico tem peso irrefutável a participação de Engels. É razoável conjecturar que ao escrever após a morte de Marx, Engels estivesse comprometido

plataforma política de sua organização internacional de trabalhadores diante de seu tempo presente.

O Manifesto do Partido Comunista (partido aqui é o movimento internacional dos trabalhadores) inicia desta forma:

UM ESPECTRO ronda a Europa - o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha.

Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista?

Duas conclusões decorrem desses fatos:

1ª: O comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa;

2ª: É tempo de os comunistas exporem, abertamente, ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus objetivos e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo (MARX; ENGELS, 2005, p. 39).

Já apresentamos que a história é fundamental na constituição do método em Marx e no texto do Manifesto, essa característica é expressa da primeira até a última página. Logo no preâmbulo, o material se refere a história de seu tempo presente, considerando o Congresso de Viena de 1815, onde as grandes potências da Europa, se reuniram para partilharem o poder após a queda de Napoleão Bonaparte.

Trata-se de um contexto de reação conservadora em relação ao avanço das forças da burguesia, pós Revolução Francesa, onde as monarquias voltam a governar na Europa, em um movimento que é conhecido na historiografia por Restauração. Embora nas grandes

em reafirmar o legado de luta se seu camarada, colocando-se como um segundo violino. Nunca foi.

casas a monarquia voltasse a ser a forma governante, tratava-se apenas da forma, pois o conteúdo das revoluções burguesas continuava a varrer cada vez mais as relações feudais diante da revolução industrial. A burguesia era uma força política e econômica existente, e diante disso, jamais o retorno da monarquia ao poder o estado fora o mesmo. Tratava-se apenas de um momento de reordenamento do poder político, ondem de fato, as monarquias, dos maiores países, realmente davam o seu último suspiro.

Marx e Engels reconhecem neste momento histórico, mas também apresentam a preocupação das grandes potências em relação ao movimento comunista, ou seja, ao movimento internacional dos trabalhadores, que deixava tanto burgueses como reis e seus ministros extremamente preocupados. Os autores do manifesto buscam localizar a classe trabalhadora e seus oponentes internacionalmente, não apenas em suas manifestações internacionais. O texto procura entender a história de conjuntos, considerando a totalidade histórica.

No primeiro capítulo do Manifesto, a perspectiva histórica do método marxiano ficará evidente e reafirmamos a continuidade, por parte de Marx, em apresentar pela segunda vez de modo público o seu método para analisar e caracterizar a realidade.

O método histórico aqui não se repete como um procedimento operacional padrão de investigador que já possui de antemão o seu método para ser aplicado, por exemplo, o método que usa em *A Miséria da Filosofia*, aplicado agora ao Manifesto. O método marxiano, até 1848, já procurava considerar a particularidade de cada fenômeno, de cada objeto. Ou seja, se preocupava em captar a lógica interna do objeto, suas categorias, suas determinações. Assim, para cada objeto de análise existiria um caminho a ser trilhado na busca do entendimento do real.

O Manifesto do Partido Comunista é um texto de análise e caracterização do tempo presente, que parte, necessariamente, da realidade caótica para buscar entendê-la e demonstrá-la através da exposição textual de 1848. Um posicionamento metodológico, no sentido de como realizar a análise daquele período histórico diante das suas particularidades.

Marx e Engels, apresentam em 1848 (e não fora a primeira vez) a base material fundamental da sociedade capitalista, composta em classes sociais antagônicas e a viabilidade concreta da organização dos comunistas de forma internacional. Os aspectos centrais das classes predominantes e as relações sociais de produção eram a realidade hegemônica na Europa industrializada e a reação dos comunistas revolucionários se apresentava como uma imperiosidade diante do tempo presente. Trata-se de uma análise não linear da história, repleta de contradições que busca entender e propor uma transformação radical da realidade capitalista, entre trabalhadores assalariados e donos de propriedades privadas dos meios de produção da vida.

7.2.2 Burgueses e proletários

Para responder quem eram os burgueses e os proletários, Marx e Engels trabalham com o conceito de totalidade histórica, expresso na análise e caracterização que fazem das duas grandes classes sociais. Esta perspectiva parte do presente para entender a história, ou seja, a partir da realidade existente é que se constitui a análise das suas categorias constitutivas.

Não se trata do estudo da história a partir dos manuais historiográficos, isso quer dizer que as fontes históricas são consideradas, mas não são trabalhadas contemplativamente. O método, no sentido de caminho, via (do alemão *Weg*), se constitui a

partir do presente e é desse tempo presente que a história é analisada e caracterizada, é neste movimento que as fontes são consideradas de forma crítica pelos autores do manifesto. A história é entendida como o resultado, como síntese, das determinações simples até as mais complexas. Entendê-la, sem contemplação prévia, é uma característica central desta perspectiva histórica. Parte-se do tempo presente, revirando os seus elementos constitutivos, descobrindo as suas categorias, constatando as categorias já descobertas por antecessores, refutando elementos categóricos já afirmados anteriormente e retornando ao tempo presente com uma massa crítica capaz de explicar a realidade a partir das suas determinações. Neste movimento, o ponto de partida também se transforma em ponto de chegada, só que mais rico de determinações sobre o que se teve como objeto de análise.

O que afirmamos acima não se trata de um receituário, como divulgará o marxismo vulgar, mas o movimento entre concreto, abstrato e concreto como abstrato pensado. Em cada momento da história, o método, o caminho a ser realizado para que se chegue ao concreto pensado, possui um percurso particular. Se chamarmos esse percurso de dialético, também é preciso entender que, para além do Manifesto Comunista, o que Marx desenvolve é um método aberto, onde o movimento (dialético) nunca é o mesmo. Embora apresente tendências gerais, embora, visto de longe, possa parecer uma regra, ao nos determos às particularidades históricas de cada fenômeno analisado, observaremos também que a regra do método em Marx é a não possibilidade de fixar regras para os fenômenos históricos, pelo fato de dos objetos e fenômenos existirem em constante transformação.

Nos permitindo pensar para além de 1848, há uma natureza do

objeto, o movimento do objeto não é determinado pelo investigador. Cabe ao sujeito que investiga captar e compreender o movimento do objeto. Se não o for capaz deste empreendimento, expressará apenas a sua subjetividade, onde existe a centralidade do objeto em análise. Analisará a partir do eu e expressará no objeto o eu pensado e não o movimento próprio do objeto. Essa relação é típica do pensamento kantiano, neste caso, não deve ser confundida com o pensamento marxiano.

Não estamos diante do reino da anarquia do método, menos ainda do ecletismo metodológico. Os fenômenos históricos são irrepetíveis. A factualidade histórica nos possibilita entender suas rupturas e permanências ao proceder de acordo com Marx e Engels, mas jamais aplicar um método positivo universal para a vida social. Cada fenômeno histórico, cada momento histórico, mantém determinadas categorias, esconde outras, afirma ideologias, etc. Em contrapartida, o método em Marx exige a constante análise e caracterização da realidade. Há determinações na história, no tempo presente, mas não são eternas e imutáveis como pretendem os intelectuais positivistas e neopositivistas.

No Manifesto, Marx em parceria com Engels, ao colocarem em ação a perspectiva histórica elaborada também em parceria desde a Ideologia Alemã, apresenta uma análise da constituição da burguesia e do proletariado enquanto classes sociais com destaque em 1848. Nem uma, nem outra, são frutos da imaginação, ou como sugerem, de uma mente geniosa. Apresentam a pretensão de estarem realizando uma análise científica da realidade, ao passo que operam em perspectiva histórica a demonstração das categorias constitutivas daquele tempo presente. A análise científica é o trato empírico e racional das fontes, diferente da leitura positivista da época em que

também se colocavam um critério de cientificidade que até hoje conhecemos. A perspectiva científica aqui é baseada nas relações materiais que movem a história, portanto em constante mudanças, diferindo-se do positivismo etapista e evolucionista no século XIX, que propõe o entendimento do mais simples ao mais complexo¹⁹⁴.

As classes sociais são caracterizadas a partir do tempo presente (1848), considerando o componente empírico, ou seja, partem da consideração geral da existência de duas grandes classes sociais e tratam de considera-las a partir da sua historicidade. Isso que dizer que a análise não segue o fluxo sentimentalista ou meramente moral daquilo que pensam os autores, mas das determinações do que são as classes sociais, seja a burguesia ou o proletariado.

A caracterização e análise da burguesia enquanto classe social admite a importância desta em relação a sociedade feudal e as antigas formas de relação social e de produção e reprodução da vida medieval em geral. A burguesia se fez enquanto classe, opondo-se à forma anterior de reproduzir a vida. Ela nasce das entranhas da sociedade feudal e neste percurso é que dá vida a uma nova sociedade. Nesta perspectiva, o manifesto se lança a uma análise que provoca calafrios no marxismo vulgar: o caráter revolucionário que teve a burguesia.

Da vila medieval para o mercado mundial, a burguesia subverteu as formas de poder que lhes colocavam limites ao seu desenvolvimento. Da atividade produtiva local, revoluciona a forma de produzir e organizar a vida de todos ao seu redor. Uma vez constituída como classe, a burguesia procurará manter o poder econômico

¹⁹⁴ No capítulo IX, nosso leitor observará que para Marx trata-se exatamente do oposto, pois é o mais complexo, o mais rico em determinação que possibilita o entendimento do mais simples. É o presente que pode explicar o passado e não o inverso.

revolucionando o papel do Estado, efetivando revoluções e fazendo do Estado, uma instancia importante para a realização de seus interesses de classe.

Neste percurso, até mesmo o nacionalismo será superado, no sentido que o capital se demonstrará não ser possuidor de pátria alguma. Embora nas nacionalidades não tenham sido eliminadas, qualquer princípio nacionalista, após as revoluções burguesas, não passou de ideologias subsumidas aos interesses dos grandes capitalistas no mercado mundial.

A sociedade burguesa fora edificada sem negar os nacionalismos, mas constantemente reafirmando que a sua grande pátria é a propriedade privada dos meios de produção e reprodução da vida, seja na Inglaterra, França ou China ou Marrocos ou Índia. Independente do continente, a burguesia se organizou enquanto classe dominante, e, repetimos, subverteu, toda ordem pré-existente aos seus interesses privados.

As grandes navegações descortinaram novas perspectivas para a classe burguesa e podemos verificar que nada, ou quase nada pode impedir o avanço da sociedade capitalista sob todos os continentes. O mercado mundial, sob a hegemonia da classe burguesa possuía uma artilharia pesada contra as diversas formas de organização social: as mercadorias industrializadas. Sobre este aspecto, o texto de 1848 se refere:

Com o rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente da civilização todas as nações, até mesmo as mais bárbaras. Os baixos preços de seus produtos são a artilharia pesada que destrói todas as muralhas da China e obriga à capitulação os bárbaros mais tenazmente hostis aos estrangeiros. Sob pena de ruína total, ela obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção, constringendo-as a abraçar a chamada civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria

um mundo à sua imagem e semelhança (ENGELS; MARX, 2010, p. 44).

Durante todo este processo histórico, a burguesia foi se consolidando cada vez mais enquanto classe dominante. Ela subjugou os laços morais do mundo feudal aos interesses particulares do indivíduo. Questionou e atacou todo princípio de romantismo que pode sobreviver até a constituição da sociedade moderna, reduzindo as relações a contratos civis e comerciais. A suma teológica predominante quando do início da burguesia, ainda no mundo feudal, fora colocada sob os seus pés. O contrato representava mais do que a palavra do cavaleiro ou do senhor feudal. As novas relações sociais de produção reduziam as antigas formas de sociabilidade a piadas e a pó.

O trabalho do mestre de ofício foi cada vez mais subjugado pelas novas formas de produção. Se antes este mestre e os seus aprendizes, utilizavam instrumentos de trabalho que lhes pertenciam, se na relação de trabalho o patriarcalismo do mestre de ofício era uma suposta inspiração aos jornaleiros, se o mestre era o dono dos seus instrumentos de trabalho e se a relação familiar nas oficinas eram relações de reprodução de um tipo de vida que gozava de uma relativa autonomia. Com as relações capitalista de produção, toda esta manufatura será apropriada pelo grande proprietário dos meios de produção, o grande burguês, o dono das fábricas.

O longo processo de expropriação, segundo Marx e Engels, concentrou poderes nunca antes visto nas mãos da classe em ascensão e reduziu o trabalhador a quase nada, exceto pela única coisa que lhes restara: a força de trabalho. Não é no Manifesto que Marx desenvolve com profundidade este processo de longa duração de expropriação dos meios de produção das mãos da classe trabalhadora, e sim em O Capital de 1867, todavia, é aqui (e anteriormente em A Ideologia Alemã) que já identificamos esta análise que desde dos anos de 1845

já vinha compondo o conjunto de preocupações destes autores sobre o longo processo de constituição da sociedade capitalista.

Não nos deteremos aqui a uma simples descrição dos aspectos revolucionários da classe burguesa apresentada nos documentos, mas chamaremos atenção para a forma de proceder dos autores aos analisarem a historicidade dos seus maiores oponentes políticos: a burguesia.

Este aspecto nos remete a questão moral, pois demonstra um elemento do método em Marx: a honestidade intelectual.

Em um primeiro momento este aspecto pode parecer desnecessário e até mesmo superficial, mas em nossa pesquisa, consideramos o oposto disso. O texto do Manifesto do Partido Comunista expressa um elemento moral que se distingue do moralismo e de qualquer posicionamento político daquele momento. O que propunham os comunistas em seu manifesto não era um simples ataque moral ao seu oponente de classe, a burguesia, mas sim uma caracterização e análise para além da moral. Observamos que ao procederem desta maneira, o proceder metodológico, sugere a tese de que na perspectiva materialista da história que apresentavam, não vale tudo. O proceder exigia reconhecer a realidade do movimento do objeto, e não o objeto se movimentando de acordo com os meus interesses, políticos ou moralistas.

Pensamos que este é um elemento muito importante do método em Marx, pois a proposta de entender a realidade não poderia considerar elementos ficcionais para dizer o que é a coisa analisada (mesmo considerando a ficção como existente no mundo da realidade).

Diante deste elemento, a burguesia é criticada no manifesto, mas a crítica não é moral, e sim histórica, uma vez que em 1848, aquela

classe que já tivera um caráter revolucionário, se apresentava aos trabalhadores de forma avessa: reacionária. Teria perdido o seu potencial revolucionário, pois já não era mais capaz de libertar a sociedade das suas formas contraditórias de produzir e reproduzir a vida. A burguesia teria criado o seu próprio coveiro: o proletariado.

Em sintonia com a nossa fonte bibliográfica, o texto nos apresenta:

Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se a retalho, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado (ENGELS; MARX, 2010, p. 46).

O trabalhador, o proletariado, é reduzido a vendedor de força de trabalho. E este fato não se dá por uma ordem natural do desenvolvimento da sociedade ou por vontade de um ou mais deuses. O método histórico busca desvelar esse caráter místico das classes sociais, explicando que aquela realidade concreta, empírica que saltavam aos olhos é resultado de um longo processo histórico de expropriação da classe trabalhadora.

O tempo presente é o resultado, não o ponto de partida da realidade constituída. O manifesto busca caracterizar a realidade presente como uma síntese de processos precedentes, anteriores ao proletariado enquanto classe social no século XIX. Para esta perspectiva metodológica, é o presente que explica o passado, não o passado que explica o presente, pois é da realidade mais empírica que se desenvolve uma série de abstrações para entender o concreto de forma enriquecida e conseguir explicar o processo histórico de constituição das classes. O proletário, assim como o burguês, não surge

como em um passe de mágicas. É a partir do presente é que se busca elementos imanentes destes fenômenos para poder entender o seu próprio de movimento de desenvolvimento histórico. Não basta abrir um manual de história e definir: burguesia é... proletariado é... (.) Isso seria absolutamente antitético a perspectiva materialista da história.

O advento do proletariado expressa a mais absoluta contradição entre as duas grandes classes sociais. A burguesia, na sua longa marcha para o poder, vai subsumindo tudo e todos que encontra em seu caminho. Faz tudo e todos funcionar de acordo com os seus interesses, mesmo quando faz pensar que os interesses de outros estão sendo tolerados pelos seus. Mantém as muralhas da China, desde que suas mercadorias inundem o mercado consumidor chinês. Tolerância as culturas indianas, desde que suas mercadorias sejam distribuídas nos circuitos comerciais. Desenvolve fábricas na África do Sul, desde que sejam os proprietários dos meios de produção da vida.

Este poder da burguesia é o resultado de uma longa duração e a subsunção não é uma categoria que adveio à sociedade burguesa apenas no século XIX. Desde a transição feudo-capitalista a burguesia buscava subsumir a produção aos seus interesses privados. Isso coloca a análise de que o processo de apropriação privada se manteve sob o domínio da burguesia.

Mas neste longo processo histórico, a burguesia também dá vida a uma nova classe social, o proletariado, resultado do processo que Marx chamou em 1867 em *O Capital* de acumulação primitiva de capitais, ou ainda, acumulação originária.

Separado dos meios de produção da vida, restou a classe de trabalhadores a sua capacidade de trabalhar, a sua força de trabalho como mercadoria a ser vendida para sobreviver. Ao passo que a burguesia se consolidava enquanto classe dominante, o fazia

juntamente com a crescente precarização do trabalho através de instrumentos novos como a maquinaria e a divisão do trabalho cada vez mais fragmentado. Neste processo o pequeno proprietário, o artesão, o mestre da corporação de ofício juntam-se com o trabalhador do campo a massa de operários sem autonomia na produção, igualando-os a uma extensão da máquina. Com o advento do sistema fabril, qualquer autônoma do trabalhador fora cada vez mais tolhida em nome do sistema fabril, nos referimos a fragmentação do processo produtivo, divisão social do trabalho, e, ainda, a aceleração da produção no tempo necessário. Reduzido a vendedor de força de trabalho, o proletariado se encontrava sujeito à condicionais impostas pela classe de proprietário dos meios de produção, restando-lhe aceitar a venda da sua única mercadoria ou morrer de fome.

Esta determinação histórica coloca as duas classes predominantes em situação antagônica. O nascente proletariado “geneticamente” se vê obrigado a resistir e lutar para sobreviver ao modo de operação do capital. O sistema de assalariamento, tão fundamental para a consolidação do sistema capitalista é também a escravidão moderna na análise e caracterização do Manifesto de 1848. Uma relação de exploração existente na esfera da produção e também das demais esferas da economia política. O proletário é colocado a ferros a todo tempo, seja na fábrica, com a extração de valor, seja no comércio, com a inflação e a constante rapinagem dos demais setores da economia.

Esta concepção de história de Marx e Engels, observa a determinação social de crescimento da classe burguesa e ao passo que esta se fortalece, contraditoriamente, estabelece condições objetivas para que a classe de operários também o faça. Ao passo que a burguesia cada vez mais se internacionaliza, expandindo o seu sistema de

exploração, o proletariado também segue a internacionalização da sua classe por onde se estabelece o sistema fabril, mesmo que ainda não tenha consciência deste processo (elemento que nos ajuda a entender a existência do próprio Manifesto do Partido Comunista como uma plataforma política que visa a união dos comunistas de toda Europa), embora parcialmente existente na vanguarda do proletariado revolucionário.

7.2.3 A crítica contundente do presente

É verdade que em todo Manifesto a crítica é o elemento metodológico mais marcante, assim como em todos os documentos que analisamos, todavia, em 1848, a crítica é aquela realizada por uma organização revolucionária, para além da individualidade dos autores. No capítulo três do documento (Proletários e comunistas), o caminho (*Weg*) é a crítica mais contundente daquele tempo presente.

A análise e caracterização dos comunistas é de identidade com os proletários, uma identidade de classe, do papel que ocupa a classe dos trabalhadores proletários diante do sistema produtivo, internacionalmente pensado. O postulado é que se trata de uma mesma classe. Com identidade de interesses, salvo o caráter nacionalista, defendem a unidade internacional dos trabalhadores.

Neste aspecto, o Manifesto dos comunistas se coloca diretamente como um programa político internacional para os proletários do mundo industrial europeu, como já afirmamos, uma plataforma política de luta organizada contra a burguesia.

Não se trata de “princípios particulares” que supostamente poderiam desejar impor aos proletários, mas do desdobramento da ação da burguesia nos mais diversos países e o seu sistema fabril. Quanto maior a exploração da classe dos proletários, maiores são as

razões, internacionais, para a necessidade da sua organização e luta contra os donos dos meios de produção da vida. Todavia, os comunistas se colocam como parte da vanguarda proletária por reivindicarem a compressão do movimento proletário. Postulam desta forma a “constituição do proletariado como classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado” (MARX; ENGELS, 2005, p. 51).

Buscando reafirmar seu papel de vanguarda no movimento internacional proletário, o Manifesto é enfático ao escrever criticamente contra o pensamento metafísico, individualista de qualquer intelectual iluminado pela luz da alguma centelha divina: “As proposições teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em ideias ou princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo” (MARX; ENGELS, 2005. p. 51-52). Este aspecto colabora para a nossa compressão do tipo de fonte bibliográfica que utilizamos em nossa análise, pois demonstra que o Manifesto não é um texto simplesmente autoral, mas um documento político de uma organização de parte deste proletariado, resultado de suas considerações sobre o tempo presente de 1847-48, a partir da “expressão geral das condições efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se desenvolve diante dos olhos” (MARX; ENGELS, 2005. p. 52).

Ainda sobre este aspecto, observa-se o caráter empírico do caminho que fazem ao apresentarem suas análises e caracterizações sobre a realidade mais imediata de seu tempo. Não se trata aqui do método empirista de John Locke ou David Hume, mas de considerações empíricas, determinações da realidade, que, mesmo carente de mediaticidade sobre suas determinações constitutivas observadas no cotidiano. A realidade empírica do método (*Weg*) para

Marx não é o ponto de partida que tornará a mente repleta de saberes, mas sim o ponto de chegada, a realidade concreta. O empírico neste sentido é o factual, histórico, resultado que se apresenta de forma imediata. Sendo preciso partir dele (o imediato) para retornar a ele como concreto pensado, rico acerca das múltiplas determinações que seria assim, desta vez, o concreto pensado, reproduzido no pensamento (mediado). O ponto de partida é a realidade caótica, fenomênica.

Nesta crítica contundente do presente, buscam dar respostas aos oponentes de classe, mas sobretudo à classe trabalhadora. Neste propósito o método apresentado é a realização de apontamentos a partir do presente, de acusações recebidas e outras que desejavam fazerem-se ouvidos. A propriedade burguesa é atacada nesta crítica de forma a diferenciar-se radicalmente de qualquer tipo de justificativa para a manutenção desta. Exemplificam recorrendo a historicidade da Revolução Francesa, onde a burguesia abolira a propriedade feudal e argumenta que naquele tempo presente, tratava-se de abolir, a exemplo da burguesia, a propriedade burguesa.

Propõe a supressão da propriedade burguesa, e para sustentar a proposta, recorrem a lógica, buscando demonstrar que os comunistas são contra a propriedade da burguesia e não qualquer tipo de propriedade, pois esta moderna forma de propriedade é fundamentada nos antagonismos de classes, “na exploração de uns pelos outros” (MARX; Engels, 2005, p. 52). Não se tratando da abolição da propriedade desdobrada do trabalho do operário e sim: “Neste sentido, os comunistas podem resumir sua teoria numa única expressão: supressão¹⁹⁵ da propriedade privada” (MARX; ENGELS,

¹⁹⁵ No sentido de *Aufhebung*.

2005, p. 52).

O que nos interessa aqui é o caminho apresentado no Manifesto, ou seja, o carácter histórico retroativo das argumentações lógicas sobre a realidade no tempo presente. Não há o elogio do presente, mas uma apreensão crítica da realidade e uma proposta de desvelamento de ideias que tradicionalmente justificavam a existência de possuidores e não possuidores. Este carácter nos é fundamental porque apresenta com isso uma concepção de teoria (como já mencionamos sobre A Ideologia Alemã) que se difere da tradição idealista que entende a teoria como se fosse a manifestação do espírito ou mesmo de alguma mente brilhante.

O documento ao apresentar uma análise crítica da realidade, expõe também um princípio de teoria com o pensar a partir da realidade empírica, do existente, como já dissertamos: realidades factíveis. Desta forma, teoria é a apreensão do real pela capacidade cognitiva humana e se considerarmos desta forma, apresenta-se uma teoria do presente. É preciso considerar este conceito de teoria para não negarmos com simplismo o conceito de teoria no pensamento de Marx, como o fazem muitos revolucionários em nosso tempo presente ao negar de forma absoluta o significado de teoria para Marx, mecanicamente associando o conceito de teoria ao idealismo filosófico ou mesmo a historiografia. É preciso analisar o significado do conceito de teoria para Marx, pois evidentemente, possui um significado radicalmente diferente do que o reformismo chama até os nossos dias de teoria da história.

Outro aspecto criticado daquele tempo presente é o trabalho assalariado. Distanciando-se dos mitos de origem que reza a existência de homens trabalhadores virtuosos desde o estado de natureza, que supostamente fizeram suas fortunas com o fruto do seu trabalho, com

suor do seu rosto, e outros não virtuosos, sendo os primeiros os donos de propriedade, e que diante de tanta virtuosidade ainda geram emprego para os que não herdaram tamanha benfeitoria. A distância se dá também pela demonstração da existência de trabalhadores assalariados que não são simplesmente pessoas que recebem um salário por jornada de trabalho.

Diferente de tudo isso, os proletários são colocados em primeiro plano para a transformação de todo aquele presente. São os assalariados, produtores de toda riqueza social e que não se apropriam dela a não ser pela ínfima parte representada pelo salário. Diz o texto:

Vejamos agora o trabalho assalariado.

O preço médio que se paga pelo trabalho assalariado é o mínimo de salário, ou seja, a soma dos meios de subsistência necessários para que o operário viva como operário. Por conseguinte, o que o operário recebe com o seu trabalho é o estritamente necessário para a mera conservação e reprodução de sua existência. Não pretendemos de modo algum abolir essa apropriação pessoal dos produtos do trabalho, indispensável à manutenção e à reprodução da vida humana - uma apropriação que não deixa nenhum lucro líquido que confira poder sobre o trabalho alheio. Queremos apenas suprimir o caráter miserável desta apropriação, que faz com que o operário só viva para aumentar o capital e só viva na medida em que o exigem os interesses da classe dominante (MARX; ENGELS, p. 53).

O trabalhador assalariado não é apenas aquele que recebe um salário, definição tradicional e que pretende encerra-se em si mesma sobre a questão. Porém, o documento considera esta definição, mas de nenhuma forma a aceita mecanicamente, de forma simplista, e procura apresentar outras mediações que constituem o trabalho assalariado.

O preço médio do salário é o equivalente para que ele apenas reproduza a sua condição de operário. Quem estabelece essa média e o equivalente desse valor é a burguesia, o capital. Trata-se do capital regendo a vida do operário, determinando, a partir dos seus interesses

o preço médio do salário, assim, determinando a posição miserável na sociedade de classes antagônicas. A conservação da sua existência determinada pelas necessidades do capital. Uma determinação imposta socialmente pelo modo de vida que impõe a produção cada vez mais social de riquezas e a apropriação privada, particular da mesma. Há aqui a crítica ao sistema do assalariamento, fundamental para reprodução do sistema capitalista e manutenção da propriedade privada. Exatamente o tipo de propriedade que deve ser abolida para que a maioria da população possa ser efetivamente livre, emancipada. Uma crítica que tem sentido de supressão do caráter miserável da classe trabalhadora. O fundamento da caracterização crítica da realidade apresenta a dominação de uma classe em relação a outra no presente: “Na sociedade burguesa o trabalho vivo é sempre um meio de aumentar o trabalho acumulado [...] Na sociedade burguesa o passado domina o presente [...]” (MARX; ENGELS, 2005, p.53).

A ideia de liberdade é questionada, pois trata-se de uma abstração vazia, onde a liberdade discursada pela classe burguesa não se trata exatamente da liberdade humana, mas na liberdade de comércio, liberdade para negociar. Esse tipo de liberdade não se relaciona com a realização da classe trabalhadora no sistema produtivo. Trata-se de criticar a liberdade dos burgueses para explorar e oprimir. Os comunistas se opõem a essa falsa liberdade. A liberdade “constrangida” do burguês diante do mundo medieval não possui mais sentido uma vez abolida a propriedade feudal. Na sociedade capitalista, dirigida pela burguesia, esse grito anacrônico pela liberdade não passa de interesses particulares da classe dominante em relação a liberdade para pilhar e explorar a classe trabalhadora mundial. A liberdade e a

propriedade já estavam abolidas para a maioria da população¹⁹⁶.
Vejam os:

Horrorizai-vos porque queremos suprimir a propriedade privada. Mas em vossa sociedade a propriedade privada está suprimida para nove décimos de seus membros. E é precisamente porque não existe para estes nove décimos que ela existe para vós. Censurai-nos, portanto, por querermos abolir uma forma de propriedade que pressupõe como condição necessária que a imensa maioria da sociedade não possua propriedade.

Numa palavra, censurai-nos por querermos abolir a vossa propriedade. De fato, é isso que queremos (MARX; ENGELS, 2005, p. 54).

A crítica se estende para aspectos que elencamos como predominantes, como a questão do indivíduo, concebido pelo capitalista a partir da concepção do indivíduo burguês, como se em todos os momentos da história humana o indivíduo existente fosse aquele da classe burguesa. Outro aspecto da crítica é relativo à questão da cultura, onde os autores tratam da eliminação da cultura humana e a edificação de apenas uma cultura: a cultura do homem burguês. Esta questão nos chama atenção pois não autoriza os críticos de Marx a afirmarem que o mesmo nunca se preocupou com a questão cultural. A cultura é uma preocupação constante na obra marxiana e no Manifesto ela é presente em sua análise crítica da sociedade burguesa. Em outras obras como “trabalho assalariado e capital”, “Salário, preço e lucro”, “O Capital”, podemos verificar a atenção dada ao aspecto da cultura.

Ainda sobre os elementos da crítica do presente, no documento que analisamos, Marx e Engels, abordam a questão da família, da educação, das mulheres, a pátria, a emancipação. O antagonismo de classe, a história das ideias, a história e o Estado.

¹⁹⁶ Este processo Marx explicará com detalhes no capítulo XXIV de O Capital.

Evidentemente, o Manifesto do Partido Comunista não é uma obra de tratado histórico/teórico. Trata-se de um programa político e que visa a organização dos trabalhadores internacionalmente. Não podemos esperar do Manifesto uma explicação aprofundada de todos estes aspectos do caminho crítico que Marx e Engels fazem na publicação de 1848.

Trata-se de um documento que apresenta uma análise e caracterização refinada do seu tempo presente e que visa denunciar a exploração e organizar a classe trabalhadora anunciando o programa político de sua organização: A Liga dos Comunistas.

O método de Marx, particularmente, por ser o sujeito central da nossa investigação, ainda se encontra em construção nos anos 40. Por mais que o próprio Marx anuncie um método ao passo que apresenta uma crítica aos métodos existentes, seja nos manuscritos, na Ideologia, na Miséria da filosofia, é preciso considerarmos que nossa investigação não foi capaz que apreender não mais que aspectos centrais, princípios, esboços de um método genuinamente marxiano, pois esta forma da produzir conhecimento, entender a realidade ainda não estava plenamente amadurecida neste período. Observamos que é a partir dos anos 50 que a utilização desta nova concepção de método será utilizada como maior evidencia para o entendimento da realidade concreta. Buscaremos demonstrar isso com a obra “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte” de 1852.

7.2.4 Literatura socialista e comunista

Este capítulo do documento, foi considerado pelos autores, no prefácio de 1872, como a parte de conteúdo mais deficiente e que deveria ser revisto:

Além do mais, é evidente que a crítica da literatura socialista mostra-se deficiente em relação ao presente, porque só chega a 1847; as observações sobre as relações dos comunistas com os diferentes partidos de oposição (seção IV), embora em princípio corretas, na prática estão desatualizadas, pois a situação política modificou-se totalmente e o desenvolvimento histórico fez desaparecer a maior parte dos partidos ali enumerados (MARX; ENGELS, 2005, p.72).

Embora os autores reconheçam os pontuais limites do documento, para nossa investigação ele é da maior importância, por revelar algumas determinações parciais do método de Marx, neste caso em parceria do Engels.

Ao abordar as tendências políticas que buscavam de alguma forma se alinharem com a classe de trabalhadores assalariados da modernidade capitalista, observamos a existência da preocupação com a realidade mais concreta sobre o seu tempo presente. O conteúdo, de acordo com os autores, estava ultrapassado, “antiquado”, mas o registo da perspectiva materialista a história continuou existente como documento histórico como reconheceram no prefácio para edição citado.

A preocupação de partir da realidade mais concreta, isso quer dizer, mais fenomênica, positiva, imediata, o fazem considerando o que até aqui na apresentação de nossa investigação insistimos em chamar de análise e caracterização, sob influência direta de parte da tradição trotskysta na América Latina, por se tratar de conceitos fundamentais do nosso campo teórico sobre a realidade.

Marx e Engels¹⁹⁷, possuíam como tarefa o desenvolvimento de

¹⁹⁷ E centenas de outros revolucionários que até hoje ignoramos solenemente. Como se o trabalho de organização fosse resultado apenas das tarefas de Marx e Engels. É preciso recordar que neste período histórico, Marx e Engels eram militantes

uma política com o objetivo claro de intervir na realidade de forma revolucionária, como fica demonstrado no capítulo II do Manifesto. Mas o texto apresentado, juntamente com a política, apresenta também as bases programática a partir da qual se desenvolve uma política de intervenção, todavia, esta política só é apresentada diante do desenvolvimento de uma análise e caracterização da realidade histórica. O programa político expressa a política de uma organização e que deve expressar a apreensão da realidade concreta e isso se dá através da análise e caracterização. A análise identifica as determinações da realidade sobre as forças políticas existente, se expressivas ou não, os agrupamentos políticos e suas teses reivindicatórias, as classes, as frações de classe, a situação material destas, as condições geográficas, etc. A caracterização por seu turno reúne os aspectos desta realidade objetiva analisada, identificando as suas relações entre as categorias existentes, ou seja, os aspectos das determinações da realidade existente. Se a análise trata da totalidade histórica, a caracterização procura observar o movimento dialético relacionando as determinações constitutivas do real, uma visão de conjunto do tempo presente e que supostamente possibilita um prognóstico em perspectiva de onde se encontra, de onde veio e para onde precisa ir, seja o proletariado, ou no caso do capítulo III do Manifesto as tendências daquilo que se caracterizou como socialistas e suas literaturas. Os termos análise e caracterização não são da lavra

revolucionários, ao lado de muitos outros que se jogaram na construção da revolução na Prússia (1848-49), posteriormente, na Fundação da Associação internacional dos Trabalhadores (1864), na Comuna de Paris (1871) e ainda na preparação e orientação de partidos que resultou na fundação da Segunda Internacional (1889). Ações de uma vanguarda de militantes que de conjuntos interviram na realidade do seu tempo. De modo algum tratou-se de uma tarefa solo de Marx e Engels.

de Marx e Engels no documento bibliográfico em questão, mas de nossa responsabilidade ao dissertar sobre os elementos constitutivos na perspectiva materialista da história apresentada pelos autores.

Os autores identificam a existência de grupamentos políticos que buscavam se vincular aos proletários pelos mais diversos motivos, do romantismo ao oportunismo. Este procedimento apresenta uma espécie de mapeamento das perspectivas políticas de parte da realidade do presente, através do que chamaram de literatura. A análise desta literatura socialista e comunista estrutura-se em dois grupos: 1. *o socialismo reacionário*, 2. *o socialismo conservador burguês* e 3. *o socialismo e o comunismo crítico-utópico*.

No primeiro grupo, identificaram *o socialismo feudal*, como parte da aristocracia que ainda tentava se aproximar de forma cômica do proletariado para tentar se opor a burguesia, algo como se a exploração feudal fosse menos ruim do que a exploração capitalista. Sem sucesso, se apresentavam como comédia para os próprios trabalhadores. Uma espécie de lamento da elite feudal com o fim do feudalismo pelas mãos da burguesia. Desejavam retornar ao passado, um período histórico em que a nobreza e não a burguesia era a classe dominante. Evidentemente não tiveram sucesso.

Ainda neste primeiro grupo, encontra-se *o socialismo pequeno-burguês*. Assim como a aristocracia feudal, os pequenos proprietários também eram arruinados pela grande burguesia. Diante deste fato, também buscará se aproximar da classe proletária para se fortalecer politicamente, pois trata-se de uma classe que em momentos de crise (e eles eram constantes) oscilam entre burgueses e proletários. Este tipo de socialismo conseguiu observar as contradições da nova sociedade e propunham o retorno as formas de produção cooperativo manufatureiro, doméstico que havia sido subsumido

pela moderna forma de produção da burguesia. Também não tiveram sucesso, mostrando-se reacionários e utópicos.

Uma terceira fração, ainda neste primeiro grupo de socialistas reacionários, são *os socialistas alemães, ou o “verdadeiro” socialista*. Essencialmente idealistas, esse tipo de socialismo pretendia resolver os problemas da realidade a partir da criação de sistemas filosóficos que tinha em supostas mentes brilhantes a resposta para os problemas do mundo. Marx desde 1843 trava um debate crítico com esta literatura idealista que busca nas ideias as respostas do mundo concreto. São intelectuais que se apresentam como os verdadeiros socialistas, mas o documento os caracteriza como “espantalhos” que mais afugentou a burguesia na Alemanha e beneficiou a monarquia:

A roupagem tecida com os fios imateriais da especulação, bordada com as flores da retórica e banhada de orvalho sentimental, essa roupagem na qual os socialistas alemães envolveram o miserável esqueleto das suas “verdades eternas”, não fez senão ativar a venda de sua mercadoria entre aquele público.

Por seu lado, o socialismo alemão compreendeu cada vez mais que sua vocação era ser o representante grandiloquente dessa pequena burguesia (MARX; ENGELS, 2005, p. 64).

Sobre o segundo grupo, *o socialismo conservador ou burguês*, analisam e caracterizam uma parte da burguesia de seu tempo e elencam como exemplo deste tipo, Joseph Proudhon, reformista criticado centralmente por Marx em obra que também aqui já analisamos.

Este tipo de socialismo é expresso no tempo presente de 1847 pela literatura que busca reformar o capitalismo sem tocar na sua estrutura de classes e sistema produtivo, acreditando na possibilidade de manter os aspectos positivos da sociedade moderna e eliminando os negativos.

Corremos o risco de sermos enfadonhos, mas é preciso que

nosso leitor acesse diretamente o documento, dada a riqueza da caracterização:

Uma parte da burguesia procura remediar os males sociais para a existência da sociedade burguesa. Nessa categoria enfileiram-se os economistas, os filantropos, os humanitários, os que se ocupam em melhorar a sorte da classe operária, os organizadores de beneficências, os protetores dos animais, os fundadores das sociedades antialcoólicas, enfim os reformadores de gabinete de toda categoria. Esse socialismo burguês chegou até a ser elaborado em sistemas completos.

Como exemplo, citemos a Filosofia da Miséria, de Proudhon.

Os socialistas burgueses querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente. Querem a sociedade atual, mas eliminando os elementos que a revolucionam e dissolvem. Querem a burguesia sem o proletariado. A burguesia, naturalmente, concebe o mundo em que domina como o melhor dos mundos. O socialismo burguês elabora em um sistema mais ou menos completo essa concepção consoladora. Quando convida o proletariado a realizar esses sistemas e entrar na nova Jerusalém, no fundo o que pretende é induzi-lo a manter-se na sociedade atual, desembaraçando-se, porém, do ódio que sente por essa sociedade (MARX; ENGELS, 2005, p. 64-65).

O socialista burguês é analisado como aquele grupo que apresenta algum tipo de preocupação social, mas que pensa ser efetivo melhoras a sociedade capitalista sem atos revolucionários, sem a ação política do proletariado. Não reconhecem na classe proletária o sujeito revolucionário, sendo eles próprios os reformadores do mundo. O documento os caracteriza como retóricos do tempo presente¹⁹⁸.

O terceiro e último grupo, *os socialistas e comunistas críticos-utópicos*, são caracterizados como donos de uma literatura preocupada com os proletários, mas distantes da realidade da classe trabalhadora como sujeito revolucionário. Tratam aqui dos clássicos

¹⁹⁸ Sobre este grupo, estamos convencidos de que esta caracterização sobre socialistas reformadores do capitalismo se mantém profundamente atual.

socialistas utópicos representados nas figuras de “Saint-Simon, Fourier, Owen, etc.”

Defendiam a criação de comunidades livres onde todos poderiam viver e realizarem-se, algo como sociedades alternativas, mesmo dentro da sociedade capitalista. Reconheciam a realidade da luta de classes e se indignavam diante dela. Todavia, o pacifismo desta literatura que propunha uma espécie de paraíso terreno, era avessa as manifestações dos próprios trabalhadores, como o movimento cartista. Embora essa literatura seja reconhecida como importante, os seus limites a suplantou da realidade ao passo que avançava a sociedade capitalista. Bem diferente de uma nova Jerusalém, a sociedade burguesa se tornava mais violenta ao passo que crescia a produção capitalista e a classe operária.

O procedimento metodológico expresso nestas análises e caracterizações do Manifesto apresentam a preocupação com o tempo presente em identificar através da literatura os grupos que se apresentavam como socialistas. Um procedimento necessário para também apresentarem a distinção dos comunistas através da Liga a qual pertenciam. Esse esforço de procurar entender o presente, esse caminho, apenas esboçado no documento, permanecerá como elemento constitutivo central no pensamento de Marx. O Método, nesta perspectiva, exigirá esse tipo de procedimento, característico de pensadores militantes que até hoje se inspiram em Karl Marx.

É importante, mais uma vez, reafirmar que este caminho, esse método, não está pronto e acabado, principalmente nos anos de 1847. Todavia, nosso trabalho é apresentar um mapeamento possível desta trajetória para pensarmos o que é (ou não) e como se constituiu o que hoje chamamos de o método em Marx.

7.2.5 Posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição

Neste capítulo final, ou seção como se referem os autores no prefácio de 1872, o Manifesto fecha coerente com a proposta estética que se propõe: dizer quem são o que o que querem.

Uma vez desenvolvida a apresentação da plataforma política dos comunistas, apresentada a análise e caracterização das classes sociais, do antagonismo entre elas, da sua constituição histórica, dos supostos representantes do proletariado, e das necessidades imediatas da classe trabalhadora, terminam fazendo um chamado para a organização e luta em unidade como a exploração promovida pela classe dominante na Europa.

A Liga dos Comunistas se apresenta como uma organização de vanguarda, disposta à organização da classe operária internacional. Para isso defendem a unidade de diversas organizações, mesmo a burguesia quando ainda possuir caráter revolucionário a depender do local que esta atue, como por exemplo na Alemanha (Prússia), lutando contra a monarquia. Republicanos e liberais espalhados pela Europa. Mas tudo isso sem abrir mão de criticar os limites destas organizações, sem abandonar os princípios do proletariado expressos no Manifesto do Partido Comunista.

Trata-se de um chamado pela luta do proletariado explorado pela burguesia hegemonicamente reacionária. O Manifesto inicia e termina o seu conteúdo considerando a realidade do tempo presente onde evidencia a exploração da classe assalariada pelos donos de propriedade e como um documento político convoca todos os proletários a se unirem para abolir a ordem social dominada pela burguesia. É um documento político, não uma tese acadêmica, por isso o aspecto positivo que procura inspirar a classe trabalhadora para a

luta organizada. As análises e caracterizações do Manifesto nos aponta alguns princípios do método em Marx, mas está distante de nos apresentar um método de análise da realidade concreta.

Como afirmamos desde o início do nosso dissertar, para entendermos o caminho, no sentido de método, de Marx, é necessário aceitar a caminhar com ele. Aqui apresentamos alguns aspectos fundamentais sobre a construção do método de entendimento da realidade. É muito importante que não percamos de vista o propósito deste documento, não é um tratado teórico sobre o tempo presente, mas um manifesto político. Um documento absolutamente importe, pois, a partir dele até hoje se ergueram tratados teóricos, frágeis ou brilhantes. Nosso objetivo é procurar entender o que seria o método em Marx e suas contribuições diante da nossa realidade. Para isso seguimos nossa investigação para momentos da tradição marxiana de maior aprofundamento sobre suas análises e caracterizações sobre o seu tempo presente a partir dos anos 50 do século XIX. Passemos assim, ao 18 de Brumário para continuarmos a mapear a constituição do caminho de Marx sobre a compreensão da realidade no tempo presente.

CAPÍTULO VIII

O 18 DE BRUMÁRIO DE LUÍS BONAPARTE E O MÉTODO EM MARX

8.1 Texto e contexto

Esta obra de Marx, publicada em vida nos anos de 1852¹⁹⁹ e 1869²⁰⁰, deve ser entendida diante de um contexto de avanços e recuos na luta entre trabalhadores e burgueses desde os anos de 1830, passando por toda Segunda República Francesa²⁰¹. Durante 22 anos, se balizarmos o tempo apenas para efeito de reflexão, podemos identificar uma série de ascensos na luta política, desde a ascensão de Luís Felipe de Orleans (o rei burguês), passando pelas revoltas de trabalhadores em Lyon (1834), Silésia (1844)²⁰² até a Primavera dos

¹⁹⁹ Nesta data, Marx tinha 34 anos de idade.

²⁰⁰ Primeira edição em Nova Iorque, a segunda em Londres e logo após a morte de Marx há uma terceira edição em 1885, preparada por Engels.

²⁰¹ Parte da história da França é fundamentada na república após a Revolução Francesa de 1789 e constituída por vários momentos/aspectos, a saber: a Primeira República, vai de 1792 até 1804; com o período de Napoleão Bonaparte, seja com o Consulado e o Império; retomando a Segunda República de 1848 até 1852; a Terceira República de 1870 até 1940, quando da invasão Nazista; a Quarta República de 1946 até 1958 com o golpe de estado do general De Gaulle (governando até 1969) iniciando a Quinta República de 1958 até os dias de hoje.

²⁰² Sobre a luta de classes na província da Silésia (uma região com várias cidades, pertencia a Prússia, hoje polonesa) Marx escreveu um importante artigo polemizando com Arnold Ruge (já fizemos referência a este texto no Capítulo VI deste nosso livro), publicado no jornal *Vorwärts* (Avante) em 7 de agosto de 1844 em Paris, sob o título: “Glosas Críticas Marginais ao Artigo ‘O Rei da Prússia e a Reforma Social’. De um prussiano” (MARX, 2010). O texto trata do significado a luta dos tecelões proletários para além de uma questão local, particular, mas como sendo a expressão mais geral de uma realidade que visava a emancipação humana,

Povos em 1848. A partir das lutas travadas neste período se vislumbrava a conquista do poder por parte da classe trabalhadora, juntamente com setores progressistas liberais. Todavia, a síntese desse processo revolucionário desemboca no período de maior posicionamento reacionário da burguesia, expresso na repressão à classe trabalhadora, detidamente ao proletariado como classe antagonista.

Diante da luta de classes o desdobramento mais latente é um conjunto de ataques aos trabalhadores que vão desde perseguições político-policiaesca, prisões, processos, condenações e mortes. Após as revoltas de 1848-49, sobretudo na Prússia, os revolucionários serão alvo de constantes brutalidades, o que lhes imporá o exílio e prisões, inviabilizando naquele momento qualquer retomada do ascenso revolucionário.

Marx está envolvido diretamente no processo revolucionário em Colônia, Prússia, onde dirige o jornal revolucionário *Nova Gazeta Renana – Órgão da Democracia*²⁰³. Estamos convencidos de que este

não apenas política. Sobre o artigo de Marx, a editora Expressão Popular, com introdução e tradução de Ivo Tonet (TONET, 2010), nos apresenta a publicação em 2010. Sobre a revolta na Silésia o poeta Heinrich Heine (HEINE, 1844) também publicou no *Vorwärts* em 1844: *Die armen Weber* (Os pobres tecelões). Ver referências ao final do livro.

²⁰³ Recentemente, a Editora Expressão Popular, sob organização de Livia Cotrim, publicou em 2021 o conjunto de artigos de Marx e Engels (MARX; ENGELS, 2021) em dois volumes. São textos escritos no calor do processo revolucionário e de fundamental importância, sobretudo para aquela parcela de leitores que equivocadamente insistem e tomar os dois revolucionários apenas como pensadores de seu tempo. Longe desta perspectiva, Marx e Engels já são, neste momento, dirigentes revolucionários, além de intelectuais do século XIX. Parte deste material, relativo a Marx, já fora publicado pela Editora Educ, em 2010, sob a mesma organizadora e tradutora. Consultar ao final do livro, as referências.

momento é fundamental na trajetória de Marx, pois identificamos em seus estudos publicados em vida ou não, a expressão da sua atividade revolucionária e defendemos que este momento da vida de Marx é central na constituição do seu método de entender a realidade, método que é necessariamente um caminho (*Weg*) de intervenção direta na luta de classes, na realidade concreta, absolutamente distante de diletantismos ou qualquer enquadramento idealista da epistemologia positivista. Sobre este aspecto, vejamos algumas observações ao prefácio à terceira edição, escrito por Engels:

[...] Marx veio a público com uma descrição breve, epigramática, em que expôs todo o nexos interno do curso da história francesa desde as jornadas de fevereiro, em que explicou todo o milagre do dia 2 de dezembro como resultado natural e necessário desse nexos interno, sem que, para isso, precisasse mostrar pelo herói do golpe de Estado mais do que o merecido desprezo. A magistralidade com que traçou esse quadro foi tal que cada nova revelação ocorrida nesse meio tempo só veio comprovar o grau de fidelidade com que ele reflete a realidade. Essa compreensão eminente da história viva em curso, essa clarividência em relação aos fatos no momento em que ocorrem, é de fato ímpar (MARX, 2011, p. 21).

A constituição do método de Marx percorre a sua trajetória de militante revolucionário e este aspecto é fundamental para entendermos, para além de regras epistemológicas, a constituição da sua propositura de apreensão do real na sociedade de classes. Como afirmamos no início de nossa investigação: não entenderemos o que é o método em Marx se ignorarmos a totalidade de sua trajetória. Uma fragmentação do conceito de método em Marx o colocaria, provavelmente, em uma lógica formal, digo, o seu pensamento obliterado de sua prática política, apenas nos apresentaria uma parte muito insuficiente do método de Marx.

Na Inglaterra, enfrentando dificuldades materiais, Marx mantém contato com seus camaradas da Liga, buscando assessorar as

famílias dos condenados nos processos de Colônia, assim como interlocutores de sua “Economia” (sua crítica à economia política).

De Nova Iorque, recebe o convite de seu antigo camarada de Liga, Joseph Arnold Weydemeyer, para escrever sobre a luta de classes na França, especialmente sobre os acontecimentos do tempo presente em Paris que estabelecerá o golpe de Carlos Luís Napoleão Bonaparte ao poder. O material com 62 páginas seria publicado em Nova Iorque, como uma revista semanal, aos domingos, sob o nome: *Die Revolution, eine zeitschrift zwanglosen heften* (A Revolução, uma revista em cadernos casuais), pela Livraria da Associação Alemã de Nova Iorque em 1852²⁰⁴. Vejamos como o próprio autor se referiu a obra quando do prefácio da segunda edição na Inglaterra:

Meu amigo Joseph Weydemeyer, prematuramente falecido, tivera a intenção de publicar, a partir de 1º de janeiro de 1852, um semanário político em Nova York, para o qual ele me desafiou a produzir a história do coup d'état [golpe de Estado]. Em consequência, eu lhe escrevi semanalmente, até meados de fevereiro, artigos com o título O 18 de brumário de Luís Bonaparte. Nesse meio tempo, o plano original de Weydemeyer malograra. Em contrapartida, ele publicou, na primavera de 1852, uma revista mensal chamada Die Revolution [A Revolução], cujo primeiro fascículo consiste em meu O 18 de brumário (MARX, 2011, p. 17).

Weydemeyer estava comprometido com a divulgação do marxismo nos Estados Unidos, embora tivesse limitações financeiras para esse empreendimento. De acordo com o editor, seriam necessários 400 dólares para garantir uma edição da publicação impressa. Mesmo diante da necessidade de finanças, Marx manteve a escrita do material e os enviou para os Estados Unidos. O editor tinha esperança de retomar a publicação assim que as finanças estivessem

²⁰⁴ A edição também contou com a publicação de dois poemas de Ferdinand Freiligrath.

melhores.

Na Europa, Marx se jogou na campanha de divulgação da Revista, mas as coisas não iam bem. Apenas com a chegada de um ex-militante a Nova Iorque, fora possível a publicação da Revista, pois este investira todas as suas economias para colaborar na divulgação do marxismo na América. Não há sequer registro do nome deste militante, apenas o registro da dedicação, mesmo após a sua dissolução, o que corrobora para a tese de que muitos de seus membros continuaram a organizar a classe trabalhadora internacionalmente.

Assim nasce o texto que conhecemos hoje, escrito em VII artigos, posteriormente publicado como capítulos em livro. Não é um trabalho para explicar o que posteriormente foi chamado de bonapartismo, embora seja a obra de referência para entender tal fenômeno. Marx não está escrevendo para criar um conceito, muito menos um verbete de dicionário político, mas sim, para apresentar uma análise e caracterização, em perspectiva história, da constituição da sociedade burguesa na França, que deu vida a um fenômeno, chamado posteriormente de bonapartismo²⁰⁵. Uma forma da burguesia governar sem os trabalhadores e contra a classe trabalhadora e que gestará uma estética política, típica da burguesia, já reacionária, até os dias de hoje nas repúblicas contemporâneas. Milícias, corrupção aperfeiçoada, compra de votos, distribuição de verbas, gabinetes e ministros, forças armadas, decretos, deus, pátria e

²⁰⁵ Para os sedentos em encontrar o método de Marx, este livro é a sua primeira demonstração, publicada, onde ele utiliza o seu método para analisar a realidade. Todavia, não se enganem, não há no livro uma só receita de como usar o seu método. Para entendermos o método de Marx é necessário ir mais longe, e, pensamos que isso justifica a nossa contribuição com este livro.

família, ordem e todo o tipo de vigarice, aperfeiçoada há séculos²⁰⁶.

Inicialmente eram artigos escritos separadamente, preparados para a publicação periódica na Revista *Die Revolution* em 1852, com o título de O 18 Brumário²⁰⁷ de Luís Bonaparte. No prefácio da segunda edição, Marx se refere a dois outros autores que também abordaram o mesmo assunto, porém sob perspectiva distinta da sua. Trata-se de Victor Hugo e Joseph Proudhon, respectivamente, “*Napoléon le petit*” e “*Coup d’état*”. O primeiro trata do tema de forma fragmentada, sem historicidade e o segundo, embora considere a historicidade, de acordo com Marx, termina por fazer uma apologia heroica de Luís Bonaparte²⁰⁸. O caminho marxiano é outro,

²⁰⁶ Talvez, por isso, seja fácil reproduzir anacronismos, hoje, quando observamos o nosso tempo presente e o presente de Marx em 1852.

²⁰⁷ Referente a um período do ano, relativo à criação de um novo calendário à época da Revolução Francesa, durante a Convenção Nacional em 1792, por Robespierre. Desejavam promover a ruptura com o antigo regime acerca da divisão do tempo. O ano se iniciava no outono em 22 de setembro, no equinócio, os três meses desta estação possuíam um nome diferente, Vindimiário (22 de SET. à 21 de OUT.), Brumário (22 de OUT. à 20 de NOV.), Frimário (de 21 de NOV. à 20 de DEZ.). Marx se refere ao 18 de Brumário de Luís Bonaparte como uma paródia do verdadeiro 18 de Brumário de Napoleão Bonaparte (9 de NOV. de 1799), que ao retornar da campanha do Egito, dá um golpe e instaura o Consulado e posteriormente o Império. Napoleão em 9 de novembro (brumário), chega ao poder da República. O sobrinho, Luís, chega ao poder da República para ser presidente e foi, mas diferente do tio, que desenvolveu um império burguês, Luís Bonaparte desenvolveu um império de tragédias, de desclassificados. Se se usassem o calendário republicano inicial, o golpe de Luís seria no Frimário (2 de DEZ. de 1851), mas como Marx está ironizando a farsa, manteve Brumário.

²⁰⁸ O livro de Victor Hugo, não explica os fundamentos históricos de Luís Bonaparte. Como notou Marx, o pequeno, para o autor de “Os miseráveis”, surge como um raio em dia de céu azul. É verdade que o literato apresenta uma pequena biografia de Bonaparte em seu segundo capítulo de Napoleão, o pequeno, mas realmente bastante breve e limitada a alguns fragmentos históricos. Todavia, Victor Hugo cria

distinguindo-se do método de Proudhon e Victor Hugo, busca-se dar ênfase às classes sociais e a luta entre elas e também a luta no interior da classe, especialmente a burguesa. Marx apresenta seu método dialético durante todo o texto, sem possuir a necessidade de anunciar qualquer capítulo sobre o método. Exatamente o mesmo procedimento de construção teórica que identificamos anteriormente. Seguimos agora às nossas considerações sobre o método em Marx através desta obra.

Continuamos trabalhando com as traduções publicadas no Brasil pela Boitempo Editorial, neste caso em 2011, realizada por Nélío Schneider, a partir do original alemão: *Der Achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*.

8.1.2 A ressaca revolucionária

Após a revolução de 1848-49, se instaura, por parte do governo reacionário da Prússia, os processos de Colônia em 1851-52, que tratará de aniquilar qualquer perspectiva revolucionária entre os alemães. O Estado prussiano garantiu o desmantelamento das

uma obra brilhante sobre o tempo presente, de crítica da política, porém, reduzida a uma perspectiva moral, de indignação e revolta diante do golpe de Estado. E é exatamente neste aspecto que a caracterização de Marx, já para aquele momento, se mostrou a mais avançada forma, o melhor método de entender a realidade francesa, pois sua perspectiva histórica vai além da moral, localizando as classes sociais envolvidas (juntamente com as frações de classe) muitos antes daquele presente imediato de ascensão de Luís Bonaparte. Marx analisa o presente como processo, o evento como parte de uma totalidade histórica, e não um fragmento histórico gritante no tempo. São alguns elementos radicalmente distintos de um método de análise de um revolucionário e um importante intelectual. Para Marx, tratava-se de entender para transformar, não, como em Victor Hugo, entender para estabelecer a ordem política. O caminho feito por Marx postula a imperiosa necessidade de destruir o Estado e não de garantir o seu funcionamento.

organizações através da proibição da liberdade de imprensa e organização política, assim como o processo e condenação dos revolucionários alemães através de uma série de falsificações jurídicas. Era o descenso da luta dos trabalhadores e o fortalecimento da monarquia através da figura de Otto von Bismarck.

Diante deste contexto, a Liga dos Comunistas é fragilizada, através de lutas fracionais, praticamente fechada, seus quadros encaram o exílio, prisão e desgraça de toda sorte. Muitos buscam na Inglaterra e Estados Unidos a reconstituição de suas vidas. Longe de simplesmente se exilarem para cuidarem das suas vidas particulares (e muitos assim fizeram), buscava-se um espaço para se reorganizarem. Marx se encontrava exilado em Londres com sua família desde 1849. Foram tempos radicalmente difíceis. Outros dirigentes se exilaram em Nova Iorque, como é o caso de Joseph Arnold Weydemeyer.

É preciso afirmar que os processos de Colônia tinham como objetivo a condenação dos militantes da Liga dos Comunistas, a todo custo de mentiras, espionagens e terríveis falsificações de documentos. Como organização fundamental na Revolução de 1848-49 na Prússia, a Liga precisava ser aniquilada, punida exemplarmente. Aproveitando-se das propostas aventureiras de uma fração na Liga dos Comunistas, ironicamente chamada por Marx de *Sonderbund* (algo como liga separada), representada por August Willich e Karl Schapper, que de modo idealista agitava a tomada do poder sem base social para isso. Acabaram por fornecer à polícia prussiana em 1852 o pretexto para acusação judiciaisca contra os dirigentes da Liga após o ascenso de 1848. Estes, saíram confortavelmente da Liga em 1850, deixando os demais nas mãos do Estado Prussiano. Vejamos como Engels em sua “Para a história da Liga dos Comunistas”, de 1885, nos apresenta o desfecho deste contexto histórico:

De que um homem como Willich caísse nisto e que também Schapper, pelo seu velho ímpeto revolucionário, se deixasse enganar, de que a maioria dos operários de Londres — na maior parte, eles próprios refugiados — os seguissem para o campo dos fazedores de revolução democrato-burgueses, quem se pode admirar? Basta que se diga que a reserva por nós defendida não ia no sentido desta gente; devia entrar-se na fazedura de revoluções [**Revolutionsmacherei**]; nós recusámo-nos do modo mais decidido. Seguiu-se a cisão; o resto pode ler-se nas **Enthüllungen**. Veio depois a prisão, primeiro, de Nothjung, depois, de Haupt em Hamburg, o qual se tornou traidor ao dar os nomes da autoridade central de Colónia e ao ter servido no processo como testemunha principal; mas os seus parentes não queriam passar por este opróbrio e expediram-no para o Rio de Janeiro, onde ele se estabeleceu mais tarde como comerciante e onde, em reconhecimento dos seus serviços, se tornou côsul-geral, primeiro, da Prússia e, depois, da Alemanha. Agora, está de novo na Europa.

Para melhor entendimento do que se segue, dou a lista dos acusados de Colónia:

1. P. G. Röser, operário cigarreiro;
2. Heinrich Bürgers, que mais tarde morreu deputado progressista ao Landtag;
3. Peter Nothjung, alfaiate, morreu há poucos anos como fotógrafo em Breslau;
4. W. J. Reiff;
5. Dr. Hermann Becker, actualmente primeiro burgomestre [Oberbürgermeister] de Colónia e membro da Câmara dos Senhores [Herrenhaus];
6. Dr. Roland Daniels, médico, morreu poucos anos depois do processo de uma tísica apanhada na prisão;
7. Karl Otto, químico;
8. Dr. Abraham Jacobi, actualmente médico em New York;
9. Dr. J. J. Klein, actualmente médico e vereador [Stadtverordneter] em Colónia;
10. Ferdinand Freiligrath que, nessa altura, porém, já estava em Londres;
11. J. L. Ehrhard, empregado de comércio;
12. Friedrich Lessner, alfaiate, actualmente em Londres.

Destes, após um julgamento público perante os jurados, que durou de 4 de Outubro a 12 de Novembro de 1852, foram condenados por tentativa de alta-traição: Röser, Bürgers e Nothjung a 6 anos de presídio; Reiff, Otto, Becker, a 5; Lessner, a 3; Daniels, Klein, Jacobi e Ehrhard foram absolvidos. Com o processo de Colónia encerra-se este primeiro período do movimento operário comunista alemão. Imediatamente após a sentença dissolvemos a nossa Liga; poucos meses mais tarde, a Liga separada [Sonderbund] de Willich—Schapper também ia para o eterno descanso (ENGELS, 1885²⁰⁹).

Marx se dedicou a fortalecer a defesa dos militantes aprisionados pelo governo em Colônia, trabalhando, mesmo à distância, no exílio, para desmascarar as falsificações apresentadas pelo governo, através de seus agentes policiais infiltrados em Paris e Londres. O governo tentava com todas as suas forças chegar a Marx e Engels como os principais responsáveis por 1848-49 e para isso forjavam provas que ligassem os dirigentes da Liga dos Comunistas a uma conspiração franco-prussiana de tomada do poder. Para isso os espões da polícia alemã inventaram um livro com minutas que supostamente davam detalhes da conspiração. Na realidade um livro falso, como ficou provado. Valia tudo para condenar, para achar culpados e criminalizar a luta por melhores condições de vida na Prússia, quando os verdadeiros culpados estavam sentados no tribunal do júri.

Marx trata de denunciar o caráter de classe do tribunal, composto por proprietários reacionários e altos funcionários do próprio governo. Uma prática que estabelece permanências históricas com o nosso tempo presente, sem nenhuma coincidência da sociedade das classes antagônicas. Marx tratou deste contexto em um ensaio de início de dezembro de 1852, publicado com dificuldades de

²⁰⁹ Citação de fonte digital, ver nome/data nas referências bibliográficas ao final.

distribuição devido a perseguição política, sob o título: *Enthüllungen über den Kommunistenprozeß zu Köln* (Revelações sobre o julgamento comunista em Colônia²¹⁰).

A Liga dos Comunistas estava esfacelada, mas cumprira o papel de ser a primeira organização da classe trabalhadora com um programa revolucionário do proletariado, baseado no que se propunha: o socialismo científico²¹¹. Com os seus 400 militantes²¹² aproximadamente, a Liga se apresentou como uma escola para os revolucionários, mesmo não sendo composta majoritariamente por operários modernos, os operários artesãos deixaram um legado histórico para toda classe operária e apontando para a necessidade de continuidade da organização da classe proletária internacional. Em 1852, Marx propõe o fechamento da Liga em Londres e o mesmo aconteceu, paulatinamente em outras localidades. Era de fato o fim da organização. A Liga dos Comunistas tinha cumprido o seu papel, tratava-se agora de continuar a organizar o proletariado com ferramentas mais precisas e amplas. Logo surgiria a Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864, demonstrando que todo este contexto revolucionário não termina em um rio de lágrimas e

²¹⁰ Não tivemos acesso ao ensaio em língua portuguesa. O texto em alemão pode ser acessado na versão digital da *WERKE*, Karl Marx / Friedrich Engels - Works, (Karl) Dietz Verlag, Berlim. Volume 8, 3ª edição 1972, reimpressão inalterada da 1ª edição 1960, Berlim / República Democrática da Alemanha, pg. 405-470.

²¹¹ Engels também o chamou de “socialismo moderno” (em contra posição ao socialismo utópico de Saint- Simon, Jean Fourier e Robert Owen), em seu “Do Socialismo utópico ao Socialismo Científico” (ENGELS, 2008, p. 51).

²¹² Os números não são precisos. Em 1885, quando se propõe escrever “Para a História da Liga dos Comunistas”, Engels fala do envio para a Prússia de cerca de 300 a 400 exilados, sendo a maioria deles, membros da Liga. Considerando os militantes que se encontravam em outras localidades, é seguro falamos de 400 membros, que pese toda essa imprecisão, o certo é que o número não era na escala de milhares.

derrotas, mas no amadurecimento da luta de classe e na criação de outra organização ainda mais influente e significativa no seio do proletariado moderno.

Ainda em 1850, a partir do exílio, o Comitê Central da Liga dos comunistas escreve uma circular aos seus militantes que estavam na Prússia, no sentido de reorganizar a ofensiva revolucionária, pois acreditavam que a situação ainda se mantinha revolucionária. Estavam equivocados, pois os resultados deste processo de lutas acabaram por desdobrar no maior fortalecimento da monarquia prussiana. Mas estavam corretos na avaliação de que a permanente organização dos revolucionários era uma necessidade primordial. Nasce aqui o conceito de revolução permanente, ou revolução em permanência, como termina o texto. Nesta circular não se trata de construção de conceitos, pois a ideia, mesmo que central, de revolução permanente apenas seria desenvolvida com León Trótsky no século XX. Todavia, em germe, a circular coloca um ponto fundamental, mesmo diante dos erros de análise de conjuntura, que é a necessidade de manter a perspectiva revolucionária e que o avanço da luta precisa se manter constantemente. Uma derrota também possui vitórias. O proletariado cada vez mais se apresentava como classe, não mais coadjuvante da burguesia na luta contra a monarquia. E a classe burguesa, a partir da França e da Prússia também possuía esta compreensão da realidade. A prova mais cabal deste posicionamento de classes é a aliança entre burgueses e monarquistas, seja na França e na Prússia, contra os trabalhadores.

Entretanto, a década de 50 foi de absoluta penúria para Marx e os seus. Era o amargor do descenso, do refluxo e seus desdobramentos da luta de classe. Em Londres, Marx e familiares passaram por terríveis crises: financeira, doméstica, etc. Contraditoriamente, será também

uma década de fundamental aperfeiçoamento dos seus estudos e construção da crítica da economia política (que abordaremos no próximo capítulo).

Precisamos considerar que após 1848, Marx desdobra a sua produção teórica, cada vez mais a partir do mundo concreto. Não queremos dizer com isso que há um Marx idealista e outro materialista, mas apenas partimos da perspectiva que o Marx militante, dirigente e organizador da classe, passa a apresentar cada vez mais as relações entre o mundo em que vive e analisa, buscando intervir junto a classe trabalhadora. Destacamos isso pois consideramos a existência, na tradição marxista, de um ideário que postula um Marx pronto e acabado. Isso nunca existiu! Não é por acaso que este período da história da constituição da teoria social de Marx é extremamente ignorado por parte da intelectualidade, que, de alguma forma, tenta se ancorar nas contribuições do revolucionário, muitas vezes o qualificando como um pensador inofensivo de ideias interessantes, quase um acadêmico e nunca um militante revolucionário.

8.2 A análise e caracterização da luta de classes no tempo presente: a toupeira e os parasitas

Retomemos os fatos: após a Primavera dos Povos de 1848, o poder político no Estado francês sai das mãos do rei burguês, Luís Felipe, passando para um representante republicano eleito, Luís Bonaparte. A revolução de 1848, com participação ativa da classe trabalhadora na luta contra a monarquia de Luís Felipe, foi derrotada parcialmente. Cai um rei da dinastia Orleans, todavia, com apoio da burguesia liberal (que também lutava em 1848), mas que se distanciara rapidamente do proletariado em luta, colocando no poder um

personagem histórico desclassificado para gerir os negócios do capital, ou seja, para garantir a propriedade privada e afastar o perigo vermelho, a burguesia francesa abre mão do poder político e consolida Luís Napoleão, através das eleições de 10 de dezembro de 1848, como presidente da república francesa. Foi a forma encontrada para manter a propriedade privada protegida, ou seja, a burguesia perde o poder político, mas mantém o capital e o distanciamento da classe trabalhadora do poder, especificamente os socialistas. Aqui, neste momento histórico, assim como na Prússia, a burguesia francesa identifica claramente o perigo que representa aos seus interesses privados o proletariado como classe social. Era preciso destruí-lo.

O Partido da Ordem cumpriu um papel histórico fundamental no que tange a convergência para atacar a classe trabalhadora francesa, sobretudo os socialistas e comunistas²¹³ após as jornadas de junho.

No capítulo de abertura, Marx trata de localizar o terreno histórico dos acontecimentos, apresentando um conjunto de caracterizações sobre a história recente. No primeiro parágrafo, Hegel é citado para ajudar a apresentar suas problematizações sobre o processo revolucionário:

Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière como Danton, Luís Blanc como Robespierre, a Montanha de 1848-51 como a Montanha de 1793-952, o sobrinho como o tio. E essa mesma caricatura se repete nas circunstâncias que envolvem a reedição do 18 de brumário! (MARX, 2011, p. 25)

Marx se refere às palestras sobre a filosofia da história,

²¹³ Até mesmo Victor Hugo reconhece a importância dos socialistas e comunistas como parte da classe trabalhadora, como vanguarda da luta de classes na França.

publicadas em 1837 em Berlim. Nelas, sobretudo no terceiro capítulo, Hegel trata da História Universal, debatendo o sentido e o propósito da realização da liberdade na história, tratando de personagens como César e Napoleão, a política, a moral e a representação do espírito em personagens centrais diante do devir. Em o 18 de Brumário, o autor acrescenta a farsa e a tragédia à citação indireta de Hegel, e, desdobra, com exemplificações da história que entende serem adequadas a sua análise em 1852.

Ao identificar as comparações de personagens históricos e tempos diferente, embora próximos, Marx busca demonstrar a tragédia de entender que a história se repete, que os sujeitos se portariam e desenvolveriam as tarefas dos personagens do passado. É necessário não confundir a toupeira com o parasita.

A primeira constrói um conjunto de túneis, complexo, vive no subterrâneo a maior parte de sua vida, as vezes a velha toupeira sai do buraco, mas logo volta para debaixo da terra, e sem parar, de forma permanente, continua cavando, até que um dia retorne a superfície. O segundo, vive do oxigênio e nutrientes de outros seres vivos, parasita durante a vida toda na superfície ou no interior dos corpos que vivem sob a luz, todos os dias. Comparar os revolucionários de Lyon ao do 89 Francês, os parlamentares que legislavam à época da Convenção Nacional com os parlamentares de 1848-51 era um erro terrível. E mais uma vez citamos:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam

emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. Assim, Lutero se disfarçou de apóstolo Paulo, a revolução de 1789-1814 se travestiu ora de República Romana ora de cesarismo romano e a revolução de 1848 não descobriu nada melhor para fazer do que parodiar, de um lado, o ano de 1789 e, de outro, a tradição revolucionária de 1793-95. Do mesmo modo, uma pessoa que acabou de aprender uma língua nova costuma retraduzi-la o tempo todo para a sua língua materna; ela, porém, só conseguirá apropriar-se do espírito da nova língua e só será capaz de expressar-se livremente com a ajuda dela quando passar a se mover em seu âmbito sem reminiscências do passado e quando, em seu uso, esquecer a sua língua nativa (MARX, 2011, p. 25-26).

Logo de partida a concepção de história e método em Marx não permite percorrermos a tese de uma teoria da história idealista, pré-concebida, acabada e que supostamente se realizaria no devir (como já mencionado neste livro). O que o texto nos permite inferir é exatamente diferente desta interpretação. Para Marx, sua concepção histórica (como fundamentação materialista do método) localiza um conjunto de determinações, construídas historicamente, que coloca a existência das coisas, independente daquilo que o ser pensa ou deseja sobre a realidade. Esta concepção da história (*Geschichtsauffassung*) está radicalmente ligada a concepção de método em Marx, separar estes aspectos é negar o próprio texto do autor. Os homens fazem história, mas não fazem sob o imperativo da vontade em absoluto.

Marx identifica as gerações passadas como um pesadelo no tempo presente, ao menos no caso em que trata em O 18 de Brumário. O presente não seria a reedição de personagens do passado, ou a repetição histórica que promoveria a retomada de processos já abertos no pretérito. Marx identifica que esta perspectiva, no presente, era exatamente uma das características do erro daqueles que buscavam o poder, seja a classe trabalhadora, a burguesia ou mesmo os

oportunistas. Esta abordagem inicial de Marx trata de demonstrar que a história não é linear, menos ainda, que não se trata de repetição dos fatos. A história nunca se repete e é preciso tomar as rédeas pelas próprias mãos e não reproduzir repetições ocas, abstrações vazias sobre a realidade. Agir desta maneira é localizar-se na perspectiva idealista da história. A concepção histórica em Marx é a expressão, nesta obra, da sua perspectiva de método histórico (*Geschichtsmethode*)²¹⁴.

Durante todo o 18 de Brumário de Luís Bonaparte, a concepção histórica é anunciada para analisar e caracterizar o presente. Esse tempo presente é abordado por Marx a partir da realidade histórica, o que demanda aos leitores o devido conhecimento prévio da história da França. É recorrente considerar que o 18 de Brumário é um trabalho de historiador, pois trataria de uma obra histórica (juntamente com “A luta de classes na França” e a “Guerra Civil na França”), garantindo à Marx uma cadeira na historiografia²¹⁵.

²¹⁴ É importante notar que na “Ideologia Alemã” de 1845, Marx, juntamente com Engels, escrevem referindo-se a um *Geschichtsmethode* (método histórico). Todavia, no prefácio da segunda edição alemã de “O Capital”, em 1873, o próprio Marx se refere ao “meu método” (MARX, 1996, p.138). De qualquer forma, nosso leitor deverá considerar a construção do conceito, pois o que é o método (*methode*) de Marx ou mesmo o caminho (*Weg*) realizado por ele, só pode ser substancialmente entendido no processo, não apenas em um dado momento da sua trajetória militante.

²¹⁵ Marx nunca foi um historiador. Se considerarmos os historiadores do seu tempo, de perspectiva historicista positiva, poderíamos inferir que o revolucionário trabalhava até mesmo de forma mais acurada com as fontes documentais e bibliográficas quando comparado aos historiadores do seu tempo. Não precisamos temer em afirmar que Marx não foi um historiador, sociólogo, antropólogo, cientista político ou social, economista (DOBB, 1977), filósofo de especulação. O método e as contribuições marxianas é que foram de alguma forma abraçados por

Estamos convencidos que pensar assim é impor ao autor uma espécie de departamento do qual ele nunca fez parte. Um erro, pois o texto do 18 de Brumário, embora trate da história e que pese sua influência em parte da historiografia no século XX, a produção de Marx, principalmente deste período (1852) não se ocupa de promover contribuições para historiografia do século XIX, mas para a organização da luta revolucionária, não a academia. Os objetivos de Marx era entender a luta de classes e promover a revolução proletária, um aspecto que não podemos perder de vista, para não recorrermos ao erro de transformar Marx em um escritor do século XIX.

Para entender o tempo presente em sua complexidade é fundamental que se considere a história, como dissertamos: a totalidade histórica. Essa é uma perspectiva de Marx, central, sobre o método. Nem um culto do passado, nem a história em migalhas. O método em Marx parte do presente, caótico, identificando as suas determinações, examinando cada uma delas, identificando as categorias do ser, que são determinadas para além da vontade do sujeito. Assim, os homens fazem a história, mas a partir de determinações e escolhas que os precede no tempo.

Diferente de Victor Hugo, Marx procura entender a luta de classes na França para além de qualquer engenhosidade de Carlos Luís Bonaparte, mas como expressão, desdobramento da luta de classes, de um conjunto de fatores que possibilitam um desclassificado chegar ao poder nas eleições de 1848 e posteriormente tornar-se imperador da França, destroçando a república burguesa.

Para entender a situação da França naquele ano de 1852, era

estas áreas do saber, compartimentadas durante o final do século XIX, no XX e XXI. Ele foi um dirigente revolucionário, isso não deveria ser difícil de aceitar.

preciso recuar no tempo para entender as múltiplas determinações da situação política do seu presente imediato. Para Marx “*Não é do passado, mas unicamente do futuro*”²¹⁶, que a revolução social do século XIX pode colher a sua poesia” (MARX, 2011, p. 28). Não se trata de afirmar que o presente se explica por si, mas que é a partir das problematizações do presente que se investiga, ou ainda: é o presente que explica o passado, não o passado que explica o presente, e, menos ainda, as conjecturações sobre o futuro²¹⁷.

A Revolução de Fevereiro, diz Marx, “pegou de surpresa a antiga sociedade” (MARX, 2011, p. 29), marcando a história mundial, pois tratava-se do proletariado em luta. Todavia, após o mês de junho, tratou-se de eliminar o seu componente revolucionário, através da conciliação burguesa que levou “um trapaceiro” ao poder executivo do Estado francês. Não se tratava de uma derrubada da monarquia de Luís Felipe, mas de algo que redundaria no retorno, como afirma Marx:

[...] à sua forma mais antiga, ao domínio despidoradamente simples da espada e da batina. Assim, a resposta ao *coup de main* [ataque surpresa] de fevereiro de 1848 foi o *coup de tête* [cabeçada, ação impensada] de dezembro de 1851 (MARX, 2011, p. 29).

Como foi possível Luís Bonaparte chegar ao poder? Para responder esta pergunta Marx percorre o caminho histórico dos acontecimentos e procura localizar as classes sociais existentes e o os

²¹⁶ Ao escrever “futuro”, Marx está se referindo ao socialismo como obra da classe proletária, não se trata de futuro no sentido teleológico.

²¹⁷ O futuro, aqui, se remete apenas as possibilidades de conjeturar, desenvolver prognósticos, considerando a realidade material do presente. Ainda assim, com todos os limites pertinentes de um prognóstico, que considera o movimento constante da história, sem espaço algum para qualquer tipo de teleologia da história, ou teoria da história no sentido idealista.

conflitos entre elas e interno a elas²¹⁸. Pudemos identificar no método de Marx a propositura de um caminho apresentado em períodos desta história. Diante disso é fundamental reafirmarmos que esta periodização histórica não é pré-definida no pensamento do autor.

Hoje, poderíamos tomar um caminho equivocado, afirmando que previamente a história do 18 de Brumário trata de uma divisão histórica anterior a própria escrita histórica. Não, a exposição de uma divisão em períodos, em Marx, só é possível após de apropriar das determinações da realidade e aí sim apresentar a existência desses períodos, ou seja, antes de apresenta-los, é preciso descobri-los primeiro.

O que acessamos nesta nossa fonte bibliográfica é o ponto de chegada das investigações de Marx sobre aquele tempo presente. Quando lemos o 18 de Brumário, acessamos o fim e não o início de parte do trabalho intelectual revolucionário de Marx²¹⁹. Estas considerações sobre o método foram explicitadas diretamente nos

²¹⁸ A exposição de Marx, o percurso realizado para entender e explicar a luta de classes na França em pouco mais de cento e cinquenta páginas se mostrou mais efetiva do que as seiscentas páginas de “Napoleão, o pequeno” de Victor Hugo. O revolucionário, diferente do literato, neste caso, tem algo novo a apresentar: um método radicalmente novo em relação ao método psicológico de interpretação da história. Fazemos esta distinção sem nenhuma preocupação em desqualificar o segundo, mas apenas para reafirmar a diferença do caminho de análise em uma perspectiva que até hoje possui influencia na tradição marxista e não marxista.

²¹⁹ Esse procedimento metodológico, esse caminhar de Marx, será registrado em suas considerações sobre o método da economia política, na seção terceira que integra o texto de 1857, conhecido por Introdução e que integra o material hoje conhecido como Grundrisse. No capítulo IX deste livro, trataremos desta Introdução.

anos posteriores a 1852²²⁰, quando do trabalho de Marx sobre a Crítica da Economia Política publicado em 1859.

Evidentemente, a pergunta que apresentamos anteriormente não é respondida na obra de forma dicionarial, pois Marx se detém a um conjunto de elaborações (capítulos) para apresentar a totalidade histórica que tal evento se insere. As respostas epistêmicas existem em Marx, mas quando se trata de entender a sociedade capitalista e suas classes, as respostas não são passíveis de apenas algumas linhas. Antes de responder como, é preciso entender o que é, como se constitui. E este é um aspecto do método em Marx, ontológico e não apenas epistemológico.

Nosso leitor atento, notou que ao citarmos os textos de Marx, em nenhum momento o revolucionário se refere ao seu método como sendo o materialista histórico e materialismo dialético. Evidentemente, nosso estudo extratou até aqui aquilo que entendemos ser emblemático sobre o assunto e até agora não encontramos nada parecido com aquilo que a tradição marxista resolveu chamar como sendo o método de Marx. Nossa preocupação não é nominalista, mas com sim em relação ao conteúdo sobre o método, neste caso o conteúdo distinto e contrário ao conteúdo do método em Marx, embora atribuído a ele depois do século XIX.

Seguimos a apresentação de nosso estudo, agora, a partir de um manuscrito de 1857, bastante referendado por aqueles que se

²²⁰ Sobre os estudos de o 18 de Brumário, enquanto terminávamos a edição deste livro, fora publicado no Brasil uma coletânea sobre esta obra de Marx que precisamos indicar aos nossos leitores. Trata de “Bonapartismo, História e Revolução: reflexões sobre O 18 de brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx”, organizado por Jadir Antunes, Ricardo Pereira e Carlos Prado. Ver referências ao final.

preocupam com o método, de alguma forma, em Marx. Trata-se da introdução inacabada e que hoje conhecemos como parte integrante dos “Grundrisse”.

CAPÍTULO IX

A INTRODUÇÃO DE 1857 E O MÉTODO EM MARX

O primeiro caminho é aquele que a Economia percorreu em sua gênese histórica. [...] No primeiro caminho, toda a representação se desvanece em determinação abstrata, ao passo que, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto no plano (im Weg) do pensamento (MARX, 2010, p. 109, 111).

Der erste Weg ist der, den die Ökonomie in ihrer Entstehung geschichtlich genommen hat. [...] Im ersten Weg wurde die volle Vorstellung zu abstrakter Bestimmung verflüchtigt; im zweiten führen die abstrakten Bestimmungen zur Reproduktion des Konkreten im Weg des Denkens (MARX, 2010, p. 108, 110)²²¹.

9.1 Texto e contexto

O texto conhecido como “Introdução de 1857” é parte de um conjunto maior de estudos e militância de Marx²²² em Londres e que hoje conhecemos como *grundrisse*²²³. São rascunhos das investigações sobre a economia política, jamais foram publicados em vida, e, com efeito, não era esse o propósito ao escrevê-los. Trata-se do laboratório intelectual de um dirigente revolucionário, preocupado em analisar e caracterizar a realidade que se propunha transformar. Esse conjunto de textos são seus estudos, fundamentos de sua crítica à economia política que será apresentada em 1859 e posteriormente em 1867, na

²²¹ Grifo nosso.

²²² Nesta data, Marx tinha 39 anos de idade.

²²³ Essa palavra, do alemão *Grundriss* (singular) e *Grundrisse* (plural) pode ser traduzida para o português, como, risco baixo, planta baixa, traçado, fundamentos ou mesmo, alicerce, esboço e rascunho (tradução livre nossa).

forma de publicação em livros.

É preciso considerar que o século XIX é o momento clássico da Revolução Industrial. Marx está no coração do dragão.

A Inglaterra é o palco emblemático dos acontecimentos desta revolução que mudou a história mundial, até mesmo da comunidade mais isolada em relação à Europa capitalista. Toda produção marxiana está neste contexto da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII e que em 1857 se encontra no ápice do sistema fabril e já tinha consolidado a existência da nova classe social: o proletariado.

Antonio Escudeiro, apresenta um quadro bastante interessante em seu trabalho de história da revolução industrial. Trata-se de um texto propedêutico, sob o título “*La Revolución Industrial: una nueva era*” (ESCUDEIRO, 2009, p. 51), que infelizmente não temos sua tradução para o português. Vejamos:

<i>Cronologia de la Revolución Industrial</i>
<i>Gran Bretaña</i> 1760/1780 - 1840
<i>Francia</i> 1790/1800 - 1860
<i>Bélgica</i> 1790/1800 - 1860
<i>Alemania</i> 1820/1830 - 1870
<i>Estados Unidos</i> 1830/1840 - 1880

Balizar quando começa e termina um fato histórico não é tarefa simples. Não existe acordo absoluto, mas estas datas são bastante razoáveis e aceitas em larga escala na historiografia.

Mesmo o historiador liberal Thomas Southcliffe Ashton, que pese o seu elogio à Inglaterra e defesa do sistema capitalista, reconhece

em seu livro, bastante popular após a Segunda Guerra Mundial, as grandes transformações deste período. Em *La Revolución Industrial*²²⁴, afirma:

La Revolución Industrial debe concebirse como un movimiento social, y en forma alguna como un simple periodo e tiempo. Sea cuando se presenta en Inglaterra después de 1760, en los Estados Unidos y Alemania con posterioridad a 1870, o bien en Canadá y en Rusia en nuestros días, sus efectos y características son fundamentalmente iguales. Siempre va acompañada por el crecimiento de la población, por la aplicación de la ciencia a la industria y por un empleo del capital más intenso y más extenso a la vez; también coexiste con la conversión de comunidades rurales en urbanas y con el nacimiento de nuevas clases sociales (ASHTON,1950, p.167)²²⁵.

Consideramos que de 1760 a 1850 foi o momento em que a Revolução Industrial predominou na Inglaterra e que de 1850 em diante se desenvolve por outras partes do mundo, acirrando a concorrência entre os países industrializados. Engels é o primeiro a utilizar esta expressão “revolução industrial”, em 1845 em seu livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (ENGELS, 2010). Vejamos como um revolucionário apresenta a questão:

A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão. Tais invenções, como se sabe,

²²⁴ Originalmente: *The Industrial Revolution*, 1948; Oxford University Press, Londres. Assim como o livro de Escudeiro, não há tradução no Brasil.

²²⁵ Em nossa tradução livre: "Devemos conceber a Revolução Industrial como um movimento social, de forma alguma como um simples período de tempo. Seja quando se apresenta na Inglaterra depois de 1760, nos Estados Unidos e Alemanha, posterior a 1870, ou mesmo no Canadá e na Rússia em nossos dias, seus efeitos e características são fundamentalmente iguais. Sempre vem acompanhada pelo crescimento da população, pela aplicação da ciência a indústria e por um emprego de capital massivo e extenso; coexistente também com a conversão de comunidades rurais em urbana e com o nascimento de novas classes sociais".

desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto – revolução cujo significado histórico só agora começa a ser reconhecido.

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações (ENGELS, 2010, p. 45).

Em meados do século XIX, a internacionalização do capital já é uma realidade²²⁶ e as manifestações de crise do capitalismo não é uma exclusividade inglesa. Nos anos cinquenta, Marx e Engels identificam a possibilidade da crise e a instauração de uma situação revolucionária. Sabemos que a revolução não se efetivou como esperavam, mas a crise capitalista se efetivava cada vez mais.

Podemos identificar a crise mundial do capitalismo e que foi emblemática a partir dos Estados Unidos. O Centro Histórico de *Ohio*, nos Estados Unidos, ainda hoje, se refere a este período da história como “*The Panic of 1857*” (*Ohio History Central, 2020a*). Com a guerra da Criméia de 1853 a 1856 (Império Russo x Império Turco e aliados – França, Reino Unido, Reino do Piemonte e Sardenha), as

²²⁶ Desde de 1600 a Inglaterra já atuava através da Companhia Inglesa das Índias Orientais (Holanda, França, também possuíam suas Companhias). Estas companhias eram empresas privadas. Representam a parceria entre Estado e capital privado e se mostraram fundamentais para a fase de maior desenvolvimento do capitalismo, sendo instrumentos do novo colonialismo/imperialismo. A Companhia Inglesa é que controlava de fato a Índia e os negócios no oriente. No caso indiano, principalmente após a Revolta Indiana de 1857 (Revolta dos Cipayos), a Coroa passa a controlar diretamente a colonização na Índia, garantindo assim os interesses dos investidores e o controle na região. Uma demonstração clara de como o Estado é o balcão de negócios da burguesia. Para se aprofundar sobre o Imperialismo, ler “Imperialismo, estágio superior do capitalismo” (LENIN, 2012).

exportações dos Estados Unidos aumentaram, e com o fim da guerra, a produção e os investimentos em ferrovias, plantações, telégrafos, empréstimos, irracionalmente se mantiveram como durante a guerra. Acontece que, se durante a Guerra da Crimeia os produtores agrícolas na Europa diminuíram a produção (forçando a importação da América-EUA), com o fim, e a retomada da produção, estas importações diminuem drasticamente. A desvalorização e a falência de empresas emblemáticas do capitalismo que operavam em Nova Iorque, como a *The Ohio Life Insurance and Trust Company* (*Ohio History Central, 2020b*), provocou uma reação em cadeia, de crise, em vários setores de investimento da burguesia, afetando a bolsa de Londres, Paris e todas as suas ramificações internacionais. A mundialização da economia capitalista já era um fato.

Morando em Londres, rodeado por crises profundas, seja no aspecto familiar e do próprio capitalismo, os anos cinquenta foram fundamentais para entendermos os caminhos de Marx e da crise internacional que presenciavam. Entre 1857 e 1858, ele escreverá vários artigos sobre a crise para o jornal *New York Daily Tribune*²²⁷. Franz Mehring, primeiro biógrafo de Marx, pensava ser impossível recuperar estes textos do jornal americano. Em partes estava certo, porém, uma outra parte desse material foi recuperada e está entre as obras disponíveis²²⁸.

Após as revoluções de 1848-49, Marx, assim como muitos revolucionários, encarará o exílio e provavelmente é o período mais amargo de sua vida, ao lado de sua companheira e filhas. Em 1849 é

²²⁷ Em tradução livre: Tribuna Diária de Nova Iorque.

²²⁸ Esse material pode ser acessado em língua inglesa, pela internet em “Collected Works of Karl Marx and Frederick Engels - Vol. 15 e 16 (MARX; ENGELS, 1979). Vêr nossas referências ao final do livro.

formalmente expulso da Prússia e volta para França, mas o governo de Luís Napoleão o obriga a ir para longe de Paris, banido para o departamento de Morbihan (região assolada dor doenças como a malária), situação que o direciona para Londres²²⁹. Registra em carta a Engels: “*Estou sendo banido para o departamento de Morbihan, os pântanos pontinos da Bretanha. Não preciso dizer que não consentirei com esse atentado velado contra minha vida. Então estou saindo da França*” (MARX, 2010. P 212). Marx tinha 24h para deixar o país. Foi permitido à Yohana Jenny von Westphalen²³⁰ ficar com as crianças em Paris até o dia 15 de setembro.

Não é nosso objetivo dissertar sobre a vida familiar de Marx e Jenny (como ficou mais conhecida), mas é importante apontar que é nesta época de caos (exílio, problemas de saúde, morte de filhos, desemprego, falta de dinheiro para o básico e caluniados por oponentes, espionado pela polícia, etc.) que ele, sempre sob a supervisão de Jenny, escreverá o que chamamos hoje de *grundrisse*. Diferente do que ele mesmo escreveu, quando se referia a retirar-se da vida política para se dedicar aos estudos, Marx jamais se retirou da militância. A prova disso é que nestes tenebrosos anos cinquenta, o que observamos é uma dedicação profunda a investigação da economia política e que dará vida pública a sua Crítica em 1859. No mesmo passo, se ocupou em receber os revolucionários exilados que imigravam para Londres. Uma atividade política da maior relevância e que representa os fundamentos e preparativos da constituição da Associação Internacional dos trabalhadores em 1864 (que hoje

²²⁹ Carta de Marx a Engels, 23 de agosto de 1849.

²³⁰ Johanna Bertha Julie Jenny Edle von Westphalen, foi a primeira editora de Marx e organizadora de todo trabalho revolucionário, desgraçadamente, na maioria das vezes, apenas recordada como a mulher de Marx.

conhecemos como a I Internacional). Reafirmamos: estudos e militância, andam juntos.

Os *grundrisse* são um conjunto de textos, anotações, extratos, comentários de Marx em relação as suas investigações, suas pesquisas sobre a sociedade capitalista. Nunca foi um livro como conhecemos hoje. A quantidade de materiais deste tipo, deixados por Marx, durante sua vida, é imensa e a maioria deles ainda nem foram publicados. A MEGA² tem uma previsão de vários volumes, com milhares de páginas para agrupar todo esse material²³¹. O que conhecemos hoje como um livro chamado de “Grundrisse” é uma parte referente aos anos de 1857 e 1858. A “Introdução” que nos ocuparemos aqui é apenas uma pequena parte importante de um vasto oceano de documentos que Marx deixou e que até hoje a maioria dos marxistas jamais puderam ler em sua totalidade²³² (e provavelmente continuará sendo assim por muito tempo, o que nos remete a necessidade de uma revolução na forma de viver).

²³¹ A MEGA², trata-se de um trabalho editorial que visa reunir as obras completas de Marx e Engels, sob uma perspectiva crítica em relação a MEGA¹. Na década de 50, após a morte de Stalin, esse trabalho de organização foi iniciado pelos Institutos de Marxismo-Leninismo (IML) de Moscou e Berlim e foi fundamental a entrada do Instituto Internacional de História Social (IISG) da Holanda. De acordo com Hugo Cerqueira, “em 1990 o IISG, o IML de Moscou, a Academia de Ciências de Berlim e a Karl Marx Haus, deram vida a fundação *Internationale Marx-Engels – Stiftung*” em Amsterdã (CERQUEIRA, 2014, p.9), assumindo a direção da MEGA.

²³² Para quem pode e desejar acessar estes textos de Marx, mas estão esperando chegar as traduções em português, uma orientação: aprendam alemão. Acreditem, será mais rápido aprender o idioma em que Marx escrevia do que ficar aguardando as traduções serem disponibilizadas. Óbvio, temos aqui um recorte de classe, pois a maioria absoluta da classe trabalhadora, na sociedade capitalista, jamais poderá se dedicar a esse tipo de estudo, pois a ditadura do capital nos manterá apertando parafusos, vendendo cosméticos e fazendo entregas (faça chuva, faça sol) nos condomínios confortáveis da classe burguesa.

Foi graças a Revolução Russa e seus desdobramentos nos anos vinte, que pudemos conhecer a maior parte de toda contribuição de Marx.

No prefácio de “Para a Crítica da Economia Política” de 1859 (que trataremos em nosso próximo capítulo), Marx faz referência a esta Introdução (que seria a introdução deste livro de 1859), apenas escrevendo que não seria prudente antecipar os resultados de uma investigação²³³.

Karl Kautsky, posteriormente, apenas em 1903 é que publicará na revista *Die Neue Zeit* (O Novo Tempo) uma versão desta introdução. O texto foi encontrado em 1902 entre os espólios de Marx e havia permanecido inédito até então. A relação de Kautsky com Engels era muito próxima e os materiais de Marx e Engels ficaram sob os péssimos cuidados do Partido Social Democrata Alemão. Kautsky era considerado (não apenas ele) um herdeiro de Marx e Engels e realmente o dirigente da social-democracia foi fundamental em relação a divulgação e defesa do pensamento revolucionário de Marx. Mas a história nos mostrou que ser próximo de Engels (muitos o chamam de discípulo), ter acesso direto a livros e documentos extraordinários não é garantidor do caráter revolucionário, pois Karl Kautsky, se transformou, nas palavras de Lênin, em um “renegado”²³⁴.

²³³ Mas como sabemos, Marx para de escrever essa “Introdução” e continua seus estudos. O texto foi guardado com suas papeladas de trabalho e mesmo em 1859, quando o livro fica pronto, ele prefere não publicar ela junto, apenas fazendo uma menção à “Introdução”.

²³⁴ Para saber mais sobre a inegável importância de Kautsky e a sua degeneração, sugerimos ao nosso leitor o livro de Lênin “A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky” (LÊNINI, 2022). Escrito em 1918, Lênin demonstra a bancarrota do antigo “discípulo” de Engels e da II Internacional, quando da publicação do livro intitulado

Após esta única publicação da “Introdução de 1857” o texto ficou em repouso até que fosse possível a Revolução Russa de 1917.

Com o advento da Revolução²³⁵, reafirmamos, graças aos seus desdobramentos, conseguimos hoje acessar uma vasta produção de Marx que fora reunida e organizada pelo governo revolucionário que teve a preocupação de desenvolver a tarefa de reunir tudo o que fosse encontrado das obras de Marx e Engels (e outros revolucionários) e posteriormente foram organizadas através da criação do Instituto Marx e Engels de Moscou, dando vida ao que conhecemos hoje como MEGA¹ (Como já explicamos ao leitor no capítulo IV).

Diante desta tarefa, o papel de David Riazanov foi central. Apenas em 1923 estes rascunhos de 1857-58 foram reunidos e publicados em 1953 na MEGA². Roman Rosdolsky é o primeiro a se debruçar sobre os *Grundrisse* no século XX e até hoje é referência fundamental para os estudiosos que se lançam a entender a obra de Marx.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com várias traduções da “Introdução de 1857”, além do texto em alemão. Sendo a tradução de Edgard Malagodi, publicada pela Editora Nova Cultural; a de Mario Duayer e Nélio Schneider, publicado pela Boitempo Editorial; e; principalmente a tradução e publicação bilíngue de Fausto Castilho pela Revista Crítica Marxista (as datas de publicação podem ser consultadas nas referências ao final). Para o texto em alemão

“A ditadura do proletariado”, que a esta altura da história, já não tinha mais nada de Engels e Marx.

²³⁵ Mais uma vez, sugerimos, a pesquisa de Nataly Batista de Jesus, “A luta das mulheres no processo da revolução russa de 1917: apontamentos para a formação de consciência de classe a partir da Psicologia Histórico-Cultural”, (JESUS, 2022).

utilizamos a MEGA²³⁶ e Marx-Engels-*WERKE*²³⁷ (MEW). Como nosso objetivo central é tratar o método em Marx, este capítulo se deterá na tradução de Castilho quando do “método da economia política”. Passemos então à algumas considerações propedêuticas ao texto de Marx.

9.2 A título de propedêutica: conceitos categoriais centrais

Antes de tratar do texto propriamente dito, apresentamos ao nosso leitor, sob nossa intenção propedêutica²³⁸, algumas categorias conceituais apresentadas por Marx na seção que trataremos a seguir. O texto apresenta um conjunto de elementos, todos centrais para pensarmos e entendermos o método em Marx. Apresentamos, rapidamente, pequenas seções, absolutamente introdutórias, mas que deverá contribuir para o entendimento do nosso leitor.

No dia a dia, nos referimos às definições como se fossem conceitos, e ainda, a conceitos como uma forma idealista de pensar e encaixar o pensamento na realidade. Em Marx, as coisas são diferentes. Para entendermos o pensamento revolucionário de Marx o leitor deve

²³⁶ Relembrando, MEGA é a sigla das iniciais em alemão: Marx-Engels *Gesamtausgabe*.

²³⁷ “*Werke*” para lembrar o leitor, significa: obras escolhidas.

²³⁸ Propedêutica: nosso livro todo tem a pretensão de ser propedêutico. Em alguns momentos, mais profundamente do que em outros. A origem esta palavra vem do grego (*propaideutikós*) e se relaciona a noções introdutórias sobre aquilo que se visa ensinar. No Brasil, é bastante usual a palavra didática invés de propedêutica. Estamos convencidos que estas duas não são sinônimos e a que melhor expressa nossas intenções aqui é a primeira. Por indicação do Professor Valdeci Luiz Fontoura dos Santos, importante pesquisador de referência sobre Didática na UFMS - Campus de Três Lagoas, sugerimos aos interessados na leitura sobre Didática, o trabalho organizado por Vera Maria Candau, “A didática em questão”, (CANDAU, 2017).

evitar os atalhos e ir diretamente as fontes: os próprios textos de Marx.

Considerando que atingimos, até aqui, mais de duzentas e cinquenta páginas, permitimo-nos estas breves considerações propedêuticas, mas que ficariam absurdamente vazias se o leitor desconsiderasse o todo que compõe o nosso estudo. A leitura destas brevíssimas seções em forma de problematizações (não apenas perguntas) só tem sentido para os que nos acompanharam até aqui. Longe disso, só se reproduzirá a epistemologia empobrecida de que tanto falamos neste livro. Advertido desta forma, sigamos.

9.2.1 O que é uma categoria?

Categoria é o conjunto de características constitutivas da coisa ou fenômeno social (relação social). As categorias são fundamentais para a análise teórica da realidade (o pressuposto efetivo). Com o desprezo da teoria (determinações da realidade), também se despreza as categorias, pois se privilegia a imediaticidade da vida, apenas os dados empíricos sem as mediações categoriais, ou seja, a realidade em sua forma fenomênica. Marx chamará de abstrações vazias. Vazias de categorias e pobre de determinações, ou ainda, a realidade na forma que aparece, são as robinsonadas. As categorias expressam formas de ser, determinações de existência de um objeto.

Marx apresenta uma distinção entre as categorias simples e as categorias mais concretas. O trabalho é uma categoria simples, se pensarmos no sentido histórico, na medida que possui poucas determinações e é uma categoria mais concreta (por exemplo o trabalho abstrato na sociedade capitalista), rica de determinações, diferente da categoria simples, mais abstrata com poucos ou nenhuma determinação.

As categorias se diferenciam das definições (como já

abordamos no capítulo I). As categorias são determinações da realidade, do objeto, aquilo que o objeto possui, independente da subjetividade. Neste sentido, está relacionada diretamente aquilo que chamamos neste livro de centralidade do objeto, ela em si não é a centralidade do objeto, mas expressa a centralidade.

9.2.2 O que é o concreto²³⁹?

É possível dizer que concreto é o oposto de abstrato, mas ainda assim não se explicaria o que ele é. Não é um início de todo ruim, mas é pouco. Precisamos de mais determinações.

O concreto é uma síntese, ou seja, uma reunião de coisas diferentes. Por exemplo, a população, Marx diz que ela é uma síntese de determinações (muitas coisas, muitas categorias). A realidade concreta é aquela que é constituída por muitas determinações categoriais. Diferente de algo abstrato, pobre ou mesmo sem nenhuma determinação categorial. Marx se refere ao concreto como sendo a síntese de múltiplas determinações, a unidade do diverso. Retomaremos isso na seção 9.4. Por hora, vamos nos deter à propedêutica.

Vamos considerar a vida do trabalhador, por exemplo, aquele que vende a sua força de trabalho na construção civil. Quando um pedreiro pede para um servente, uma traçada de concreto, o que ele está dizendo? Se considerarmos a realidade material, mais empírica, ninguém duvidará que o trabalhador deve fazer o concreto para o pedreiro realizar uma tarefa.

Essa tarefa pode ser a construção do alicerce de uma casa,

²³⁹ Apenas como ponto de partida para o entendimento, etimologicamente, a palavra concreto vem do latim *concrētus*, algo como: formar-se por agregação.

preencher uma sapata ou mesmo fazer vigas de paredes. Cada uma destas tarefas demandará um tipo de traçado, com partes diferentes de materiais. E é aqui que nos interessa o concreto, atenção: apenas de forma propedêutica.

Neste exemplo, os operários pretendem construir uma coluna. Um traçado bastante utilizado no Brasil é o 2 por 1, com 3 de brita. Vamos traduzir isso: 2 partes de areia para uma parte de cimento e mais 3 partes de pedra. A quantidade destas partes vai depender da quantidade de litros de concreto que se deseja. Esta proporção visa garantir a resistência do material (e esta resistência também vai depender do plano da obra, se é uma coluna, piso, laje com ou sem anta superior, etc.). Observem, sem muitas mediações, o que chamamos de concreto é aquela massa de tom verde, com certa cremosidade e que será utilizada para fazer determinada coisa. Mas se observamos um pouco mais de perto, podemos entender que o que é o concreto, ou seja, aquela massa que o servente leva na carriola para ao pedreiro é a mistura de areia grossa, cimento, pedra, água, muita força humana, etc. O concreto é a mistura de muitas coisas, que vão sendo adicionadas até chegarmos naquilo que poderíamos chamar de viga de concreto, coluna de concreto, etc. Podemos observar que até uma coluna de concreto ser uma coluna de concreto, muitas coisas aconteceram. Uma pessoa que não possuir o mínimo de conhecimento sobre a totalidade que esta coluna de concreto está inserida, sem conhecer as categorias que compõe a existência da coluna de concreto, simplesmente pode se convencer que o uso da palavra concreto se dá porque a viga é dura, sólida... e aí utiliza-se a palavra concreto como sinônimo de muito duro. Quando na verdade, concreto é a síntese de muitas coisas, determinações. O concreto é a unidade de coisas diferentes, muito diferentes, pois areia, pedra, água,

cimentos, força de trabalho, etc não possuem as mesmas propriedades naturais, nem identidade entre si. Mesmo com todas as diferenças, quando reunidas, acabam dando vida a algo distinto delas.

Saber quais são as coisas que dão vida a viga da construção civil é conhecer quais são as categorias constitutivas da viga. Se ignorarmos estas categorias, poderíamos nos contentar em entender que a viga de concreto se chama assim por que ela é uma coluna muito dura. Isso acontece com todos os fenômenos que não conhecemos as suas categorias determinantes, ou seja, as suas determinações categoriais. Isso vale para o salário, aluguel, o preço do tomate, da carne, do ônibus ou trem. Se ignorarmos quais são as coisas que constituem o salário, provavelmente, vamos passar a vida toda acreditando que o salário é uma quantidade de dinheiro que o padrão nos dá todo mês porque é o combinado e por aí vai.

Conhecer a realidade concreta não é reconhecer no dia a dia as coisas construídas com cimento da construção civil, mas entendermos como é que as coisas passaram a existir. Poderíamos dizer: O que é a realidade? Como é que a realidade é formada? Quais os elementos que a constituem?

São perguntas fundamentais e as respostas para elas não são encontradas imediatamente, assim, de cara. É preciso investigar o que constitui a realidade. É assim que teremos um conhecimento concreto da realidade. Quando não conseguimos entender quais são as categorias que constituem a realidade, o que temos é uma realidade abstrata. Precisamos abstrair para sair desta compreensão abstrata da realidade e entendermos a realidade concreta. Por isso Marx fala da importância de abstrair, ou seja, tirar, arrancar do abstrato, entender a sua concretude: a realidade concreta. Quando estudamos estas coisas, podemos deixar de pensarmos que concreto é um cimento

endurecido, mas uma operação que apreende as coisas da nossa realidade. Isso é fundamental para entendermos o método em Marx.

A burguesia, que conhece muito bem todas estas coisas, fica muito satisfeita se a classe trabalhadora continuar entendendo o mundo na sua imediatividade (sem as mediações necessárias, sem as categorias, sem as determinações da realidade), seja para não entender o que é a população, a força de trabalho, o salário, o contrato de trabalho e tudo que se refere ao modo de produção capitalista e até mesmo continuarmos entendendo que concreto é aquela coisa dura utilizada nos canteiros de obras.

9.2.3 O que é a determinação?

Este conceito, muitas vezes é encarado como uma palavra proibida. Pois, supostamente, seria uma referência direta ao determinismo, típico do pensamento reducionista, que desconsidera as múltiplas formas de se entender os fenômenos. Seria a manifestação autoritária que privilegia apenas um aspecto ou fator para entender a vida e as coisas.

Veremos que o texto marxiano não permite esse tipo de interpretação, pois determinação não se relaciona com a perspectiva que apresentamos no parágrafo anterior. Esse medo da palavra determinação, como sendo algo reducionista, arbitrário e monolítico, quando atribuído a Marx, apenas expressa os demônios dos intelectuais burgueses pós-modernos. Por alguns motivos: 1- demonstra ignorância ao próprio texto de Marx, uma característica inadmissível para quem se coloca como crítico do pensamento revolucionário, pois falta à aula de massinha número um, que diz, devemos conhecer o interlocutor, seja para concordar ou não; 2- demonstra ser reducionista, pois ignora o texto que supostamente

critica; 3- arbitrário e monolítico, pois julga sem conhecer ou mesmo decreta uma determinada sentença (a de ser determinista) a partir de estereótipos sobre Marx que sequer foi capaz de verificar. Ou seja, em uma palavra: exterioriza os seus próprios demônios.

Como vivemos sob predominância da epistemologia empobrecida, este suposto crítico de Marx (do “determinismo de Marx”), que deseja ser o guardião das boas palavras e costumes, passa incólume, quando o governo se refere a determinação do preço dos combustíveis, do salário mínimo, da taxa Selic²⁴⁰, da passagem de trem, ônibus ou avião. Os intelectuais guardiões das boas palavras e costumes não proferem uma só palavra quando a burguesia determina o valor da bolsa de pesquisa, ou mesmo diante da determinação dos prazos absurdos para se produzir conhecimento na sociedade de classes. Ele se acomoda tranquilamente, sem pestanejar. Mas quando os revolucionários utilizam a palavra (não é apenas uma palavra, mas um conceito) determinação... se levantam da escrivaninha com suas espadas, lanças e tacapes... para defenderem a humanidade diante o suposto determinismo de Marx! Meus caros leitores... Estamos diante da luta de classes e ela se manifesta também com as batalhas das ideias.

Veremos no texto de Marx que determinações são elementos factuais da realidade. Existentes independente do que penso sobre eles ou mesmo que eu saiba da sua existência. A realidade do objeto tem centralidade diante do uso da razão. As categorias que constituem a realidade, as determinações categoriais é que expressam o que é o real, a processualidade da realidade. Um pé de goiabas tem as suas determinações, uma rocha sedimentar, a mesma coisa, os seres sociais

²⁴⁰ No Brasil, esta é a sigla de Sistema Especial de Liquidação e de Custódia. É a taxa básica de juros. É uma ferramenta do Banco Central do Brasil para controle econômico e dos interesses da burguesia.

também. Mesmo diante das diversas formas dos seres, todos eles possuem determinações categoriais. É neste sentido que devemos entender as determinações da realidade e não cairmos nas armadilhas hipócritas do pensamento pós-moderno que postula o uso de palavras permitidas ou não. A linguística não funda a realidade, mas a realidade é que dá vida a linguagem e a linguística. Seguimos.

9.2.4 O que é o abstrato, a abstração²⁴¹ e o abstrair?

Abstrato se refere a coisa ou fenômeno pobre em determinações e até mesmo sem mediações, que apresenta elevada generalização. Trata-se de uma ideia geral, qualidade das coisas ou fenômenos, muitas vezes intangível em um primeiro momento. É apresentado, normalmente, com definições, sem a devida explicação histórica e social. É tomado como algo que supostamente seria natural. Por exemplo, população. Os economistas da burguesia pensavam a população simplesmente dada, não consideravam os elementos constitutivos da população. Marx dirá: para entendermos a população é preciso entender como ela é constituída, ou seja, quais os elementos (as categorias) que constituem a sociedade. Se não for por aí, população ficaria apresentada como uma "mera abstração" (abstrato, uma consideração abstrata da realidade).

Abstração é o ato, o procedimento de trazer/arrancar para fora. Ou ainda, pegar aquilo que é apresentado como abstrato e tirarmos dele os elementos que os constitui. Abstrair é tirar do abstrato as características (suas categorias) que a coisa possui, suas características constitutivas (que são muitas). Como citamos no capítulo V, vamos

²⁴¹ Sugerimos fortemente que o leitor assista o minicurso disponível sobre “O que é abstração em Marx?” (MENEZES, 2021). Consultar as referências ao final.

relembrar o que Marx escreveu em O Capital: “*Além disso, na análise das formas econômicas não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir ambos*” (MARX, 1996, p. 130).

Vamos relembrar alguns princípios da gramática da língua portuguesa:

- **Abstrato (adjetivo)** = qualidade das coisas. Origem no Latim “*abstractu*” (não concreto, que não se vê).

- **Abstração (substantivo feminino)** = Origem no Latim, “*abstractione*” (ato ou efeito de abstrair(-se), operação intelectual, processo de pensar, pensamento).

- **Abstrair (verbo)** = junção de “*abs*” (de) + *trahere* (arrastar, tirar, puxar).

Seguindo esta pegada propedêutica, convido o leitor a fazer um exercício de abstração²⁴².

Considerando um dado empírico, por exemplo, uma árvore. É razoável afirmar que cada um dos leitores recordasse de algum local ou momento vivido, pensando em uma goiabeira, Ipê, flamboiam, seringueira, jatobá, sete copas, sibipiruna, mamoeiro, cajueiro, cipreste, jacarandá, pingo de ouro, pé de maconha, mamona, etc.

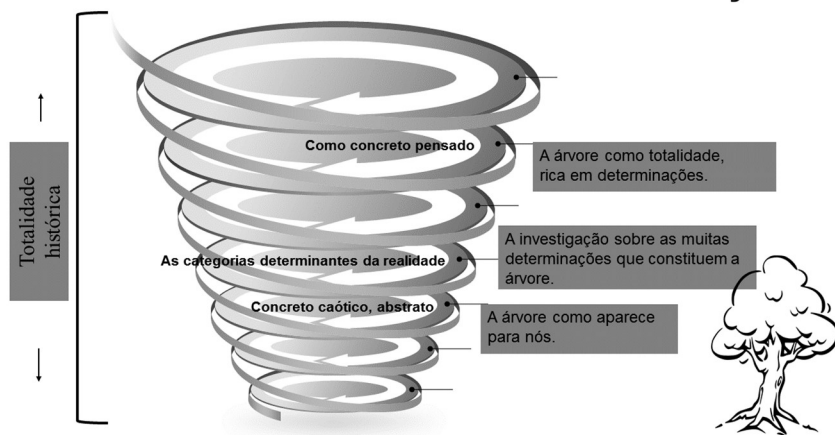
Neste caso, quando escrevo árvore, em um primeiro momento, me refiro a algo abstrato, uma realidade concreta, mas caótica, uma abstração pobre de determinações, de conteúdo, até mesmo vazia.

Todavia, com a participação dos interlocutores, ao abstrair, me é apresentado uma variedade de árvores, com determinações específicas que eleva a minha consideração inicial de apenas árvore

²⁴² Para o leitor mais “sabichão”, sugerimos paciência, ou mesmo que vá direto à seção 9.4. Quem escreve deve se preocupar em ser entendido por todos, se seremos, já é uma outra história.

em geral (abstrata). Com os dados acima, as árvores formam um conjunto de características que me obrigam a pensar para além da consideração abstrata, pois são árvores de muitos tipos: comestíveis ou não, de pequeno, médio e grande porte, de cores diversas, espalhada por diversas regiões, etc. Apresentando assim algumas das suas muitas características, se observarmos mais proximamente cada uma destas árvores, veremos que cada vez mais as suas particularidades, suas características constitutivas me permitem entender melhor aquilo que inicialmente era apenas um dado muito geral. Aprenderíamos mais e mais as suas categorias, o que possibilitaria afirmar o que é comum em todas elas e o que é particular. Esse é o movimento de abstração. Observem o gráfico:

Sobre a abstração:



Neste movimento, que nos conduzira a descobrir as categorias da realidade árvore, é o mesmo que nos leva a localizar as determinações da realidade e se em um segundo momento perguntássemos ao nosso interlocutor o que é uma árvore, certamente o entendimento não seria mais o mesmo, pois o sujeito, após apreender

as categorias constitutivas da realidade árvore, é possível um outro tipo de conhecimento, não mais abstrato como de início, mas rico em determinações. Marx chamou este momento de o concreto pensado. Desta forma, diferente do momento inicial, quando pensamos árvore, como algo geral, uma abstração, ao abstrairmos, conquistamos um conhecimento sobre a realidade concreta muito mais rico. Marx chamou esse concreto pensado de síntese de múltiplas determinações, unidade do diverso.

9.2.5 O que é o concreto pensado?

É quando conseguimos descobrir e entender as coisas que dão vida a realidade. De uma forma mais sofisticada, é quando abstraímos a realidade e localizamos as suas determinações, as categorias que a realidade possui. O nosso personagem (na seção anterior) que ao ficar diante de uma viga de concreto, ao partir daquele conhecimento pobre sobre o que é a viga, passa a entender que a viga de concreto não é chamada assim porque é dura, sólida, mas porque para chegar naquela realidade muitas coisas foram fundamentais para a viga ter aquelas características (categorias) que a constituiu (inclusive ser super sólida).

Pensemos agora para além do exemplo anterior. Quando nos referimos, por exemplo a população. Quando procedemos assim, aquilo que de início era abstrato... Ao abstrairmos (com o pensamento) passamos a entender melhor que a população não é uma "mera abstração" ela é rica de significados, de determinações (categorias) e que não aparece para nós de imediato. Para isso é necessário a investigação, assim, conseguiríamos entender de forma concreta (o concreto pensado) a população. Marx chama esse retorno, onde não pensamos mais na população como abstrata, mas uma realidade

concreta, fruto do concreto pensado (que foi abstraído), rico em determinações categoriais.

Esse movimento de descoberta das categorias (que constituem uma determinada realidade) poderia ser ilustrado com uma figura, como se fosse uma viagem.

Imaginem que estamos em um ponto de ônibus, esperando, para chegarmos em um emprego novo, depois de anos amargando no desemprego (...), sabemos de algumas coisas, antes de iniciarmos o primeiro dia de trabalho, mas tudo é muito vago, impreciso e caótico... é recorrente falarmos: “tenho uma vaga noção do que vou encontrar lá”. O ônibus chega... embarcamos... depois de 2h, chegamos na porta da fábrica. É tudo muito novo... algumas coisas nos chamam a atenção mais do que outras... Estamos inseguros, tentando entender tudo e todos ao nosso redor... a fábrica é gigantesca. O que sabemos ainda é muito pouco para poder entender o que realmente é tudo aquilo que conseguimos ver, escutar e tudo mais. E continua o nosso personagem: “Com o passar dos dias, vou compreendendo melhor o meu novo emprego. Fico menos perdido e aos poucos vou conhecendo os setores, os chefes, o pessoal do sindicato, a turma dos recursos humanos (RH), os seguranças, etc. Depois de um determinado tempo... depois de um dia de trabalho, passo a pensar naqueles primeiros dias... como era tudo muito caótico... ao poucos pude observar que o tempo para chegar até a fábrica era bem diferente, caso pegasse outros ônibus; fui sacando que os setores da fábrica estão divididos entre os de homens e os de mulheres e que há bastante “brincadeiras” bestas com as companheiras; que a turma do sindicato mais se parece com os patrões do que nossos representantes, como falam os mais velhos do meu setor (um bando de pelego”); que a turma da segurança não se envolve muito com a peãozada; que o pessoal do RH é cheio das palestrinhas de

motivação para o nosso lado, mas no final é a mesma turma do departamento pessoal (DP) que vai demitir a gente sem dó, caso recebam essa ordem (alguém pode me explicar porque o RH/DP gostam de fazer tudo com bexiga?). Depois desse tempo todo, consigo ver umas coisas que nem fazia ideia, mas ainda não consigo entender muitas outras. Por exemplo, até hoje eu não sei o que é a peça que a gente faz lá no meu setor... tem relação com algo que vai ser usado em carros (...).”

Nesta rápida figura, o trabalhador está em uma viagem... uma viagem que se iniciou muito antes dele embarcar no ônibus para o trabalho que conseguiu. Ele conseguiu partir de algo abstrato e com o tempo, após se apropriar de muitas características daquela realidade de trabalho... poderíamos dizer que ele possui um número maior de determinações sobre a realidade. Mas considerando a história acima, nosso personagem está muito longe de entender a realidade constituída pelas múltiplas determinações do capitalismo. Todavia... a história nos apresenta um princípio muito importante para entender o método em Marx: o movimento existente entre o pressuposto empírico, pobre de determinações (é o concreto caótico) e o desenvolvimento de apropriações das categorias que constituem a realidade e que conduz ao concreto pensado, rico de determinações. Essa viagem é o centro fundamental do método em Marx e ela não é uma virtude meramente individual, nem de Marx, nem do nosso personagem. O princípio fundamental está na própria classe trabalhadora. Evidentemente, apenas com as determinações empíricas, a realidade material, não é suficiente para entender o papel que possui a classe operária diante de todo o modo de produção. É necessário se apropriar cada vez mais da realidade, não apenas empírica, mas a realidade concreta. Desta maneira poderemos entender que estamos

inseridos em uma totalidade, mas munidos apenas dos conhecimentos empíricos, a compreensão sobre a totalidade ainda é caótica. Marx, como revolucionário, contribui para que entendamos a totalidade concreta, pensada e rica de determinações, saturada de conhecimentos sobre as categorias que possui a realidade.

9.2.6 O que é a totalidade?

A concepção de totalidade de Marx se opõe ao empirismo, onde os dados imediatos da realidade seriam suficientes para entendê-la. A realidade material, empírica, é muito importante, mas ela não é capaz de explicar, sem as mediações necessárias, o que é a totalidade. Ou ainda, como concebe a perspectiva mecanicista, que entenderá a totalidade com a junção das partes, digna dos trabalhos de Victor Frankenstein. Para entender o que Marx chama de totalidade é necessário irmos além do mecanicismo e do empirismo.

A verdade é que até mesmo o marxismo predominante não vai muito além destas correes que nos referimos. Parte da tradição marxista se limita a citar, por exemplo, Karel Kosik, até mesmo reduzindo o que este filósofo elaborou sobre a totalidade concreta.

Não é suficiente afirmarmos que a totalidade não é apenas a soma das partes, ou mesmo, que não é a mera relação entre elas. É necessário demonstrar, como é que os fatos e fenômenos estão implicados em uma totalidade concreta. Estamos convencidos de que este é um elemento central do método de Marx. Observem que agora estamos nos referindo a “totalidade concreta”, não apenas totalidade. Concreta porque ela composta por múltiplas determinações, Marx aponta isso em seu texto. É um processo aberto de movimentação e constituição do concreto como avaliaremos. A totalidade concreta, entendê-la, só é possível se primeiro entendermos o que Marx está

considerando por concreto. Fora isso, a totalidade será apenas “totalidade vazia” (Karel Kosik se refere assim). Para compreendermos o significado, para buscarmos o conhecimento da totalidade é preciso conhecer a totalidade composta por várias outras totalidades. As mediações são fundamentais para entender a relação entre as totalidades. Aquilo que as articula, medeia. Sem isso, estaremos tratando, como escreveu o próprio Marx: de abstrações vazias. Considerando assim, vamos à fonte, analisarmos o próprio texto do dirigente revolucionário.

9.3 A “Introdução geral” inconclusa à Crítica da Economia Política

A partir da tradução de Edgard Malagodi, Marx inicia a Introdução de 1857²⁴³ apresentando a sua preocupação com os pressupostos que fundamentam as suas considerações. É preciso lembrar que se trata de um texto interrompido e que assim mesmo, nos deixou elementos centrais sobre os seus fundamentos de sua crítica da economia política. Vejamos como Marx se referiu a este texto, dois anos após ter iniciado e interrompido:

Suprimo uma introdução geral que havia esboçado, pois, graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral. Por outro lado, poderão aparecer aqui algumas indicações sobre o curso dos meus próprios estudos políticos-econômicos (MARX, 2005, p. 50).

A interrupção de Marx, demonstra coerência com o conceito de método que postula. Seria idealismo antecipar os resultados sobre

²⁴³ No Prefácio de 1859, Marx se refere a este texto como “Introdução geral”. O fez porque sabia da importância deste rascunho de 1857.

uma investigação em andamento. Poderia até mesmo antecipar para si, considerando que este texto faz parte do processo de investigação e como rascunhos, possui um caráter individual. Assim mesmo, Marx se manteve metódico quanto ao fato de considerar algo que ainda estava por vir. Isso não invalida a importância do texto, mas nos obriga a considerar este fato e não ignorarmos um princípio fundamental de seu método, mesmo em um momento privado de estudos sobre o seu objeto.

O texto nos traz considerações fundamentais para refletirmos sobre o seu método, mas atenção, Marx nos deixou considerações fundamentais, nada mais do que isso. Não encontraremos na Introdução de 1857, nenhum conjunto de regras e normas que pré-estabelecem um modelo de investigação para o militante e o pesquisador do nosso tempo. Mais uma vez... o caráter de rascunho deste texto, demonstra claramente a nossa intenção de conhecermos o pensamento de Marx, mas o autor não o produziu pensando em nós. De uma certa maneira, somos os camaradas do futuro de Marx, que, independentemente dele, buscamos vasculhar a sua privacidade intelectual com a finalidade de poder melhor compreender suas considerações sobre o método. Somos uma espécie de atrevidos. A considerar a pobreza teórica dos revolucionários de hoje, deveríamos ser mais atrevidos.

O texto, logo de início, apresenta uma característica fundamental de seu método, ao contrapor-se aos fundamentos do pensamento burguês. Vejamos o texto do próprio revolucionário, quando inicia a subseção sobre a produção:

a) O objeto deste estudo é, em primeiro lugar, a *produção material*. Indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção dos indivíduos determinada socialmente, é por certo o ponto de partida. O caçador e o pescador, individuais e isolados, de que partem Smith e

Ricardo, pertencem às pobres ficções das robinsonadas do século XVIII. Estas não expressam, de modo algum - como se afigura aos historiadores da Civilização -, uma simples reação contra os excessos de requinte e um retorno mal compreendido a uma vida natural. Do mesmo modo, o *contrat social* de Rousseau, que relaciona e liga sujeitos independentes por natureza, por meio de um contrato, tampouco repousa sobre tal naturalismo. Essa é a aparência, aparência puramente estética, das pequenas e grandes robinsonadas. Trata-se, ao contrário, de uma antecipação da "sociedade" (*bürgerlichen Gesellschaft*), que se preparava desde o século XVI, e no século XVIII deu larguíssimos passos em direção à sua maturidade. Nessa sociedade da livre concorrência, o indivíduo aparece desprendido dos laços naturais que, em épocas históricas remotas, fizeram dele um acessório de um conglomerado humano limitado e determinado. Os profetas do século XVIII, sobre cujos ombros se apóiam inteiramente Smith e Ricardo, imaginam esse indivíduo do século XVIII - produto, por um lado, da decomposição das formas feudais de sociedade e, por outro, das novas forças de produção que se desenvolvem a partir do século XVI - como um ideal, que teria existido no passado. Vêm-no não como um resultado histórico, mas como ponto de partida da História, porque o consideravam como um indivíduo conforme à natureza- dentro da representação que tinham de natureza humana-, que não se originou historicamente, mas foi posto como tal pela natureza. Essa ilusão teria sido partilhada por todas as novas épocas, até o presente. [...] (MARX, 2005, p. 25-26).

Nesta primeira seção, já na primeira frase, Marx apresenta a questão material, a historicidade em seu método. Enfatadamente, chamando a atenção para a ignorância da história. Faz isso do início ao fim da seção. Para ele, o ponto de partida e objeto de seus estudos é a produção material. A produção dos indivíduos determinada socialmente, não de forma isolada, como pensavam os intelectuais da burguesia. Difere-se das robinsonadas românticas do século XVIII, referindo-se a Adam Smith e David Ricardo. Nem mesmo Rousseau escapa de sua referência crítica às formas de explicar a realidade.

As robinsonadas é uma referência à obra de Daniel Defoe

(1660 – 1731). Trata-se de um romance, publicado na Inglaterra em 1719, intitulado “Robinson Crusoe”. Neste tipo de abordagem o indivíduo é pensado isoladamente, capaz de fazer sozinho tudo o que necessita para reproduzir a vida. Ignora-se o caráter histórico e social da produção humana e atribui-se a um único ser, portador de todas as habilidades, naturalmente atribuídas ao indivíduo, capaz de moldar o mundo ao seu redor de acordo com os seus desejos. Absolutamente diferente do que compreende Marx, a produção material determinada em sociedade, para as robinsonadas o indivíduo isolado era naturalmente o demiurgo de tudo, por isso uma fantasia. Considerando a permanência história destas robinsonadas até mesmos em nosso tempo presente, vejamos alguns apontamentos de Daniel Defoe, através de seu personagem, Robinson Crusoe:

De modo que me lancei ao trabalho; e aqui preciso observar que, assim como a razão é a substância original da matemática, da mesma forma, aquilatando e esquadrinhando tudo com uso da razão, e fazendo o juízo mais racional das coisas, qualquer homem, com o tempo, será capaz de dominar todas as artes mecânicas. Eu jamais tinha manejado uma ferramenta na vida, e no entanto com o tempo, graças a muito esforço, aplicação e expediente, descobri finalmente que não havia nada que me faltasse e eu não pudesse fazer, especialmente tendo as ferramentas certas. Produzi inclusive uma abundância de coisas, mesmo sem ferramentas, e algumas sem mais ferramentas que uma enxó e uma machadinha, coisas que talvez nunca tenham sido antes produzidas da mesma maneira, e com um trabalho infinito. Por exemplo, se eu quisesse uma tábua, a única maneira era derrubar uma árvore, prender o tronco à minha frente e ir deixando a tora plana dos dois lados com meu machado, até que ficasse fina como uma tábua, removendo depois as asperezas com a enxó. É verdade que com esse método só conseguia extrair uma única tábua de cada árvore inteira, mas para isso não tinha outro remédio que não a paciência, assim como não tinha remédio para a prodigiosa quantidade de tempo e trabalho que me custava produzir uma simples prancha ou tábua. Mas meu tempo ou meu trabalho tinham pouco valor, de maneira que era tão bem empregado dessa maneira como de qualquer outra

(DEFOE,2011, p.p 93-94).

Este texto não foi produzido por nenhum *coach*²⁴⁴ do nosso tempo, nem mesmo por um empreendedor do século XXI ou por um dono de aplicativo. Todavia, é um texto de 1719, que apresenta toda forma de idealismo sobre a realidade. Um idealismo que ainda hoje procura manter-se de pé para, supostamente, explicar a realidade e justificar a individualidade tão apregoada pelos ideólogos da burguesia com seus discursos sobre empreendedorismo diante das crises.

As robinsonadas, desde o século XVIII, não tinham limites ao tratar da realidade social, pois ignoravam a historicidade e distribuíam à humanidade as particularidades do indivíduo burguês. Mas atenção, caro leitor, estamos tratando aqui da permanência dos fundamentos criticados por Marx no século XIX. O contexto histórico das robinsonadas do século XVIII correspondia de forma progressista se se tem como perspectiva a sociedade feudal, mas que ali, no presente de Marx (1857), se juntavam à fase contrarrevolucionária da burguesia em perspectiva do avanço da sociedade capitalista e a consolidação da nova classe social: o proletariado.

Para que não reste dúvidas entre os nossos leitores sobre o significado da crítica de Marx em relação a forma aparente de explicar a realidade, vejamos mais um pouco do poder transformador da natureza que possuía Robinson Crusóé:

Posso dizer, sem mentir, que agora eu trabalhava por meu pão; é um pouco espantosa, e acredito que poucas pessoas tenham pensado muito a respeito, a quantidade imensa de pequenas coisas necessárias para obter, produzir, curar, tratar, fabricar e dar acabamento a esse único artigo, o pão.

²⁴⁴ Em tradução livre para o português: treinador. Treinamento (*coaching*) oferecido por pessoas mitológicas para pessoas em uma sociedade decadente e em crise profunda.

Eu, que estava reduzido ao estado bruto da vida natural, fiz essa descoberta para meu grande desânimo diário, e cada hora que passava mais percebia que era assim, mesmo depois de ter obtido o primeiro punhado de sementes de cereal, que, como já disse, me surgiu inesperadamente, para minha grande surpresa. Primeiro, eu não tinha arado para revolver a terra nem pá ou enxada para cavar. Isso pelo menos consegui contornar fabricando uma pá de madeira, como assinaliei antes. Mas o instrumento só servia ao meu trabalho de maneira precária, e embora eu tenha nele despendido muitos dias, mesmo assim, por falta de metal, a pá não só se gastou muito depressa, como ainda tornou minha tarefa mais difícil, e a deixou muito mais malfeita. No entanto, isso também superei, e fiquei satisfeito de conseguir levar a tarefa a cabo com paciência, e conformado com meu mau desempenho. Na hora de semear meus grãos, não dispunha de restelo nem de grade e fui forçado a fazer o trabalho a braço, puxando um galho imenso e pesado atrás de mim para arranhar a terra, pode-se dizer, em vez de gradear ou abrir sulcos com uma enxada. Enquanto as plantas cresciam, já observei quantas coisas me faltavam para cercá-las, defendê-las, colhê-las ou cortá-las, separar os grãos da palha e guardá-los. Em seguida, ainda me faltou um moinho para moê-los, peneiras para separá-lo, fermento e sal para transformá-los em pão e um forno para assá-lo, mas ainda assim tive de passar sem essas coisas, como irei relatar. De todo modo, meus grãos foram um consolo e uma vantagem inestimável para mim. Tudo isso, como já contei, tornava a faina mais laboriosa e demorada, mas para isso não havia jeito. E nem meu tempo era totalmente perdido, porque, da maneira como dividi o dia, uma parte sempre estava reservada para essas tarefas; e quando resolvi não usar os grãos para fazer pão antes de ter armazenado uma quantidade maior, tive todos os seis meses seguintes para me empenhar totalmente, através do esforço e da invenção, na criação dos utensílios apropriados para me desincumbir de todas as operações necessárias ao preparo dos grãos (quando os tivesse) para adequá-los ao meu uso (DEFOE, 2011, p. 140- 141).

É sobre essa robinsonada que Marx afirma ter sido mantido na economia política por Smith e Ricardo. Era preciso desnaturalizar o caráter da produção e demonstrar a real dimensão social que determina a produção na sociedade capitalista. O seu caráter social da

produção e a apropriação privada da mesma.

Para Marx, quanto mais se recua no tempo histórico, mais se evidencia a dependência do indivíduo em relação a produção determinada socialmente. Viver isoladamente, naturalmente, como supõe o romance só é possível na sociedade burguesa moderna e isso se dá por ter o homem desta sociedade o acúmulo e acesso a produção social, produção essa efetivada pela classe trabalhadora. Em outra época histórica, Robson Crusoe teria morrido de fome ou sede em poucos dias! Algumas determinações históricas são comuns a muitas épocas, mas existem determinações específicas que apenas passaram a existir na sociedade capitalista. Marx se ocupa de entendê-las ao passo que critica a economia política. Por isso, seu método, seu caminho na construção, desta crítica é tão importante, pois é com ele que se pode avançar para além das abstrações vazias, fenomênicas acerca da realidade social burguesa.

A Introdução de 1857, procura estabelecer a conexão desta produção socialmente determinada, ainda que de forma bastante inacabada, as relações entre produção, distribuição, troca e consumo, como partes constitutivas de uma totalidade histórica. Atenção, a produção, distribuição, troca e consumo não é a totalidade histórica, como parte da tradição marxista afirma até hoje, mas partes, expressão dessa totalidade. Do contrário, limitaríamos a totalidade histórica a um conjunto de categorias que estão longe de expressar o complexo de complexo que é a totalidade histórica.

No decorrer do texto, o autor vai apresentando como estas categorias da economia política estão conectadas em um todo, demonstrando, mesmo que sumariamente, como a produção é também consumo e como o consumo não é o fim absoluto desse circuito da economia política, mas um fim relativo que impulsiona um ponto de

partida de toda a produção que se efetiva. Relaciona produção e distribuição e a troca e a circulação. Diferente da perspectiva epistemológica, Marx não fragmenta o processo e identifica as suas relações gerais como totalidade. Feito desta forma, o texto apresenta a seção mais conhecida sobre o método dos seus interlocutores. Não se trata de apresentar o seu método, mas o dos pensadores da burguesia.

9.4 O método da Economia Política e Marx como seu crítico

Recordemos que desde a Ideologia Alemã, a construção do método se apresenta com elementos que Marx levará para toda vida. É o caso dos fundamentos históricos apresentados já em finais dos anos 40 e retomados em 1857, sobre a permanência da questão material da vida, os pressupostos materiais, o ponto de partida material para entender a realidade, diferente das robinsonadas. Reapresentamos, rapidamente, ao leitor uma citação acerca da Ideologia Alemã. Veremos que os pressupostos são mantidos na Introdução de 1857. Vejamos:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica. O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal desses indivíduos e, por meio dela, sua relação dada com o restante da natureza. (MARX; ENGELS, 2007, p. 86).

É importante destacarmos a permanência de preocupações fundamentais sobre os pressupostos, a crítica do simples empirismo, da naturalização dos dados empíricos da realidade, a arbitrariedade dos pressupostos da burguesia que vê naturalidade onde há

historicidade. Tomemos o texto marxiano de 1857, em sua seção em que trata do método da economia política, a partir da tradução de Fausto Castilho:

Ao considerar a economia política de um dado país, começamos por sua população, sua divisão em classes, distribuída pela cidade, campo e mar; os diversos ramos da produção, a exportação e a importação, a produção anual e o consumo anual, os preços das mercadorias etc. É que parece correto começar pelo real e pelo concreto, pela pressuposição efetivamente real e, assim, em economia, por exemplo, pela população: fundamento e sujeito do ato todo da produção social (*die Grundlage und das Subjekt des ganzen gesellschaftlichen Produktionsakts*). A uma consideração mais precisa, contudo, isto se revela falso. A população, por exemplo, se omito as classes que a constituem, é uma mera abstração. Estas últimas, por sua vez, são uma expressão vazia se não conheço os elementos sobre que repousam, a saber, o trabalho assalariado, o capital etc. E esses pressupõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc., de sorte que o capital, por exemplo, nada é, sem o valor, o dinheiro, o preço etc. Se começasse pela população, haveria de início uma representação (*Vorstellung*) caótica do todo, e só através de determinação mais precisa (*durch nähere Bestimmung*) eu chegaria analiticamente (*analytisch*), cada vez mais, a conceitos (*Begriffe*) mais simples. Partindo do concreto representado (*von dem vorgestellten Konkreten*), chegaria a abstratos sempre mais tênues, até alcançar, por fim, as determinações mais simples (*die einfachsten Bestimmungen*). Dali, a viagem recomeçaria pelo caminho de volta, até que reencontrasse finalmente a população, não já como a representação caótica de um todo (*eines Ganzen*), e sim como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (*als einer reichen Totalität von vielen Bestimmungen und Beziehungen*) (MARX, 2010, p. 109).

A preocupação com os pressupostos, com a realidade dada se mantém. Marx parte do pressuposto da economia política (que não são os seus) e questiona a realidade dada, a realidade aparente, “que parece correto” (mas não é), que carece de determinações, ou ainda, que ignora um conjunto de categorias. É o que ele chama de concreto. Mas observem que ainda não é o concreto pensado, mas o concreto

como é apresentado pelos intelectuais burgueses o concreto como ele aparece (o concreto representado). A população, como apresentam os economistas é algo falso. A população é uma abstração vazia se não considerar as categorias que a constituem. Partindo do concreto representado, “uma representação caótica do todo”, abstraindo essa realidade empírica, cada vez mais, alcançando as determinações mais simples e retornando àquele suposto ponto de partida, não como um ponto de saída caótico, mas “como uma rica totalidade de muitas determinações”. Este movimento expressa o postulado de Marx sobre o caminho, ou como chamamos nas seções anteriores, a viagem, que possibilita o entendimento da realidade, como concreto pensado e não um concreto representado ou intuído.

Na construção do conhecimento a economia política apresenta como ponto de partida o que na verdade é um ponto de chegada. A explicação da gênese histórica, parte de um todo dado, por exemplo, comércio, população, Estado, mas não explica a constituição destes com as suas múltiplas determinações que o constituem. Consideram a sua existência histórica e daí, levantam suas considerações sobre a realidade, de forma individual e isolada. Vejamos nas palavras de Marx:

O primeiro caminho é aquele que a Economia percorreu em sua gênese histórica. Exemplo: os economistas do século XVII que sempre começam por um todo vivo (*dem lebendigen Ganzen*) – população, nação, Estado, vários estados etc. –, mas sempre terminam por algumas relações gerais, abstratas, determinantes (*einige bestimmende abstrakte, allgemeine Beziehungen*) – divisão do trabalho, dinheiro, valor etc. – que eles descobriram por análise. Tão logo esses aspectos individuais isolados (*diese einzelnen Momente*) achavam-se mais ou menos abstraídos e fixados, os sistemas econômicos começavam a elevar-se (*aufsteigen*) a partir dos elementos simples – o trabalho, a divisão do trabalho, as necessidades (*Bedürfnis*), o valor de troca, até o Estado, o intercâmbio entre as nações e o mercado mundial. É manifesto que este último

caminho é o método cientificamente correto (MARX, 2010, p. 111).

Para Marx há um segundo caminho que expressa o método correto para o conhecimento teórico da realidade. Os economistas burgueses partem da realidade fenomênica, do concreto da forma que aparece. É preciso ir para além dele, dando vida ao concreto pensado. Seria a viagem de retorno, onde o primeiro concreto, caótico, pobre de determinações torna-se enriquecido com as abstrações. Assim, o concreto pensado avança em relação do primeiro. Vejamos:

O concreto é concreto por ser uma concentração (*Zusammenfassung* = concentração, síntese) de muitas determinações, logo, uma unidade do múltiplo. Eis a razão por que aparece no pensamento (*im Denken*) como processo de concentração (síntese), como um resultado e não como um ponto de partida, embora ele seja o ponto de partida efetivamente real e, assim, também, o ponto de partida da intuição e da representação (*der Ausgangspunkt der Anschauung und der Vorstellung*) (MARX, 2010, p. 111).

O concreto pensado é o resultado de uma atividade ideal, marcada pelas abstrações sobre o concreto (o primeiro) vazio. Ao proceder assim no plano do pensamento, revela-se que aquilo tomado inicialmente como ponto de partida é na verdade o ponto de chegada, resultado e não origem histórica representada ou intuída. É desta forma que Marx apresenta:

No primeiro caminho, toda a representação se desvanece em determinação abstrata, ao passo que, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto no plano (*im Weg*) do pensamento. Foi o que levou Hegel a extraviar-se na ilusão de conceber o real (*das Reale*) como resultado de um pensamento que, em si mesmo se concentra, em si se aprofunda e por si se move (*das Reale als Resultat des sich in sich zusammenfassenden, in sich vertiefenden und aus sich selbst sich bewegenden Denkens zu fassen*), enquanto o método de se elevar do abstrato ao concreto é apenas a maneira de o pensamento apropriar-se do concreto e o reproduzir como concreto espiritual (*als ein geistig Konkretes*), mas de maneira nenhuma se trata do processo da gênese (*der Entstehungsprozeß*) do próprio concreto (MARX, 2010, p.

111).

É importante observarmos que ao criticar os intelectuais da burguesia, Marx também reconhece o mérito do pensamento dos economistas, porém, incompleto. A crítica de Marx não se limita a descrever o certo do errado, o verdadeiro do falso, mas de avançar para além dos limites destes pensadores.

Parte da tradição marxista, até hoje, procura neste texto de Marx, de forma binária o método errado e o método correto. Não é nesta chave que Marx está escrevendo. O que Marx nos deixa aqui é um exemplo fundamental de superação, ou seja, da crítica interna, que parte dos pressupostos do interlocutor, negando, incorporando e superando/elevando. Talvez o binarismo do certo e o errado seja um dos responsáveis por até hoje este texto de rascunho (manuscritos) ser tão referendado e pouco compreendido.

A tradição epistemológica empobrecida garimpa estas poucas páginas de Marx à procura das “regras do método de Marx”, movidos pela mais vulgar influência cartesiana. Reafirmamos: esse tipo de método, não existe em Marx.

A partir deste ponto, o texto apresentará uma série de exemplos sobre as categorias mais simples e as mais desenvolvidas/concretas. Se preocupará em demonstrar (para si, não esqueçamos, é um texto de trabalho de Marx, suas anotações, ele não está escrevendo para nós lermos) a diferença entre a gênese histórica e a lógica de caracterização do presente, ou ainda, a categoria simples e a mais concreta. Ambas não devem ser negadas, mas entendidas na sua forma de existência. Marx se refere ao valor de troca, como uma categoria simples, a posse, o dinheiro e o trabalho. São

antediluvianas²⁴⁵, pois precedem a coisa toda, historicamente existem há muito tempo na sua forma mais simples²⁴⁶ e que no presente são mais desenvolvidas, mais concretas. As categorias simples se subordinam as categorias concretas, se relacionam de modo hierárquico. Diferente do positivismo as últimas são capazes de explicarem as primeiras. A mais desenvolvida, a mais multilateral é que pode explicar a multilateral. Ou ainda, a categoria mais rica em determinação é que tem condições de explicar as categorias menos ricas em determinações. Não a gênese histórica que explica o presente, mas o presente é que tem condições possíveis de explicar o mais simples e explicar o curso histórico das categorias. Nas palavras de Marx:

Continua, no entanto, a ser sempre uma verdade que as categorias simples são uma expressão de relações sob as quais o concreto não desenvolvido pode realizar-se, sem ainda ter posto (*ohne noch... gesetzt zu haben*) a relação mais multilateral (*die vielseitigere Beziehung oder Verhältnis*), que é expressa espiritualmente (*geistig*) na categoria mais concreta, ao passo que o concreto mais desenvolvido conserva a mesma categoria como uma relação subordinada (MARX, 2010, p. 113).

A categoria simples pode expressar relações dominantes de um todo não desenvolvido e se relacionar subordinadamente quando em um todo desenvolvido, como a sociedade burguesa. Ou seja, elas continuam existindo, mas a regência se estabelece a partir da categoria mais concreta. A categoria posse, de forma simples, existiu há muito

²⁴⁵ Marx utiliza esta palavra como metáfora. Se refere àquilo que vem antes do dilúvio. A metáfora se refere a mitologia bíblica, as formas, coisas que sobreviveram ao dilúvio, que continua existindo mesmo depois de sua inundação anunciada pela narrativa mítica no velho testamento (Gênesis, capítulo 6) judaico-cristão.

²⁴⁶ Nosso leitor deve entender que uma categoria simples não é simplória, pois até mesmo no simples há complexidades.

tempo antes do capitalismo. O mesmo com o dinheiro, entre os gregos. O mesmo se aplica ao trabalho, como categoria simples, existiu há milênios.

Todas estas categorias simples, antediluvianas, existiram em suas particularidades históricas. Assim, não se trata de uma universalização ou naturalização das mesmas (como fazem os economistas burgueses). A posse na América do Sul, antes da invasão europeia, não é a mesma posse jurídica do século XVIII; assim como o dinheiro na Lídia do século 7 a.C. não é o mesmo entre os eslavos ou o mesmo que na região da Toscana do século XV e nem mesmo o dinheiro na Inglaterra do século XIX. A mesma lógica se aplica ao trabalho. As categorias simples, antediluvianas, são sintetizadas pelas categorias mais concretas. Vejamos mais um fragmento do texto onde Marx trata da categoria trabalho:

Embora a categoria mais simples possa ter existido historicamente antes da mais concreta, em seu pleno desenvolvimento intensivo e extensivo, ela pode pertencer precisamente a uma forma de sociedade complexa (*kombinierten*), enquanto a categoria mais concreta se havia desenvolvido plenamente em uma forma de sociedade pouco desenvolvida (MARX, 2010, p. 115).

E, continua:

O trabalho parece ser uma categoria de todo simples; além disso, sua representação, na universalidade do trabalho como tal (*als Arbeit überhaupt*), é, também ela, antiquíssima. Entretanto, concebido economicamente nessa simplicidade, o “trabalho” é uma categoria tão moderna quanto as relações que produzem essa abstração simples (MARX, 2010, p. 115).

A categoria trabalho, desenvolvida, no sentido de trabalho em geral abstrato, abstraído de suas particularidades apenas existe na sua forma concreta, rica em determinações, na sociedade mais moderna. Marx atribui a Adam Smith este mérito. A categoria trabalho, nesse estágio de desenvolvimento geral é típica da sociedade capitalista,

embora o trabalho como categoria simples já existisse em outras formas de sociedade. Nas palavras de Marx: “*embora possuam validade em todas as épocas – em virtude justamente de sua abstração –, mesmo as categorias mais abstratas, na determinidade de sua abstração, são um produto de relações históricas e só possuem plena validade (ihre Vollgültigkeit) para tais relações e no seu interior*” (MARX, 2010, p. 119).

Embora a sociedade burguesa seja a mais desenvolvida em relação a produção, isso só é uma realidade na medida que incorpora as relações de outras sociedades que a precederam, “*formas de sociedade desaparecidas, com cujas ruínas e cujos elementos a sociedade burguesa foi edificada e que nela em parte subsistem, como restos invictos, meros sinais que se desenvolveram para constituir significações completas etc*” (MARX, 2010, 119).

Como já afirmamos, é o presente que explica o passado, não o inverso. É a partir do presente, em suas múltiplas determinações categoriais, desenvolvidas, é que podemos inferir sobre devir histórico, na longa jornada das categorias, ou seja, no percurso do desenvolvimento histórico. Os intelectuais da burguesia, possuem muitos méritos no que diz respeito a conseguirem explicar a origem da riqueza a partir do trabalho, mas seus limites impossibilitam de considerarem as particularidades históricas, pois historicizam a história do mundo a partir dos princípios norteadores, por exemplo, do trabalho na moderna sociedade burguesa. Aplicam as categorias da economia de modo a universalizar a história, principalmente a da Idade Média com quem digladiavam. São as robinsonadas.

O texto de Marx apresenta mais uma metáfora ao escrever: “A

*anatomia do homem é uma chave para a do macaco*²⁴⁷ (MARX, 2010, p. 119). A metáfora aqui reafirma que é o mais desenvolvido que possibilita a compreensão do menos desenvolvido, em nossas palavras, é o presente que pode explicar o passado e não o contrário. Observem como o contrário expressa um determinado irracionalismo, pois o passado não pode explicar o que ainda não existe, o futuro. A gênese histórica, ou, o desenvolvimento histórico, não possui o mesmo desenvolvimento da lógica expositiva das categorias da realidade do presente. São movimentos distintos. Vejamos o texto de Marx:

Os indícios que, nas espécies animais inferiores, apontam para o que é superior a elas, só podem ser entendidos quando a própria espécie superior já é conhecida. Assim, a economia burguesa fornece a chave da Antiguidade etc. Mas, de maneira nenhuma, à maneira dos economistas, que cancelam todas as diferenças históricas e em todas as formas de sociedade enxergam a forma burguesa. Pode-se entender o tributo, o dízimo, quando se conhece a renda fundiária. Mas não há que identificar uns com os outros. Além disso, a sociedade burguesa, ela mesma, não é senão uma forma antagônica de desenvolvimento, as relações de formas de sociedade anteriores com frequência nela se encontram, ou já de todo estioladas ou mesmo travestidas, caso da propriedade comunal (*Gemeindeeigentum*), por exemplo (MARX, 2010, p. 119).

Neste manuscrito, localizamos um princípio fundamental do método em Marx. O método que posteriormente (atenção, não aqui em 1857), ele se referirá como sendo o seu “método dialético”. Sinteticamente, quando Marx escreve que “A anatomia do homem” (as categorias concretas, mais desenvolvidas) “é uma chave” (não a única)

²⁴⁷ Contrapondo à metáfora mítica-religiosa do dilúvio, uma metáfora ateia. Se o texto de Marx apresenta isso de modo intencional, jamais saberemos. O mais importante é se atentar para a riqueza estética que Marx nos legou em seus textos. Aqui trata-se de um rascunho. Posteriormente, em “O Capital”, um texto totalmente preparado para a publicação, essa estética pode ser melhor apreciada ao passo que expõe a sua teoria revolucionária.

“para a do macaco” (a categoria simples), está apresentando, resumidamente nesta metáfora, aquilo que está abordando em toda a seção sobre “o método da economia política), nos legando um fundamento importante do seu método dialético. Ainda sobre fundamentos do método dialético, observamos, aqui em 1857, a permanência da crítica que nega, incorpora e eleva. Mas atenção, este manuscrito não pode ser tratado como um receituário do método em Marx. O fato é simples: não existe.

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para uma problematização: qual foi o momento em que Marx nos explicou sobre o materialismo histórico e o materialismo dialético? Quando é que pudemos apresentar para o leitor as considerações de Marx?

Em momento algum. O fato é que Marx não fala em 1857 (e em nenhum outro texto) do famoso materialismo histórico e o materialismo dialético. O “materialismo histórico e dialético” é uma invenção de parte da tradição marxista. Precisamos parar, imediatamente de colocar essa criação bizarra na conta de Marx. É necessário atribuir essa criatura aos seus criadores. Por isso a imperiosidade de estudarmos Marx a partir dos seus próprios textos, e colocar na “boca” do revolucionário, apenas aquilo que realmente lhe pertence. Preocupar-se com isso é no mínimo, coerência, expressão de honestidade intelectual, respeito a quem se dedicou durante toda a vida para oferecer ao proletariado uma teoria que expressasse a realidade da luta de classes (...); e, no máximo, ao negar esta problematização, uma grande demonstração de néscio.

Reafirmamos, nosso estudo é um esforço que julgamos ser absolutamente fundamental. Entretanto, não esgotamos nada em relação ao nosso trabalho com as nossas fontes bibliográficas e

documentais. Significa dizer, que nossos leitores não estão desobrigados de acessar o próprio Marx. Nosso livro apresenta a exposição do nosso trabalho acessando o próprio Marx. Seria um equívoco tomar a nossa pesquisa como um atalho para entender o método em Marx. É preciso ir as fontes e hoje grande parte delas nos são disponíveis. Nada de atalho.

O que encontramos aqui, nestes textos de Marx²⁴⁸ são princípios fundamentais, extraordinários, mas apenas parte dos princípios que fundamentam o método marxiano ainda em construção. Marx fará um avanço fundamental em mais dois anos de estudos e militância na preparação do *Urtext* e a publicação em 1859 do seu livro “Para a Crítica da Economia Política”. Assim, seguimos a apresentação de nossos estudos aos nossos leitores.

Neste nosso próximo capítulo, trataremos apenas do prefácio do livro de 1859, a partir dos seus trechos²⁴⁹ que extrataremos para nossas inferências. É preciso lembrar que nesta época, os militantes revolucionários estão o ápice da Revolução Industrial clássica do século XIX e Marx reside no centro do palco histórico do capitalismo: Londres.

²⁴⁸ Apenas parte constitutiva do que se convencionou chamar de *Grundrisse*. Esta fonte é um fragmento de um estudo maior de Marx ao passo que desenvolvia a sua crítica da economia política. Estes textos expressam o laboratório intelectual do autor, um momento privado de suas investigações, suas problematizações. Não são textos acabados, no sentido de preparados para a apresentação pública aos leitores.

²⁴⁹ O leitor observará que a nossa forma de citar o texto de Marx será um pouco diferente. No capítulo X trabalharemos o “Prefácio” integralmente, divididos por trechos, na mesma ordem que Marx os escreveu.

CAPÍTULO X: PARA A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA E O MÉTODO EM MARX

Após uma citação do meu prefácio ao "Kritik der Pol. Oek.", Berlin 1859, p. IV-VII, onde discuti a base materialista do meu método, o autor continua: [...] (MARX, 1968, p.25)

Nach einem Zitat aus meiner Vorrede zur "Kritik der Pol. Oek.", Berlin 1859, p. IV-VII, wo ich die materialistische Grundlage meiner Methode erörtert habe, fährt der Herr Verfasser fort: [...] (MARX, 1968, p.25).

10.1 Texto e contexto

O contexto histórico para 1859²⁵⁰ segue as linhas gerais dos acontecimentos que já apresentamos no capítulo anterior. Aprofundamento da crise e manutenção de uma organização da classe trabalhadora que fosse capaz, internacionalmente, de dar o combate contra a burguesia. Uma organização que se efetivaria em 1864: a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Os anos de 1857, 1858²⁵¹ e 1859, como registam os *grundrisse* e os trabalhos publicados,

²⁵⁰ Nesta data, Marx tinha 41 anos de idade. Neste mesmo ano, Charles Darwin publicou sua investigação sobre a Origem das espécies (*On the origin of species*). Há registo de cartas entre Marx e Darwin. Até onde conseguimos verificar, a carta enviada por Marx se perdeu. Há registo do contato com Darwin por conta de a carta ter sido enviada juntamente a um exemplar de "O Capital", em 16 de junho de 1873. Existe ainda a resposta de Darwin a Marx datada de 1 de outubro de 1873, além de outro contato nos anos de 1880. Para o leitor interessado, consultar nossas referências ao final: (RUIZ, 1978, p. 76-83).

²⁵¹ Nesta data, Marx escreve o *Urtext* da obra de 1859 (*Urtext zur Kritik der politischen Ökonomie*). Em alemão, "Ur", significa original, tempo anterior, antepassado, origem, inicial, primitivo. Escrito entre agosto e novembro de 1858, o *Urtext* (texto original) é considerado parte dos *Grundrisse*. Esse texto de Marx é

foram de brutal atividade política revolucionária para Marx, de estudo e militância.

No quadro internacional, as nações capitalistas expandiam seus negócios através da guerra, como foi o caso Inglês diante da China. Durante os anos de 1840 até 1860, a Inglaterra buscou garantir o tráfico do drogas e demais mercadorias para o oriente. A Guerra do Ópio ainda não estava concluída em 1859. Em 1860 se estabeleceu a vitória da Inglaterra e seus aliados sob a China, garantindo-lhes, através das armas a continuidade de expansão de capitais (imperialismo), subjugando outras nações aos interesses capitalistas.

Ao passo que o capitalismo avançava a todo vapor, no Brasil, ainda se mantinha os fundamentos do *Plantation* do século XVI. Mas não nos enganemos, o trabalho escravo, a monocultura, o latifúndio e o caráter exportador da produção no Brasil não era uma realidade que vivia no passado. Como já nos referimos, a realidade deve ser entendida como desigual e combinada, pois o Brasil estava em total sintonia com o desenvolvimento capitalista do século XIX, ocupando o papel bem definido mundialmente, de fornecedor de matérias primas. Algo que até hoje, as elites herdeiras fazem questão de conservar. Ainda que em 1859, no Brasil, sob o mando das ciências, tenha se desenvolvido Expedições Científicas para o “sertão”, o objetivo era sempre vinculado aos interesses que pequenos grupos ligados ao capital britânico que além de ferrovias levava ao esbulho

pouco conhecido, trata-se do texto original de Para a Crítica da Economia Política, e guarda algumas diferenças com o texto publicado em 1859. Enrique Dussel desenvolveu um estudo muito importante sobre a produção teórica de Marx, publicado no Brasil pela editora Expressão Popular e nele encontramos um debate sobre o *Urtext* de Marx (DUSSEL, 2012, p. 312-316).

parte da população do interior. Tudo muito conectado com os interesses privados europeus²⁵².

A situação da classe operária na Inglaterra contrastava com a tão propalada “era vitoriana”, onde supostamente se estabelecera uma “*Pax Britannica*”. Uma paz? Na verdade, tratou-se de um período histórico em que se consolidou a Revolução Industrial e a brutal exploração da classe trabalhadora pelo mundo. A Inglaterra, centralizadora do Reino Britânico, era a maior potência capitalista e não existe capitalismo sem exploração e opressão. Os relatos das vidas dos trabalhadores nas minas de carvão, ferrovias e fábricas não permitem, jamais, generalizar a boa vida de festas, artes e tranquilidade para além dos palacetes e palácios ingleses e as telas pintadas entre estilo rococó tardio e a constituição de uma *Belle Époque* (Bela época). Não há paz, delicadeza e beleza para quem vive explorado, oprimido ou no desemprego!

Neste capítulo final nos deteremos ao prefácio do livro que Marx publicou em 1859. Assim, este capítulo é parte constitutiva e central da pesquisa de doutorado que realizamos²⁵³. Mais uma vez, considerando que este livro é a continuação das pesquisas de doutoramento, resolvemos reapresentar o texto com modificações superficiais. Reivindicamos a totalidade destas investigações. Por isso, nosso leitor deve entender que este livro sobre o método em Marx é a manifestação desdobra, ou seja, desenvolvida, dos nossos estudos e militância que se iniciaram por volta de 2009, junto ao movimento

²⁵² Sobre o “sertão”, sugerimos aos nossos leitores os trabalhos de Osvaldo Zorzato (ZORZATO, 1998a); (ZORZATO, 1998b). Ver referências ao final.

²⁵³ Sobre o livro todo, consultar nossa tese de doutoramento que teve o livro de Marx “Para a Crítica da Economia Política” como objeto central de investigação. Ver referências ao final: (MENEZES, 2015).

trotskyista, nunca se tratando de apenas uma investigação academicista para no futuro (hoje, presente) garantir uma cadeira universitária. Essa perspectiva tem um preço caríssimo a se pagar. Assumimos e reafirmamos nossos posicionamentos políticos, décadas depois, com muita força. Nunca pesquisamos para agradar ninguém, nosso compromisso é com a classe trabalhadora. A intelligentsia que se situe, pois estamos de lados opostos.

A construção do conceito de história em Marx, inseparável do seu conceito de método, se efetivou fora dos círculos acadêmicos. Esta característica é fundamental para compreendermos o pensamento do autor acerca da história, tempo presente e método.

Em dado sentido, Marx se antecipa aos historiadores profissionais do seu tempo, com uma perspectiva que apenas fora possível, no caso da historiografia, no século XX, especificamente nos referimos a Marc Bloch e Lucien Febvre. Não afirmamos se tratar da mesma leitura de mundo, entretanto, enfatizamos que a preocupação em se escrever a história em uma perspectiva crítica no campo dos historiadores fora tarefa desenvolvida fortemente entre os primeiros *annalistes*²⁵⁴ já citados, apenas setenta anos depois.

Todavia, a crítica de Marx, no século XIX, apresenta maior profundidade em relação ao tempo presente, nos possibilitando a compreensão de que a crítica marxiana não se limitava à crítica epistêmica, mas a transformação da sociedade capitalista em socialista, uma perspectiva que não se coloca nos marcos nem mesmo de *annalistes* como Bloch e Febvre.

²⁵⁴ *Annalistes*, como são conhecidos os intelectuais, principalmente historiadores, que se vinculavam ao movimento dos *Annales* (relativo à revista publicada periodicamente, desde 1929 na França).

A crítica em Marx é desenvolvida do interior, ou seja, procura se apropriar do pensamento do autor, conhecer os movimentos de suas ideias, compreendê-las na sua lógica, e, ao passo que se movimenta desta maneira visa a sua superação, uma superação via apropriação (*aufheben*). Ao possuir como alvo a economia burguesa na história de seu presente, procede ao movimento ideal a partir da realidade concreta (representada), da mais empírica realidade até a mais abstrata (no sentido de mais abstraída, não vazia). Contrapõe a economia política do capital a uma crítica da economia política, mas para isso apreende sua lógica e é exatamente o que faz em seu livro de 1859, pois considera as contribuições da economia política clássica, não despreza os economistas vulgares, e, ao compreendê-los os submetem à crítica a partir do próprio pensamento alvo.

Uma crítica que pretende a superação da economia política do capital e a defesa mais concreta de outra sociabilidade onde a classe trabalhadora tem total centralidade: trata-se de compreender para revolucionar e aqui não há outra perspectiva que não seja em última instância a revolução social. Os nus protagonizam centralmente a construção de suas próprias vestimentas, com a seda, o algodão e seu próprio trabalho (*C'est nous les canuts*²⁵⁵).

A tradução que trabalhamos em nosso estudo é de Edgar Malagodi, republicada em 2005 pela Editora Nova Cultural Ltda., que por sua vez trabalhou a partir da publicação alemã de 1972 como texto básico para a tradução da Dietz Verlag Berlim, da coleção Marx-Engels *Werke*, v. 13. Um exemplar desta coleção em alemão foi

²⁵⁵ Em português: “Somos nós os operários”. Uma referência aos versos da canção popular sobre os operários de Lyon, escrita em 1894 por Aristide Bruant. Um de seus interpretes é Marc Ogeret em seu *Les canuts* (OGERET, 2022). Ver referências ao final.

periodicamente consultado por nós no Centro Cultural Brado (CCB) na cidade de São José do Rio Preto – SP, entre os anos de 2010-2012. Atualmente, após o assassinato de seu dirigente, Marcos Rodrigues, o CCB encontra-se desativado.

10.2 O conceito de história como fundamento do método

No prefácio de “Para a Crítica da Economia Política” Marx apresenta de forma fulminante um conjunto de categorias que faz até hoje existir posicionamentos divergentes, economicistas, dogmáticos, historicistas e mesmo conciliatórios. Inicialmente falaremos de modo geral sobre estas perspectivas em relação ao “Prefácio” de 59, como ficou conhecido na tradição marxista, ao passo que analisamos o texto. Neste mesmo momento Marx apresenta como o seu presente imediato foi fundamental para o desenvolvimento de suas problematizações a partir das questões materiais que se deparava.

Aqui, faremos a exposição do texto de Marx sistematizando os momentos de nossa análise por trechos, enumerados por colchetes²⁵⁶ [1], [2] (...), seguidos das considerações necessárias, como segue:

[Trecho 1] Considero o sistema da economia burguesa nesta ordem: *capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comercio exterior, mercado mundial*. Nos três primeiros títulos examino as condições econômicas de vida das três grandes classes em que se divide a moderna sociedade burguesa; a conexão dos três seguintes é evidente. A primeira parte do Livro Primeiro, que trata do capital, compõe-se dos seguintes capítulos: 1- a mercadoria; 2- a moeda ou a circulação simples; 3- o capital em geral. Os dois primeiros capítulos formam o conteúdo do presente volume. Tenho diante de mim o conjunto do material sob a

²⁵⁶ Todas as citações que constituem os trechos correspondem a tradução de Edgard Malagodi, entre as páginas 50 até a 54 da publicação que trabalhamos. Assim, dispensamos a citação autor/data no final que cada trecho. Bastando consultar, ao final, a seguinte referência: (MARX, 2005, p. 50-54).

forma de monografias que foram redigidas com longos intervalos, não para serem impressas, mas para minha própria compreensão, e cuja elaboração sistemática, segundo o plano dado, dependera de circunstâncias exteriores.

Logo no primeiro parágrafo do prefácio Marx apresenta sua proposta de trabalho enfatizando o caráter de classe que se divide a sociedade burguesa moderna. Apresenta ao leitor a existência de três grandes classes que marcam a história daquele presente e não simplesmente duas classes, típica da ideia binária de apenas duas classes dominantes na história imediata. Esta identificação de três classes predominantes não exclui a existência de outras classes, todavia a burguesia, o proletariado e os latifundiários são as predominantes na sociedade moderna e que posteriormente o próprio reafirmará a existência desta classe predominantes na sociedade capitalista como é apontado no capítulo LII do terceiro volume de O Capital organizado por Engels. É verdade que se trata de um capítulo incompleto, mas que sobretudo nos aponta um elemento significativo na trajetória do autor em relação as classes antagônicas, que, deste do Manifesto de 1848, são apontadas como marcantes na constituição da história. Observa-se que logo na apresentação se enfatiza, ao lado da apresentação do conteúdo do livro, o marcante antagonismo das classes e que o presente histórico não é analisado a partir de uma harmonia social, de uma abstração nada razoável do que é a sociedade fora das suas particularidades.

Embora Marx apresente a proposta de trabalho em três eixos centrais, a parte que diz respeito ao capital não é publicada, sendo apenas anunciada a existência do material sobre o tema como monografias a serem encaminhadas ao editor. Fato que não ocorreu naquele momento em 1859, como já apontamos em seção anterior de nossos estudos. Após a publicação da Crítica, Marx retomará os

estudos investigativos nos anos de 1860 e constatará que “*capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comércio exterior, mercado mundial*”[trecho 1] estão contidos no processo e produção e reprodução do capital como relação social, o que faz esta proposta de publicação ser incorporada na sua obra de 1867.

Estas considerações nos demonstraram que o devir histórico é o próprio movimento e que nele as considerações não são e não poderiam ser estanques, fixas ou mesmo eternas. Fato este que é elementar para observarmos as considerações do trecho 2 do prefácio, onde faz referência à “consagrada” Introdução de 1857, abandonada por princípios metodológicos de apresentação da investigação no seu decorrer, queremos dizer, durante o desenvolvimento do seu proceder investigativo. O que nos pareceu uma demonstração emblemática daquilo que o próprio Marx chamava de honestidade intelectual daquele que se propõe a investigação sem o frenesi de antecipar o que ainda está por ser constituído. Vejamos mais proximamente este segundo trecho do prefácio:

[Trecho 2] Suprimo uma introdução geral que havia esboçado, pois, graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular para o geral. Por outro lado, poderão aparecer aqui algumas indicações sobre o curso dos meus próprios estudos político-econômicos.

Observamos que a particularidade do autor é colocada como central na constituição de suas considerações sobre a crítica que pretendia introduzir ao público em 1859. Entretanto, insistimos na importância desta Introdução de 1857, principalmente na seção que Marx escreve sobre a questão do método. Suprimir aqui, não tem significado de ignorar ou mesmo de abandono, mas de seguir a exposição do investigado, de modo prudente ao seu leitor, e, para nossa

pesquisa, retornar a este texto é da maior importância para entendermos o conceito de história e investigação de Marx em meados do século XIX. E, ainda, entendermos como parte do curso de seus próprios estudos políticos e econômicos. Assim, este trecho 2, nos conduz necessariamente a algumas abordagens gerais destes aspectos adiantados por Marx, embora suprimido naquele presente imediato, da introdução geral.

Neste texto de estudos pessoais, mas que se ocupa de esboçar parte das suas investigações em uma grande síntese inacabada dos manuscritos de 1857-58, conhecido por nós como rascunhos, planta baixa, fundamentos, *Grundrisse* de suas investigações sobre a crítica que realizava à economia política da moderna sociedade burguesa e é neste justo sentido que retomamos algumas das considerações centrais daquela grande síntese geral de 1857.

Nela Marx expõe, sem a publicação²⁵⁷, uma série de eixos temáticos que deveriam constituir introdutoriamente a sua crítica em um eixo temático, a saber, “Produção, consumo, distribuição e circulação. Sobre a “Produção”, Marx apresenta a questão da historicidade em seu método, enfaticamente chamando atenção para a ignorância sobre o mesmo, fazendo isso do início ao fim da seção. Este eixo central contém subseções intituladas por “Produção; A

²⁵⁷ É muito importante que tenhamos em mente que os Grundrisse e a introdução geral entre os anos de 1857-1858 são textos escritos sem a apresentação imediata de publicação, pois trata-se de uma produção textual que poderíamos fazer de o laboratório intelectual de Marx. Textos que não são escritos para serem publicados e que por assim serem, nos possibilita a ter acesso a intimidades daquele que escreve onde se permite uma série de anotações, questionamentos e até ataques que m texto par ao público não possuiria. Estes textos nos mostra o Marx em sua mais íntima particularidade de estudos, a singularidade de um homem de carne e osso, e não de uma estátua gélida e inerte aquilo que critica e polemiza.

relação geral da produção com a distribuição, troca e consumo”, onde se ocupa em apresentar a produção, a distribuição, troca e o consumo na forma ideologizada pelos economistas, segregando o processo da unidade global; também subdividindo em itens: “a)- Produção e consumo”, “b)- Produção e distribuição”, e, c)- “Finalmente troca e circulação”; seguindo as seções sobre “O método da Economia Política”, onde apresenta o que em suas considerações seria o método equivocado e o correto para a análise; e, “Produção, Meios de produção e relações de produção, Relações de produção e relações comerciais. Formas de Estado e de consciência em relação com as relações de produção e de comércio. Relações jurídicas. Relações familiares”, certamente o ponto mais ousado e que Marx não desenvolve como pretendido, provavelmente temos aqui o ponto de auto crítica no sentido de não continuar aquilo que ainda estava em andamento. Todavia, o eixo que trata do método é fundamental para a compreensão do conceito de história e tempo presente no autor, pois diferente de outros clássicos das ciências históricas, Marx não nos deixou um livro específico que falasse diretamente sobre o método. Para isso devemos considerar que o método marxiano está difuso em toda a sua trajetória, como o próprio Marx se refere no fim deste trecho, e que, entendê-lo exige percorrer seus caminhos, pois seu método está intrínseco a sua própria produção crítica, assim como o seu conceito de história, tempo presente e método.

Nos momentos finais da “Introdução” de 1857, Marx apenas lança algumas palavras, não mais do que seis vezes sobre a história e algumas vezes sobre os historiadores e a historiografia. Assim:

[...] 2 - relação entre a historiografia idealista tal como tem sido escrita até agora e a história real. Nomeadamente as que se intitulam histórias da civilização - a antiga história da religião e dos Estados. (Oportunamente, podemos referir também aos diferentes gêneros de historiografia até o

presente. A chamada [historiografia] objetiva. A subjetiva (moral etc.). A Filosófica.);

[...] 5 - dialética dos conceitos: força produtiva (meios de produção) e relações de produção, dialética cujos limites estão por determinar e não suprime as diferenças reais;

[...] 7 - essa concepção aparece como um desenvolvimento necessário. Mas, justificação do acaso. De que modo. (A liberdade, e também outras coisas.) (Influencia dos meios de comunicação. A história universal não existiu sempre; a história considerada como história universal é um resultado.); (MARX, 2005, p. 46- 47) (grifos nossos)

A última seção da “Introdução” trata de apontamentos que não deveriam ser esquecidos. São anotações de Marx, já que o texto em questão compõe o que se chamou de *Grundrisse*, ou planta baixa, como se referem os arquitetos. São considerações que o autor crê com importância e que posteriormente deveriam ser retomadas. Estamos em 1857 e as considerações sobre a história já foram apontadas juntamente com Engels na “Ideologia Alemã”, sua concepção de história já é esboçada do decorrer da sua trajetória, aqui, tratou de apontar no contexto de seus estudos atuais, alguns elementos que não deveriam ser esquecidos.

Marx faz uma distinção ente historiografia idealista sendo esta a predominante e a história real, aquela que concretamente se passava, se manifestava no tempo presente, especificamente a história da civilização, identificando diferentes modalidades da escrita da história até o presente, clara alusão a historiografia objetiva e aqui notamos mais uma crítica a principal “escola” histórica de sua época: a prussiana, onde Marx já registra o seu desprezo à historiadores como Leopold von Ranke, defensor da objetividade no trato das fontes e portanto de uma escrita da história que distava do pensamento de

Marx, chegando até considerar, em cartas, a figura de Ranke como sendo a de um *valet*²⁵⁸ do Estado.

Outro ponto sutil, mas que se revela da maior importância é a consideração de gêneros historiográficos até o presente. Além de não ficar preso à “escola” prussiana historiográfica, considera outras manifestações da historiografia até o seu tempo presente, ou seja, inferimos, o presente como história e palco da sua escrita, de um modo que Marx não concordava, por isso a necessidade de retomar futuramente estes pontos em seu trabalho de uma outra escrita sobre o presente, como sabemos hoje, na forma de crítica à economia política.

Chama atenção estas breves palavras de finalização da “Introdução”, a preocupação com a dialética dos conceitos, sobretudo forças produtivas e relações de produção, onde os limites, as relações, determinam e não suprimem a relação entre as diferenças reais. Diferente do que se coloca em parte da tradição marxista, sugerindo a superação de uma por outra, não considerando o movimento constante da dialética dos conceitos no processo histórico, fixando a absoluta determinação de uma em relação à outra. Não nos referimos a não existência de predomínios, mas que o momento predominante não pode ser tomado como o momento único, final, absoluto, mas o que afirmarmos é que os conceitos, para Marx, devem ser entendidos em movimento históricos, que há determinações, mas não a supressão de um conceito pelo outro. Portar-se assim, seria decretar mais uma vez a morte, ou derrota da dialética como história.

E no item 7, nos deixa uma clara reafirmação da construção histórica dos seres e de tudo que é criado diante da capacidade

²⁵⁸ *Valet*, no sentido de empregado, serviçal.

teleológica (apenas em relação ao indivíduo) deste. A história universal, tratada como natural, ou mesmo divinizada, exclui a presença dos homens e mulheres desta mesma civilização, como construtores, conscientes ou não de fazerem a história. A história universal não é uma coisa natural, pois faz parte de um conjunto de síntese de reflexões a partir do mundo material dos homens e que se estabelecerá de modo formal muito recentemente na história como um resultado de relações sociais concretas, de necessidades humanas, seja daqueles que dominam e possuem o monopólio do poder na constituição do devir, e para o tempo presente de Marx, como o resultado contestatório por parte daqueles que buscam alterar o resultado desta construção criada socialmente estabelecendo outra sociedade.

Estas palavras marxianas em 1857 são de certa maneira, reagrupadas e sistematizadas no prefácio que continuamos a abordar, vejamos como isso acontece no texto de Marx.

No trecho 3, a importância do tempo presente na constituição do pensamento marxiano é evidenciada com todas as letras, pois em 1859 o autor faz questão de apresentar ao leitor suas problematizações de décadas como vitais na constituição das preocupações e por sua vez do estudo em publicação. Vejamos:

[Trecho 3] Minha especialidade era a Jurisprudência, a qual exercia contudo como disciplina secundária ao lado de Filosofia e História. Nos anos de 1842/43, como redator da *Gazeta Renana (Rheinische Zeitung)* vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o Sr. Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a *Gazeta Renana* sobre a situação dos camponeses do vale do Mosela, e finalmente os debates sobre o livre-comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para

ocupar-me de questões econômicas. Além do mais, naquele tempo em que a boa vontade de "ir a frente" ocupava muitas vezes o lugar do conhecimento do assunto, fez-se ouvir na *Gazeta Renana* um eco de fraco matiz filosófico do socialismo e comunismo francês. Eu me declarei contra essa remendagem; mas ao mesmo tempo em uma controvérsia com o *Jornal Geral* de Augsburg (*Allgemeine Augsburger Zeitung*) confessei francamente que os meus estudos feitos até então não me permitiam ousar qualquer julgamento sobre o conteúdo das correntes francesas. Agarrei-me às ilusões dos gerentes da *Gazeta Renana*, que acreditavam que através de uma atitude mais vacilante do jornal conseguiriam anular a condenação de morte que fora decretada contra ele, para me retirar do cenário público para o gabinete de estudos.

Sua formação acadêmica era o Direito, não a História ou a Filosofia, sobretudo estas duas outras áreas das ciências históricas, declaradamente, tiveram grande peso na formação intelectual de Marx à época de Universidade. Importante notar que há a necessidade de colocar isso ao leitor, mesmo que em um breve parágrafo. Nota-se aí a preocupação de Marx em demonstrar os seus estudos em perspectiva: a histórica.

Após isso há um pequeno salto cronológico onde seu leitor é colocado nos anos de 1842/43 diante de um espaço de trabalho de Marx, o jornalístico, e, neste presente, coloca suas limitações diante das questões materiais que se manifestavam na Renânia. Um enfrentamento, como escreve o próprio Marx, que o colocou deliberadamente, pela primeira vez, diante de apuros. A questão do vale do Mosela é extremamente emblemática na formação do Marx que conhecemos hoje, pois é neste momento que o pensamento marxiano passa a notar as contradições entre as formas de organização da vida e reprodução da mesma. Em outras palavras, esta manifestação da luta de classes impõe a Marx, determina, a observação de seus limites para analisar as relações sociais para além da formação acadêmica, que embora importante, não permitia em questão de

tempo, e, portanto, de velocidade analítica suas considerações sobre o tempo presente. Não se tratava agora de uma análise fundamental de Epicuro e Demócrito, mas de se posicionar diante da realidade candente, do tempo presente mais imediato, onde pessoas de carne e ossos eram tratadas como criminosos por conta de uma dieta que proibia a catação da lenha no vale do Mosela.

A necessidade de se posicionar diante desta questão demonstra a particularidade do pensamento de Marx e do jornal que trabalhava, se preocupar com esta questão era se ocupar de uma realidade concreta sobre o parcelamento de terras por todo vale do rio Mosela, portanto da propriedade privada e de do uso de matérias vitais para a reprodução da vida naquela região: a madeira. Tratava-se de posicionar-se diante da história no seu tempo presente, de se posicionar contra os intelectuais e o próprio Governo da Renânia (*Von Schaper*), um enfrentamento público diante o governo no reinado de Frederico Guilherme IV (dinastia de *Hohenzollern*). Isso significa afirmarmos também a relação direta entre a realidade vivida a produção do pensamento, tempo presente e escrita da história indissociável.

É importante ressaltarmos que estamos aqui, neste momento, dissertando sobre Karl Marx no início dos anos quarenta, um jovem de apenas 24 anos de idade e que embora possuísse destaque na Gazeta Renana, é um trabalhador, um funcionário e que não delibera em última instância o comportamento dos acionistas majoritários proprietários do jornal. Marx se posiciona em favor dos trabalhadores do Mosela e a resposta governamental é a pressão ao jornal que procura de forma mais vacilante, diríamos mais centrista, sobreviver. Como sabemos o centrear da Gazeta Renana não garantiu a sua manutenção e o jornal fora liquidado. Um jornal liberal que vê em

Marx a potência para suas manifestações públicas em um reino monárquico e que se avizinha da França revolucionária burguesa. Marx escreve de “ilusões dos gerentes”, o que mais pode ser observado como manipulação do conhecimento objetivado na particularidade de Marx como escritor e redator da Gazeta. Nos importou o fato de em 1859, o próprio autor, fazer questão de apresentar esta perspectiva ao leitor de sua “Crítica”, pois entendia ser fundamental para ser compreendido em relação ao desenvolvimento dos seus estudos, ou seja, para ser entendido no seu tempo presente em perspectiva histórica.

Temos assim um dos primeiros momentos emblemáticos de descenso que Marx enfrentara em sua trajetória, embora particular, ao encontrar-se diante de conjunturas deste tipo, dizemos, de recuo, de derrota fenomênica, retoma os estudos para revisar as análises e caracterizações para reafirmar e mesmo considerar os limites no sentido de avançar na compreensão das relações sociais. Um procedimento metodológico que tomará para si até os seus últimos dias como intelectual e dirigente político. E sobre isso trata o trecho seguinte:

[Trecho 4] O primeiro trabalho que empreendi para resolver a dúvida que me assediava foi uma revisão crítica da filosofia do direito de Hegel, trabalho este cuja introdução apareceu nos Anais *Franco-Alemães (Deutsch-Französische Jahrbücher)*, editados em Paris em 1844. Minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de "sociedade civil" (*bürgerliche Gesellschaft*), seguindo os ingleses e franceses do século XVIII-mas que a anatomia da sociedade burguesa (*bürgerliche Gesellschaft*) deve ser procurada na Economia Política. Comecei o estudo dessa matéria em Paris mas tive que continuá-lo em

Bruxelas, para onde me transferi em conseqüência de uma ordem de expulsão do Sr. Guizot. O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.

Neste trecho, Marx deixa claro que as problematizações são o seu ponto de partida a partir do tempo presente. A história é encarada como problemática, como problema a ser investigado e é por este caminho que Marx se depara com Hegel e observa que o fenômeno não deve ser tomado como o todo, pois as representações não apresentam diretamente as substâncias essenciais. Observa que o direito, as formas, não devem ser entendidas a partir do que dizem de si, mas das múltiplas constituições das mesmas, para além do enunciado, ou ainda, que o fenômeno não é o reflexo simples da essência, de que a superestrutura desenvolvida em dado modo de produção não é a chave absoluta para o entendimento nem de si e das relações que se estabelece a partir dela. O devir histórico não é explicado, em absoluto, através do devir da consciência, mas através das relações sociais, da questão material (em sentido amplo do termo), ou ainda, entendido através da crítica à economia política.

E aqui neste trecho o leitor é colocado diante de uma consideração fundamental do pensamento marxiano sobre a história, onde, na vida, “*os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade*”, relações que correspondem a um momento da história “*a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais*”. E aqui neste momento o texto marxiano toca em um dos pontos fundamentais para entendermos a sua concepção de método.

A questão do determinismo em Marx, fundamentalmente neste texto, não deve ser tratada como uma questão de determinação cega, ou como já apontamos, mecanicamente. A determinação em Marx é determinante, mas o determinante não é a determinação absoluta. Não relativizamos a questão, pois o texto de Marx é claro em relação a determinações sobre o devir histórico. Os escravos no mundo clássico não negariam a existência da escravidão, assim como o seu dono. Um egípcio não ignorava a determinação da escravidão. Em ambos os casos há uma determinação histórica que coloca o homem em um circuito do qual ele não tem pleno domínio, sejam os escravos ao tentarem se rebelarem contra ao modo de produzir escravista, mesmo os senhores em relação a manutenção desta forma de produzir o mundo material. São relações e um modo de produzir a vida onde a inferência está para além de uma ou duas subjetividades, são condições determinadas em um momento da história. E aqui o conceito de história como permanentes transformações, em movimentos, contraditória foi central para considerarmos em nossos estudos que a determinação em Marx é histórica, isso quer dizer que não há eternidade ou qualquer possibilidade de petrificação dessas relações e formas de reproduzir a vida. Relações determinadas devem ser entendidas como determinações históricas, passíveis de transformação, reafirmação, negação, crises e conflitos, do contrário seríamos todos gregos, escravos ou proprietários, majoritariamente; ou ainda; seríamos membros de comunidades americanas de agricultores, ou mesmo, caçadores, coletores e extrativistas; e para não decepcionar a nossa formação intelectual majoritariamente europeia, seríamos servos em um mundo medieval em que as relações mecanizadas teria nos legados uma forma específica de partes da Europa ocidental de produzir a vida espiritual e materialmente. Não

há estabilidade plena, absoluta na história para Marx, a crise²⁵⁹ tem papel fundamental na constituição do devir e este prefácio deixa suas considerações abertamente fixadas em relação a este movimento. Como podemos observar no trecho seguinte, continua:

[Trecho 5] A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez. Na consideração de tais transformações é necessário distinguir sempre entre a transformação material das condições econômicas de produção, que pode ser objeto de rigorosa verificação da ciência natural, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência desse conflito e o conduzem até o fim. Assim como não se julga o que um indivíduo é a partir do julgamento que ele se faz de si mesmo, da mesma maneira não se pode julgar uma época de transformação a partir de sua própria consciência; ao contrário, é preciso explicar essa consciência a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.

²⁵⁹ Sobre a importância do conceito de “crise” no pensamento de Marx e o papel na constituição de sua filosofia da história, ver a tese de doutorado de Jorge Grespan, sob o título: “A dinâmica da crise: um estudo sobre o conceito de crise na crítica da econômica política de Marx” (GRESPLAN, 1994).

Marx apresenta uma metáfora bastante conhecida na tradição marxista e que nem sempre é tomada como tal. O que mais nos preocupou (preocupação no sentido que Kosik dá) é a consideração marxiana sobre a totalidade dessas relações de produção formarem a estrutura econômica sobre a qual se levanta uma superestrutura, correspondendo à formas sociais determinadas de consciência. Marx não se refere à determinação da forma que criticamos, pois entendemos que a estrutura econômica aqui, em Marx, não se refere ao que hoje entendemos por econômica, ou mesmo por *economics*. O econômico aqui é tudo o que o homem criou e é capaz de criar, portanto não envolve apenas a tangibilidade das coisas, na sua imediaticidade mais empírica. Trata-se de considerar, como já apresentamos, a determinação econômica também em suas múltiplas determinações historicamente constituídas e não apenas a manifestação econômica mais direta, embora também faça parte desta totalidade.

Ainda que exista uma determinação da estrutura econômica, no sentido de Marx, a subordinação da superestrutura não é algo evidente nesta passagem, diferente do que considerável parte da tradição marxista afirmará, não há uma subordinação absoluta entre estrutura econômica e superestrutura de forma absoluta. Recorrer a esta consideração de forma absoluta nos parece ser radicalmente contrário a perspectiva de Marx sobre a história, pois privilegia-se em absoluto o que é historicamente constituído e em movimento. Concordamos que há momentos determinantes e assim mesmo, buscar a compreensão destes momentos é fundamental, e, é exatamente isto o que Marx está fazendo em seus estudos e apresentando ao público em 1859.

Ao afirmar que o modo de produção da vida material condiciona a vida social é expor exatamente a inter-relação entre os aspectos constitutivos do reproduzir a vida, e, Marx está em um determinado momento da história, ele observa a partir de determinado ponto e perspectiva da história o devir e em sua perspectiva constata, aí sim, uma determinação fundamental na constituição da forma material de produzir a vida. E, mais uma vez, não entendemos que Marx se refere a “material” como o sendo em relação a simples tangibilidade da coisa.

Quando afirma que não é a consciência que determina o ser, mas sim o ser que determina a consciência, Marx apresenta uma síntese que se colocada apenas em uma leitura imanente estruturalista não é capaz de dar conta do significado desta clássica afirmação, já apresentada na Ideologia alemã (que tratamos em nosso capítulo V) e retomada agora em 1859. Em 1845, quando escreve com Engels a obra que hoje conhecemos publicada como A Ideologia Alemã, os dois escrevem centralmente uma crítica aos idealistas na Prússia, apontando os limites de sua filosofia materialista, com olhares voltados para o céu, esquecendo-se da terra onde as coisas aconteciam e eram criadas, até mesmo as coisas do “céu”. Ao reivindicar uma concepção histórica, ou ainda o papel fundamental da vida material, mesmo em 1845 não o faz desconsiderando o mundo espiritual como algo separado das relações sociais, mas como parte de um todo complexo.

No desenvolver do texto quando se refere ao momento de crise, Marx parece se referir especificamente ao econômico mais tangível, o que para nós é demonstrativo que dentro destas relações há momentos predominantes do econômico pensado na sua forma menos geral, o que não possibilita a afirmação de que a produção da riqueza

econômica é o eixo central, mas as relações sociais que dão vida a esta riqueza em determinado momento da história. Quando esta contradição é elevada, cria-se uma época história de revolução social. Abordamos isso no capítulo VI deste nosso livro, quando tratamos da Miséria da Filosofia de 1847.

É verdade que nos termos de Marx, em 1859, quando se refere a revolução social ele está pensando em seu tempo presente, onde o desgaste do modo de produção capitalista já era evidente no século XIX, entretanto, além de defender a revolução social, Marx está preocupado em entender para agir rumo a esta revolução, mas diante de determinações histórias que o espírito objetivo se equacione com o espírito subjetivo. Vejamos como continua o próximo trecho:

[Trecho 6] Uma formação social nunca perece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas para as quais ela é suficientemente desenvolvida, e novas relações de produção mais adiantadas jamais tomarão o lugar, antes que suas condições materiais de existência tenham sido geradas no seio mesmo da velha sociedade. É por isso que a humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir. Em grandes traços podem ser caracterizados, como épocas progressivas da formação econômica da sociedade, os modos de produção: asiático, antigo, feudal e burguês moderno. As relações burguesas de produção constituem a última forma antagonica do processo social de produção, antagonicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições sociais de vida dos indivíduos; contudo, as forças produtivas que se encontram em desenvolvimento no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para a solução desse antagonismo. Daí que com essa formação social se encerra a pré-história da sociedade humana.

Neste trecho a concepção de história, diríamos, do desenvolvimento do devir, Marx mais uma vez insiste em apresentar o

que chamamos aqui de espírito objetivo e subjetivo. As forças produtivas e as relações de produção fazem parte de um mesmo todo, se contrapondo ou não, não se entende que o sobrepujar de uma força produtiva aconteça separadamente de relações sociais, mesmo porque estas relações sociais são de produção da vida. Há nitidamente no texto de Marx uma ênfase em relação as forças produtivas, pois em seu tempo presente ele identifica como já existente, enquanto germe, novas necessidades que aquela realidade das forças produtivas já não mais correspondia, assim como hoje. Identifica contradições entre forças produtivas e relações sociais de produção como já apontamos.

E é neste trecho que Marx apresenta, de forma bastante fulminante, uma sequência de modos de produção que marcaram a história até o seu presente. Fala de “*épocas progressivas da formação econômica da sociedade*” e escreve no sentido de “grandes traços”. Observamos que estas são considerações sobre uma nova forma de periodização da história proposta por Marx, sem a pretensão de estar historicizando para os historiadores de sua época. Marx, desde *A Ideologia Alemã* procurava observar o devir histórico da forma distinta da historiografia, focalizava períodos, é verdade, mas ao traçar estes períodos o fazia dando destaque para as formas predominantes, que considerava, de produzir e reproduzir a vida em sociedade, as formas materiais que por sua vez não descartava o universo metafísico pelo homem criado. Aqui, o texto de 1859, apenas apresenta algo que se não considerado na totalidade da produção marxiana dá, e deu, espaço para uma interpretação linear da história e progressista do desenvolvimento. Nada mais distante do pensamento de Marx, e que se constata na tradição marxista, sobretudo nos textos de Stálin como já apontamos no capítulo III desta livro.

Os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês são apresentados em traços gerais, dos estudos de Marx, e aqui é necessário chamar a atenção, pois esta perspectiva representa as investigações de um ser social, e, por mais brilhante que tenha sido, também possui limites ao escrever um tipo de história sobre a história (ou pré-história, no sentido que Marx considerou em dado momento)²⁶⁰. Marx procede a partir de um contexto particular na história do século XIX que certamente jamais se repetirá, por obviedade e pelas conjunturas que viveu. Esperar que Marx dissertasse sobre o modo de produzir a vida dos Tupinambá é o mesmo que esperar do professor Florestam Fernandes uma análise da história do tempo presente sobre as jornadas de junho de 2013.

Marx tem uma formação específica, a partir de alguns pontos e momentos específicos da Europa do século XIX. Sua produção e por vez o seu conceito de história é construído a partir daquela realidade concreta em que Marx existe enquanto ser social. Sua leitura sobre o mundo asiático, antigo, feudal e burguês deve ser considerada dentro desta lógica, pois, ao contrário, entoaremos a canção do anacronismo.

Não queremos dizer com isso que Marx era um homem do seu tempo, no sentido que lhe atribuí intelectuais conservadores e reacionários. Reafirmamos, mesmo nesta altura do livro, que Marx realmente era um homem do seu tempo e que vivia concretamente e espiritualmente, para frente do seu tempo. Não como um idealista, mas

²⁶⁰ Poderíamos afirmar ainda, que o conceito de história de Marx é realizado a partir de um momento que ele chamará de pré-história (pelo fato de a regência da vida ainda não ser dada pelo homem, mas pelo capital, sendo a história o momento do devir em que esta regência se inverteria. Marx encontra elementos para a necessidade do homem adentrar plenamente na história e sua escrita se situa na transição histórica dentro deste devir. Isso tudo não em termos de inevitabilidade, mas da necessidade, da possibilidade.

crítico do idealismo em todas suas formas, que foi um dos primeiros a identificar as contradições daquele novo modo de produção, que já nascia velho, ou ainda, que para além de identificar os fenômenos de seu tempo presente, foi, ao lado de Engels, o primeiro a realizar uma sistematização da história de consistência duradoura e que influenciou várias áreas do conhecimento até os nossos dias.

Não existiria uma teleologia nestes estudos de Marx? Esta é uma importante indagação que devemos realizar. As palavras não são inocentes – escutamos isto durante toda nossa vida acadêmica e militante- o que significa teleologia, se problematizamos a possibilidade desta característica compor o conceito de história em Marx?

Se considerarmos que teleologia se comuna com idealismo e metafísica da e na história, certamente o conceito de história e tempo presente em Marx não comporta esse tipo de característica, pois o seu pensamento é exatamente o oposto destes significados. Entretanto, se tomarmos teleologia, como o movimento ideal que os seres sociais são capazes de realizarem (apenas na sua individualidade) a partir de uma determinada realidade, a partir de um conhecimento historicamente acumulado e de necessidades concretas no mundo dos homens, teleologia passa a ter um outro sentido, e, enfatizamos, da maior importância para compreensão da concepção ontológica da história (sem nenhuma teleologia universal) que Marx constrói em parceria com Engels.

Neste último sentido o conceito de história em Marx é sim a ideação e sistematização do devir em bases reais, do mais empírico ao mais abstrato, para isso é importante adiantarmos que ele inicia o capítulo primeiro do texto de 1859 com a mercadoria e os seus fatores, ou seja, com algo radicalmente concreto, tangível e ao mesmo tempo

altamente abstrato, relativo e histórico. O teleológico para Marx não é fruto da imaginação meramente criativa, mas a utilização destas qualidades particularmente humanas diante do laborioso trabalho de investigação que exige tempo, dedicação, materialidades e espiritualidades, não se tratando de constituir o pensamento do espantalho, mas de compreender a constituição do espantalho e as relações sociais que enfeitam a palha, as vestimentas e o chapéu posteriormente chamados de espantalho na cabeça dos homens.

Ainda neste trecho, Marx identifica as relações burguesas de produção como sendo as últimas formas antagônicas no processo social de produção da história humana, considerando que a história constituída para o seu tempo é, no mais imediato, o ano de 1859, e no mais tardar o ano de sua morte, 1883. Ainda, até o seu presente histórico, observa que o modo de produção capitalista é o último da pré-história humana e não o fim da história em sua última forma de reproduzir a vida.

Marx faz aqui mais uma sutil e macro periodização da história, pois tudo, até o modo de produção burguês moderno tratar-se-ia da pré-história da humanidade e não a sua história propriamente dita uma vez que a regência da vida ainda não é plenamente do homem, mas do capital (nesta última etapa do devir). Trata-se de apenas uma frase, mas se considerada em partes da totalidade do pensamento de Marx que tivemos acesso durante nossa investigação, torna-se algo mais substancial, pois é representativo das suas considerações em relação à superação do estado de coisas para além da individualidade na História. Está se referindo ao fim dos antagonismos de classe que identificou marcar a pré-história humana, com base nas condições sociais de vida dos indivíduos e as classes, no caso, na sociedade capitalista. Mais uma vez aqui se coloca outra problematização: fim do

antagonismo entre as classes? Não seria isso uma manifestação da ideia de paraíso na terra como trata algumas religiões, no caso de Marx o judaico-cristianismo?²⁶¹

Estas problematizações expressam como o próprio pensamento do interlocutor é recheado com as ideias religiosas e por isso acaba por exteriorizar os seus próprios demônios. Quando Marx escreve sobre o fim da pré-história e uma possível entrada na história propriamente dita em suas possibilidades de realizações verdadeiras e de objetivações não alienadas no sentido que impera na sociedade capitalista, não está se referindo ao fim dos problemas, das problematizações ou dos conflitos no campo da individualidade. Marx faz referência ao fim do antagonismo de classes, como demonstra bem no trecho 6 a partir da linha 13. Assim, como será então esta história em que o homem poderá se ver livre do trabalho alienado e concretamente se realizar durante a vida associando-se a outros humanos? Uma pergunta excitante, pois se refere a justamente algo que não efetivamos até este século XXI, e que foge plenamente de nossos objetivos, pois não passaríamos das conjeturações mais diversas, das pessimistas até as mais romanceadas e isto não constitui a preocupação de Marx na exposição de sua “Crítica” em 1859²⁶².

²⁶¹ Durante a realização deste nosso estudo, não foram poucas as pessoas que nos interpelevam com este tipo de indagação. Observamos algumas destas preocupações em nossos interlocutores, desde a mais banal até a mais complexa (todas importantes). Todas colocadas no espaço hegemonicamente acadêmico. Talvez por não lerem ou mesmo por terem uma leitura pluralmente caricatural do pensamento de Marx e que não cabe a nós, neste momento fundamentar suas origens.

²⁶² Evidentemente Marx, Engels e todos os marxistas do século XIX até os nossos dias se depararam e deparam com esta cobrança por parte dos lutadores e a resposta que guarda maior disposição com o conceito de história e tempo presente em Marx é: Como será, exatamente, não sei. Reunindo as experiências histórias que temos

Seguindo, no trecho 7 Marx disserta sobre a importante parceria com Engels, ou seja, do trabalho em conjunto, na produção de uma concepção de história que se fez e se identifica na trajetória dos dois amigos e militantes. Mas vai além e reconhece a importância primeira que teve Engels na sua formação:

[Trecho 7] Friedrich Engels, com quem mantive por escrito um intercâmbio permanente de idéias desde a publicação de seu genial esboço de uma crítica das categorias econômicas (nos Anais Franco-Alemães), chegou por outro caminho (compare o seu trabalho *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*) ao mesmo resultado que eu; e quando ele, na primavera de 1845, veio também instalar-se em Bruxelas, decidimos elaborar em comum nossa oposição contra o que há de ideológico na filosofia alemã; tratava-se, de fato, de acertar as contas com a nossa antiga consciência filosófica. O propósito tomou corpo na forma de uma da filosofia pós-hegeliana. O manuscrito, dois grossos volumes *in octavo*, já havia chegado há muito tempo a editora em Westfalia quando fomos informados de que a impressão fora impedida por circunstâncias adversas. Abandonamos o manuscrito a crítica roedora dos ratos, tanto mais a gosto quanto já havíamos atingido o fim principal: a compreensão de si mesmo. Entre os trabalhos dispersos de então, através dos quais submetemos ao público nossas opiniões sobre questões diversas, menciono apenas o *Manifesto do Partido Comunista*, que Engels e eu redigimos em conjunto, e uma publicação minha, o *Discurso Sobre o Livre-Comércio (Discours sur le Libre Échange)*. Os pontos decisivos de nossa opinião foram indicados cientificamente pela primeira vez, ainda que apenas de uma forma polemica, em meu escrito *Miséria da Filosofia (Misere de la Philosophie etc.)*, publicado em 1847 e dirigido contra Proudhon. Depois, numa dissertação escrita em alemão sobre o Trabalho Assalariado, onde sintetizei as minhas conferências sobre este tema feitas na União dos Trabalhadores Alemães de Bruxelas, cuja impressão, todavia, foi interrompida pela Revolução de Fevereiro e por minha subsequente expulsão da Bélgica.

após Marx é possível pensarmos juntos esta construção do devir, mas como ele será exatamente, ninguém pode afirmar, a não ser que se deixe de recorrer a Marx e consulte algum dos deuses criados pelos homens, ou coisa do gênero.

A publicação da *Nova Gazeta Renana (Neue Rheinische Zeitung)*, em 1848 e 1849, e os acontecimentos posteriores interromperam meus estudos econômicos, que só puderam ser retomados em 1850, em Londres. A enorme quantidade de material sobre a história da economia política que se encontra acumulada no Museu Britânico, a situação favorável de Londres como ponto de observação da sociedade burguesa e finalmente o novo estágio de desenvolvimento em que esta parecia entrar com a descoberta do ouro na Califórnia e Austrália determinaram-me a começar tudo de novo, e estudar criticamente até o fim todo o material. Esses estudos, em parte por causa de seu próprio caráter, chegaram a disciplinas aparentemente afastadas do plano original, nas quais tive que deter-me por mais ou menos tempo. Mas foi sobretudo a necessidade imperiosa de exercer uma profissão para ganhar a vida que me reduziu o tempo disponível. Minha colaboração, já de oito anos, com o primeiro jornal anglo-americano, o *New-York Tribune*, tem exigido uma extraordinária dispersão dos estudos, uma vez que apenas excepcionalmente me ocupo com o jornalismo propriamente dito. Contudo, artigos sobre fatos econômicos de destaque, ocorridos na Inglaterra e no continente, constituem uma parte tão significativa da minha contribuição que me vi obrigado a familiarizar-me com pormenores que ficam fora do ramo da ciência da Economia Política propriamente dita.

Este penúltimo trecho sistematizado por nós, composto por dois parágrafos, talvez seja o que mais emblematize o título de nossa seção: O conceito de história como fundamento do método. Nele Marx sintetiza um tipo de escrita que deliberadamente leva o seu leitor por quatorze anos de investigação e produção preocupada com o tempo presente e o ser social na história, de 1845 até 1859.

Faz referência aos Anais Franco-Alemães e ao livro de Engels, sobre a situação dos trabalhadores na Inglaterra e escreve sobre a existência de outros caminhos que os levaram as mesmas considerações sobre a Economia Política em seu tempo. Ou seja, mais uma vez é necessário enfatizar que na construção do conceito de história e tempo presente, para Marx, não cabe a consideração de uma

perspectiva dogmática, mecanicista e monolítica, pois o que está apresentando é uma chave para a anatomia do macaco, não a única possível.

Faz também referências A Ideologia Alemã, não publicada e descoberta apenas no século XX, onde juntos escreveram centenas de páginas críticas e debochadas aos filósofos idealistas de seu tempo, reivindicando uma concepção de história, antagônica ao materialismo mecanicista e a filosofia idealista. Cita o Manifesto do Partido Comunista e o Discurso Sobre o Livre-Comércio e enfatiza a primazia científica da apresentação de suas ideias no livro também publicado em vida contra Proudhon “Miséria da Filosofia” de 1847. Refere-se ainda ao texto publicado em 1849 como resultado de um trabalho de formação política desenvolvido em Bruxelas em 1847 durante a Revolução de Fevereiro e sua expulsão da Bélgica. Se refere a Nova Gazeta Renana entre 1848 e 1849 e a interrupção das investigações apenas retomadas em 1850 na Inglaterra. Identifica a grande quantidade de fontes para sua investigação acerca da economia política e como Londres é um palco privilegiado para o estudo na sociedade burguesa e suas contradições.

O texto, também enfatiza a relação conflituosa entre a necessidade de continuar seus estudos e as necessidades materiais para garantir a sobrevivência junto a família. É neste momento que Marx, sistematicamente, passa a contribuir para o jornal anglo – americano *New-York Tribune*, que ao passo que lhe proverá alguma forma de renda para o sustento também o retirará o tempo necessário para ocupar-se do desenvolvimento da sua “Crítica”. Outro elemento importante é a questão das retomadas de estudos, Marx está sempre retomando suas considerações, caracterizando o pensamento de acordo com as transformações históricas cotidianas. Uma postura

metodológica que o difere de um pensamento dogmático, mesmo quando poderia colocar por terra um conjunto expressivo de publicações e polêmicas já traçadas.

Todo esse itinerário que Marx apresenta ao leitor não é com o fito de esbanjar um currículo invejável como coisa do gênero, mas fundamentalmente inserir o seu leitor em parte da totalidade que a sua crítica vinha se constituindo. O trabalho jornalístico diante do tempo presente, as críticas publicadas nestes jornais e revistas, a militância com trabalho de organização e formação política com trabalhadores alemães exilados, o produção de textos que se sintonizassem com a realidade concreta do seu momento histórico, a crítica ao idealismo alemão, a polêmica com parte da tradição socialista que chamará de utópica, o programa político do Manifesto do Partido Comunista, a Revolução de Fevereiro em 1848, o descenso de 1849, o exílio, a vida em Londres nos anos de 1850, as necessidades materiais, o trabalho jornalístico como forma de vender a sua força de trabalho intelectual, a falta de tempo, a familiarização com a economia política, todos estes elementos colocados, mais uma vez, deliberadamente por Marx no prefácio de seu livro tem a intenção de apresentar ao seu leitor o que claramente escreve no último trecho da apresentação do livro. Marx deixa nítido a sua perspectiva de longa duração da investigação científica e de como as questões materiais são entraves na produção do conhecimento crítico que propunha desde os anos de 1843. Como afirma no trecho final do prefácio de 1859:

[Trecho 8] Esse esboço sobre o itinerário dos meus estudos no campo da economia política tem apenas o objetivo de provar que minhas opiniões, sejam julgadas como forem e por menos que coincidam com os preconceitos ditados pelos interesses das classes dominantes, são o resultado de uma pesquisa conscienciosa e demorada. Mas na entrada para a Ciência - como na entrada do Inferno - é preciso impor a exigência:

*Qui si convien lasciare ogni sospetto
Ogni viltà convien che sia morta.*²⁶³

O trecho final demonstra que Marx tinha consciência que o silenciamento covarde e o não enfrentamento dos seus opositores políticos-intelectuais em relação a obra poderia se concretizar. A honestidade intelectual é uma exigência para se conhecer aquilo que se coloca, concordando ou não com os resultados.

Este prefácio não se esgota em nossa leitura, pois a riqueza de cada parágrafo, de cada linha só pode aqui ser apresentado na medida também da nossa realidade concreta, que também é política e material. A apresentação de Marx é fulminante por sintetizar sua trajetória e nesta síntese muitos elementos ficaram sem a apresentação, acontecimento típico do escritor que deve estabelecer critérios de acordo com a sua perspectiva para convencer o interlocutor daquilo que se deseja apresentar.

Para conhecer o pensamento de Marx, não basta ler apenas o prefácio. É necessário conhecer o livro todo. O prefácio é apenas a apresentação do livro! Desgraçadamente, o marxismo predominante, ficou apenas nas filhas do importante prefácio e queimou o resto.

Nosso estudo sobre o método, aqui, não entra neste debate, sobre a mercadoria e o dinheiro. Futuramente, pretendemos publicar nossos estudos sobre a obra de 1859, demonstrando como é que o conceito de história e tempo presente comparece no capítulo da mercadoria e do dinheiro, neste trabalho de 1859, como o sendo a primeira manifestação do Capital de 1867.

²⁶³ Uma referência a Divina Comédia, de Dante Alighieri, onde se diz: “Que aqui se afaste toda a suspeita/Que neste lugar se despreze toda a covardia” (a tradução aqui também é de Edgard Malagodi).

A abstração sobre o método se faz e é apresentada, necessariamente, a partir de uma processualidade histórica, onde se explora um conjunto de fatos, não como coleção, mas como elementos sociais, imprescindíveis para a compreensão do presente. A história não é um pano de fundo, mas o cimento onde Marx se propõe a construção de uma explicação em processo de crítica que necessita considerar a existência das partes que constituem um complexo de complexos, possíveis de serem explicados a partir de seu tempo, a totalidade histórica.

Assim, o conceito de história e tempo presente, comparece em cada página de sua “Crítica”, como pressuposto básico para a análise da sociedade capitalista, portanto, de fundamentação de seu método. Negar ou mesmo marginalizar a história seria desconsiderar o fundamento central do método em Marx sobre a nova concepção de mundo (iniciada juntamente a Engels).

O método de Marx, o conceito de história²⁶⁴ e tempo presente, continuarão em construção após a publicação de “Para a Crítica da Economia Política”. Como apresentamos, em momentos anteriores, Marx retomará os seus estudos. Realizando o que chamamos de “balanço” acerca de suas análises e caracterizações a partir do tempo presente sobre a história em constante movimento.

Nosso estudo apresentou até aqui um conjunto possível de inferências acerca de dois conceitos tratados como sendo de centralidade na constituição do pensamento de Marx, sua concepção de método e esperamos termos atingido os objetivos colocados inicialmente. Sem a pretensão de escrever uma história sobre a história

²⁶⁴ Não confundir com a história conceitual ou história do conceito (*Begriffsgeschichte*), como aparece na historiografia, no caso do século XX, com Reinhart Koselleck.

do método em Marx, nossa investigação buscou contribuir para o debate entre História e Ciências Sociais, sobretudo entre os militantes revolucionários, embora não tenhamos, repetidamente, anunciado esta proposição, pois entendemos que ela se manifesta ao passo que debatemos com um autor que está para além de qualquer determinação departamental do conhecimento ou sigla partidária.

O texto de Marx avança para o debate sobre a mercadoria e o dinheiro. Aqui tratamos apenas do Prefácio da obra de 1859. Gostaríamos de apresentar aos leitores nossos estudos sobre a totalidade da obra, mas isso se faz inviável devido os custos de publicação.

Como já escrito em outro momento: esperamos com isso não termos encerramos absolutamente nada, pois os resultados que obtivemos mais nos abrem novos caminhos do que colocam portas estreitas sobre os estudos acerca do método em Karl Marx.

PALAVRAS FINAIS SOBRE NOSSO ESTUDO

Nosso livro é a publicação de um estudo e não podemos ir para além do que isso pode significar. Esperamos ter contribuído para que os leitores não se contentem com um lugar-comum, confortável sobre Marx, seja nas suas pesquisas de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado e, principalmente os leitores militantes partidários, normalmente educados com apostilas e vídeos de redes sociais, que ignoram a totalidade histórica e expressam a história em migalhas, numa palavra, a realidade fragmentada (o mesmo se aplica aos académicos). É preciso romper com a catequese reformista, stalinista e pós-moderna.

Apresentamos aqui o nosso percurso de estudos, com vistas ao avanço rumo ao “Capital de 1867”. Estamos convencidos de que desta forma poderemos continuar nos apropriando, nos enriquecendo de determinações sobre as categorias que constituem o método em Marx, pois “O Capital” é a sua obra de maior folego. Tratamos até aqui de parte de seus fundamentos, todavia, este esforço ainda é insuficiente, pois, se parássemos por aqui, ainda estaríamos longe da praia. Por isso, é fundamental continuarmos a navegar, apropriando-nos cada vez mais dos elementos constitutivos de uma boa navegação. Trata-se de um processo de acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Não há modelos universais ou receitas pré-estabelecidas. O caminho (*Weg*) é realizado considerando as particularidades históricas e sociais determinadas. Os atalhos são descaminhos!

Em 14 de março de 1883, Marx faleceu por conta de um abscesso pulmonar. Seu corpo foi enterrado em Londres, no Cemitério de *Highgate*, mas seu legado continuou vivo, até hoje, entre milhares

de revolucionários que buscam organizar a classe trabalhadora rumo à ditadura do proletariado. A história humana depende disso, se venceremos (?), não sabemos. Mas, estamos convencidos do que existe e é certo: sabemos, com certeza, que ainda somos escravizados pela classe burguesa.

Se nos ocuparmos apenas da apropriação do **método dialético**²⁶⁵ de Marx para fazemos as nossas pesquisas acadêmicas, certamente a realidade manter-se-á, como a constatamos durante todo o século XX e agora ao iniciar do XXI. Se ignorarmos o método em Marx, desprezando o conhecimento teórico marxiano, como o fazem a maioria dos partidos que se arrogam revolucionários, continuaremos a ser um estranho ao conjunto da classe trabalhadora. Nestes dois casos, intelectuais e militantes revolucionários continuarão a jogar absolutamente desfalcados e muitas vezes dirigidos pelo técnico do time oponente, para a satisfação da classe burguesa.

Também esperamos que nosso estudo demonstre que mesmo estando na universidade, regida pelo capital, com normas e regras pré-estabelecidas, mesmo diante do reprodutivismo imposto pelas agências de fomento, circulares, estatutos e regimentos... é absolutamente possível trabalhar de forma crítica e sem capitular ao relativismo da epistemologia empobrecida/academicista e negando a perspectiva revolucionária socialista. Sem nos iludirmos, evidentemente, com a ideia de que a revolução se inicia “na minha sala de aula”. A revolução socialista só é possível com a organização do proletariado, sujeito central diante de toda a produção capitalista. Sem

²⁶⁵ Lembrem-se: **método dialético**. Este é o nome do método de Marx. Foi assim que ele o chamou em 1873. Todavia, não basta apenas chamar pelo nome correto, pois é fundamental entendermos o que isso significa, sob o risco de nos transformarmos em papagaios, reprodutores de “camadas de ar”.

esta classe organizada para lutar, continuaremos sedentos por entender o método de Marx, muitas vezes, apenas para conquistar títulos e certificados, quando não, para pagar-se de sabichão marxista-diletante.

Vivemos sob a ditadura da burguesia e os interesses do capital não pode servir de argumento para aceitar a reprodução da epistemologia empobrecida ou mesmo aceitar as migalhas do reformismo com as suas receitas de mudar o mundo sem tomar o poder. Estamos convencidos de que esta é a grande contribuição do método em Marx.

Avante!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALTHUSSER, Louis e BADIOU, Alain. **Materialismo histórico y Materialismo dialéctico**. Cuadernos de Pasado y Presente, 10 edición, México, nº 8, 1983.
- ALTHUSSER, Louis. **Posições I**. [Resposta a John Lewis, Elementos de autocrítica e Sustentação de Tese em Amiens]; Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- ALTHUSSER, Louis. **A querela do humanismo**. Crítica Marxista, São Paulo, Xamã, v.1, n.9, 1999.
- ALTHUSSER, Louis. **Ler o Capital**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1980.
- ALTHUSSER, Louis. **O materialismo histórico e o materialismo dialético**. In: ALTHUSSER, Louis.; BADIOU, A. Materialismo histórico e materialismo dialético. Tradução de Elisabete A. Pereira dos Santos São Paulo: Global, 1979.
- ANDERY, Maria Amália Pie Abib (org). **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: São Paulo: EDUC, 1996.
- ANTUNES, Jadir; Melo Ricardo Pereira; PRADO, Carlos (Org.). **Bonapartismo, História e Revolução: reflexões sobre O 18 de brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx**. 1. ed. Uberlândia: Navegando, 2021.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, Col. Os Pensadores, 1996.

ASHTON, Thomas Southcliffe. **La Revolucion Industrial**. Traducción de Francisco Cuevas Cancino. México; Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 1950.

BACON, Francis. **Novum Organum**. 2.ed. Trad. José Aloísio Reis de Andrade. São Paulo: Abril cultural, 1973.

BENOIT, Hector. **Da lógica com um grande 'L' à lógica de O capital**. In *Marxismo e Ciências Humanas*, São Paulo, Xamã, 2003, pp. 15-25.

BENOIT, Hector. **Sobre a crítica(dialética) de O Capital**. In: revista *Crítica Marxista*, editora Brasiliense, nº3, 1996, 14-44.

BENOIT, Hector. **Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa**. In: *Crítica Marxista*, nº4, editora Xamã, São Paulo, 1997, pp.9-44.

BERTERO, José Flávio. **Gênese da sociabilidade capitalista: uma leitura de a Miséria da Filosofia de Karl Marx**. *Revista de Estudo de Sociologia*, Araraquara - SP, v. 19, n. 37, 2014.

BLOCH, Marc Bloch. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Tradução de André Telles. em 2002, Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, edição 158004/5071, 1983.

CANDAU, Vera Maria (org). **A didática em questão**. 36.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 2ª reimpressão, 2017.

CAPES. Avaliação da CAPES aponta crescimento da pós-graduação brasileira. Disponível in:< <https://www.capes.gov.br/36-noticias/8558-avaliacao-da-capes-aponta-crescimento-da-pos->

graduacao-brasileira>. Acesso em 04 de NOV. de 2019.

CARLI, Ranieri. **O Método em Marx: a verdade e a essência da matéria**. Editora Papel Social, Campinas - SP, 2019.

CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. **Da MEGA a MEGA2: breve história da edição crítica das obras de Karl Marx**. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT - Belo Horizonte/UFMG, 2014.

CHASIN, José. **Método dialético**. Maceió, s/d, (mimeo). Disponível em:<<http://orientacaomarxista.blogspot.com/2010/10/metodo-dialetico-jose-chasin.html>>. Acesso em: 29 de Out, de 2019.

CHESNEAUX, Jean. - **Devemos fazer tabula rasa do passado?** Ed. Ática, 1995.

COGGIOLA, Osvaldo. **Engels: o segundo violino**. São Paulo: Xamã, 1995.

COGGIOLA, Osvaldo. **Introdução à teoria econômica marxista**. São Paulo: Viramundo, 1998.

CORREIO DA CIDADANIA. **Recurso ao parecer de análise de mérito emitido pela capes/procad ao projeto “crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais”**. Impetrado pelo Instituto de Ciências Humanas (IH), o Departamento de Serviço Social (SER) e o Programa de Pós-graduação em Política Social (PPGPS), vinculados à Universidade de Brasília (UnB). Disponível in:<
<http://www.correiocidadania.com.br/33-artigos/noticias-em-destaque/9661-03-06-2014-recurso-ao-parecer-do-capesprocad>>, Acesso em 04 de NOV> de 2019.

COSTA, Mônica Hallak Martins da. **As categorias Lebensäusserung, Entäusserung, Entfremdung e Veräusserung nos Manuscritos**

Econômico-filosóficos de Karl Marx de 1844 / Mônica Hallak Martins da Costa. Belo Horizonte; UFMG /FAFICH, 1999.

CURSO O MÉTODO EM MARX, 2020, Paranaíba - MS, dias 1,2,3 e 4 de dezembro de 2020. tempo total, 8h e 10 minutos. [Live]. Expositores: Virgínia Fontes, Jean Menezes, Francisco Pereira e Ivo Tonet. Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLwpNr3YaEHxuxaMw6JYeY49uwDmJ-dAxt>. Acesso em: 21/06/2022. Mediadores: Jean Paulo Pereira de Menezes e Lucélia Tavares Guimarães.

DANTAS, Gilson; TONELO, Iuri (org.). **O Método em Marx. Antologia**. São Paulo: Edições IRSKA, 2016.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DOBB, Maurice. **Marx como economista y sobre la contribución a la crítica de la economía política**. Tradução, Francisca Lazo. Editorial Nuestro Tiempo, S.A.; Colección: Desarrollo; México - DF, 1977.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos *Annales* à Nova História**. Tradução de Dulce de Oliveira Amarante dos Santos. São Paulo; Bauru: EDUSC, 2003.

DROYSEN, Gustav Droysen. **Manual de Teoria de História**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

DUDEN. **Duden online wörterbuch**. Ed. DUDEN. Disponível in:<https://www.duden.de/woerterbuch>. Acesso em: 29 de Ago. de 2018.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: um comentário aos grundrisse**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

DUTERTRE, E. **O último retrato de Karl Marx em Argel**. Foto original por E. Dutertre, em fevereiro de 1882. Localização do documento: Instituto Internacional de História Social. Amsterdã, Holanda. Pedido de ordem/catalogação: 10622/54706D34-FDA0-40C7-95B5-D935C1E71197. Material disponível em:<<https://search.iisg.amsterdam/Record/696424>>.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: A revolução científica segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Sundermann, 2008.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã**. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 131–166, 2013. DOI: 10.9771/gmed.v4i2.9391. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9391>. Acesso em: 1 jan. 2022.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica Alemã**. Trad. José Barata Moura. Editora Avante, Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982.

ENGELS, Friedrich. **Para a História da Liga dos Comunistas**. De 1885, Tomo III das Obras Escolhidas de Marx e Engels, Edições Avante, págs. 192 a 212. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marx/escolhidas/>. Acesso em: 19 de Set. de 2020.

ENGELS, Friedrich. **Princípios Básicos do Comunismo**. Tradução de José Barata Moura, Editorial Avante! – Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982.

ENGELS, Friedrich. **Wilhelm Wolff**. *Die Neue Welt*. 1876. Disponível in:

<<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1876/wolff/index.htm>>. Acesso em 17/02/2022.

ENTREVISTA. *François Dosse*. Por: Ana Carolina Fiuza. **História Agora** - Revista de História do Tempo Presente (ISSN 1982-209X). Brasil, n. 7, agosto de 2009.

ENTREVISTA. György Lukács. Por Perry Anderson. In: *New Left Review*, I/68 JULY/AUG 1971, traduzido por Leojorge Panegalli. Disponível in: <https://gz.diarioliberalidade.org/mundo/item/11272-entrevista-com-gyoergy-lukacs-por-perry-anderson.html>. Acesso em 01/02/2020.

ENTREVISTA. *Henry Rousso*. Por: AREND, Silvia Maria Fávero & MACEDO Fábio. **Tempo e Argumento** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009.

ESCUDEIRO, Antonio. **La Revolución Industrial: una nueva era**. Colección: Biblioteca Básica de Historia. Espanha: Madri; Grupo Anaya, 2009.

ESTADO DE MINAS. Educação. **Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG**. Publicizado em 28/08/2017. Disponível in:

<<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28>

/internas_educacao,895535/pessoas-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml>. Acesso em 04 de NOV > de 2019.

FICHTE, Johann Gottlieb. **A Doutrina da Ciência**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, in: Fichte (Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural 1984.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FONTES, Virgínia. **Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

FREDERICO, Celso. “*Nas trilhas da Emancipação*”. In: Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel, Introdução/Karl Marx; tradução de Lúcia Ehlers. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GERVINUS, Georg Gottfried. **Fundamentos de teoria da história**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. **A dialética do avesso**. Crítica marxista, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, n. 14, p. 21-44, 2002. Disponível em: <

http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A__Gresplan.pdf >.

GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. **Considerações sobre o método**. In: Fontes históricas/Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora) — 2.ed., 1 a reimpressão.— São Paulo: Contexto, 2008.

GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. **O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política**. - 2ª ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2012.

- GRIMM, Jacob & GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch**. Leipzig, Verlag S. Hirzel, 19594. 38 v. Versão digital, disponível in:<<http://dwb.uni-trier.de/de/>>. Acesso em: 24 de Ago. de 2020.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história**. Tradução de Artur Morão; rev. Victor Silva.Edições 70, Lisboa/Portugal, 2013.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 1 A doutrina do ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Frederico Orsini Petrópolis, RJ : Vozes ; Bragança Paulista, SP : Editora Universitária São Francisco, 2016.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 2 A doutrina da essência**. Tradução de Christian G. Iber, Frederico Orsini. Petrópolis, RJ : Vozes ; Bragança Paulista, SP : Editora Universitária São Francisco, 2017.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 3 A doutrina do conceito**. Tradução de Christian G. Iber, Frederico Orsini. Petrópolis, RJ : Vozes ; Bragança Paulista, SP : Editora Universitária São Francisco, 2018.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830. Volume I - A ciência da Lógica**. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo : Loyola, 1995.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses; colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. - 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista : Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Trad. Maria Rodrigues; Hans Harden. 2ª Edição. Brasília: Editora UNB, 2008.

HEINE, Heinrich. **Die armen Weber**. Vorwärtz! Pariser signale aus kunst, wissenschaft, theater, musik, literatur und geselligem leben, Paris, p.1, 10 jul. 1844. Disponível em: <http://www3.ilch.uminho.pt/kultur/Heinrich%20Heine%20Schlesische%20Weber.htm>. Acesso em: 27 ago. 2021.

HEINRICH, Michael. **¿Cómo leer El Capital de Marx? Indicaciones de lectura y comentario del comienzo de El Capital**. Trad. César Ruiz Sanjuán. Madrid : Escolar y Mayo, 2009.

HEINRICH, Michael. **Crítica de la economía política: una introducción a El Capital de Marx**. Trad. César Ruiz Sanjuán. Madrid : Escolar y Mayo, 2008.

HEINRICH, Michael. **Reler Engels: sua resenha de Para a crítica da economia política, de Marx**. Revista Crítica Marxista, n. 52, p. 11-26. Campinas - SP, 2021.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **A era do capital, 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 28 ed. 2018.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 16ª. Edição. Tradução de Waltensir Dutra. Zahar Editores - Biblioteca de Ciências Sociais, 1982.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997; edição digital: agosto de 2017.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **DICIONÁRIO BÁSICO DE. FILOSOFIA**. Terceira edição revista e ampliada. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1977.

JESUS, Nataly Batista de. **A luta das mulheres no processo da revolução russa de 1917**: apontamentos para a formação de consciência de classe a partir da Psicologia Histórico-Cultural. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - PPI, Maringá - PR, 2022.

KELL, Renan. **Notas introdutórias sobre o conceito de Ideologia na obra Para uma ontologia do ser social**. Biblioteca da Unesp Marília/ curso de Ciências Sociais, 2018.

KOFLER, Leo. **História e dialética: estudos sobre a metodologia da dialética marxista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

KOFLER, Leo. **Historia y dialectica**. Colección Socialismo y Libertad, libro 141. El Sudamericano, 2ª edição, 1997. Disponível em: <<https://elsudamericano.wordpress.com/2018/11/29/historia-y-dialectica-de-leo-kofler/>>. Acesso em 04 de JUN de 2022.

KOHAN, Néstor. **El capital: historia e método – Una introducción**. Buenos Aires: Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo, 2001.

KOHAN, Néstor. **El método dialéctico: de lo concreto a lo abstracto**. Disponível em:< <https://elsudamericano.files.wordpress.com/2018/07/el-mc3a9todo-dialc3a9ctico-de-lo-abstracto-a-lo-concreto-una-aproximac3b3n.pdf> >. Acesso em: 04 de jun de 2022.

KOHAN, Néstor. **Nuestro Marx**. Madrid: La Oveja Roja, 2013. Disponível em: <https://www.rebellion.org/docs/98548.pdf>. Acesso em: 04 de Jun de 2022.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

KRUPSKAYA, Nadezhda. Como Lenin estudava Marx. Texto de 1933. Disponível em:<

<https://www.marxists.org/portugues/krupskaia/1933/mes/estudava.htm>>. Acesso em: 07 de Jun de 2022.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LÊNIN, Vladimir. **Cadernos Filosóficos**. Trad. de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2018.

LENIN, Vladimir. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LENIN, Vladimir. **Materialismo y empiriocriticismo: En torno a la dialéctica**. Obras escogidas, tomo IV, 1908 - 1915. Editorial Progreso, Moscou – URSS, 1976.

LÉNINI, Vladimir. **A revolução proletária e o renegado Kautsky**. Disponível in:

<<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/renegado/index.htm>>. Acesso em: 20 de Jan. de 2022.

LEONOV, Mikhail Andreevich. **O Materialismo Dialético e Histórico, Fundamento Teórico do Comunismo**. In: TCHERTKOV, Viktor Petrovich et all. **Materialismo Dialético**. Editorial Vitória Ltda, Rio de Janeiro, 1955. p. 498-557.

LESSA, Sergio. **Mundo de los hombres, El trabajo en la Ontología de Lukács**. Editorial Dynamis, 1a ed. - La Plata : Dynamis, 2020.

LIRIA, Carlos Fernández. **Marx 1857 : el problema del método y la dialéctica**. Tres Cantos, Madrid-España: Ediciones Akal, 2019.

LUKÁCS, György. **Carta sobre o stalinismo**. Tradução de Leandro

Konder. Estudos Sociais, volume V, número 19, fevereiro de 1964, p. 291-305.

LUZÓN, Manuel Sacristán. **El trabajo científico de Marx e su noción de ciencia**. Editorial Montesinos, Barcelona, 2020.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e o socialismo alemão em seus diferentes profetas** (1845- 1846). Supervisão editorial, Leandro Konder; tradução de Rubens Erderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano – São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl e ENGELS, Friderich. **Collected Works of Karl Marx and Frederick Engels**. International Publishers - Vol. 15, New York, 2010. Disponível in:<
https://wikirouge.net/texts/en/Collection:Marx-Engels_Collected_Works/Volume_15>. Acesso em 20 de Jan. de 2022.

MARX, Karl e ENGELS, Friderich. **Collected Works of Karl Marx and Frederick Engels**. International Publishers - Vol. 16, New York, 2010. Disponível in:<
https://wikirouge.net/texts/en/Collection:Marx-Engels_Collected_Works/Volume_16>. Acesso em 20 de Jan. de 2022.

MARX, Karl e ENGELS, Friderich. **Letter to Friedrich Engels, August 23, 1849**. Collected Works of Karl Marx and Frederick Engels. International Publishers - Vol. 38, p. 212. New York, 2010. Disponível in:<
https://wikirouge.net/texts/en/Letter_to_Friedrich_Engels,_August_23,_1849#cite_note-1>. Acesso em 20 de Jan. de 2022.

MARX, Karl e ENGELS, Friderich. **Manifesto do Partido Comunista**. Org. de Osvaldo Coggiola. Tradução de Álvaro Pina, Boitempo, 4a reimpressão: São Paulo, 2005.

MARX, Karl. **Carta de Marx a Arnold Ruge em Kreuzenach, setembro de 1843**. Disponível em: <<https://criticadesapiedada.com.br/carta-de-marx-a-arnold-ruge-1843/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

MARX, Karl. **Carta para Pavel Vasilyevich Annenkov, dez. 1846**. Disponível em: <<http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels281246.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes] - [2.ed revista] - São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie**, Hamburg 1890.

MARX, Karl. **Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie**. MEGA II/10; 1º volume, Hamburgo, 1890. Disponível de forma digitalizada em: <<http://telota.bbaw.de/mega/>>. Acesso em: 27 de Maio de 2022.

MARX, Karl. **Der Ritter vom edelmütigen Bewußtsein**. Werke, Band 9, S. 489-518. Dietz Verlag, Berlin/DDR 1960.

MARX, Karl. **Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”, de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **Glosas marginais ao Manual de economia política de Adolph Wagner**. Trad. Luiz Philipe de Caux. Rev. Thiago Simim. Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das

Ostras, v. 23, n. 2, ano XII, nov./2017. Título original: Randglossen zu Adolph Wagners "Lehrbuch der politischen. Ökonomie". Disponível in: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.7424261884227639.pdf>.

Acesso em: 24 de Ago. de 2020.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Mônica Hallak Martins da Costa, Belo Horizonte – MG, 1999. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/318881164/KARL-MARX-Manuscritos-Economico-Filosoficos-Trad-Monica-Hallak>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MARX, Karl. **Misère de la Philosophie, Réponse à la Philosophie de la Misère de M. Proudhon**. Editions Sociales, Paris, 1968.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. Trad. De José Paulo Netto. Expressão Popular: São Paulo 2009.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. Tradução de José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone. 2004.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon**. Trad. José Paulo Netto. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: 2009.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

MARX, Karl. **Nova Gazeta Renana**. Trad. Livia Cotrim. São Paulo: Educ, 2010.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad. De Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986. vol. 1.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da Economia Política**. Tradução de Rubens Enderle. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O método da economia política**. In: Introdução de 1857. Publicado com tradução bilíngue de Fausto Castilho. Revista Crítica Marxista, São Paulo, n. 30, pp. 103-125, 2010.

MARX, Karl. **Ökonomisch-philosophische Manuskripte: Privateigentum und Kommunismus**. Disponível em: https://www.marxists.org/deutsch/archiv/marx-engels/1844/oek-phil/3-2_prkm.htm. Acesso em: 30 Ago. 2014.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Coleção Os Pensadores, Nova Cultural, São Paulo, 2005.

MARX, Karl. **Posfácio à segunda edição de O capital, 1873**. In: **O Capital: crítica da economia política**. Volume 1: O processo de produção do capital. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

MARX, Karl. **Últimos escritos** econômicos: anotações de 1879-1882. Tradução Hyury Pinheiro ; revisão técnica Olavo Antunes de Aguiar Ximenes, Luis Felipe Osório. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

MARX, Karl. **Zur Kritik der Politischen Ökonomie**. Bei Franz Duncker, Berlin, 1859.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Nova Gazeta Renana: órgão da democracia**. Tradução e organização de Livia Cotrim. São Paulo: Expressão Popular, 2v. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Werke, Band 23, "Das Kapital"**, Bd. I, S. 18 - 28. Dietz Verlag, Berlin/DDR 1968.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Werke, Band 40, "Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844"**. Dietz Verlag, Berlin/DDR 1968.

MEHRING, Franz. **Karl Marx – A história de sua vida**. Tradução de Paula Maffei, 2ª edição; São Paulo: Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2014.

MEHRING, Franz. **O materialismo histórico**. Lisboa: Antídoto, 1977.

MELO, Marcos Luiz Alves de & SILVA, Jonata Wiliam Sousa da. **A negação histórica como política e a luta pela preservação da memória**. Revista Justificando. Disponível In:<<http://www.justificando.com/2019/04/04/a-negacao-historica-como-politica-e-a-luta-pela-preservacao-da-memoria/>>. Acesso em: 04 de Nov. de 2019.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **A fábrica para além da fábrica**. de 12 de FEV. de 2016, disponível in:<https://www.academia.edu/22473642/A_f%C3%A1brica_para_al%C3%A9m_da_fr%C3%A1brica>. Acesso em 04 de NOV. de 2019b.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **A MATRIX EPISTEMOLÓGICA**. Revista Labor, v. 1, n. 22, p. 32-43, 30 dez. 2019a.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Ensaio sobre teoria da história em Marx**. Goiânia - GO: Editora Phillos, 2019c.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Introdução à pesquisa: contribuições para o projeto de pesquisa e monografia de graduação e pós-graduação na sociedade de classes.** 4ª Ed.– Goiânia: Editora Phillos, 2019.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **O camarada cordial: uma crítica necessária à direção burocratizada e sua ridícula formação teórica.** Maringá -PR, 2020. Disponível em:<https://www.academia.edu/44811634/O_CAMARADA_CORDIAL_UMA_CR%C3%8DTICA_NECESS%C3%81RIA_%C3%80_DIR%C3%87%C3%83O_BUROCRATIZADA_E_SUA_RID%C3%8DCULA_FORMA%C3%87%C3%83O_TE%C3%93RICA>. Acesso em 09 de Jan. de 2022.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **O que é abstração em Marx?** Minicurso: Maringá -PR, 2020. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=QOGgZDnhcbY&t=18s>>. Acesso em 08 de Abr. de 2022.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Questionário integrante à pesquisa em andamento como parte do plano de trabalho - "O método em Marx [...]" (2019-2021).** Disponível em:<https://drive.google.com/file/d/1QK_bFNyhOBiMV--xZK5Xt26ccsBOURvM/view?usp=sharing>. Acesso em: 06 de Jan. de 2022.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Um estudo sobre o conceito de história e tempo presente em Marx através da crítica da economia política de 1859.** Tese de doutorado – UNESP - Marília, 2015.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. **Dicionário de Latim - Português.** Porto Editora, Porto - Portugal, 2. Ed., 2001.

MOREL, José Carlos Orsi. **Introdução.** IN: PROUDHON, Pierre-

- Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria**. São Paulo: Editora Ícone, 2003, pp.
- MUSTO, Marcello. **Karl Marx, biografia intellettuale e politica 1857-1883**. Giulio Einaudi editore, 2018.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao método na teoria social. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: Cfess/Abepss, p. 667-700, 2009. Disponível in: <<https://www.poderesocial.com.br/wp-content/uploads/2017/08/6.1-Introdu%C3%A7%C3%A3o-ao-m%C3%A9todo-na-teoria-social-%E2%80%93-Jos%C3%A9-Paulo-Netto.pdf>>. Acesso em: 27 de jun. 2022.
- NETTO, José Paulo. **Introdução**. IN: MARX, Karl. **Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009b.
- NETTO, José Paulo. **O Método em Marx**. Curso ministrado para o curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002. Disponível em: <http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9_p_netto_-_curso_o_m%C3%A9todo_em_marx_->. Acesso em: 21/06/2022.
- NOVACK, George. **A Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado da Sociedade**. 1968. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/novack/1968/lei/cap01.htm#t1> >. Acesso em: 29 jul. 2015.
- OGERET, Marc. **Les canut**. Canção escrita por Aristide Bruant, canto

de Marc Ogeret. Álbum "*Chansons de Révolte et d'Espoir*" (Canções de revolta e de esperança), 1974. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=TRpz3Yu_Vvo>. Acesso em 29 abril de 2022.

OHIO HISTORY CENTRAL. **Ohio Life Insurance and Trust Company**. Disponível em:<https://ohiohistorycentral.org/w/Welcome_To_Ohio_History_Central>. Acesso em: 8 de jun. 2022b.

OHIO HISTORY CENTRAL. **Panic of 1857**. Disponível em:<https://ohiohistorycentral.org/w/Panic_of_1857>. Acesso em: 8 de jun. 2022a.

PEÑA, Milciades. **O que é o marxismo? Notas de iniciação marxista**. Tradução de Paula Maffei. São Paulo: Sundermann, 2015.

PLEKHANOV, George. **A concepção materialista da história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PLEKHANOV, George. **O papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRADO JUNIOR, Caio. **Dialética do conhecimento: preliminares pré-história da dialética**. Tomo I. São Paulo, terceira edição, Editora Brasiliense, 1960.

PRADO JUNIOR, Caio. **Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista**. Discurso, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 41-78, 1973. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1973.37760. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37760>. Acesso em: 26 nov. 2020.

PRIBERAM. O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. "**Eudaimonía**". Portugal, Lisboa. Disponível em:<<https://dicionario.priberam.org/EUDAIMON%C3%8DA>>.

Acesso em 15 de Jun. de 2022.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria**. São Paulo: Editora Ícone, 2003.

RANIERI, Jesus. **Trabalho e dialética: Hegel, Marx e a teoria social do devir**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

RIAZANOV, David. **Marx e Engels e a história do movimento operário: conferências feitas em um curso para operários na Academia Comunista, Moscou**. Tradução de Antônio Roberto Bertelli, Jorge Santana. São Paulo: Global, 1984.

RICCI, Francesco. **David Riazanov: o maior divulgador de Marx e Engels**. (2016). Disponível

em:<<https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/david-riazanov-o-maior-divulgador-de-marx-e-engels/>>. Acesso em: 04 de Fev. de 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 Ed.. 14 reimpressão. São Paulo: Ática, 2012.

ROSENTAL, Mark Moisevich e IUDIN, Pavel. **Dicionário Filosófico Marxista**. Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1946.

ROSENTAL, Mark Moisevich. **Método Dialético Marxista**. Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1946.

RUBEL Maximilien. **La légende de Marx ou Engels fondateur**.

Economies et sociétés, t, VI, n 12 Paris,1972. Disponível

em:<http://www.plusloin.org/plusloin/spip.php?article108>. Acesso em: 24 set. 2020.

RUBEL, Maximilien. **Karl Marx: ensayo de biografía intelectual**.

Buenos Aires, Paidós, 1970. Disponível em:

<https://elsudamericano.files.wordpress.com/2013/02/rubel-maximilien-karl-marx-ensayo-de-biografia-intelectual-1957.pdf>.

Acesso em: 24 ago. 2021.

RUBIN, ISAAK ILLICH. **A teoria marxista do valor**. Tradução de José Bonifácio de Sousa Amaral Filho. São Paulo, Editora Polis, 1987.

RUIZ, Diego Núñez. **Unas relaciones malogradas: Marx-Darwin**. Tiempo de Historia, Num. 43, Junio 1978, p. 76-83.

SIQUEIRA, Sandra Maria Marinho; PEREIRA, Francisco. **O materialismo Histórico**. Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LeMarx/FACED/UFBA) Salvador-BA: LeMarx, 2019.

STÁLIN, Josef. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Edições Horizonte, Rio, 1945. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>>. Acesso em: 25 Jul. 2014.

TCHERTKOV, Victor Petrovich . et all. **Materialismo Dialético**. Editorial Vitória Ltda, Rio de Janeiro, 1955.

TOCQUEVILLE, Alexis. **Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias de Paris**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

TONET, Ivo. **A Propósito de “Glosas Críticas”**. IN: MARX, Karl. **Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”, de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TONET, Ivo. **Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática, 1992.

TROTSKY, Leon. **A história da Revolução Russa**. São Paulo: Sundermann, vol. I e II, 2017a.

TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905**. Tradução de Salvador Obiol de Freitas. São Paulo: Global Editora, 1987.

TROTSKY, Leon. **A Revolução de Outubro**. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2017b.

TROTSKY, Leon. **A revolução traída – o que é e para onde vai a URSS**. Trad. Henrique Canary, Rodrigo Ricupero, Paula Maffei e Maria Cecília Toledo. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

TROTSKY, Leon. **Balanços e perspectivas**. In TROTSKY, Leon. **A teoria da revolução permanente**. São Paulo: Sundermann, 2010.

TROTSKY, León. **Em defesa do marxismo**. Tradução de Luís Carlos Leiria e Elisabeth Marie. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

TROTSKY, Leon. **Lições de Outubro**. São Paulo: Sunderman, 2007.

TROTSKY, Leon. **Noventa anos do Manifesto Comunista**. In: **Manifesto comunista**. Org. de Osvaldo Coggiola. 4a reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.

TROTSKY, León. **O marxismo do nosso tempo**. Tradução de João B. de Holanda Neto. Coleção Teoria Revolucionária N° 1; São Paulo: Outubro Livraria e Editora, 1988.

TROTSKY, Leon. **O programa de transição para a revolução socialista**. São Paulo: Ed. Sundermann, 2008.

TROTSKY, Leon. **Stálin, o grande organizador de derrotas – A III Internacional depois de Lenin**. Tradução de Paula Maffei. São Paulo: Editora Sundermann, 2010.

TROTSKY, León. **The essential Marx**. Dover Publication; inc. Mineola, New York, 2006.

VIANA, Nildo. **Escritos Metodológicos de Marx**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Zagodoni, 2014. Disponível em:<
<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Viana,%20Nildo/>

Escritos%20metodologicos%20de%20Marx.pdf>. Acesso em: 06 de Jun. de 2022.

VORKUTA. Visita em 3D ao Gulag de Vorkuta. Disponível in: <<http://www.gulag.online/articles/historie-gulagu?locale=en>>. Acesso em: 24 de Fev. de 2020.

YAMAMOTO, Osvaldo Hajime. Marx e o método. 1. ed. São Paulo: Moraes, 1994.

ZORZATO, Osvaldo. Civilizadores de Índios: Os agentes do sertão na historiografia de Mato Grosso. Fronteiras Revista de História da Ufms, Campo Grande/Ms, v. 2, n.4, p. 171-201, 1998a.

ZORZATO, Osvaldo. Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983). 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998b.

БИБЛИОТЕКА. ГОСУДАРСТВЕННАЯ ПУБЛИЧНАЯ ИСТОРИЧЕСКАЯ БИБЛИОТЕКА РОССИИ (Biblioteca Pública Estadual Histórica da Rússia). Презентация сборника документов "Тетради Верхне-Уральского политического изолятора 1932-1933" (Apresentação da coleção de documentos "Cadernos da Prisão política do Alto Ural 1932-1933). Disponível em:<https://www.shpl.ru/events/presentation/prezentaciya_sbornika_dokumentov_tetradi_verhneuralskogo_politicheskogo_izolyatora_19321933/>. Acesso em: 27 de Jun. de 2022.

ÍNDICE REMISSIVO

A

ABSTRAÇÃO, 7, 17, 19, 134, 140, 143, 161, 187, 207, 257, 258, 259, 260, 272, 273, 289, 315, 337
ABSTRATO, 7, 41, 121, 122, 136, 187, 193, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 262, 274, 307
ACADEMIA, 5, 16, 29, 31, 59, 77, 89, 91, 105, 236, 336, 337
ALEMÃ, 23, 37, 96, 113, 127, 129, 130, 132, 141, 177, 189, 228, 235, 287, 303, 310, 332
ALTHUSSER, 47, 88, 89, 156, 321
ANÁLISE, 7, 16, 28, 60, 61, 68, 93, 96, 120, 123, 124, 126, 131, 132, 140, 142, 146, 148, 157, 158, 160, 161, 166, 173, 181, 182, 186, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 211, 212, 216, 217, 223, 225, 230, 231, 233, 238, 251, 258, 273, 288, 292, 297, 306, 315, 323
ANDERY, 321
ANNALES, 62, 324
ARISTÓTELES, 115, 322
ARMAND BARBES, 174
ARNOLD RUGE, 155, 219, 333
ASHTON, 243, 322
AUFHEBEN, 90, 97, 116, 152

B

BACON, 60, 322
BENOIT, 46, 322
BERTERO, 163, 322

BLANQUI, 174, 177

BLOCH, 322

BOURDÉ, 322

BURGUESES, 6, 192

BURGUESIA, 10, 31, 33, 36, 42, 45, 47, 52, 56, 57, 90, 93, 116, 170, 175, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 212, 213, 214, 216, 220, 223, 230, 231, 234, 244, 245, 255, 256, 257, 266, 268, 271, 283, 289, 319

C

CAPES, 2, 31, 63, 66, 67, 74, 91, 183

CAPITAL, 10, 14, 24, 38, 39, 43, 46, 49, 51, 72, 82, 88, 101, 108, 120, 121, 158, 163, 167, 176, 188, 197, 200, 208, 235, 258, 283, 289, 314, 317, 321, 322, 329, 335

CAPITALISTA, 11, 17, 19, 29, 36, 42, 76, 78, 89, 90, 91, 93, 96, 97, 104, 105, 106, 107, 111, 121, 134, 137, 138, 147, 158, 162, 167, 174, 182, 183, 185, 192, 196, 197, 198, 200, 201, 207, 208, 210, 212, 214, 215, 239, 242, 244, 245, 247, 251, 255, 268, 269, 270, 284, 285, 286, 289, 304, 308, 309, 315, 318, 322

CARACTERIZAÇÃO, 7, 28, 61, 96, 120, 126, 131, 142, 146, 148, 157, 158, 173, 184, 186, 188, 192, 194, 195, 198, 201, 202, 207, 209, 210, 211, 214, 216, 223, 225, 231

CARTA, 246, 331, 333

CATEGORIA, 7, 41, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 166, 200, 214, 251

CERQUEIRA, 247, 323

CH

CHASIN, 323
CHESNEAUX, 323

C

CLASSE TRABALHADORA, 11, 12, 27, 30, 33, 36, 37, 50, 56, 57, 60, 78, 82, 89, 105, 137, 138, 147, 170, 176, 179, 182, 186, 187, 191, 197, 199, 204, 207, 209, 214, 216, 220, 223, 229, 231, 232, 234, 243, 247, 255, 262, 270, 283, 285, 286, 287, 318, 325
COGGIOLA, 323
COMITÊ DE CORRESPONDÊNCIA, 174, 176, 177, 178, 180
CONCEITO, 5, 7, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 29, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 64, 76, 81, 84, 89, 109, 116, 134, 135, 136, 141, 142, 147, 148, 151, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 184, 188, 192, 205, 221, 223, 230, 235, 255, 256, 264, 286, 288, 291, 292, 294, 300, 301, 306, 307, 309, 310, 311, 314, 315, 327, 330, 337
CONCRETO, 7, 20, 34, 40, 41, 109, 121, 134, 144, 154, 193, 199, 204, 213, 231, 241, 252, 253, 254, 255, 258, 260, 262, 263, 272, 274, 307, 330, 331
CONGO BELGA, 175
CONTRADIÇÃO, 18, 114, 117, 143, 156, 200, 301, 304
COSTA, 104, 323
CRÍTICA, 6, 12, 16, 19, 21, 22, 25, 30, 38, 39, 40, 44, 46, 47, 50, 51, 56, 57, 60, 76, 87, 89, 90, 93, 96, 97, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125,

127, 129, 130, 132, 138, 141, 143, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 169, 170, 177, 183, 187, 189, 193, 198, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 222, 225, 231, 241, 247, 264, 266, 268, 270, 271, 286, 287, 290, 291, 293, 294, 299, 301, 303, 310, 313, 315, 318, 322, 323, 324, 327, 329, 332, 335, 337

D

DANTAS, 324
DEFOE, 268, 269, 324
DESIGUAL E COMBINADA, 64, 111, 147, 182, 186, 284
DETERMINAÇÃO, 7, 42, 108, 161, 195, 201, 207, 241, 251, 252, 255, 256, 272, 274, 294, 300, 302, 303, 316
DEVIR, 10, 18, 42, 114, 116, 117, 119, 134, 160, 164, 168, 233, 234, 290, 295, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 310, 340
DIRIGENTE, 11, 18, 22, 30, 31, 44, 108, 110, 133, 151, 152, 178, 179, 231, 236, 241, 248, 264, 288, 298
DOBB, 235, 324
DOSSE, 324
DROYSEN, 324
DUDEN, 324
DUSSEL, 284, 325
DUTERTRE, 8, 325

E

ECONOMIA POLÍTICA, 7, 16, 30, 42, 48, 56, 82, 90, 96, 112, 129, 159, 163, 169, 177, 239, 248, 264, 271, 284, 285, 288, 292, 298, 311, 315, 335
ENGELS, 10, 11, 19, 23, 29, 31, 47, 48,

82, 84, 85, 88, 89, 99, 100, 101, 102, 103, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 194, 197, 201, 204, 208, 210, 219, 220, 221, 226, 228, 229, 235, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 287, 289, 293, 303, 307, 309, 310, 311, 315, 325, 329, 332, 340
ENGELS, 48, 84, 127, 130, 132, 138, 144, 174, 176, 185, 190, 197, 199, 203, 204, 206, 207, 208, 210, 213, 214, 220, 228, 229, 243, 244, 245, 271, 325, 326, 332, 333, 336
EPISTEMOLOGIA, 10, 14, 26, 30, 50, 52, 55, 57, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 77, 90, 156, 221, 251, 256, 318, 319
EPISTEMOLÓGICO, 5, 20, 23, 46, 156, 183, 239
ESTUDO, 1, 2, 3, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 21, 25, 30, 37, 52, 56, 59, 63, 68, 81, 84, 87, 93, 95, 101, 110, 140, 151, 163, 164, 189, 192, 247, 251, 265, 284, 287, 295, 298, 301, 309, 312, 314, 315, 317, 318, 337, 338
EUROPA, 6, 43, 153, 187, 189, 190, 192, 202, 216, 223, 227, 242, 245, 300, 306, 322

F

FICHTE, 163, 327
FICHTE, 163, 327
FONTES, 327
FREDERICO, 327

G

GERVINUS, 327
GESCHICHTSMETHODE, 30, 83, 235

GRESPLAN, 301, 327
GRIMM, 328
GUERRA DO ÓPIO, 284

H

HEGEL, 6, 22, 23, 29, 34, 38, 39, 46, 55, 73, 84, 90, 96, 97, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 148, 155, 156, 167, 232, 233, 274, 298, 299, 327, 333, 340
HEINE, 220, 329
HEINRICH, 47, 329
HISTÓRIA, 6, 7, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 33, 42, 43, 48, 52, 53, 54, 57, 60, 61, 62, 65, 76, 83, 84, 87, 88, 91, 100, 107, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 122, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 177, 178, 179, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 205, 208, 210, 212, 219, 221, 222, 223, 226, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 258, 262, 266, 267, 271, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 314, 315, 317, 318, 323, 324, 327, 331, 336, 337, 339, 340, 341
HISTORIOGRAFIA, 14, 48, 62, 190, 205, 235, 242, 286, 292, 293, 294, 305, 315
HOBSBAWM, 187, 329
HOUAISS, 68, 324, 329
HUBERMAN, 139, 329

I
IM WEG, 241
INTERESSES DE CLASSE, 122, 196

J
JESUS, 99, 249, 330

K
KELL, 330
KOFLER, 330
KOHAN, 330
KOLLONTAI, 11
KOSIK, 331
KRUPSKAYA, 110, 331

L
LÊNIN, 110, 331
LIGA DOS COMUNISTAS, 171, 174,
175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183,
184, 186, 209, 216, 226, 228, 229, 325
LIGA DOS JUSTOS, 173, 174, 176, 177,
178, 179, 180
LUÍS BONAPARTE, 6, 30, 148, 187,
209, 222, 224, 231, 235, 236, 237, 335
LUTA DE CLASSES, 7, 17, 18, 22, 54,
83, 144, 155, 175, 203, 215, 219, 220,
221, 222, 231, 232, 235, 236, 238, 256
LYON, 219, 233, 287

M
MARCOS, 3, 151, 288, 336
MARTIN, 322
MARX, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15,
16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26,
27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38, 39, 40,
41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52,
53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 71, 72,
73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86,
87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98,
99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106,
107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116,
117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124,
125, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134,
135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 152,
153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161,
162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170,
171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179,
180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188,
189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197,
198, 200, 201, 204, 205, 208, 209, 210,
213, 215, 217, 219, 220, 221, 222, 223,
224, 226, 228, 229, 230, 231, 232, 233,
234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242,
244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251,
252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 262,
263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270,
271, 272, 273, 274, 283, 284, 285, 286,
287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294,
295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302,
303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310,
311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318,
319, 321, 322, 323, 324, 325, 327, 329,
330, 331, 332, 333, 336, 337, 338, 340,
341, 342, 343
MARX, 1, 22, 23, 24, 33, 38, 40, 41, 43,
48, 49, 73, 82, 95, 96, 97, 99, 106, 108,
117, 118, 120, 121, 124, 127, 129, 135,
136, 140, 144, 151, 155, 157, 159, 161,
162, 164, 170, 173, 180, 190, 197, 199,
203, 204, 206, 207, 208, 210, 213, 214,
219, 220, 221, 222, 232, 234, 235, 237,
241, 245, 246, 258, 264, 266, 271, 272,
274, 277, 283, 288, 293, 324, 332, 333,
334, 335, 336, 338, 341

MARXIANO, 10, 13, 15, 17, 21, 26, 28, 37, 49, 81, 82, 86, 91, 93, 96, 97, 119, 120, 124, 153, 154, 162, 166, 182, 191, 194, 209, 224, 255, 272, 292, 295, 296, 299, 318

MARXISMO, 5, 10, 25, 26, 47, 53, 81, 82, 85, 86, 93, 101, 132, 144, 146, 193, 195, 222, 223, 263, 325, 339, 342

MARXISMO-LENINISMO, 5, 25, 26, 47, 82, 85

MATERIALISMO, 5, 6, 25, 28, 82, 83, 84, 87, 88, 110, 113, 124, 129, 131, 132, 134, 141, 146, 152, 280, 312, 321, 336, 341

MATRIX, 5, 63, 64, 66, 67, 68, 74, 77, 78, 90, 183

MATRIX EPISTEMOLÓGICA, 5, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 77, 90, 183

MEGA¹, 100, 247, 249

MEGA², 247, 249, 323

MEHRING, 336

MÉTODO, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 37, 38, 40, 43, 48, 50, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 117, 119, 121, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 165, 166, 168, 182, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 198, 199, 203, 204, 209, 210, 215, 217, 221, 223, 225, 234, 235, 236, 238, 239, 250, 255, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 270, 271, 272, 274, 283, 285, 286, 288, 290, 291, 311, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 327, 330, 335, 337, 338, 339, 343

MILITÂNCIA, 11, 28, 30, 56, 62, 132, 168, 183, 241, 246, 284, 285, 313

N

NETTO, 338

NEW-YORK TRIBUNE, 311, 312

NOVA GAZETA RENANA, 176, 220, 311, 312, 335, 336

NOVACK, 18, 338

O

ONTOLOGIA, 5, 46

ORGANIZAÇÃO, 12, 14, 16, 17, 18, 48, 50, 61, 62, 67, 74, 81, 102, 146, 153, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 186, 187, 190, 192, 196, 202, 203, 209, 210, 211, 216, 220, 226, 229, 230, 236, 247, 271, 283, 296, 313, 318, 336

P

PARTIDO, 6, 18, 29, 44, 83, 85, 86, 87, 102, 144, 173, 177, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 192, 198, 202, 209, 216, 232, 248, 310, 312, 313, 333

PEÑA, 339

PERCURSO, 10, 14, 25, 41, 61, 63, 72, 93, 95, 110, 123, 124, 140, 193, 195, 196, 238, 317

PESQUISA, 5, 10, 11, 15, 16, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 41, 46, 49, 59, 63, 64, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 81, 84, 87, 90, 91, 92, 95, 99, 101, 123, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 198, 249, 256, 285, 291, 313, 337

PÓS-MODERNA, 62, 317

PRADO, 87, 339

PREFÁCIO DE 1859, 95, 171, 264
PRESENTE, 1, 2, 5, 6, 7, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 41, 56, 63, 64, 65, 67, 76, 81, 91, 96, 101, 104, 105, 108, 115, 116, 122, 123, 124, 130, 132, 134, 135, 142, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 167, 168, 173, 174, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 199, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 222, 224, 225, 228, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 266, 267, 268, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 311, 313, 314, 315, 337
PROBLEMA, 10, 17, 31, 34, 42, 52, 61, 66, 79, 109, 133, 166, 169, 299, 331
PRODUÇÃO CAPITALISTA, 215
PROLETÁRIOS, 6, 140, 141, 184, 192, 202, 206, 212, 214, 216, 219
PROPEDÊUTICA, 7, 250, 252, 253, 258
PROSCRITOS, 174
PROUDHON, 162, 337, 340
PRÚSSIA, 116, 155, 174, 176, 187, 211, 216, 219, 220, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 246, 303, 333, 341

R

RANIERI, 340
RECEITAS, 72, 74, 317, 319
RELATIVISMO, 318
REVOLUÇÃO, 11, 18, 23, 43, 44, 57, 66, 78, 82, 87, 89, 91, 92, 99, 103, 110, 113, 115, 131, 137, 146, 169, 171, 175, 178, 191, 211, 225, 227, 230, 231, 234, 236, 237, 242, 243, 244, 247, 249, 287, 301, 304, 318, 325, 330, 331, 342

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, 174, 242, 243, 285
REVOLUÇÃO SOCIAL, 11, 78, 91, 92, 169, 171, 175, 237, 287, 301, 304
REVOLUCIONÁRIO, 10, 11, 18, 30, 33, 35, 39, 44, 46, 49, 51, 61, 62, 80, 85, 90, 92, 96, 97, 98, 102, 106, 108, 117, 118, 125, 131, 152, 156, 176, 178, 179, 183, 195, 199, 202, 214, 216, 220, 221, 225, 227, 229, 231, 232, 235, 237, 238, 241, 243, 246, 248, 249, 250, 255, 263, 264, 265
RIAZANOV, 13, 98, 100, 102, 128, 131, 132, 133, 146, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 249, 340
RIAZANOV, 174, 177, 180, 340
ROSA, 11, 13, 31, 336, 342
ROSENTAL, 85, 86, 340
RUBEL, 340
RUBIN, 34, 341

S

STALINISMO, 22, 26, 44, 47, 51, 52, 53, 89, 98, 100, 130, 133, 178, 331

T

TEMPO PRESENTE, 17, 19, 30, 65, 117, 134, 146, 147, 148, 164, 165, 166, 167, 193, 204, 205, 217, 235, 292, 294, 297, 315
TEORIA, 5, 6, 14, 18, 19, 29, 34, 52, 60, 64, 81, 82, 83, 107, 108, 116, 121, 122, 125, 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 154, 163, 204, 205, 231, 234, 237, 251, 323, 327, 336, 338, 340, 341, 342
TONET, 50, 220, 341
TOTALIDADE, 21, 26, 42, 47, 54, 55,

72, 108, 110, 114, 119, 143, 146, 154,
159, 162, 163, 165, 166, 191, 192, 211,
221, 225, 236, 239, 247, 253, 263, 270,
271, 272, 273, 285, 298, 301, 302, 305,
308, 313, 315, 316, 317
TRABALHO ESCRAVO, 284
TRADIÇÃO MARXISTA, 10, 11, 22, 42,
46, 47, 49, 50, 52, 59, 81, 83, 84, 88, 89,
90, 109, 130, 149, 153, 156, 173, 177,
231, 238, 263, 270, 288, 294, 302, 305
TRADUÇÃO, 22, 24, 38, 39, 64, 83, 87,
88, 90, 103, 106, 112, 127, 128, 148,
151, 161, 162, 188, 220, 241, 242, 243,
245, 249, 264, 268, 272, 287, 288, 314,
327, 332, 335
TRAGTENBERG, 133, 341
TROTSKY, 9, 59, 64, 73, 76, 81, 133,
145, 341, 342

V

VORKUTA, 343
VORWÄRTS, 219
VULGARIZAÇÃO, 11, 26, 66, 84, 85,
87, 89, 130, 187

W

WEG, 25, 26, 29, 57, 92, 192, 202, 203,
221, 235, 241, 274, 317
WEYDEMEYER, 222, 226
WOLFF, 176, 326

Y

YAMAMOTO, 343

SOBRE A EDITORA

O selo Práxis Editorial não tem fins lucrativos e se constitui para além das formalidades do Estado. Não acreditamos na honestidade intelectual das grandes empresas editoriais, pois é notório o relacionamento vampiresco que impõe aos seus escritores. O selo Práxis Editorial não é apenas um nome fantasia, mas um posicionamento político em defesa da autonomia intelectual e do combate aberto contra os intelectuais da burguesia. A Práxis Editorial se posiciona diante da sociedade de classes ao lado da classe trabalhadora pobre. Não há neutralidade. Somos combativos nas batalhas das ideias que possuem fundamentação na realidade concreta. Ela tem um caráter de classe declarado.

Esperamos que este trabalho continue sendo importante para os militantes, principalmente aos iniciantes no debate sobre o conhecimento teórico revolucionário para além da academia. Se organizar para lutar é fundamental. Teoria e prática compõe um todo de ação transformadora, que visa superar incorporando e transformando radicalmente o que existe: o nome disso é práxis!



O leitor deve encarar este livro como uma contribuição, preparatória para o estudo do método em Marx, que nos leva ao Capital de 1867. Se fundamentou nas possibilidades de contribuições no campo da educação revolucionária para pensarmos o devir da formação humana como processos, a partir de múltiplas determinações. Neste sentido, o artigo indefinido é de fundamental importância. Marx legou, uma perspectiva de método (e veremos que método, metodologia, para ele, possui sentido radicalmente oposto à epistemologia dominante), não a única, porém, historicamente, a mais sofisticada, superior. Entender esta perspectiva nos parece importante, principalmente diante de uma parcela da tradição marxista que voluntariamente ou não, acabou por dogmatizar o pensamento de Marx, pouco contribuindo no que tange às possibilidades de interlocuções com a perspectiva de método para este autor, que visa a construção de uma revolução social, ou seja, para além de uma produção gnosiológica. Pretendemos entender o que tudo isso significa. Não identificamos em Marx uma obra unitária, no sentido de pronta e acabada. O que observamos é justamente o oposto, como o próprio Marx e Engels afirmam diante da sua trajetória de estudos e militância. Com o decorrer de suas trajetórias, vão aprendendo com os acontecimentos políticos e sofisticando as suas contribuições teóricas.

Práxis.
Editorial

 **MOAI**
COMUNICAÇÃO

